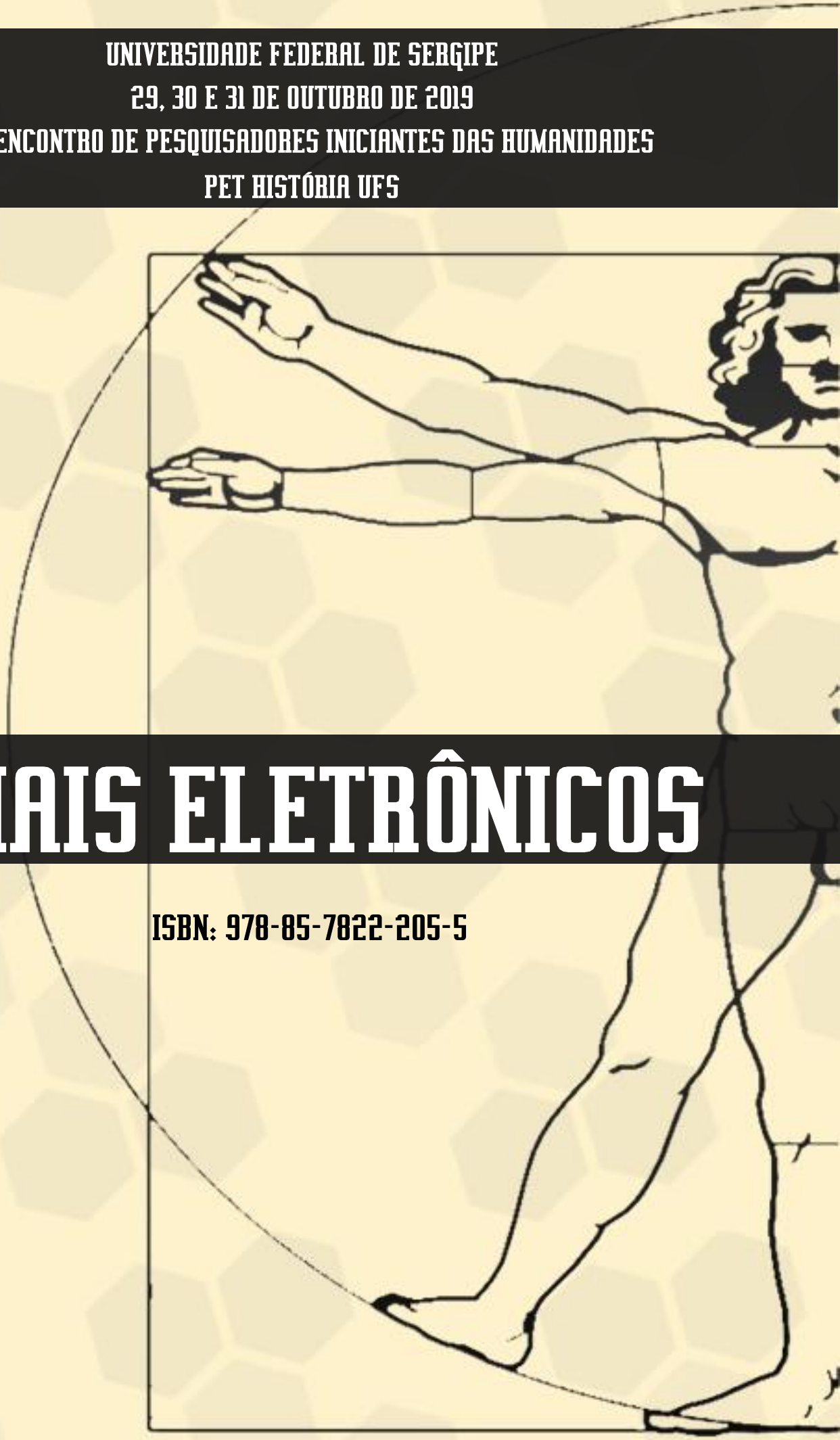
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE

29, 30 E 31 DE OUTUBRO DE 2019

VIII ENCONTRO DE PESQUISADORES INICIANTES DAS HUMANIDADES

PET HISTÓRIA UFS



ANAIS ELETRÔNICOS

ISBN: 978-85-7822-205-5

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE

E56a Encontro de Pesquisadores Iniciantes das Humanidades – IH! 2019 (8. : 2019, : São Cristóvão, SE)
Anais [recurso eletrônico] : VIII Encontro de Pesquisadores Iniciantes das Humanidades : 29 a 31 de outubro de 2019, São Cristóvão, SE. – São Cristóvão, SE : Universidade Federal de Sergipe, Centro de Educação e Ciências Humanas, Departamento de História, Programa de Educação Tutorial, 2019.
320 p. : il.

Website: <http://ihpethistoria.ufs.br/>
ISBN: 978-85-7822-205-5

1. Ciência e humanidades. I. Título.

CDU 3(04)

Programa de Educação Tutorial
Departamento de História
Universidade Federal de Sergipe - Cidade Universitária Prof. José Aloísio de Campos
Jardim Rosa Elze s/n - São Cristóvão (SE)
CEP 49.100-000

Website: http://ihpethistoria.ufs.br/
http://pethistoria.ufs.br/
Instagram: @pethistoriaufs

ISBN: 978-85-7822-205-5

ISBN: 978-85-7822-205-5

APRESENTAÇÃO

O ***VIII Encontro de Pesquisadores Iniciantes das Humanidades*** da UFS é uma proposta que possibilita aos acadêmicos no campo das Ciências Humanas a apresentação dos trabalhos de pesquisa por eles desenvolvidos, estimulando a interdisciplinaridade entre as diferentes áreas. Este evento é organizado pelo Programa de Educação Tutorial (PET) História da Universidade Federal de Sergipe, com o apoio do Departamento de História.

O evento busca contribuir para o aperfeiçoamento das pesquisas de graduandos, graduados e mestrandos na área de Ciências Humanas através do intercâmbio de metodologias e resultados, estimulando a produção acadêmica e colaborando para a formação de quadros de excelência em pesquisa. Com abrangência interdepartamental, congrega pesquisadores iniciantes dos departamentos de História, Letras-Estrangeiras, Letras-Vernáculas, Comunicação Social, Educação, Geografia, Relações Internacionais, Psicologia, Ciências Sociais, Música, Museologia, Arqueologia, Direito e Filosofia.

Tendo a sua primeira edição realizada em 2010, o **IH!** ocorre anualmente, no segundo semestre letivo, sempre propondo a troca e a difusão de trabalhos de pesquisadores iniciantes, a fim de contribuir tanto com o aperfeiçoamento dos participantes, por meio do debate e contato com outros pesquisadores, quanto com a divulgação de seus trabalhos junto aos públicos acadêmico e não acadêmico.

ISBN: 978-85-7822-205-5

COMISSÃO ORGANIZADORA

Prof. Dr. Claudefranklin Monteiro Santos (DHI/UFS)

Adriane dos Santos (PET/FNDE/MEC)

Brenda Figueroa de Santana (PET/FNDE/MEC)

Everton dos Santos (PET/FNDE/MEC)

Maria Vitória Santos Fontes (PET/FNDE/MEC)

Matheus Santos Garcia de Carvalho (PET/FNDE/MEC)

Mirela Souza Silva (PET/FNDE/MEC)

Rebeca Santos Andrade Leão (PET/FNDE/MEC)

ISBN: 978-85-7822-205-5

RELAÇÃO DE TRABALHOS

GT 01

Coordenadores: Everton dos Santos e Matheus Santos Garcia de Carvalho

AS IDEIAS ILUMINISTAS VIGENTES NA REVOLUÇÃO FRANCESA COMO INFLUÊNCIA AO ATEÍSMO DE MARQUÊS DE SADE
Adriane dos Santos

PRAÇA FAUSTO CARDOSO, ARACAJU-SE: USOS DA MEMÓRIA E DO PATRIMÔNIO URBANO EM VÍDEO.
Alexandre Firmo dos Santos e João Pedro Costa Silveira

TEORIAS GEOPOLÍTICAS NOS SÉCULOS XIX E XX: A INFLUÊNCIA MACIÇA DOS ESTUDOS ESTRATÉGICOS NA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL.
Anna Julia Alves

O DESENVOLVIMENTO DO CONCEITO DE SOFT POWER A PARTIR DOS QUADRINHOS NO SÉCULO XX
Ellen Gabriela Vitor Toledo da Silva

PALESTINA, A HERÓICA RESISTENCIA DE UM POVO: O JORNALISMO EM QUADRINHOS DE JOE SACCO COMO UM OLHAR SOB A PERSPECTIVA SOCIOCULTURAL DOS GRUPOS SOCIAIS EM CONFLITO.
Giovanna Gomes Cardoso de Lima

A REALIDADE SE TRADUZ EM MAGIA: ASPECTOS DAS MENTALIDADES LATINO-AMERICANAS NAS OBRAS DE GABRIEL GARCÍA MÁRQUEZ (1961-1994)
Matheus Santos Garcia de Carvalho e Everton dos Santos

TECNOTRILHOS - MINI VAGÃO E LOGOMARCA
Pedro Henrique Ribeiro Fernandes

ISBN: 978-85-7822-205-5

GT 02

Coordenadores: Johnatas dos Santos Costa e Matheus Fernandes dos Santos

DOENÇA E RELIGIOSIDADE EM DOIS ROMANCES DE NICO HORTA, DE CORNÉLIO PENNA
Endriele de Jesus Santos

IDEOLOGIA E FANTASIA NA OBRA DE SLAVOJ ZIZEK
Jeferson Santos da Silva

O RIO NU SOB ANÁLISE: APORTES TEÓRICOS PARA ESTUDAR O JORNAL PORNOGRÁFICO DO INÍCIO DO SÉCULO XX
Johnatas dos Santos Costa

EDUCAÇÃO E POLIDEZ EM DAVID HUME
Mariana Dias Pinheiro Santos

PARA EXPLORAR A ANGÚSTIA EM KIERKEGAARD E SARTRE: DESDOBRAMENTOS NA PSICOTERAPIA FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAL
Matheus Fernandes dos Santos Pereira e Allan Vasconcelos Lima Rocha

EUDEMONOLOGIA E ÉTICA EM SCHOPENHAUER: É POSSÍVEL UM VIVER FELIZ?
Priscila Silva Navas

AS RELAÇÕES HUMANOS-AVES NO ESPAÇO RELACIONAL COOTOGÊNICO
Wedson Oliveira de Santana

ISBN: 978-85-7822-205-5

GT 03

Coordenação: Maria Vitória Santos Fontes e Laís Alves da Silva Cruz

A PRESENÇA FEMININA NO CANGAÇO E SUA IMPORTÂNCIA E REPRESENTAÇÃO NESSE MOVIMENTO DO SERTÃO NORDESTINO
Brenda Figueiroa de Santana

REDESCOBRINDO A RAINHA: URRACA I (1081-1126) NA ÚLTIMA DÉCADA DO SÉCULO XXI
Luísa Vilas Boas dos Santos

O ACONTECIMENTO DISCURSIVO: MULHER NA MÍDIA
Mirla Laiara de Matos Menezes

BIOGRAFIA DE VIRGÍNIA BICUDO: BREVE ANÁLISE ACERCA DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS A PARTIR DA PRIMEIRA PSICANALISTA NEGRA DO BRASIL
Maria Vitória Santos Fontes e Laís Alves da Silva Cruz

TRÁFICO INTERNACIONAL DE MULHERES: CONCEITOS, BASES HISTÓRICAS E OLHARES A PARTIR DO BRASIL E DA AMÉRICA LATINA
Nicoly Aliete Pereira Santos

ENTRE FUSÕES E CONTRADICÕES, HISTÓRIA E MEMÓRIA: O CASO DA RAINHA BERENGUELA (1180-1246)
Thaís Monique Costa Moura

ISBN: 978-85-7822-205-5

GT 04

Coordenação: Taís Danielle Alcântara de Araújo Silva e Fernanda Carolina Pereira dos Santos

O PROJETO POMBALINO DE IMPOSIÇÃO DA LÍNGUA PORTUGUESA E A QUESTÃO DA DIVERSIDADE LINGUÍSTICA
Isaac Leandro Santos Ismerim e Vitória Nascimento da Cruz

LEVANTAMENTO E ANÁLISE DOS BENS PATRIMONIAIS INVENTARIADOS EM SERGIPE, 1800-1854
Fernanda Carolina Pereira dos Santos e Isabela Leite Santos

TERRA (COM)PARTILHADA: A TRAJETÓRIA DE UM ENGENHO NO VALE DO VAZA-BARRIS (SÃO CRISTÓVÃO, 1833-1856)
Lucas Oliveira de Jesus

DICOTOMIAS NA REPRESENTAÇÃO DO MARQUÊS DE POMBAL: UM ESTUDO ACERCA DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA DA UFS
Nayara Stefanie Mandarino Silva

HISTÓRIA E MEMÓRIA: A CONSTRUÇÃO DAS NARRATIVAS A RESPEITO DA DITADURA CIVIL MILITAR NO BRASIL
Taís Danielle Alcântara de Araújo Silva e Maria Aline Matos de Oliveira

ISBN: 978-85-7822-205-5

GT 05

Coordenadores: Pricila Neves dos Santos e Ana Carolina Souza de Oliveira

A NARRATIVA TRANSMÍDIA EM 13 REASONS WHY: UMA ANÁLISE ATRAVÉS DOS PARATEXTOS DA SÉRIE
Ana Carolina Souza de Oliveira

A SABEDORIA DE VIDA E O CARÁTER
Laiane de Almeida

"O MAIOR PERIGO DO MUNDO": A "INDÚSTRIA" DO ANTICOMUNISMO SIMÃO DIAS- SE (1937-1946).
Pricila Neves dos Santos

CONSTRUÇÃO SOCIAL DA FIGURA DO MONSTRO NOS FILMES "O LABIRINTO DO FAUNO" (2006) E "SETE MINUTOS DEPOIS DA MEIA-NOITE" (2016)
Rodrigo Matos da Silva Gonçalves e Mariana de Sousa Loureiro

A MORTE ESPETÁCULO: UMA HISTÓRIA CULTURAL DA MORTE EM SÃO CRISTÓVÃO-SE (1845-1855)
Willames de Santana Santos

ISBN: 978-85-7822-205-5

GT 06

Coordenadores: Emmerly Karoline Nascimento Dantas Leite e Sanmires Santos Souza

PALATALIZAÇÃO DO /S/ NA FALA DE UNIVERSITÁRIOS DA UFS/ITABAIANA
Cósmia Karine Vieira Borges

A MONOTONGAÇÃO DE DITONGOS DECRESCENTES NA FALA DE ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS
Damiana Karina Vieira Borges

O ANTIPOMBALISMO DAS FAMÍLIAS NOBRES PORTUGUESAS: O CASO DOS TÁVORAS
Emmerly Karoline Nascimento Dantas Leite e João Gabriel Souza Teles

TECNOTRILHOS - JOGO HISTÓRICO DE TABULEIRO E TRILHOS AERODINÂMICOS
Julia Beatriz Silva Vicente Chaves

SMART CULTURAL TOUR - PESQUISAS SOBRE APP DO PATRIMÔNIO MUNDIAL
Luan Felipe Silva dos Santos

ASPECTOS ARGUMENTATIVOS E PERSUASIVOS DEPREENDIDOS DE VÍDEOS DA YOUTUBER JOUT JOUT.
Rejane Souza Santos e Ednalva Bezerra da Silva Teixeira

SMART CULTURAL TOUR – APP GESTÃO DE TECNOLOGIAS PARA A PRAÇA SÃO FRANCISCO (SE)
Romero Romulo da Silva Júnior

A PESQUISA-AÇÃO COMO MÉTODO DE PESQUISA DA LINGUÍSTICA – O CASO DO ISF-UFS
Sanmires Santos Souza

ISBN: 978-85-7822-205-5

GT 07

Coordenadores: Jaqueline de Farias dos Santos e Sakay de Brito Santos

ANÁLISE DE CURSOS ONLINE DESTINADOS AO ENSINO DE PORTUGUÊS COMO LÍNGUA ESTRANGEIRA/ADICIONAL
Ana Alba Nascimento Palmeira e Milena Barreto Lira

IMPLEMENTAÇÃO DA BNCC NAS ESCOLAS DO MUNICÍPIO DE MACAMBIRA/SE
Jailma Cabral de Souza

O PIBID NA PRÁTICA DOCENTE: UMA ABORDAGEM TRANSVERSAL
Jaqueline de Farias dos Santos e Jessica Almeida dos Santos

O IMPACTO DAS DIFERENTES FORMAS DE ENSINAR NAS ESCOLAS PÚBLICAS DIANTE DO CONTEXTO SOCIAL E SUAS DIVERGÊNCIAS NO SÉCULO XXI.
Marcos Henrique de Oliveira Santos

ENSINAR E INTERNACIONALIZAR: CONTRIBUIÇÕES DO PROGRAMA IDIOMAS SEM FRONTEIRAS
Nayla Raquel Santos Corrêa e Juliana Santana Matos Santos

IDENTIDADE E PERTENCIMENTO NAS FALAS DE ESTUDANTES EGRESSOS DO COLÉGIO DE APLICAÇÃO
Rafaela Cravo de Melo

FUTEBOL, CLASSE E IDENTIDADE: A FORMAÇÃO DA PRIMEIRA EQUIPE DE FUTEBOL DA ASSOCIAÇÃO DESPORTIVA CONFIANÇA (1949-1951).
Sakay de Brito Santos

ISBN: 978-85-7822-205-5

GT 08

Coordenadores: Mirela Souza Silva e Barbara Santos Andrade

COTIDIANO RIBEIRINHO E TENSÕES NOS MODOS DE VIDA DO BAIXO SÃO FRANCISCO
Ana Beatriz Vilar Lessa

A FANTASIA NA PRODUÇÃO DO SINTOMA: UMA RESISTÊNCIA DO CONTEÚDO, UM DESAFIO PARA MEMÓRIA.
Barbara Santos Andrade

NEGRO FUGIU, CABOCLO PEGOU: UM OLHAR HISTORICO SOBRE O INDÍGENA ATRAVÉS DA FESTA DO LAMBE-SUJO X CABOCLINHOS
Bernardo Ferraz Pinheiro

GRAMÁTICA NORMATIVA E SEMÂNTICA COGNITIVA: UMA REFLEXÃO NOS DESAFIOS DA ESCOLA PÚBLICA FRENTE AS PRODUÇÕES DE CRÔNICAS PARA OLIMPÍADA DE LÍNGUA PORTUGUESA – OLP/2019
Daniel da Rocha Silva

ANOMIA, DESENVOLVIMENTO E RACISMO
Gustavo Figueiredo Passos

TENSÕES NOS MODOS DE VIDA DO BAIXO SÃO FRANCISCO E DISPÊNDIO
Luiza Silva Cabral

A ARTE DE FRIDA KAHLO E O ENSINO DE HISTÓRIA.
Mirela Souza Silva

RESUMOS

ISBN: 978-85-7822-205-5

GT 01

AS IDEIAS ILUMINISTAS VIGENTES NA REVOLUÇÃO FRANCESA COMO INFLUÊNCIA AO ATEÍSMO DE MARQUÊS DE SADE

Autora: Adriane dos Santos
Graduanda em História pela Universidade Federal de Sergipe
Bolsista PET (MEC/FNDE)
adrianadosantos007@gmail.com

Orientador: Prof. Dr. Carlos de Oliveira Malaquias (DHI/UFS)

RESUMO:

O presente trabalho tem por objetivo apresentar como as ideias iluministas vigorantes no contexto da Revolução Francesa influenciaram Donatien Alphonse – François, o famoso Marquês de Sade (1740 – 1814), a levar a racionalidade em sua última potência e, dessa forma, criar um ateísmo que justifica a libertação do indivíduo pela corrupção dos costumes. Em pleno século XVIII, com o desenvolvimento intelectual presente desde o Renascimento, esse movimento cultural, difundido principalmente pela burguesia na Europa, é reinterpretada pelo referido autor, no qual o ateísmo absoluto é a libertação do homem da ignorância e consequente privação de sua liberdade. A partir desse ponto, se procurará analisar também de quais formas Sade utilizou a literatura como oportunidade de criar um novo mundo às avessas, negando antigos valores, como a vida, para melhor afirmar e glorificar o homem em sua liberdade plena. Não obstante, foram utilizados na construção de tal pesquisa livros de autoria de Donatien e outros referentes ao contexto da Revolução Francesa.

Palavras – Chave: Iluminismo. Marquês de Sade. Ateísmo. Liberdade.

ISBN: 978-85-7822-205-5

PRAÇA FAUSTO CARDOSO, ARACAJU-SE: USOS DA MEMÓRIA E DO PATRIMÔNIO URBANO EM VÍDEO

Autor: Alexandre Firmo dos Santos
Graduando em História pela Universidade Federal de Sergipe
E-mail: alezinho_1998@Outlook.com

Coautor: João Pedro Costa Silveira
Graduando em História pela Universidade Federal de Sergipe
E-mail: joaopwx2@gmail.com

Orientação: Prof.ª Dra. Janaina Cardoso de Mello (DHI/UFS)

RESUMO:

A Praça Fausto Cardoso foi construída em 1857, dois anos depois de Aracaju ter sido transformada em capital da antiga Província de Sergipe. Antes de receber o atual nome em 1912 – em homenagem ao político sergipano Fausto Cardoso de Aguiar – fora denominado de várias formas desde 'Praça do Imperador' até 'Praça Tiradentes'. Ainda possuiu a nomenclatura de 'Praça dos Três Poderes' e foi chamada 'a Praça' antes do nome atual, pois esta Praça abrigou o Ministério Público Estadual até 1984, a Assembleia Legislativa e o Tribunal de Justiça de Sergipe. A praça foi cenário de vários eventos políticos desde o assassinato do homenageado Fausto Cardoso, em 28 de agosto de 1906, os comícios de Jorge Amado (1946) e Augusto Maynard (1947), o linchamento de Lídio da Paixão na ocasião do suicídio de Getúlio Vargas e o Movimento Diretas Já. A Praça Fausto Cardoso também abrigou eventos culturais como carnavais e festas juninas da capital, sendo ainda espaço de desfiles cívicos. Nela se encontra um conjunto de bens arquitetônicos reconhecidos como patrimônio histórico pelo Conselho Estadual de Cultura. A pesquisa teve como objetivo o estudo da memória local resultando na produção de um vídeo postado no *YouTube*. Os métodos qualitativos usados foram a etnografia de percurso, coleta e análise de dados das informações nas bases do IBGE, ALESE e *Blogs* sobre a história local (ANDRADE) cotejando autores como Pelegrini & Funari (2009), Pierre Nora (1995), Monica Kornis (1992) e Pesavento (2005).

Palavras-chave: Praça; Vídeo; Patrimônio Cultural.

ISBN: 978-85-7822-205-5

TEORIAS GEOPOLÍTICAS NOS SÉCULOS XIX e XX: A INFLUÊNCIA DOS ESTUDOS ESTRATÉGICOS NA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL

Autora: Anna Julia Alves
Graduanda em Relações Internacionais pela Universidade Federal de Sergipe
annajalves@gmail.com

Orientador: Prof. Dr. Lucas Miranda Pinheiro (DRI/UFS)

RESUMO:

Friedrich Ratzel, o pai da Geopolítica nasceu na Alemanha do século XIX e criou as teorias eurocentristas de "povos de cultura" e "povos de natureza". Geopolítica é uma ciência que nunca pode ser desassociada do espaço-tempo em que está inserida: na questão de Ratzel, visava legitimar o expansionismo europeu.A teoria seria depois adaptada por Adolf Hitler que, em seus ideais acreditava em uma raça mais apta a governar o mundo. Seus ideais, eram um exagero dos princípios ratzelianos, uma vez que Raztel buscava a legitimidade no colonialismo europeu, civilizando e explorando os povos naturais. Hiltler elevou tais teorias ao extremismo, buscando o extermínio de raças que ele julgava inferiores. Apesar de Ratzel ser o pai da Geopolítica, quem realmente obteve influência maciça nos ideais nazis foi Karl Haushofer: ele adaptou a teoria do inglês Halford Mackinder; em sua principal obra (1904), Mackinder defendia que todo Estado forte possuiria um "espaço pivô", responsável pela manutenção do poder. Haushofer destacou a visão de tal território compreendido na Eurásia – o território fundamental do Terceiro Reich; além de acreditar fortemente em um alinhamento possível entre Rússia e Alemanha, que levaria à unificação final de uma superpotência ariana, líder das demais. Tais aspirações caíram por terra com a deflagração da Segunda Guerra Mundial, através da quebra do pacto de não agressão germânico-soviético em 1939 – tornando a Rússia um dos inimigos às causas nazistas.

Palavras-chaves: Geografia política; Estudos estratégicos; Segunda Guerra Mundial.

ISBN: 978-85-7822-205-5

O DESENVOLVIMENTO DO CONCEITO DE SOFT POWER A PARTIR DOS QUADRINHOS NO SÉCULO XX

Autora: Ellen Gabriela Vitor Toledo da Silva
Graduanda em Relações Internacionais pela Universidade Federal de Sergipe
ellengabriela18@gmail.com

Orientador: Prof. Dr. Lucas Miranda Pinheiro (DRI/UFS)

RESUMO:

O presente trabalho, ainda em fase inicial, apresenta a construção do conceito de "Soft Power" [1] nos quadrinhos no recorte do século XX. A escolha da temática é justificada pelo aumento exponencial das Histórias em Quadrinhos e dos recursos semióticos no mundo todo de forma que estes sejam concebidos como uma nova ferramenta de influência nas relações entre os países e na constituição do prestígio internacional e reflexo das políticas dos mesmos. Entende-se que este trabalho procura explanar o contexto histórico na qual as ferramentas citadas acimas tiveram suporte e que tornaram possível a definição do conceito apresentado de forma a delinear a imagem estadunidense; bem como a asiática com seus mangás. Dessa forma, utilizando-se de metodologias como a revisão bibliográfica, análise de imagens, de dados e de fontes primárias e secundárias, pretende-se qualitativamente gerar uma análise sobre o conceito, sua utilização e suas implicações no meio internacional.

Palavras-chaves: Histórias em Quadrinhos; Mangás; Soft Power.

[1] Termo criado e desenvolvido por Joseph Nye em seu livro de 2004, Soft Power: The Means to Success in World Politics (em português, "Soft Power: os meios para o sucesso na política mundial".)

ISBN: 978-85-7822-205-5

PALESTINA, A HERÓICA RESISTENCIA DE UM POVO: O JORNALISMO EM QUADRINHOS DE JOE SACCO COMO UM OLHAR SOB A PERSPECTIVA SOCIOCULTURAL DOS GRUPOS SOCIAIS EM CONFLITO.

Autora: Giovanna Gomes Cardoso de Lima
Graduanda em Relações Internacionais pela Universidade Federal de Sergipe
gigilima10@hotmail.com

Orientador: Prof. Dr. Lucas Miranda Pinheiro (DRI/UFS)

RESUMO:

A obra de Joe Sacco compreende uma vasta compreensão jornalística dos mais diversos conflitos internacionais que vãos desde a Guerra na Bósnia Oriental (1992-1995) até os mais recentes conflitos que envolvem o território palestino e a repressão de seu povo por parte do exército israelense. A representação do trabalho de campo em formato de quadrinhos é uma característica única do autor, que usa não só do recurso textual mas também o visual, levando o leitor a imergir nos conflitos retratados. Palestina, Notas sobre Gaza e Reportagens abordam de forma clara através de entrevistas feitas pelo autor durante sua pesquisa acerca do conflito árabe-israelense, expressando a problemática que envolve a partilha do território entre os povos distintos que lá viviam e logo mais a tomada do território Palestino após a partilha. O presente trabalho busca analisar a obra, levando em consideração os recursos visuais e textuais produzidos pelo autor acerca desta temática, buscando os diversos pontos de vista apresentados pelos entrevistados sob uma ótica sociopolítica e antropológica dos povos em conflito. Ressaltando então, a importância da obra para análise de tais conflitos que ainda assolam a comunidade internacional.

Palavras-chave: Conflitos árabe-israelenses; Palestina; Joe Sacco; Cultura.

ISBN: 978-85-7822-205-5

A REALIDADE SE TRADUZ EM MAGIA: ASPECTOS DAS MENTALIDADES LATINO-AMERICANAS NAS OBRAS DE GABRIEL GARCÍA MÁRQUEZ (1961-1994)

Autor: Matheus Santos Garcia de Carvalho
Graduando em História pela Universidade Federal de Sergipe
Bolsista PET (FNDE/MEC)
mattheus.sgc@gmail.com

Coautor: Everton dos Santos
Graduando em História pela Universidade Federal de Sergipe
Bolsista PET (FNDE/MEC)
everton.his@outlook.com

Orientador: Prof. Dr. Luis Eduardo Pina Lima (DHI/UFS)

RESUMO:

A presente pesquisa tem o objetivo de analisar aspectos das mentalidades latino-americanas representados nas obras do escritor colombiano, Gabriel García Márquez (1927-2014). A investigação centra-se no campo da relação literatura e história e tem por objeto a percepção de padrões de comportamentos socialmente aprendidos que, consciente ou inconscientemente, atuam como agentes na diversidade histórica das culturas latino-americanas. O autor supracitado vincula-se ao realismo mágico, que se constituiu em um dos movimentos literários mais fecundos da América Ibérica, a partir da década de 1960. Para alcançar o objetivo proposto, obedeceremos à seguinte metodologia: 1. Levantar o referencial teórico vinculado ao conceito de mentalidade, com destaque para as obras de Le Goff (1994 e 2001); 2. Copilar e fichar o estado da arte referente ao campo desta pesquisa, tendo como ponto de partida o "A literatura: o texto e o seu intérprete" de Starobiski (1976); 3. Analisar as fontes que constituem o escopo deste trabalho, preliminarmente elencando nas seguintes obras: "Ninguém escreve ao coronel" (1961), "Cem anos de solidão" (1967), "O outono do patriarca" (1975), "Crônica de uma morte anunciada" (1981) e "De amor e outros demônios" (1994); e 4. Redigir o relatório de pesquisa em forma de artigo científico. Ao final deste estudo, pretende-se contribuir para a ampliação de análises que compreendem a literatura como fonte para a história das mentalidades na América Latina.

Palavras-chave: História, Literatura, Mentalidade, América Latina.

ISBN: 978-85-7822-205-5

TECNOTRILHOS - MINI VAGÃO E LOGOMARCA

Autor: Pedro Henrique Ribeiro Fernandes
Graduando em História pela Universidade Federal de Sergipe
Bolsista PITIVOL/CINTTEC
pedrofe1636@gmail.com

Orientadora: Prof.ª Dr.ª Janaina Cardoso de Mello (ProfHistória/DHI/UFS)

RESUMO:
O presente trabalho, ainda em fase inicial, visa levar a disseminação dos patrimônios históricos em Aracaju, tendo como foco a comunidade do Rosa Elze, com o intuito de facilitar e entreter de forma prazerosa, através de um jogo que simulara as ruas de Aracaju, usando os trilhos de trem já preexistente para guiar os usuários, como todo trem, ele tem vagões e esse maquinário que será controlado por meio de um smartphone, levando os jogadores a conhecer os patrimônios aracajuanos, através de um passeio imersivo pelo jogo de tabuleiro desenvolvido. Contendo nele sensores que determinaram atividades, com o intuito de passar a história e os bens materiais e imateriais pertencente dos bairros que a pessoa estiver. Tendo como sensibilização a notável falta de disseminação da história da cidade de Aracaju, como também dos seus bairros, e visando levar à tona os patrimônios que cada uma dessas regiões tem, mas que até algum dos moradores do próprio local desconhece, e facilitar o estudo desses bens não só pela universidade ou escola, mas como sensibilizar de forma divertida a manutenção e preza desses locais por toda a comunidade.

Palavras-chaves: Ferrovia; Ensino de História; Patrimônio; Cultura.

ISBN: 978-85-7822-205-5

GT 02

DOENÇA E RELIGIOSIDADE EM DOIS ROMANCES DE NICO HORTA, DE CORNÉLIO PENNA

Autor (a): Endriele de Jesus Santos
Graduanda em Letras – Português pela Universidade Federal de Sergipe
Voluntária PICVOL (UFS/COPES)
endrielesantos@outlook.com

Orientador (a): Prof. Dra. Josalba Fabiana dos Santos (DLEV/UFS)

RESUMO:

Este trabalho tem o objetivo de analisar a relação entre doença e religiosidade em *Dois romances de Nico Horta* (1939), livro do escritor católico Cornélio Penna. Antônio, apelidado de Nico Horta, protagonista da história, convive com uma culpa que o faz viver em um estado doentio, sofrendo não somente por seus próprios erros, mas por falhas que outros cometeram. Desse modo, fizemos um percurso pelos principais fatores que contribuem para o desenvolvimento do mal-estar no rapaz. O sentido de culpa, e termos como pecado, punição e salvação que a ele se associam, é tomado com base nos princípios cristãos que também podem ser encontrados em Penna. Utilizamos as várias significações e representações em torno de doença estabelecidas por Sontag (2007), especialmente as relacionadas à punição que considera a enfermidade um castigo por conta de um erro cometido pelo doente. Aproveitamos também os conceitos de Laplantine (2010) focando, especialmente, nas ideias do autor sobre enfermidade na literatura, a relação entre o estado doentio e a desordem social. Utilizamos as considerações de Santos (2007) sobre a questão da maternidade em Cornélio Penna como suporte para tratarmos da relação entre Nico e sua mãe D. Ana. Partimos de Lima (2005) como apoio para interpretarmos pontos pertinentes do romance, principalmente o que diz respeito aos conflitos internos de Nico Horta.

Palavras-chave: doença; religiosidade; *Dois romances de Nico Horta;* Cornélio Penna.

ISBN: 978-85-7822-205-5

IDEOLOGIA E FANTASIA NA OBRA DE SLAVOJ ZIZEK

Autor: Jeferson Santos da Silva
Graduando em Psicologia pela Universidade Federal de Sergipe
jefersoncarira97@gmail.com

Orientadora: Prof. Dr.ª Elza Francisca Correa Cunha (DPS/UFS)

RESUMO:

Parece-nos suspeito, hoje em dia, falar de crítica da ideologia tanto pelos acontecimentos do século passado, como a subida ao poder de regimes comunistas, quanto pelos desdobramentos teóricos que, de certa forma, tornariam o conceito de ideologia inócuo. Outro fator, que também é uma característica da nossa contemporaneidade, é o chamado cinismo, no qual reconhece-se os interesses subtendidos no discurso, mas mesmo assim continua a fazê-lo. Partindo desse ponto de vista, porém com uma visão contrária, o presente trabalho investiga o conceito de ideologia no sentido de o relacionar com elementos do conceito de fantasia na obra de Slavoj Zizek, dessa junção focalizando no conceito de fantasia ideológica. Acredita-se que este conceito possa apresentar uma nova maneira de pensar e retomar o debate acerca da crítica da ideologia. Essa relação entre ideologia e fantasia será esmiuçada ao longo da apresentação do trabalho: primeiro são expostas as críticas ao conceito de ideologia, portanto, indo em direção a sociedade "pós-ideológica", depois, a partir de um restrito, mas pontual trabalho histórico, visa localizar essas críticas e ao mesmo tempo suas superações ao longo do desenvolvimento do sentido de ideologia.

Palavras-chaves: Ideologia, Fantasia, Fantasia ideológica, Zizek.

ISBN: 978-85-7822-205-5

O RIO NU SOB ANÁLISE: APORTES TEÓRICOS PARA ESTUDAR O JORNAL PORNOGRÁFICO DO INÍCIO DO SÉCULO XX

Autor: Johnatas dos Santos Costa
Mestrando em História pela Universidade Federal de Sergipe (PROHIS/UFS)
Bolsista CAPES
johnatassantoscosta@yahoo.com.br

Orientador: Prof. Dr. Antônio Lindvaldo Sousa (PROHIS/UFS)

RESUMO:

Conhecido por sua linguagem simples, porém sagaz, suas ilustrações de mulheres seminuas e um texto humorístico e malicioso, o jornal pornográfico *O Rio Nu: periódico semanal caustico e humorístico* circulou na cidade do Rio de Janeiro – e além – entre os anos de 1898 e 1916. Inserido no contexto da *Belle Époque*, no qual a imprensa de "gênero alegre" esteve em voga, o periódico foi pioneiro nesse estilo, alcançou êxitos e conquistou críticos enquanto esteve em circulação. Tendo como base as discussões realizadas no âmbito das disciplinas do Programa de Pós-Graduação em História (PROHIS/UFS), o presente artigo tem como objetivo estabelecer uma interlocução entre o jornal mencionado, a nossa fonte de pesquisa, e alguns conceitos e ideias debatidos em sala de aula. Esse diálogo possibilita analisarmos o periódico com o propósito de investigar apropriadamente o nosso objeto de pesquisa que versa sobre as representações de mulher que *O Rio Nu* estabeleceu e/ou ratificou durante os seus anos de publicação.

Palavras-chave: *O Rio Nu*; imprensa; teoria da história

ISBN: 978-85-7822-205-5

EDUCAÇÃO E POLIDEZ EM DAVID HUME

Autora: Mariana Dias Pinheiro Santos
Graduanda do curso de Filosofia da UFS
Bolsista CNPq.
marianadps4ntos@gmail.com

Orientador: Prof. Dr. Marcos Fonseca Ribeiro Balieiro (DFL/UFS)

RESUMO:

O filósofo escocês David Hume é comumente lembrado, por aqueles que não estão familiarizados com sua obra, como o autor que iluminou Immanuel Kant e como uma figura de grande importância no empirismo. Mas estamos preocupados neste texto é com uma outra parte dos seus engenhos. Pretendemos ver neste autor algo que era comum em parte de seus contemporâneos, a saber, preocupações com o cenário em que se incluía com seus compatriotas, com o rumo que a sociedade estava levando, com a influência das artes na vida dos indivíduos e com um melhor caminho para a felicidade individual e geral. É neste sentido que a polidez ganha um espaço importante na obra do escocês. Para Hume, no momento que um indivíduo tiver sido educado o suficiente para ser polido, tendo cultivado em si o gosto por artes, filosofias, literaturas e poesias, terá paixões adequadas para cada situação, será capaz de ter conversas adoráveis sobre os mais diversos e eruditos temas, terá amizades mais duradouras e agradáveis, não irá deixar que qualquer frivolidade da vida comum o abale, terá o juízo fortalecido a ponto de não ser abatido pelas paixões mais violentas, e, tendo todas essas qualidades de caráter, não poderá deixar de ser justo e virtuoso uns para com os outros. Dito isso, o presente texto pretende elucidar como o que Hume defende como polidez seria capaz de educar o homem por meio do cultivo das letras, da poesia, da escrita, da arte e da conversação, elevando-o no âmbito intelectual e no do convívio.

Palavras-chave: Hume; polidez; arte; educação.

ISBN: 978-85-7822-205-5

PARA EXPLORAR A ANGÚSTIA EM KIERKEGAARD E SARTRE: DESDOBRAMENTOS NA PSICOTERAPIA FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAL

Autor: Matheus Fernandes dos Santos Pereira
Graduando em Psicologia pela Universidade Federal de Sergipe
fernan10.matheus@gmail.com

Coautor: Allan Vasconcelos Lima Rocha
Graduando em Psicologia pela Universidade Federal de Sergipe
allanrocha9@gmail.com

Orientadora: Prof. Dr.ª Elza Francisca Correa Cunha (DPS/UFS)

RESUMO:

A partir do arcabouço de ideias dos pensamentos do existencialismo e da fenomenologia, o presente trabalho discute e propõe uma compreensão acerca do conceito de angústia, para Kierkegaard e Sartre, questionando possíveis articulações entre as ideias destes dois pensadores, para se pensar a psicoterapia fenomenológica-existencial, dentro da Psicologia, ao lidar com a angústia humana, enquanto elemento que emerge através da liberdade, da culpa e das possibilidades, ao mesmo tempo que proporciona ao indivíduo novas formas para se pensar sua existência, através dos significados atribuídos à sua angústia na forma como ela se estabelece na sua condição experiencial. A principal questão verificada foi a existência de uma articulação entre esses pensadores no que diz respeito a angústia existencial, para pensar o sofrimento psíquico humano causado por ela dentro de uma psicoterapia fenomenológico-existencial - de que forma esses conceitos existenciais surgem e se desenvolvem, e aproximações para se trabalhar essas questões com o sujeito, enquanto em caráter subjetivo.

Palavras-chave: angústia; Kierkegaard; Sartre; psicoterapia fenomenológica-existencial.

ISBN: 978-85-7822-205-5

EUDEMONOLOGIA E ÉTICA EM SCHOPENHAUER: É POSSÍVEL UM VIVER FELIZ?

Autora: Priscila Silva Navas
Graduanda em Psicologia pela Universidade Federal de Sergipe
Bolsista Voluntária: PIBIC/COPES
prisci2015dir@gmail.com

Orientador: Prof. Dr. Bruno Martins Machado (DPS/UFS)

RESUMO:

O presente estudo é fruto da pesquisa de PIBIC desenvolvida, cujo tema é o caráter e a ética em Schopenhauer. Visando discutir a ética schopenhaueriana, foi feita a leitura estrutural de "Os aforismos para sabedoria de vida" e "Sobre o Fundamento da Moral" buscando mapear os momentos específicos nos quais o autor menciona o caráter e suas motivações – egoístas, maldosas e compassivas. O filósofo alemão divide sua ética em duas linhas: (i) transcendente; (ii) imanente. A segunda, alvo de nosso interesse maior, pode ser observada em "Os aforismos" como uma espécie de eudemonologia, conjunto de ações para um viver feliz. Tal divisão parece antagônica quando colocada frente ao pessimismo do pensamento de Schopenhauer, entretanto, ela tem como suporte o estatuto da vontade, o que desfaz a contraposição levando em conta também o antagonismo. Dessa forma, a vida ética seria uma vida feliz, considerando que a única felicidade possível é negativa. Sendo assim, Schopenhauer, nos Aforismos, aponta uma maneira de encontrar a felicidade apesar do imperativo da vontade.

Palavras-chave: ética; caráter; vontade; eudemonologia.

ISBN: 978-85-7822-205-5

AS RELAÇÕES HUMANOS-AVES NO ESPAÇO RELACIONAL COOTOGÊNICO

Autor: Wedson Oliveira de Santana
Graduando em Letras Português pela universidade federal de Sergipe
Bolsista Pibic (COPES/UFS)
Wedson8888gf@gmail.com

Orientador: Prof. Dr. Humberto Luiz Galupo Vianna (DLI/UFS)

RESUMO:
O Parque dos Falcões em Itabaiana, Sergipe, é um santuário, centro de educação ambiental e zoo. Além disso é referência mundial no manejo, recuperação e reprodução de aves, mas o que chama a atenção dos visitantes são as interações entre cuidadores e animais, mesmo no que diz respeito as espécies mais traumatizadas. São relações coontogênicas que permitem as mudanças comportamentais das rapinantes, mas não somente, o humano também é afetado por essa relação. Lá no parque eles convivem e se comunicam através da linguagem corporal e da vocalização, ou seja, o comportamento é muito importante nessas interações, pois a partir do movimento temos um meio de comunicação, capaz de ser interpretado e analisado, segundo relatam os próprios cuidadores e observadores do parque. Ademais, buscamos discutir no contexto das teorias cognitivas sistêmicas, as interações envolvendo humanos-aves no estabelecimento de um domínio linguístico, mas sem se preocupar com o campo semântico e nem com símbolos representados pela fala ou escrita, o que importa aqui são as interações interespecíficas entres essas duas espécies consideradas diferentes.

Palavras-chaves: Coontogenia; humanos-aves; Sistema social; domínio linguístico.

ISBN: 978-85-7822-205-5

GT 03

A PRESENÇA FEMININA NO CANGAÇO E SUA IMPORTÂNCIA E REPRESENTAÇÃO NESSE MOVIMENTO DO SERTÃO NORDESTINO

Autora: Brenda Figueiroa de Santana
Graduanda em História pela Universidade Federal de Sergipe
Bolsista PET (MEC/FNDE)
brenda.figueiroa00@gmail.com

Orientadora: Profª. Drª. Edna Maria Matos Antonio (DHI/UFS)

RESUMO:

O presente trabalho em fase inicial tem como objetivo discutir o Cangaço, caracterizado por alguns autores como movimento social com práticas associadas também a questões econômicas e por outros como bandidos e rebeldes, seu principal líder Virgulino Ferreira da Silva conhecido como Lampião. Ocorrido no sertão nordestino nos anos 1930 que marca a inserção das mulheres nesse meio, este trabalho busca problematizar o silêncio histórico referente a essa participação dando invisibilidade a essas mulheres que se inseriram voluntariamente ou involuntariamente. Além de analisar a imagem dessas cangaceiras, suas representações, objetiva-se investigar os fatores que levaram a essa inserção, papel desempenhado por elas, vestuário, sexualidade, possíveis violências sofridas e suas influências dentro do movimento. Dessa forma, através da pesquisa baseada em fontes como jornais, artigos, livros, documentários, esse trabalho busca verificar qual foi a importância da mulher no Cangaço e o que mudou após a sua chegada.

Palavras – chave: Cangaço; Representação Feminina; Mulheres na História e Invisibilidade.

ISBN: 978-85-7822-205-5

REDESCOBRINDO A RAINHA: URRACA I (1081-1127) NA ÚLTIMA DÉCADA DO SÉCULO XXI

Autora: Luísa Vilas Boas dos Santos
Graduanda em História pela Universidade Federal de Sergipe
PIBICVOL
luisa13santos@outlook.com

Orientador: Prof. Bruno Gonçalves Alvaro (DHI/UFS)

RESUMO:

A historiografia é construída através da ótica contemporânea do historiador. Sendo assim, ela é rescrita, modificada continuadamente, e politicamente influenciada. Essa disputa de memórias é presente na historiografia ibérica tal como em qualquer outra escola historiográfica. Desta forma, os escritos sobre a rainha Urraca I (1081-1127) não poderiam ser diferentes. Urraca I foi a primeira rainha de Castela e Leão a efetivamente governar. Seu reinado, que perdurou de 1109 a 1126, deixou um legado controverso e a importância de seu governo passou por um processo de esquecimento a partir das crônicas do século XVIII, o que fez com que a historiografia pouco trabalhasse sua importância, relegando-a assim a alcunha de "La Temeraria", assim, os passados se misturam, e imagem da rainha se desgastou através do tempo. Com intuito analisar as representações da rainha na última década, o presente trabalho pretende realizar uma análise e comparação de como a imagem de Urraca vem sendo retratada, tanto no meio acadêmico, como as mídias televisivas e sociais.

Palavras-chave: Urraca I; historiografia; mídias; história medieval.

ISBN: 978-85-7822-205-5

O ACONTECIMENTO DISCURSIVO: MULHER NA MÍDIA

Autor: Mirla Laiara de Matos Menezes
Graduanda em letras pela Universidade Federal de Sergipe
PIBICVOL
Mirla13menezes@gmail.com
Orientador: Prof. Dr. Wilton James Bernardo - Santos (DLEV/UFS)

RESUMO:

O presente trabalho busca apresentar os resultados finais do plano de trabalho "Mulher na mídia" referente ao projeto de pesquisa Acontecimento discursivo: um estudo sobre os processos de construção, elaborado para o programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica – PIBIC no período 2018 – 2019 na Universidade Federal de Sergipe – UFS. O projeto analisa de que forma os acontecimentos discursivos se constituem e quais são as condições de produção destes acontecimentos discursivos. Desse modo, o plano de trabalho busca focalizar especificamente as formas como as mulheres são representadas, ou seja, como a imagem da mulher é construída pela imprensa mídia brasileira nos anos de 2018/2019. A metodologia é feita a partir da problematização das materialidades discursivas como enunciados circulados socialmente a respeito da temática em questão, mulher na mídia. Dessa forma, foram analisados os efeitos de sentido publicados nos meios de comunicação. Assim, a aplicação teórico-metodológica foi norteada pelas concepções clássicas de Análise do Discurso como acontecimento, formação discursiva, memória discursiva e interdiscurso. Os resultados finais foram construídos a partir dos acontecimentos discursivos "mulher nas eleições 2018", "dia internacional da mulher", "feminicídio em SE", entre outros. Um dos resultados, por exemplo, aponta como a mulher é representada no cenário político do país, demarcando a cristalização da ausência do protagonismo feminino nas eleições.

Palavras-chave: Mulher; mídia; discurso; ideologia;

ISBN: 978-85-7822-205-5

BIOGRAFIA DE VIRGÍNIA BICUDO: BREVE ANÁLISE ACERCA DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS A PARTIR DA PRIMEIRA PSICANALISTA NEGRA DO BRASIL

Autora: Maria Vitória Santos Fontes
Graduanda em História pela Universidade Federal de Sergipe
Bolsista PET (MEC/FNDE).
mavsfontes@gmail.com

Coautora: Laís Alves da Silva Cruz
Graduanda em História pela Universidade Federal de Sergipe
Bolsista Residência Pedagógica (CAPES).
lais.ac@outlook.com.br

Orientadora: Prof.ª Ma. Yérsia Souza de Assis (PPGAS/UFSC)

RESUMO:
O presente trabalho visa discutir como a partir da biografia de uma mulher negra escolarizada é possível criar tópicos de ensino e aprendizagem que remetam à educação para as relações étnico-raciais. A personagem escolhida se trata de Virginia Leone Bicudo. Primeira psicanalista negra, filha de pai negro e mãe branca, Virginia ao se inserir na educação formal pôde constituir uma trajetória educacional extraordinária quando associada aos acessos que a população negra e seus descendentes do Brasil tinham. Deste modo, Virginia traçou uma jornada profissional com a possibilidade de estudar as questões raciais a partir desta perspectiva interna, pois, trata-se de uma mulher negra debatendo demandas "negras" no Brasil do século XX. Diante disso, acreditamos que, de modo didático, a biografia de Virgínia oportuniza aos estudantes e aos formadores, mais instrumentos de ensino, já que, salienta-se assim, elementos que ajudam a entender a história da população negra no Brasil, bem como os desafios e avanços impostos a esta parcela da sociedade brasileira. A produção textual está pensada em três momentos, no primeiro momento a história educacional de Virginia será evidenciada, no segundo momento a sua pesquisa de mestrado "Atitudes Raciais de Pretos e Mulatos em São Paulo" (1945), e no terceiro os efeitos "Virginia" que podem ser acionados para constituir elementos didáticos que possibilitem a promoção da educação para as relações étnico-raciais.

Palavras – Chave: Biografia; Mulher Negra; Relações Raciais; História.

ISBN: 978-85-7822-205-5

TRÁFICO INTERNACIONAL DE MLHERES: CONCEITOS, BASES HISTÓRICAS E OLHARES A PARTIR DO BRASIL E DA AMÉRICA LATINA

Autora: Nicoly Aliete Pereira Santos
Graduanda em Relações Internacionais pela Universidade Federal de Sergipe
nicolyaliete@icloud.com

Orientador: Prof. Dr. Lucas Miranda Pinheiro (DRI/ UFS)

RESUMO:
As informações aqui apresentadas abordarão a questão do tráfico internacional de mulheres referente à países da América Latina, colocando em pauta primeiramente suas raízes históricas e os principais conceitos dentro deste contexto. Deste modo, a análise será feita a partir da conceituação da prática de mercadejar seres humanos, desde onde isso começou a se efetivar como um costume em sociedades presentes no âmbito histórico à atualidade, configurando o tráfico de pessoas um crime internacional combatido e com grande ênfase em debates sobre direitos humanos. Ademais, após o feito desde balanço abrangente sobre o crime, será especificado para que ocorre o tráfico de mulheres nos países latino-americanos, sendo feito assim um pequeno mapeamento acerca dos locais que mais acontecem, as situações de vulnerabilidade que a população feminina possui para serem coagidas por indivíduos que contribuem para a continuidade da comercialização, e relacionando isso com o conceito de precariedade de Judith Butler. Assim, apesar de existirem muitos casos ainda não documentados, nos dias atuais as investigações são mais efetivas. Logo, esta pesquisa tem como finalidade não somente mostrar os fatos, mas também alertar sobre o perigo que ainda é ser mulher em âmbito mundial, e principalmente, ser de uma nacionalidade considerada de "terceiro mundo", além da desigualdade referente ao gênero ainda existente.

Palavras-chave: tráfico, mulheres, América-latina, humanos, conceitos.

ISBN: 978-85-7822-205-5

ENTRE FUSÕES E CONTRADICÕES, HISTORIA E MEMÓRIA: O CASO DA RAINHA BERENGUELA (1180-1246)

Autora: Thaís Monique Costa Moura
Graduanda em História pela Universidade Federal de Sergipe
PIBICVOL
thais_monique30@hotmail.com

Orientador: Prof. Dr. Bruno Gonçalves Alvaro (DHI/UFS)

RESUMO:

Sendo uma das poucas mulheres a terem governado efetivamente em Castela, Berenguela (1180-1246), permaneceu atuante politicamente até após abdicar seu reinado para Fernando III, seu filho. Ela se manteve realizando diversas negociações e sendo figura-chave na administração do reinado e nas escolhas do rei. Mesmo protagonizando uma posição de singular evidência política, a historiografia mal realizou análises voltadas exclusivamente para suas participações nas decisões do reino de Castela. Ou seja, quando houve ou há espaço para Berenguela, continuadas vezes ela surge na sombra de Fernando III.A história de uma mulher pode ser utilizada de diversas maneiras como forma de estabelecer ou arruinar discursos. Temos observado, inicialmente, que dentre todos os modos de se relembrar do reinado da rainha e suas atuações políticas, a alcunha de "rainha-mãe" seria a mais presente em suas reminiscências. Contudo, quando se busca entender a vida da rainha em eixos não acadêmicos, tal narrativa se apresenta de forma menos enviesada, mais aberta. Desse modo, essa comunicação terá como objetivo estabelecer contato com as fusões entre história e memória a respeito da vida de Berenguela.

Palavras-chave: Berenguela; História; Memória.

ISBN: 978-85-7822-205-5

GT 04

O PROJETO POMBALINO DE IMPOSIÇÃO DA LÍNGUA PORTUGUESA E A QUESTÃO DA DIVERSIDADE LINGUÍSTICA

Autor: Isaac Leandro Santos Ismerim
Graduando em Português-Inglês pela Universidade Federal de Sergipe
Bolsista CAPES do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID)
Voluntário do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC)
Voluntário do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Extensão (PIBIX)
ilsismerim@gmail.com

Coautora: Vitória Nascimento da Cruz
Graduanda em Português-Inglês pela Universidade Federal de Sergipe
Bolsista CAPES do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID)
Voluntária do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC)
nascimentoss1@outlook.com
Orientadora: Profa. Dra. Ana Lúcia Simões Borges Fonseca (DLES/UFS)

RESUMO:

À época pombalina, desenvolveu-se uma política educacional direcionada ao monolinguismo, ou seja, direcionada à língua portuguesa como língua oficial e nacional. Com o Diretório dos Índios, publicado em 03 de maio de 1757 e, posteriormente, transformado em lei por meio do Alvará de 17 de agosto de 1758, no período colonial, edifica-se este monolinguismo, posto que o uso da referida língua no Estado do Grão Pará e Maranhão, em detrimento da língua geral, de base tupi, então utilizada, passa a ser obrigatório. A partir desta medida, no que concerne à política linguística então implementada, observaremos uma completa 'integração' dos índios à sociedade portuguesa. Insta ressaltar, no entanto, que além das línguas indígenas, a língua geral, em detrimento do português, continuava a ser falada por muitos em várias regiões da colônia, bem como as línguas africanas, que apesar de se apresentarem como empecilhos ao projeto de unicidade do português, não foram objetos de uma política de extinção. Seguindo essa direção, tivemos na história do país várias medidas de controle da diversidade linguística e, como é recente discussão sobre uma política para a diversidade das línguas no Brasil, objetivamos discutir, com esta proposta, a relevância da política imposta pelo Marquês de Pombal. Como aporte teórico, utilizamos Maxwell (1996), Franco (2015), Oliveira (2010), Barbosa (2013), dentre outros.

Palavras-chave: Diversidade Linguística; Política Educacional; Política Linguística; Pombalismo

ISBN: 978-85-7822-205-5

LEVANTAMENTO E ANÁLISE DOS BENS PATRIMONIAIS INVENTARIADOS EM SERGIPE, 1800-1854

Autor: Fernanda Carolina Pereira dos Santos
Graduanda em História pela Universidade Federal de Sergipe
Bolsista PIBIC/FAPITEC-SE
nanda.carolina01@gmail.com

Isabela Leite Santos
Graduanda em História pela Universidade Federal de Sergipe
Grupo de Pesquisa Mundo Atlântico e Colonização Portuguesa
Bolsista PIBIC/COPES
isaleite97@gmail.com

Orientador: Prof. Dr. Carlos de Oliveira Malaquias

RESUMO:

A presente pesquisa é um recorte dos relatórios de Iniciação Científica (2018-2019) e se debruça sobre a composição da riqueza inventariada em Sergipe del Rey, na primeira metade do século XIX. O objetivo deste trabalho é verificar a importância dos investimentos realizados para a constituição dos patrimônios inventariados, no período de 1800-1854, observando as transformações econômicas, sociais e políticas ocorridas no marco temporal. A documentação compulsada foram os inventários *post-mortem*, documentos produzidos por ocasião do falecimento de um indivíduo para formalizar a partilha entre seus herdeiros, que analisados quantitativamente forneceram um panorama dos itens investidos de acordo com os níveis de riqueza da sociedade oitocentista sergipana. A pesquisa permitiu visualizar características de uma economia agropastoril, em que os escravos e bens de raiz foram os investimentos mais expressivos, seguido do montante de empréstimos realizados e de endividamentos.

Palavras-chaves: Riqueza, Sergipe oitocentista e inventários *post-mortem.*

ISBN: 978-85-7822-205-5

TERRA (COM)PARTILHADA: A TRAJETÓRIA DE UM ENGENHO NO VALE DO VAZA-BARRIS (SÃO CRISTÓVÃO, 1833-1856)

Autor: Lucas Oliveira de Jesus
Graduando em História pela Universidade Federal de Sergipe
Bolsista PIBIC (COPES/UFS)
lucas.olivercaldas@hotmail.com

Orientador: Prof. Dr. Carlos de Oliveira Malaquias (DHI/UFS)

RESUMO:

O ser senhor de engenho condicionava capital social, econômico, cultural e simbólico para aqueles que detinham essa designação. No entanto, o trabalho de uma vida poderia se despedaçar com a morte do senhor. Caso os filhos não fossem unidos, a partilha dos bens poderia desestabilizar não só a produção, como a integridade do engenho. Partindo dessa problemática, buscaremos nesse trabalho analisar a trajetória do Engenho Cahipe, entre 1833 e 1856, a partir da aquisição da propriedade pela família Leão e Castro até a partilha entre os herdeiros. Utilizando a micro-história como método, reduziremos a escala em um engenho localizado no vale do Vaza-Barris, num contexto de contestação de São Cristóvão como capital provincial, devido a ascensão da Cotinguiba como principal região açucareira de Sergipe. Como fontes históricas foram lidos e confrontados inventários *post-mortem*, registros paroquiais de terras, livros de notas de cartório, além de fontes cartográficas e periódicas. Com base nesses documentos históricos foi possível identificar como a partilha do Engenho Cahipe resultou na desestruturação do imóvel mediante a desunião dos herdeiros Leão e Castro. Assim, pôde-se compreender como a dinâmica intrafamiliar poderia alterar a estrutura da propriedade. Por fim, este trabalho tem a intenção de contribuir para a História Social da Propriedade de Sergipe, em seu período provincial.

Palavras-chave: História Social da Propriedade; Sergipe Oitocentista; Engenho Cahipe.

ISBN: 978-85-7822-205-5

DICOTOMIAS NA REPRESENTAÇÃO DO MARQUÊS DE POMBAL: UM ESTUDO ACERCA DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA DA UFS

Autora: Nayara Stefanie Mandarino Silva
Graduanda em Letras Português-Inglês pela Universidade Federal de Sergipe
Bolsista PIAEX (PROEX/UFS) e voluntária PICVOL
nayaramandarino@hotmail.com

Orientadora: Profª. Drª. Elaine Maria Santos (DLES/UFS)

RESUMO:

De 1750 a 1777, Portugal foi governado pelos absolutistas esclarecidos rei D. José I e por Sebastião José de Carvalho e Melo que, em 1769, recebeu o título de Marquês de Pombal (SANTOS, 2010). Esse período é conhecido como o pombalismo ou liberalismo português e ocorreu concomitantemente ao iluminismo português, caracterizado pela sua essência cristã e católica, além de progressista, humanista, reformista e nacionalista. Esse período histórico foi marcante devido às mudanças no que concerne à educação e à estruturação do Estado, que tiveram efeitos nos anos seguintes, tanto em Portugal, quanto em suas colônias, incluindo o Brasil (CARVALHO, 1978). O Marquês de Pombal era implacável e agiu, muitas vezes, com violência para atingir seus objetivos. Por isso, ele é uma figura emblemática que divide os estudos históricos entre os que o admiram e os que o desprezam – filopombalistas e antipombalistas, respectivamente. Considerando-se a necessidade de renovar os estudos pombalinos, José Eduardo Franco, Pedro Calafate e Viriato Soromenho-Marques, do CLEPUL (Portugal) propuseram o levantamento das obras escritas por ou sobre o Marquês de Pombal. O projeto "O Marquês de Pombal e a Instrução Pública" (PIBIC/UFS) visa, entre outros objetivos, contribuir com o alcance desse propósito. Alinhado a esses projetos, esse trabalho almeja levantar dados acerca da produção sobre o pombalismo na UFS e analisar como essa figura é representada.

Palavras-chave: Marquês de Pombal; pombalismo; UFS.

ISBN: 978-85-7822-205-5

HISTÓRIA E MEMÓRIA: A CONSTRUÇÃO DAS NARRATIVAS A RESPEITO DA DITADURA CIVIL MILITAR NO BRASIL

Autora: Taís Danielle Alcântara de Araújo Silva
Mestranda em História pela Universidade Federal de Sergipe
tais.historia-ufs@hotmail.com

Coautora: Maria Aline Matos de Oliveira
Mestranda em História pela Universidade Federal de Sergipe
aline_hist2010@hotmail.com

Orientadora: Prof.ª Dr.ª Célia Costa Cardoso (DHI/PROHIS/UFS)

RESUMO:
O presente artigo tem o objetivo de apresentar algumas definições e diferenciações a respeito dos conceitos e dos usos da História e da Memória no campo das ciências humanas. A partir de um segundo momento, analisar a construção das narrativas históricas e das narrativas memorialísticas, trazendo a análise para as construções existentes a respeito do regime militar brasileiro. Um regime que perdurou por vinte e um anos e que nos dias atuais ainda é um assunto de repercussões, nos campos da cultura, da política e da sociedade, dentre outros. O trabalho é um estudo de caráter teórico e metodológico, que pretende contribuir para o melhor entendimento em torno da questão da escrita e da apropriação da História e da Memória do período da ditadura civil-militar. Pois se tratando tanto da narrativa histórica, comprometida com o caráter científico, quanto da narrativa memorialística, baseada em parâmetros do presente dos indivíduos e da sociedade, existem questões a serem observadas e pontuadas.

Palavras-chave: História; Memória; Ditadura.

ISBN: 978-85-7822-205-5

GT 05

A NARRATIVA TRANSMÍDIA EM *13 REASONS WHY*: UMA ANÁLISE ATRAVÉS DOS PARATEXTOS DA SÉRIE

Autora: Ana Carolina Souza de Oliveira
Mestranda em Cinema pela Universidade Federal de Sergipe
anacarolina.sdo@gmail.com

Orientadora: Prof.ª. Dr.ª Tatiana Aneas (PPGCINE/UFS)

RESUMO:

A presente pesquisa propõe analisar a narrativa transmídia na série *13 Reasons Why* (2017), produção original Netflix, através dos seus paratextos. A obra norte-americana, adaptada do livro homônimo (2017) abordou o suicídio na adolescência e desencadeou a atenção sobre a temática na mídia com perspectivas distintas sobre as escolhas narrativas para tratar do fenômeno, gerando produtos desenvolvidos para orientar sobre a história tanto pelo *canon* (instância da produção institucional) quanto pelo *fandom* (instância da comunidade de fãs) da série. Neste recorte, o foco será a abordagem dos paratextos através dos conceitos definidos por Jason Mittell (2015), cuja ênfase nos estudos aborda a complexidade narrativa na televisão, em especial narrativas seriadas, e as possibilidades de criação desses conteúdos paratextuais em um espaço que demanda, cada vez mais, a compreensão tanto do universo diegético quanto não-diegético das obras audiovisuais. Com essa pesquisa, pretendemos contribuir para os estudos da narrativa transmídia e sua riqueza de abordagens científicas no campo da comunicação e áreas afins.

Palavras-chave: Narrativa Transmídia; Paratextos; Ficção Seriada; 13 Reasons Why.

ISBN: 978-85-7822-205-5

A SABEDORIA DE VIDA E O CARÁTER

Autor: Laiane de Almeida
Graduanda em Psicologia pela Universidade Federal de Sergipe
Bolsista: PIBIC/COPES
laiannea3@gmail.com

Orientador: Prof. PhD. Bruno Martins Machado (DPS/UFS)

RESUMO

O texto aqui apresentado é o resultado final de uma pesquisa em andamento, cujo objetivo geral é estudar a ética schopenhauriana a partir da doutrina das "*Triebfedern*". Schopenhauer, considerado um dos primeiros representantes da filosofia da vida, elabora sua teoria ética com duas faces, uma metafísica e outra prática. Esta última é produzida como uma eudemonologia eufemística. A partir da noção de sabedoria de vida, ele apresenta conselhos e máximas para conduzir a vida da maneira mais feliz possível. Para tanto, serve-se do imperativo délfico "Conhece a ti mesmo" - está em jogo conhecer os limites da própria individualidade por meio do caráter adquirido. Trata-se de uma metafísica imanente, na qual o homem, olhando para si mesmo, pensando sobre a vida, vê sua própria natureza e o significado do mundo, podendo então, por meio do autoconhecimento de sua condição, modificar o percurso pelo qual a vontade se manifesta. Tal seria a contribuição para o alívio dos sofrimentos do indivíduo face aos desígnios da vontade e a inalterabilidade do caráter.

Palavras-chave: Schopenhauer; eudemonologia; sabedoria de vida; ética.

ISBN: 978-85-7822-205-5

"O MAIOR PERIGO DO MUNDO": A "INDÚSTRIA" DO ANTICOMUNISMO SIMÃO DIAS- SE (1937-1946).

Autora: Pricila Neves dos Santos
Mestrando em História pela Universidade Federal de Sergipe.
pricilamicaella2010@gmail.com

Orientadora: Prof. Dra. Edna Maria Matos Antonio (PROHIS/UFS).

RESUMO:

O referido artigo tem como propósito analisar as manifestações de caráter político presente no jornal A Luta munícipio de Annapolis atual Simão Dias- SE (1937-1946), especificadamente no que se refere à questão da luta anticomunista, propalada pela marcha dos Camisas Verdes movimento esse que foi criado pela Ação Integralista Brasileira, com o objetivo de criar uma barreira sólida contra os comunistas. Declaravam-se, ainda, anticomunistas e contrários ao cosmopolitismo e aos regionalismos. O lema difundido – "Deus, Pátria e Família" – fazia alusão ao papel da família como base da organização social, indispensável à defesa dos valores e da moral cristã. Compreendendo a expansão do movimento e sua queda após a promulgação do Estado Novo. Então, pretende-se aqui entender dois momentos cruciais, o primeiro como Ditatorial com o golpe de estado por Getúlio Vargas e o segundo como Redemocratização do Brasil, este último quando as ideias da AIB são retomadas através do Partido de Representação Popular (PRP) criado por Plínio Salgado e a legalização do Partido Comunista do Brasil (PCB) tendo como líder Carlos Prestes.

Palavras-chave: Anticomunismo; Integralismo; Imprensa; Política.

ISBN: 978-85-7822-205-5

CONSTRUÇÃO SOCIAL DA FIGURA DO MONSTRO NOS FILMES "O LABIRINTO DO FAUNO" (2006) E "SETE MINUTOS DEPOIS DA MEIA-NOITE" (2016)

Autor: Rodrigo Matos da Silva Gonçalves
Graduando em Letras – Português e Inglês pela Universidade Federal de Sergipe
matossgrodrigo@gmail.com

Coautor: Mariana de Sousa Loureiro
Graduanda em Letras – Português e Inglês pela Universidade Federal de Sergipe
Marianaloureiro08@hotmail.com

Orientador: Prof. Me. Flávio Passos Santana (DLEV/UFS)

RESUMO:

Neste artigo propomos um estudo da construção social e literária da figura do monstro, com foco em dois filmes específicos – O Labirinto do Fauno (2006), de Guillermo del Toro, e Sete Minutos Depois da Meia-Noite (2016), de J. A. Bayona – que trazem criaturas atípicas em formato de monstros consolidados no imaginário popular, e que, como defendido por Haraway (2000), carregam consigo um significado maior do que se é visível. Além disso, levando em consideração as reflexões de Junior (2007), esses monstros estão associados à abordagem de temas políticos e psicológicos de alta relevância e reflexão para a sociedade, assim como para a memória coletiva. Desse modo, analisaremos a definição do monstro e os estereótipos que essas figuras carregam consigo desde o seu surgimento, quando sua representação era unicamente transgressora e marginal até os dias atuais que mostram tais figuras não mais a partir de um ponto de vista dual, mas sim de forma descontruída em que a divisão entre bem e mal já não se mostra tão presente e necessária. Como arcabouço teórico e metodológico nos respaldaremos em Jeha (2007), Quiroz (1991), Quinteiro (2006) e outros de igual relevância.

Palavras-chave: Monstro; Cinema; Construções sociais.

ISBN: 978-85-7822-205-5

A MORTE ESPETÁCULO: UMA HISTÓRIA CULTURAL DA MORTE EM SÃO CRISTÓVÃO/SE (1845-1855)

Autor: Willames de Santana Santos
Graduando em Hisória pela Universidade Federal de Sergipe
Willames1918@gmail.com

Orientador: Prof. Dr. Hippolyte Brice Sogbossi (DCS/UFS)

RESUMO:

A morte sempre se configurou um problema para o homem. Talvez, essa seja a maior distinção entre homem e animal, a consciência do fim. A partir da incompreensão da morte o homem criou ao longo dos séculos alegorias para lidar com ela. No Ocidente do século XVIII vigorava o estilo barroco de morrer. Entretanto, as práticas do morrer estavam por modificar-se. Em Sergipe, entretanto, os mortos coabitariam com os vivos por mais tempo. Em uma análise dos Relatórios de Presidente Província, notou-se que a classe política sergipana somente passou a preocupar-se com os sepultamentos a partir de 1845. Antes, nenhuma menção às inumações ocupavam os relatórios. Tampouco medidas legislativas para o afastamento. As aspirações ficariam apenas no papel por dez anos até concretizar-se. O cholera morbus havia chegado à província, deixou vítimas em todas as partes. As igrejas não comportavam tantos corpos. A mudança teve que acontecer. Daí em diante, os mortos estariam temporariamente afastados de dentro das igrejas. Anos depois, retornariam. Tanto pela resistência do povo em abandonar suas práticas, quanto pela falta de cemitérios. Assim, pretende-se analisar as representações da morte em São Cristóvão entre o período que inaugura os debates sobre a transição dos enterramentos das igrejas para cemitérios e, o limiar da decadência da morte espetáculo na província.

Palavras-chave: morte, religiosidade popular, São Cristóvão.

ISBN: 978-85-7822-205-5

GT 06

PALATALIZAÇÃO DO /S/ NA FALA DE UNIVERSITÁRIOS DA UFS/ITABAIANA

Autora: Cósmia Karine Vieira Borges
Graduanda em Letras Português pela Universidade Federal de Sergipe
Bolsista PIBIC (CNPq/UFS)
karinevieiraborges@hotmail.com

Orientadora: Prof. Ma. Josilene de Jesus Mendonça (PPGL/UFS)

RESUMO:

A realização do /S/ em coda é um fenômeno variável no português brasileiro, podendo ser realizado de forma palatal [ʃ, ʒ], alveolar [s, z] e glotal [h, ɦ], como também ser apagado [ø] em posição final de palavra. Objetivamos analisar a palatalização do /S/ na fala de universitários da UFS/Itabaiana, considerando fatores linguísticos e sociais. A partir dos pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística Variacionista (LABOV, 2008), realizamos 54 entrevistas sociolinguísticas com estudantes do *Campus* professor Alberto Carvalho, estratificados quanto ao sexo/gênero, ao deslocamento geográfico e ao período do curso. Os resultados evidenciam que a realização palatal na fala dos universitários é condicionada pelo contexto linguístico das oclusivas alveodentais [t, d]. Os resultados também mostram que o traço desvozeado, a posição medial de palavra, as sílabas tônicas e pretônicas, as palavras das classes gramaticais verbo e substantivo e o valor não morfêmico da coda favorecem a palatalização do /S/ na comunidade de prática UFS/Itabaiana.

Palavras-chave: Sociolinguística; Variação; Palatalização do /S/; UFS/Itabaiana.

ISBN: 978-85-7822-205-5

A MONOTONGAÇÃO DE DITONGOS DECRESCENTES NA FALA DE ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS

Autora: Damiana Karina Vieira Borges
Graduanda em Letras Português pela Universidade Federal de Sergipe
Bolsista PICVOL (UFS)
karina-britney22@hotmail.com
Orientadora: Profa. Ma. Andréia Silva Araujo (PPGL/UFS)

RESUMO:

O fenômeno da monotongação consiste na redução de ditongos - sejam estes decrescentes (touca – tôca), crescentes (árduo – árdu) ou nasais (passagem – passagi) - a apenas uma vogal. No presente trabalho, objetivamos analisar quais fatores linguísticos e sociais influenciam na redução de ditongos decrescentes na fala de universitários. Para tanto, à luz da Sociolinguística Variacionista (WEINRICH; LABOV; HERZOG, 2006; LABOV, 2008), realizamos 54 entrevistas com estudantes da Universidade Federal de Sergipe, *Campus* Prof. Carvalho - Itabaiana/SE. Os fatores controlados para a realização da análise foram: i) linguísticos – classe de palavra, contexto fonológico precedente, contexto fonológico posterior, extensão da palavra e tonicidade; e ii) sociais – sexo, deslocamento social e período do curso. Os fatores linguísticos que mais favoreceram a monotongação foram: classes de palavras - numerais, pronomes, verbos (o ditongo /ow/) e nos advérbios; contexto fonológico precedente, com exceção dos pontos de articulação alveolar e alveopalatal; contexto fonológico posterior, exceto os pontos de articulação alveodental e vogal; extensão da palavra, com a ressalva das polissílabas; e tonicidade - contexto tônico. No que concerne aos fatores sociais, em termos gerais, estes não se mostraram condicionantes. Dessa forma, podemos concluir que o fenômeno da monotongação de ditongos decrescentes na fala de universitários é frequente e, de forma geral, condicionado por fatores linguísticos.

Palavras-chave: Monotongação; Sociolinguística; Produção linguística.

ISBN: 978-85-7822-205-5

O ANTIPOMBALISMO DAS FAMÍLIAS NOBRES PORTUGUESAS: O CASO DOS TÁVORAS

Autora: Émmerly Karoline Nascimento Dantas Leite (PPGED/NEC-UFS)
Mestranda em Educação pela Universidade Federal de Sergipe
Bolsista CAPES
emmerlyk@hotmail.com

Co-autor: João Gabriel Souza Teles
Graduando em Português-Inglês pela Universidade Federal de Sergipe
Voluntário em Projeto de Iniciação Científica
jaoteles563@gmail.com

Orientador: Prof. Dr. Luiz Eduardo Meneses de Oliveira (DLES/UFS)

RESUMO:

O presente artigo visa tratar a respeito da aversão que existia por parte das famílias nobres portuguesas para com o então primeiro ministro de Portugal, Sebastião José de Carvalho e Melo, ou como ficou marcado na história, o Marquês de Pombal. Em razão de experiências anteriores, Pombal utilizou uma política severa e cruel com parcelas da sociedade portuguesa, em especial com os de "sangue azul", sendo os Távora a família de nobres mais atingida pelas arbitrariedades pombalinas. Em relatos trazidos pelo próprio Marquês para justificar suas sentenças, este afirmou que as tentativas de assassinato que o monarca D. José I outrora sofrera, em 1758, foram articuladas pelos Távoras em uma tentativa de tomar o poder. Em decorrência disso, a consequência foram a execução pública em Belém de alguns membros, entre eles, crianças e prisão de outros. Essa rixa entre Pombal e a nobreza foi alimentada durante todo o período do seu governo (1750- 1777), chegando ao fim quando a nova rainha, Maria I assume o trono e afasta Sebastião José de Carvalho e Melo das suas funções, restaurando o poder dos Távora como família nobre portuguesa. Utilizamos como aporte teórico da presente pesquisa Oliveira (2010, 2015) com vistas a identificar o antipombalismo presente no período joselino.

Palavras-chaves: antipombalismo, távoras, portugal, d. josé I.

ISBN: 978-85-7822-205-5

TECNOTRILHOS - JOGO HISTÓRICO DE TABULEIRO E TRILHOS AERODINÂMICOS

Autor: Julia Beatriz Silva Vicente Chaves
Graduanda em História pela Universidade Federal de Sergipe
Bolsista PIBITI/UFS/CINTTEC
juliab.chaves@outlook.com

Orientador: Prof.ª Dra. Janaina Cardoso de Mello (ProfHistória/DHI-UFS)

RESUMO:

O projeto, em fase inicial, objetiva aliar a relevância das ferrovias ao ensino da História sergipana e do patrimônio cultural urbano (SILVA, 1920; FRANÇA, 1999). Em questão, o trabalho envolve a necessidade de suprir a carência da educação histórica de Sergipe, de forma lúdica e criativa (CAINELLI, 2006), promovida a partir da percepção de uma relação intrínseca da desvalorização da malha ferroviária sergipana e do ensino da história. Através da criação e do desenvolvimento de um jogo de tabuleiro busca-se efetivar o ensino da história (CARÍSSIMI, 2017) a partir do conhecimento das ferrovias e da história dos bairros instigando a aprendizagem efetiva dessa área. A metodologia qualitativa proposta compreende capacitação tecnológica (Edutech 4.0), elaboração do tabuleiro (design e trilhos), pesquisa de dados em arquivos e hemerotecas, criação e alimentação do banco de dados com informações interativas via QR Codes, programação tecnológica (arduíno), aplicação do jogo de tabuleiro em escolas e, por fim, elaboração de relatório de solicitação de patente. Tendo em vista o processo, o projeto, sua produção e sua disseminação, pretende-se impulsionar socialmente um interesse didático pela História.

Palavras-chave: sergipana; malha-ferroviária; tabuleiro; história.

ISBN: 978-85-7822-205-5

HISTÓRIA & SMART CULTURAL TOUR - PESQUISAS SOBRE APP DO PATRIMÔNIO MUNDIAL

Autor: Luan Felipe Silva dos Santos
Graduando em História pela Universidade Federal de Sergipe
Bolsista PIBIC/CNPq
luan.lfss12@gmail.com

Orientadora: Prof.ª Dr.ª Janaina Cardoso de Mello (ProfHistória/DHI-UFS)

RESUMO:
O projeto visa os benefícios que os aplicativos turísticos, para *smartphone*, podem trazer para os visitantes na divulgação de notícias, pontos turísticos, serviços, cultura e história dos lugares. A cidade trabalhada neste projeto é São Cristóvão-SE, com grande valor simbólico no estado (ANDRADE, 2016). Como atrativos: a Praça São Francisco, reconhecida pela UNESCO como patrimônio mundial em 2010, mas também existem outros pontos, como a Igreja e Convento de São Francisco, o Museu de Arte Sacra, Museu Histórico de Sergipe, dentre outros (ABADIA; BARROCO, 2012). Levando-se em consideração a importância dos aplicativos turísticos, propõem-se metodologicamente as etapas: 1) Pesquisar, classificar e categorizar os apps turísticos para *smartphones* direcionados ao Patrimônio Mundial; 2) Entender como os apps turísticos para *smartphones* estão capacitando e encorajando os turistas no compartilhamento de informações sobre os roteiros culturais e seus efeitos sobre o Patrimônio Mundial e 3) Definir modelos operacionais para Destinos Turísticos Inteligentes (DTI) em sítios de Patrimônio Mundial brasileiros, em especial, São Cristóvão (DENKER, 1998; GRETZEL, 2011). Salienta-se as leituras: UNESCO World Heritage Centre. 2012. *Operational Guidelines for the Implementation of the World Heritage Convention*; UNESCO, ICCROM, ICOMOS and IUCN. 2010. *Managing Disaster Risks for World Heritage*. Paris: UNESCO World Heritage Centre. (*World Heritage Resource Manual*).

Palavras-chave: Patrimônio; Aplicativos Turísticos; São Cristóvão.

ISBN: 978-85-7822-205-5

ASPECTOS ARGUMENTATIVOS E PERSUASIVOS DEPREENDIDOS DE VÍDEOS DA YOUTUBER JOUT JOUT

Autor (a): Rejane Souza Santos
Graduanda em Letras Universidade Federal de Sergipe
Bolsista Voluntário (PIBIC)
rejsstos@hotmail.ccom

Coautor: Ednalva Bezerra da Silva Teixeira
Graduando em Letra-Português e Francês
Universidade Federal de Sergipe
Bolsista Voluntário (PIBIC)
ednalvabst@hotmalil.com

Orientadora: Prof.ª Dr.ª Isabel Cristina Michelan de Azevedo (DLEV/UFS)

RESUMO:

Este trabalho faz uma análise de dois vídeos de Julia Tolezano, jornalista, escritora e vlogueira, por ser considerada uma influenciadora digital, com imenso sucesso entre os jovens desde 2014, por meio do canal no Youtuber "Jout Jout Prazer" – que aborda diversas temáticas, como, por exemplo: amor próprio, relacionamento abusivo, entre outros, conseguindo atingir um número expressivo de seguidores dentro do universo interativo –, a fim de observar como as dimensões retóricas, interacionais e afetivas da argumentação se fazem presentes na comunicação compartilhada em espaço digital. Esta pesquisa documental (GIL, 2002) considera o dinamismo e a interatividade da youtuber como figura de comunhão e presença, segundo a Nova Retórica, e discute os efeitos provocados pelo uso de alguns recursos argumentativos na interpelação do auditório. Os resultados preliminares apontam que, de acordo com um viés multidimensional da argumentação (GRÁCIO, 2013; AZEVEDO e SANTOS, 2018), o discurso modifica crenças, convicções, pontos de vista e provoca a adesão de um amplo público por meio dos vídeos produzidos regularmente. Também foi possível observar que o orador explora variados elementos suprassegmentais e acionais para alcançar seus objetivos comunicacionais. Com esse estudo espera-se contribuir com o entendimento da articulação entre o perspectivismo e a argumentação no campo midiático e nos estudos da retórica.

Palavras-chaves: Perspectivismo; Retórica da imagem; Multimodalidade.

ISBN: 978-85-7822-205-5

SMART CULTURAL TOUR – APP GESTÃO DE TECNOLOGIAS E HISTÓRIA PARA A PRAÇA SÃO FRANCISCO (SE)

Autor: Romero Romulo da Silva Júnior
Graduando em História pela Universidade Federal de Sergipe (UFS)
Bolsista PIBIC/Copes-UFS
romerohist@hotmail.com

Orientadora: Prof. Dra. Janaina Cardoso de Mello (ProfHistória/DHI-UFS)

RESUMO:

O trabalho aborda a preservação da memória histórica e cultural em sítios de patrimônios culturais - em especial a Praça São Francisco, em São Cristóvão (SE), chancelada pela UNESCO - através da tecnologia. O advento de ferramentas tecnológicas - como aplicativos - possibilita a transmissão mais efetiva de conhecimentos entre os tempos, visto que a tecnologia atualiza a memória histórica no processo de preservação e comunicação com os sujeitos do presente (RODRIGUES, 2016). Estima-se o desenvolvimento e a disponibilização de um aplicativo com informações históricas capaz de estimular a população local à salvaguarda, à gestão compartilhada, despertando o sentimento de identificação, pertencimento com os bens culturais e também atrair e orientar os visitantes (UNESCO, 2011). Ampliando, assim, a competitividade turística da região. Objetiva-se ainda a democratização do conhecimento histórico da região por meio virtual, potencializando o turismo e o resguardo do patrimônio cultural. A metodologia do App compreende: a) preparação (noção do produto e da captação de dados para alimentação do *software*); b) incorporação (demandas dos usuários e arquitetura do *software*); c) desenvolvimento (criação do app na plataforma Unity Engine); d) testes (usabilidade – acesso, funcionamento de *plugins*, velocidade, quantidade de memória para download, inteligibilidade, interatividade, identificação e correção de erros); e) disponibilização (*download* em lojas virtuais e/ou acesso via *QR Codes*).

Palavras-chave: história; patrimônio cultural; tecnologia

ISBN: 978-85-7822-205-5

A PESQUISA-AÇÃO COMO MÉTODO DE PESQUISA DA LINGUÍSTICA – O CASO DO ISF-UFS

Sanmires Santos Souza
Graduando em Letras- Inglês pela Universidade Federal de Sergipe
Bolsista PIAEX (Proex - UFS)
sanmiressouza@gmail.com

Orientadora: Prof. Dr. Elaine Maria Santos (DLES/UFS)

RESUMO:

O presente trabalho tem por objetivo abordar a teoria da pesquisa-ação enquanto método de pesquisa da linguística no contexto do programa Idiomas sem Fronteiras (IsF), no Núcleo de Línguas – Inglês da Universidade Federal de Sergipe (UFS). A princípio, apresentaremos um breve histórico do programa IsF na UFS, destacando o desenvolvimento e contribuições do programa para a universidade. Em seguida, discorreremos sobre o panorama teórico da pesquisa-ação como método de construção de conhecimento, especialmente aplicado à área do ensino de línguas. Logo após, será feita uma breve explanação sobre o pós-método, concepção teórica defendida pelo teórico Kumaravadivelu (1994), que defende que o professor deve teorizar sobre a própria prática e praticar a própria teoria. Por fim, faremos um levantamento dos trabalhos publicados sobre o IsF focados na concepção do pós-método, a partir da perspectiva da pesquisa-ação, de modo que seja possível identificar os passos dessa metodologia nos trabalhos analisados. Espera-se, com esse artigo, demonstrar o modo pelo qual a pesquisa-ação deve ser vista como método de pesquisa legítimo, na conjuntura em que o programa IsF vem sendo desenvolvido na UFS.

Palavras-chave: Pesquisa-ação; Idiomas sem Fronteiras; Inglês.

ISBN: 978-85-7822-205-5

GT 07

ANÁLISE DE CURSOS ONLINE DESTINADOS AO ENSINO DE PORTUGUÊS COMO LÍNGUA ESTRANGEIRA/ADICIONAL

Autor: Ana Alba Nascimento Palmeira
Graduanda em Letras Português e Inglês pela Universidade Federal de Sergipe
aninhaalba6789@gmail.com

Coautor: Milena Barreto Lira
Graduanda em Letras Português e Inglês pela Universidade Federal de Sergipe
lira.milena72@gmail.com

Orientadora: Profa. Dra. Isabel Cristina Michelan de Azevedo (DLEV/UFS)

RESUMO:
Este trabalho discute a pesquisa de graduandas de Letras que participam do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica, com o objetivo de propiciar a análise comparativa dos planos de curso de duas escolas de idioma que oferecem o curso de português para estrangeiros, visando à delimitação de aspectos sociais e culturais. Ao partir dos estudos de Gottheim (2007), compreende-se a importância da inclusão de focos sociais e culturais (crenças e memórias) depreendidos dos materiais utilizados durante o processo de ensino-aprendizagem desse idioma. Ademais, esta comunicação tem por propósito verificar os conteúdos selecionados para um curso *online* de PLE/PLA, bem como os possíveis problemas de compreensão leitora e os relativos ao uso da língua na comunicação, a fim de obter dados que permitam entender o que está sendo destacado quando se pretende alinhar as práticas pedagógicas a temáticas sociais/culturais e ainda observar os pontos coincidentes encontrados em um curso presencial, localizado em Aracaju. Por meio de uma pesquisa documental (GIL,2002), de caráter qualitativo e viés interpretativista (ERICKSON, 1986), esperamos obter resultados que indiquem quais pontos relativos à formação social e histórica da população brasileira estão sendo privilegiados, o que permite identificar o perfil do ensino de PLE/PLA.

Palavras-chave: PLE/PLA; ensino de línguas; interculturalidade.

ISBN: 978-85-7822-205-5

IMPLEMENTAÇÃO DA BNCC NAS ESCOLAS DO MUNICÍPIO DE MACAMBIRA/SE

Autora: Jailma Cabral de Souza
Graduanda em Letras Português pela Universidade Federal de Sergipe
Bolsista PIBIC (COPES/UFS)
Souza-jailma@hotmail.com

Orientador: Prof. Dr. Paulo Sérgio Marchelli (DEDI/UFS)

RESUMO:

Esta pesquisa propõe analisar, observar e discutir sobre a implementação da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e o ensino de Língua Portuguesa no Ensino Fundamental em escolas do município de Macambira no Estado de Sergipe – São elas, a Escola Municipal Cecílio Eugênio Alves e o Colégio Estadual Marcolino Cruz Santos. Ademais, discutir no contexto das teorias educacionais e dos documentos oficiais, que dizem respeito ao objeto estudado. A BNCC é o documento oficial que rege a educação básica – na Educação Infantil, no Ensino Fundamental e Ensino médio, buscando diminuir as desigualdades através de um projeto que possibilitaria uma educação mais igualitária, no que se refere ao ensino. Durante a pesquisa, fizemos entrevistas em forma de questionários escritos, dos quais podemos observar que os professores e demais gestores ainda não estão tão habituados com o texto base e que as dificuldades em o utilizar são enormes, principalmente pelo fato de que os professores não participaram da produção do documento. Porém, todos os envolvidos estão esforçando-se para se adequarem à sua implementação e atenderem dentro do prazo estabelecido pelo Ministério da Educação (MEC) os objetivos a serem atingidos.

Palavras-chave: Educação; BNCC; Ensino; Língua Portuguesa.

ISBN: 978-85-7822-205-5

O PIBID NA PRÁTICA DOCENTE: UMA ABORDAGEM TRANSVERSAL

Autora: Jaqueline de Farias dos Santos
Graduanda em Letras – Português e Espanhol pela Universidade Federal de Sergipe
kynha.1108jfs@gmail.com

Coautora: Jessica Almeida dos Santos
Graduada em Letras – Espanhol pela Universidade Federal de Sergipe
codinome.almeida@gmail.com

Orientadora: Prof.ª. Dr.ª Joyce Palha Colaça (DLES/UFS)

RESUMO:

Este trabalho tem o objetivo de apresentar a oficina realizada no Programa Institucional de Iniciação à Docência (PIBID), no Colégio Estadual Professor Arício Fortes. A oficina foi aplicada no mês de janeiro de 2017, para a turma do 3º ANO B. Para sua produção, utilizamos documentos norteadores da educação como a Base Nacional Comum Curricular Orientações Curriculares do Ensino Médio (2006) e os Parâmetros Curriculares Nacionais (2000), seguindo fundamentos do patrono da educação, Paulo Freire (1987), de Paraquett (2009) e Baptista (2014), pensamos no tema "las vestimentas" e incorporamos a transversalidade do problema social da cultura do estupro. Com a aplicação da oficina, foi possível compreender como esse tema é presente no cotidiano dos alunos, a partir dos debates e participações dos estudantes notamos seu conhecimento sobre o tema e as questões referentes ao conteúdo abordado, e como essa cultura é tão frequente no meio em que eles vivem. Diante disso percebemos como foi fundamental a aplicação dessa oficina para desenvolver o posicionamento crítico dos alunos, pois conseguimos deixar claro que a culpa nunca é da vítima e que nenhuma vestimenta determina e\ou justifica a violência que milhares de mulheres passam todos os dias, apenas por nascerem mulheres. Por fim, podemos afirmar que o resultado não poderia ter sido melhor, pois possibilitou um ensino significativo que tem a língua como base, mas não com seu único fim.

Palavras-chave: Língua espanhola; vestimentas; cultura do estupro e educação problematizadora.

ISBN: 978-85-7822-205-5

O IMPACTO DAS DIFERENTES FORMAS DE ENSINAR NAS ESCOLAS PÚBLICAS DIANTE DO CONTEXTO SOCIAL E SUAS DIVERGÊNCIAS NO SÉCULO XXI.

Autor: Marcos Henrique de Oliveira Santos

Graduando em Letras Espanhol pela Universidade federal de Sergipe.

Rickoliver813@gmail.com.

Orientadora: Profa. Me. Lara Emanuella da Silva Oliveira (DLE/UFS).

RESUMO:

A presente pesquisa versa sobre as diferentes formas de ensinar diante do contexto social nas escolas públicas brasileiras e consigo descortinar uma abordagem à vista das divergências que comprometem de forma ativa na atualidade fazendo menções as teorias da área da psicologia. A pesquisa terá como ponto primordial o estudo das diferentes formas de interelações dos conteúdos educacionais, partindo para a crítica de teorias que se tornam presentes, mas que não contribuiu e não contribui ainda de forma completa na compreensão dos conteúdos fazendo assim, uma correlação com o exterior do discente levando em consideração as transformações sociais e que tangem essa assimilação factual. Em consequência disso, é questionável a universalidade da educação e os seus níveis de aperfeiçoamento do senso critico do alunado, pois segundo Piaget "O principal objetivo da educação é criar pessoas capazes de fazer coisas novas e não simplesmente repetir o que outras gerações fizeram". Primordialmente no governo de José Sarney em 1988, surgiram propostas educacionais que visavam uma amplitude e melhoria nas formas de ensinar, através da aprovação da Constituição Federal, ativando assim a redemocratização do Brasil. Entretanto, a prática educacional pouco sofreu alterações até hoje. Na qual é sustentada por um ensino behaviorista de Skinner, em que o ensino é moldado de acordo com estímulos e respostas, onde o aluno acaba tornando-se passivo e mecanicista do ensino.

Palavras-chaves: educação; formas de ensinar; impacto social.

ISBN: 978-85-7822-205-5

ENSINAR E INTERNACIONALIZAR: CONTRIBUIÇÕES DO PROGRAMA IDIOMAS SEM FRONTEIRAS

Autora: Nayla Raquel Santos Corrêa
Graduanda em Letras Português-Inglês pela Universidade Federal de Sergipe
Bolsista CNPq
raquelnayla9@gmail.com

Coautora: Juliana Santana Matos Santos
Graduanda em Letras Inglês pela Universidade Federal de Sergipe
Voluntária PIBIC/UFS
julianamatos1999@hotmail.com

Orientadora: Prof. Dra. Elaine Maria Santos (DLES/UFS)

RESUMO:

O programa Inglês sem Fronteiras foi instituído com a portaria nº 1.466 de 19 de dezembro de 2012, com o intuito inicial de auxiliar o Ciência sem Fronteiras na capacitação dos participantes que pleiteavam uma vaga nos programas de mobilidade acadêmica para países anglófonos. Assim sendo, as ações iniciais do IsF giravam em torno da aplicação do TOEFL ITP, por ser este um exame de proficiência aceito nas referidas instituições de ensino. Nos anos seguintes, o programa passou por algumas reformulações que acresceram nos seus objetivos, a citar a Portaria nº 30 de 28 de janeiro de 2016. Apenas após essa alteração, passou-se a falar sobre formação docente como um dos desígnios do IsF. Outrossim, dentre as principais metas do programa, destaca-se o desenvolvimento de políticas que fortaleçam a internacionalização no ensino superior. Diante do exposto, o presente artigo tem como objetivo analisar as portarias e demais documentos relacionados ao IsF, destacando os três principais pilares identificados nos objetivos das portarias do programa: desenvolvimento linguístico, formação de professores e internacionalização. Os achados da pesquisa nos permitem perceber que todas as ações do IsF estão regulamentadas nos documentos, e que as referências à internacionalização, pela quantidade e relevância, acabam por nortear os trabalhos feitos na área de ensino e de formação de professores.

Palavras-chaves: Idiomas sem Fronteiras, Internacionalização, Formação de Professores, Desenvolvimento linguístico.

ISBN: 978-85-7822-205-5

IDENTIDADE E PERTENCIMENTO NAS FALAS DE ESTUDANTES EGRESSOS DO COLÉGIO DE APLICAÇÃO

Autor: Rafaela Cravo de Melo
Graduanda em História pela Universidade Federal
Bolsista PIBIC (CNPq/UFS)
rafaelacravomelo@gmail.com

Orientador: Prof. Dr Joaquim Tavares da Conceição
(CODAP/PPGED/PROFHISTÓRIA/UFS)

RESUMO:

Esta pesquisa teve como objetivo o desenvolvimento de atividades investigativas para a produção, organização e análises preliminares, de um conjunto de relatos orais a respeito do Colégio de Aplicação através da narrativa de estudantes egressos que fizeram parte da história do colégio, no período de 1960 a 1995. O material coletado integra o repositório de documentação audiovisual do Centro de Pesquisa Documentação e Memória do Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Sergipe (Cemdap). Foi utilizada a metodologia da "história oral instrumental" (MEIHY, 2011) para a coleta de relatos orais de estudantes egressos do Colégio de Aplicação. As "memórias" foram coletadas através da técnica da entrevista dirigida com a utilização de um roteiro, confeccionado a partir das evidências históricas preliminarmente encontradas em documentos escritos ou em relatos orais anteriores. Os levantamentos ocorreram com estudantes egressos do Colégio de Aplicação no período de 1959, ano da fundação do Ginásio de Aplicação da Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe, até o ano de 1996, quando ocorreu a transferência e funcionamento do colégio para a Cidade Universitária Prof. José Aloísio de Campos (São Cristóvão-SE). A pesquisa resultou na produção de 27 gravações de entrevistas, em formato audiovisual, resultando em um material valioso para a preservação da memória institucional, a ampliação da documentação do Cemdap e fontes para o desenvolvimento de diferentes investigações.

Palavra-chave: colégio de aplicação; estudantes egressos; fontes orais; memórias.

ISBN: 978-85-7822-205-5

FUTEBOL, CLASSE E IDENTIDADE: A FORMAÇÃO DA PRIMEIRA EQUIPE DE FUTEBOL DA ASSOCIAÇÃO DESPORTIVA CONFIANÇA (1949-1951).

Sakay de Brito Santos
Mestrando em História (PROHIS-UFS)
kasaytribo@hotmail.com

Orientador: Profº Drº Petrônio Domingues (PROHIS-UFS)

RESUMO:

Devemos entender o futebol sergipano como um importante elemento na configuração social e que, portanto, deve ser objeto de uma análise histórica, sociológica, e, sobretudo interdisciplinar, que possibilite compreender o seu nível de interferência e seu percentual de contribuição na alteração do plano das relações sociais em Sergipe. Examinando esse processo a partir do caso da formação da equipe da A. D. Confiança em 1949, podemos perceber como o incipiente curso de urbanização e industrialização pode nos revelar que fatores como o seu início elitista, a disposição clubística, a organização político-administrativa que regulava o Campeonato Oficial e o surgimento dos times de fábrica resultaram numa massiva popularização do futebol no seio das camadas populares promovendo o contato direto entre as mais diversas camadas sociais de maneira aberta e direta representando uma importante ferramenta de inserção social e signo das diferenças sociais e da luta de classes na configuração do espaço urbano que se encontrava a partir daí, espacialmente demarcada também pelos seus clubes de futebol, que condensavam e recriavam as suas conotações ideológicas ligadas aos bairros e às comunidades ao qual pertenciam, além de trazer ao conhecimento público a memória de personagens marcantes na ascensão da AD Confiança, o grêmio proletário, como representante legítimo da identidade do povo marginalizado e da classe trabalhadora dando um novo sentido à lógica do esporte bretão em nossas canchas.

Palavras-chave: futebol; identidade; industrialização.

ISBN: 978-85-7822-205-5

GT 08

COTIDIANO RIBEIRINHO E TENSÕES NOS MODOS DE VIDA DO BAIXO SÃO FRANCISCO

Autora: Ana Beatriz Vilar Lessa
Graduanda em Psicologia pela Universidade Federal de Sergipe
Bolsista PIBIC (COPES)
biavlessa@hotmail.com

Orientador: Prof. Dr. Marcelo de Almeida Ferreri (DPS/UFS)

RESUMO:

O presente estudo buscou caracterizar o cotidiano dos ribeirinhos do Baixo São Francisco, além de analisar aspectos das tensões dos modos de vida na região, com base a concepção de cotidiano de Michel de Certeau. Trata-se de uma pesquisa documental, cujo material utilizado foi resultado da confecção de um parecer de impacto socioambiental por encomenda do poder judiciário. Para este estudo foram utilizados partes do laudo e registros dos diários de campo da equipe pericial. O aporte metodológico tem inspiração no entendimento foucaultiano de *documento monumento*. Após a separação dos documentos, formaram-se duas categorias de análise: moradias e trabalho. Na primeira, partindo do acontecimento da desocupação de casas do programa Minha Casa Minha Vida, foi observado de quais maneiras os moradores criaram outras formas de uso do espaço, em especial com a construção de casas de palha. Referente ao trabalho ficou visível como existe uma ineficácia da aplicação dos programas assistencialistas, que deveriam auxiliar na produção; como consequência pode-se perceber os ribeirinhos modificando seus cotidianos e engendrando novos funcionamentos em seus modos de produção.

Palavras-chave: Baixo São Francisco; Cotidiano; Desenvolvimentismo.

ISBN: 978-85-7822-205-5

A FANTASIA NA PRODUÇÃO DO SINTOMA: UMA RESISTÊNCIA DO CONTEÚDO, UM DESAFIO PARA MEMÓRIA.

Autora: Bárbara Santos Andrade
Graduanda em Psicologia pela Universidade Federak de Sergipe
Bolsista COPES (UFS)
Barbara.psicoufs@gmail.com

Orientador: Prof. Dr. Daniel Menezes Coelho (DPS/UFS)

RESUMO:

Os sintomas não possuem ligação apenas com fatos reais, podem ser produtos de fantasias impregnadas de desejos. Tal formulação realizada por Freud em 1925 era produto de um desafio que se colocou para Psicanálise durante a construção da sua teoria. Enquanto na clínica da histeria se considerava que os histéricos sofriam de reminiscências (FREUD, 1905), a questão das lembranças e dos esquecimentos esbarrava nas produções de fantasias que se mostravam participando da formação dos sintomas. Tal descoberta complexificava a teoria da memória proposta por Freud no Projeto para uma Psicologia Científica de 1895. O presente trabalho investiga o papel da fantasia na formação do sintoma que permite um retorno/distorção de uma lembrança, ao mesmo tempo em que a se configura como uma proteção a uma experiência desprozerosa. Tais compreensões conferidas às fantasias contribuem para uma prática clínica que esteja atenta aos aspectos da subjetividade na produção dos seus sintomas, entendendo-os como um trabalho de elaboração psíquica.

Palavras-chave: Freud; sintoma; fantasia; memória .

ISBN: 978-85-7822-205-5

NEGRO FUGIU, CABOCLO PEGOU: UM OLHAR HISTORICO SOBRE O INDÍGENA ATRAVÉS DA FESTA DO LAMBE-SUJO X CABOCLINHOS

Autor: Bernardo Ferraz Pinheiro
Graduando em História Licenciatura pela Universidade Federal de Alagoas
Bolsista do Núcleo de Museologia do Museu Théo Brandão de Antropologia e Folclore
Berafp@gmail.com

Orientador: Prof.ª Dra. Janaina Cardoso de Mello (ProfHistória/DHI/UFS)

RESUMO:

O presente trabalho, ainda preliminar, surgiu através da vivencia enquanto brincante da festa Lambe-sujo X Caboclinhos, evento tradicional no calendário cultural do município de Laranjeiras no estado de Sergipe, que segundo as fontes remete a segunda metade do século XIX. Trata-se de uma teatralização onde um grupo de negros fugitivos (lambe-sujos) enfrentam indígenas (caboclinhos) encarregados de capturá-los, tendo como desfecho a derrota dos negros e a destruição do mocambo. Mesmo derrotados os lambe-sujo estão presentes em detalhes na memória coletiva, já os caboclos apenas lembrados como ferramentas dos senhores brancos. Thompson (1998) aponta que a cultura e seus reflexos estão baseados nas experiencias humanas, dinâmicas sociais, valores, crenças e costumes; em suma, ressalta que as experiencias vividas pelos grupos sociais dentro de um processo histórico resultem em reflexos culturais, associado a este aspecto teórico metodológico, Almeida (2010) defende formas alternativas de resistência e participação ativa dos indígenas em negociações com agentes do estado. O trabalho tem objetivo de apresentar o indígena enquanto sujeito histórico e debater o processo de construção dessa memória coletiva que os silenciou. Sua relevância consiste no olhar diferenciado sobre esta festa tradicional, utilizando sua popularidade para sensibilizar sobre a questão indígena.

Palavras-chave: Cultura Popular, História indígena, memoria.

ISBN: 978-85-7822-205-5

GRAMÁTICA NORMATIVA E SEMÂNTICA COGNITIVA: UMA REFLEXÃO NOS DESAFIOS DA ESCOLA PÚBLICA FRENTE AS PRODUÇÕES DE CRÔNICAS PARA OLIMPÍADA DE LÍNGUA PORTUGUESA – OLP/2019

Autor: Daniel da Rocha Silva
Aluno especial do Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL), Universidade Federal de Sergipe. UFS. danieldarochasilva@gmail.com

Orientadora: Ma. Stael Moura da Paixão Ferreira (UFMS/CPAN)

RESUMO

Este trabalho objetiva analisar as inadequações gramaticais frente à semântica textual, tendo como foco algumas produções de alunos do Ensino Fundamental. Para tal, temos como *corpus*, crônicas desenvolvidas para a Olimpíada de Língua Portuguesa (2019) pelos alunos dos oitavos anos (A, B, C) da Unidade Municipal de Ensino Bráulio Cavalcante, localizada em Pão de Açúcar – Alagoas. Tal pesquisa se justifica por considerarmos que inadequações gramaticais em produções de escolas públicas sempre despertaram discussões, outrora, e ainda hoje, são intermináveis. A metodologia consiste em uma pesquisa qualitativa, de caráter descritivo, haja vista que discorre argumentativamente acerca do objeto de estudo. Para análise e reflexão deste trabalho, adotamos como base teórica vários autores envolvidos com teorias de estudos linguísticos e da crônica, tais como Possenti (1996), Bechara (1967), Ribeiro (2016), Marcuschi (2008), Antunes (2009), Cândido (1992), entre outros. Por fim, consideramos que a gramática normativa encontra-se distante dos textos de grande parte dos alunos da escola pública, o que gera inquietação frente às práticas de leitura desenvolvidas em instituições de ensino público.

Palavras-chave: Semântica Textual; Gramática Normativa; Ensino Público; Práticas de Leitura.

ISBN: 978-85-7822-205-5

ANOMIA, DESENVOLVIMENTO E RACISMO

Autor: Gustavo Figueiredo Passos
Graduando em Psicologia pela Universidade Federal de Sergipe
Bolsista COPES (UFS)
gustavo.figueiredo12@outlook.com

Orientadora: Prof.ª Dr.ª Dalila Xavier de França (DPS/UFS)

RESUMO:

A pesquisa objetivou analisar a anomia social e seu impacto sobre o racismo em crianças e jovens através de dados obtidos por uma pesquisa empírica realizada com 126 estudantes de escolas públicas de cidades do estado de Sergipe. Buscou-se também discutir maneiras para diminuir os impactos cognitivos sobre aqueles que sofrem das consequências destes fenômenos. Utilizou-se a Escala de racismo sutil de Petegrew e Meertens adaptado para o português por Lima e Vala (2002) para medição do racismo e a escala de Percepção de Anomia de Teymoori & colaboradores (2016) para mensurar a anomia. Os resultados indicaram presença de anomia (p=.000) e de racismo (p= .000) na amostra. Houve também uma relação significativa entre o racismo e a escolaridade (p= .05), de modo que a medida que a escolaridade aumentava aquele também crescia. Referente às análises do impacto da anomia sobre racismo, não foi encontrada relação de significância entre estes (p= .059). Todavia, encontrou-se consequências negativas semelhantes sofridas por vítimas destes fenômenos, evidenciado a importância de pesquisas sobre o tema.

Palavras-chave: anomia; desenvolvimento e racismo.

ISBN: 978-85-7822-205-5

TENSÕES NOS MODOS DE VIDA DO BAIXO SÃO FRANCISCO E DISPÊNDIO

Autora: Luiza Silva Cabral
Graduanda em Psicologia pela Universidade Federal de Sergipe
luiza.silva.cabral@gmail.com

Orientador: Prof. Dr. Marcelo de Almeida Ferreri (DPS/UFS)

RESUMO:

Por assumir posição considerada estratégica para os colonizadores, no século XVI, e para o Estado, até hoje, o Rio São Francisco foi, e é, cenário de conflitos, estratégias econômicas e de exploração, o que acarreta uma série de tensões no cotidiano dos ribeirinhos que merecem um olhar mais cuidadoso. A presente pesquisa tem como objetivos realizar uma análise de tensões do desenvolvimentismo nos modos de vida do baixo são Francisco a partir da noção de dispêndio de Georges Bataille, além de trabalhar em uma caracterização dos modos de vida na região do baixo São Francisco, e assim, discutir acerca das contribuições da noção de dispêndio no âmbito da análise social e da psicologia social. Inspirado por Michel Foucault, o método da análise documental será o utilizado para manusear fotos de placas de obras capturadas ao longo da perícia socioambiental dos processos 0002809-27.2002.4.05.8500 e 0000420-35.2003.4.05.8500 da Segunda Vara da Justiça Federal de Sergipe, litigados pelos ribeirinhos e pescadores da região, contra a Companhia Hidrelétrica do São Francisco (CHESF), cujo acervo documental encontra-se armazenado na sala do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Exclusão, Cidadania e Direitos Humanos (GEPEC). Conforme o que foi trabalhado ao longo da pesquisa, é possível caracterizar, por meio das placas e da noção de dispêndio, de forma que se distancia da genérica, as tensões do cotidiano no Baixo São Francisco.

Palavras-chave: Baixo São Francisco; Cotidiano; Desenvolvimentismo; Dispêndio.

ISBN: 978-85-7822-205-5

A ARTE DE FRIDA KAHLO E O ENSINO DE HISTÓRIA

Autora: Mirela Souza Silva
Graduanda em História pela Universidade Federal de Sergipe
Bolsista PET (MEC/FNDE).
mirella.souza2093@gmail.com

Orientador: Prof. Dr. Luís Eduardo Pina Lima (DHI/UFS)

RESUMO:

O presente trabalho visa analisar as obras de arte da importante pintora do século XX Frida Kahlo (1907-1954) e pretende destacar através de suas pinturas, seu posicionamento político, ideologias e a cultura nativa mexicana, compreendendo de maneira particular a América latina e sua subjetividade. A documentação analisada é de origem primária e está intimamente ligada ao campo da História da Arte mexicana, no tocante à sua arte, espera colaborar de modo considerável para uma melhoria no que diz respeito ao ensino de História. As obras da referida artista plástica são compreendidas de maneira singular, por meio delas é possível perceber várias particularidades, se fazendo necessária para o ensino de História da Cultura mexicana. É pertinente afirmar que o ensino de História da América Latina se dá através da arte de Frida Kahlo, e que procura adaptar o conteúdo proposto ao campo da educação, relacionando vários aspectos importantes com a difusão do conhecimento, contribuindo de maneira considerável para uma metodologia em que a arte explicará a História.

Palavras-chave: Frida Kahlo, cultura mexicana, História da América Latina e ensino de História.

ARTIGOS

ISBN: 978-85-7822-205-5

GT 01

PRAÇA FAUSTO CARDOSO, ARACAJU-SE: USOS DA MEMÓRIA E DO PATRIMÔNIO EM VÍDEO

Autor: Alexandre Firmo dos Santos
Graduando em História pela Universidade Federal de Sergipe
E-mail: alezinho_1998@Outlook.com

Coautor: João Pedro Costa Silveira
Graduando em História pela Universidade Federal de Sergipe
E-mail: joaopwx2@gmail.com

Orientação: Prof.ª Dra. Janaina Cardoso de Mello (DHI/UFS)

Introdução

Quão importante é termos conhecimento sobre o patrimônio, ainda mais quando este, um dia, fora palco de acontecimentos memoráveis. Saber o quanto ele é significativo e que necessita da atenção não apenas do poder público, mas também dos agentes que mantêm viva a memória coletiva sob aquele objeto patrimonial, tornando-o pertencente à história de um povo ou até mesmo de uma nação é, sobretudo, conservar a historicidade dele para outras gerações que estão por vir.

Tudo isso constitui o uso da memória sobre o patrimônio cultural uma vez que ambas estão intrinsicamente ligadas como se fossem uma coisa só. Aliás, essa unicidade torna-se perceptível se e somente se estes agentes – responsáveis pela conservação memorialística – fizerem bom uso dela. Desse modo, agregará uma valorização do patrimônio que, por conseguinte criará um sentimento de pertencimento do indivíduo à memória coletiva.

Através da observância destas informações iniciais será abordado neste trabalho o uso da memória local como fator contribuinte à História de Aracaju e entender como a Praça Fausto Cardoso, detentora de um riquíssimo compêndio informacional, está alinhavada com o espaço

ISBN: 978-85-7822-205-5

urbano. Portanto, discorrerei a partir dos informes obtidos, das análises e coletas feitas em uma etnografia de percurso.

Panorama Histórico: 'lugar de memória'

Os espaços urbanos por vezes, tornam-se palco de embates políticos ou um excelente cenário para manifestações culturais que geralmente envolvem um grupo de indivíduos que contribuem, direta ou indiretamente, na construção da memória coletiva. E essa construção é feita aos poucos, ou seja, com o passar dos anos diversos acontecimentos podem surgir ali naquele espaço e ficarem marcados não só fisicamente, mas também no mais íntimo daqueles que os presenciarem. Porquanto, essas ocorrências muitas vezes são retomadas à consciência como se fosse uma busca de algo significativo que precisa ser mantido 'aceso' ali na memória dessas pessoas.

De acordo com a declaração de Pierre Nora (1993, p. 9)

> "A memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, suscetível de longas latências e de repentinas revitalizações. [...] é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente; [...] a memória não se acomoda a detalhes que a confortam; ela se alimenta de lembranças vagas, telescópicas, globais ou flutuantes, particulares ou simbólicas, sensível a todas as transferências, cenas, censura ou projeções."

No entanto, estes grupos surgem como verdadeiros guardiões do que o tempo tenta suprimir das suas mentes, além de ter que enfrentarem um constante conflito entre lembranças e esquecimentos em que prevalecerá aquele que for mais nutrido. Sendo assim, a memória pode estar entrelaçada com o espaço urbano de tal maneira que serão tidos como complementares, pois quando se lida com um lugar com o qual as pessoas se identificam logo será perceptível a representatividade que ele terá sobre elas.

Nestes lugares estão incutidas as simbologias e as representações obtidas através de um processamento para manter viva a história de uma nação que pode ser contada mediante a reminiscência dos fatos. A propósito, quando se trata de conservar a historicidade não é apenas vivificar as boas lembranças ou os bons acontecimentos, mas também é lidar com o que pode ser considerado como algo ruim e a partir daí entender que esta dualidade é constituinte das ocorrências memoráveis.

ISBN: 978-85-7822-205-5

E foi pensando nessa linha de raciocínio que o nosso objeto de estudo – a Praça Fausto Cardoso – seguiu o viés desse dualismo existente em um 'lugar de memória', porque ela é um símbolo da história de Aracaju, isso levando-se em consideração os fatos históricos transcorridos nesse espaço urbano, pois ali se encontra parte de um passado que marcou a vida política e cultural dos sergipanos. Portanto, não é atoa que a Praça Fausto Cardoso é um patrimônio histórico ou ainda, pode ser denominada como um 'lugar de memória'.

Conforme define Pierre Nora, os lugares de memória

> "São lugares, com efeito nos três sentidos da palavra, material, simbólico e funcional, simultaneamente, somente em graus diversos. Mesmo um lugar de aparência puramente material, como um depósito de arquivos, só é lugar de memória se a imaginação o investe de uma aura simbólica." (1993, p. 21).

No que se refere ao sentido funcional do conceito de lugar de memória, a Praça Fausto Cardoso fora o cenário de muitos acontecimentos históricos que marcaram época e permanecem cravados na memória do povo sergipano que faz bom uso dela quando buscam relembrá-los, pois quando alguém tenta rememorar algo é porque determinado evento foi importante para si, essa mesma ideia aplica-se de igual modo a um grupo de pessoas, no qual estes se tornam identificados com esse local. A Praça Fausto Cardoso que muito antes de receber este nome já tivera outros como, por exemplo, 'Praça do Imperador', ela foi fundada em 1857 – dois anos após o surgimento de Aracaju – possuindo portanto, um teor histórico enorme. Vale salientar que a Praça foi o local onde colocou-se os primeiros pinos de demarcação para que fosse construído o centro urbano de Aracaju.

Esse espaço público abrigou o Ministério Público Estadual até 1984, a Assembleia Legislativa e o Tribunal de Justiça de Sergipe – conferindo-lhe até certo tempo a nomenclatura de 'Praça dos Três Poderes'. Hoje, a praça tem o nome de uma das mais ilustres personalidades sergipanas de que se tem conhecimento: Fausto Cardoso.

A Praça Fausto Cardoso compôs o enredo de inúmeros comícios políticos destaque para os de Jorge Amado (1946) e Augusto Maynard (1947). Não se pode deixar de lado a fatídica 'Tragédia de Sergipe' – ocorrida em 1906 –, e o linchamento de Lídio da Paixão em virtude do suicídio de Getúlio Vargas, como também fora palco de movimentos reivindicatórios como foi o Diretas Já. Mas esse patrimônio histórico não viveu apenas de fatos políticos, tem-se também acontecimentos culturais – carnavais, desfiles cívicos e até pouco tempo atrás cedeu espaço ao lançamento do Forró Caju. Enfim, um espaço como esse repleto de nuances memorialísticas

ISBN: 978-85-7822-205-5

não pode ser desconsiderado, porquanto possui um arsenal de informações vastíssimo no qual precisa se ter a sensibilidade e a destreza com aquilo que compõe a nossa história.

"Verdadeiro Patrimônio Histórico"

A Praça Fausto Cardoso foi reduto de muitos eventos marcantes sejam eles festivos ou de lutas por direitos, e isso fez com que a mesma garantisse o seu valor cultural e histórico para Aracaju. Desse modo, ela foi reconhecida pelo Conselho Estadual de Cultura, tonando-se assim um importantíssimo Patrimônio Histórico que deve ser lembrado e cuidado para que as próximas gerações possam também identificar-se e usufruírem desse bem material já que a praça é algo utilizado pelo coletivo, contudo, para Funari e Pelegrini a coletividade vai muito além do seu sentido trivial, pois segundo eles:

> "A coletividade não é uma simples soma de indivíduos, assim como o todo não é uma mera junção das partes, como afirmou a 2.500 anos, o filósofo grego Platão. [...] As coletividades são constituídas por grupos diversos, em constante mutação, com interesses distintos e, não raro, conflitantes. Uma mesma pessoa pode pertencer a diversos grupos e, no decorrer do tempo, mudar para outros. Passamos, assim, por grupos de faixa etária: Crianças, adolescentes, adultos, idosos. Passamos ainda de estudantes a profissionais, e, em seguida, a aposentados. São portanto inúmeras as coletividades que convivem em constante interação e mudança." (FUNARI E PELEGRINI, 2006, p. 9-10).

Dando ênfase sobre os interesses distintos que estes indivíduos possuem vale ressaltar a dificuldade em cuidar dos bens históricos e culturais, pois com a multiplicidade de opiniões produzidas gera-se uma disputa entre os mesmos, objetivando o atendimento aos seus anseios que, por vezes são desejos egoístas nos quais buscam qualquer outra coisa, menos preservar o patrimônio. No entanto, os patrimônios são "vitimas", no sentindo de que há ausência de cuidados, do descaso e do descuido mesmo que instituições como, por exemplo, o IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) tentem os salvaguardarem nem sempre é o suficiente. Sendo assim, estas adversidades enfrentadas é resultado da falta de uma educação patrimonial direcionada à população, visto que as pessoas devem ter consciência de quão valioso é um patrimônio histórico (LIMA, 2015) – ainda mais se ele for um símbolo de um povo ou de uma nação – e que possam deter os devidos cuidados ao usá-los, já que os patrimônios além de sofrerem com as ações antrópicas sofrem também com as degradações no transcorrer do tempo.

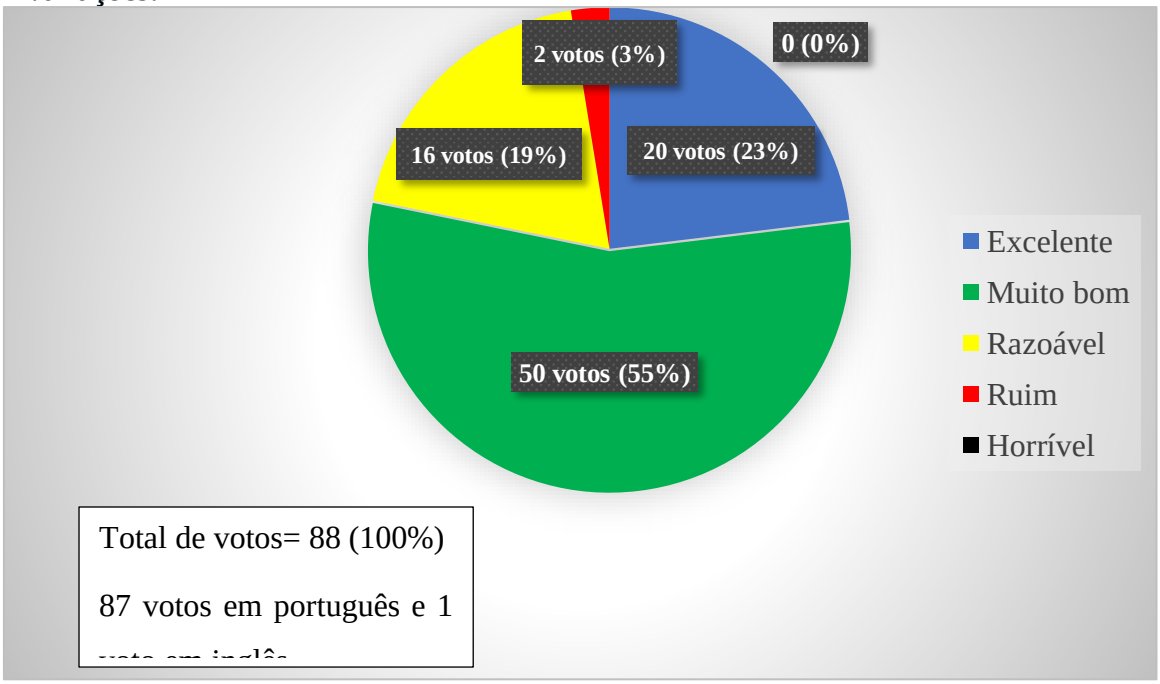
ISBN: 978-85-7822-205-5

De acordo com Paulo Funari e Sandra Pelegrini,

> "Por certo, essas dificuldades implicam ações pontuais, muitas vezes restritas à promulgação de leis e decretos específicos, (...) todavia, não podemos ignorar que tais obstáculos, justificados pelos entraves financeiros (...), dissimulam escolhas expressas em projetos políticos historicamente construídos, nos quais se explicita os bens dignos de perenidade e àqueles condenados à destruição." (2006, p.57).

Logo abaixo se encontra uma tabela com os dados mais recentes sobre as avaliações feitas à Praça Fausto Cardoso por turistas que ao visitar Aracaju passaram por ali, por diversas ocasiões seja uma viagem familiar, a sós, romântica, a negócios e com os amigos.

Avaliações:



Foi pensando nessas problemáticas que a Prefeitura de Aracaju decidiu fazer algumas reformas na Praça Fausto Cardoso, a última delas fora realizada no ano de 2016, o intuito era bem evidente: preservar esse marco histórico e arquitetônico da capital sergipana. Por abrigar um conjunto de bens tombados pelo Patrimônio Histórico essa reforma não poderia ser executada de qualquer forma, isso porque era necessário atentar-se aos outros componentes que existem

ISBN: 978-85-7822-205-5

nessa praça – as várias estátuas, o monumento em homenagem a Fausto Cardoso, os coretos, etc.

Patrimônio e Espaço Urbano

A relação que há entre patrimônio e espaço urbano se dá através do conhecimento das pessoas que por se identificarem com estes dois elementos criam vínculos afetivos, tornando-se especiais com o passar do tempo. "Mas também podemos ter sido induzidos, educados e ensinados a identificar lugares de uma cidade, partilhando das mesmas referências de sentido, em um processo de vivência do imaginário urbano coletivo" (PESAVENTO, 2008, p. 4), tendo em vista que o uso do espaço público onde os indivíduos constroem a partir do imaginário coletivo uma identidade.

Já fora mencionada neste trabalho a informação de que a Praça Fausto Cardoso foi o ponto de partida para a construção do centro urbano de Aracaju, mas não custa nada retoma-la para compreendermos quão expressiva ela é para a história de Sergipe. Levando-se em consideração que a relação entre patrimônio e espaço urbano é obtida mediante o conhecimento, pois quando somos instruídos para tal estamos contribuindo com a construção desta identificação e também usando-os não de uma maneira qualquer, mas sim um uso social.

Conforme Sandra Pesavento a centralidade urbana,

> "(...) parte de uma referência espacial, ou seja, geográfica e de dimensão física: o centro é o núcleo original, o ponto de partida nodal e uma aglomeração urbana. O centro é, pois, o marco zero de uma cidade, o local onde tudo começou, o seu núcleo de origem. Assim sendo, o centro é um espaço privilegiado no tempo." (2008, p. 4).

Visto isso, pode-se inferir que os espaços urbanos não são unicamente lugares do transladar humano, antes eles são parte constituinte da história local. A propósito, o imaginário coletivo ganha um papel importante no que se refere a vivificação do patrimônio histórico que muitas vezes se encontra localizado em espaços públicos, portanto os usos sociais dele poderão ser direcionados às remodelações das estruturas arquitetônicas – porque nem tudo que fora construído poderá ter uma valoração permanente – , isso ocorre por conta de que, por exemplo, os padrões são modificados com o passar do tempo sendo este um dos riscos oriundos de uma utilidade irrefletida.

Segundo Sandra Pesavento,

ISBN: 978-85-7822-205-5

> "(...) os centros urbanos sofrem os desgastes físicos inerentes à passagem do tempo e ao uso social de tais espaços; sofrem ainda alterações de uso, que modificam, apagam ou destroem a função original dos mesmos; e, por último, a centralidade pode ser acometida de uma perda de significado e de memória, sofrendo pelo esquecimento e pela falta de sentido histórico, que foi perdido através das gerações." (2008, p. 5).

Considerações Finais

A Praça Fausto Cardoso sim, ela é um lugar de memória porque abriga o cerne da história de Aracaju e está repleta de significados acumulados ao longo do tempo. Por conseguinte, estabelece-se um embate entre lembranças e esquecimentos tornando-a em uma 'batalha' campal articulada pelos múltiplos interesses envolvidos que de quando em quando confundem-se. Deste modo, esses interesses podem ser políticos, culturais, sociais, etc; o mais aceito ou compactuado se sobressairá.

É inexorável a materialização da memória em um espaço físico, conquanto isso se torna possível quando os grupos estão engajados em tal propósito. Não há como constituir uma memória coletiva sem que os indivíduos estejam dispersos para com o patrimônio histórico que o permeia, sendo que dessa forma não existirá vínculo algum. Daí a importância da educação patrimonial para as pessoas, fazendo com que elas valorizem este bem material e sintam-se representadas por ele.

É de bom alvitre que todos entendam que o espaço urbano não pode ser tratado com desdém, ainda mais quando este comporta um objeto patrimonial o qual deve-se redobrar a atenção para que nenhum impasse ou ação impensada corrobore com o descaso. Cabe aqui, reiterar a ideia de centralidade que a Praça Fausto Cardoso detém e que dela se iniciou a urbanização de Aracaju, engrandecendo sua magnífica história.

Portanto, percebe-se a notoriedade da Praça Fausto Cardoso não somente como um espaço público, mas também enquanto Patrimônio Histórico – um dentre vários símbolos da sergipanidade – porquanto, merece todo nosso zelo e rememoração dos tempos pretéritos que tanto nos alegra. E que nesse propósito possamos sempre presentificar o que se encontra na memória coletiva dos aracajuanos.

Referências Bibliográficas:

ISBN: 978-85-7822-205-5

FUNARI, P. P.; PELEGRINI, S. C. A. **Patrimônio Histórico e Cultural**. 2°. ed. Rio de Janeiro, Editora: Zahar, 2009.

LIMA, Edilio José Soares. **Lugares da memória: Potencialidades do Patrimônio material da cidade de Aracaju (SE) para a educação patrimonia**l. In: Simpósio Nacional de História, 28, Florianópolis. 2015. Anais eletrônicos... Florianópolis, ANPUH, jul., 2015 28, Florianópolis, jul., 2015. (Disponível em: < http://www.snh2015.anpuh.org/resources/anais/39/1434416435_ARQUIVO_LUGARESDAMEMORIA-textoanpuh.pdf >. Acesso em: 15 Set. 2019).

NORA, Pierre. **Entre memória e História. A problemática dos lugares,** Projeto História. 10. PUCSP: São Paulo, 1993. In: Les lieux de mémoire. I La République, Paris, Gallimard, 1984, pp. XVIII-XLII. Tradução autorizada pelo Editor. © Editions Gallimard 1984. (Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/viewFile/12101/8763>. Acesso em: 12 Set. 2019).

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História, Memória e Centralidade Urbana**. Rev. Mosaico, v.1, n.1, p. 3-12, jan./jun., 2008. (Disponível em: <http://www2.fct.unesp.br/docentes/geo/necio_turra/GEOGRAFIA%20SOCIAL%20E%20CULTURAL/TEXTOS%20SEMINARIOS%20GSC/Mem%F3ria%20das%20Cidades/hist%F3ria%20e%20mem%F3ria%20urbanas.pdf >. Acesso em 15 Set. 2019).

(**Tripadvisor**, Aracaju. Disponível em: <https://www.tripadvisor.com.br/ShowUserReviews-g303638-d7258251-r317074656-Praca_Fausto_Cardoso-Aracaju_State_of_Sergipe.html>. Acesso em: 14 Set. 2019. 03h54).

(Praça Fausto Cardoso: Palácio do Governo: Assembleia Legislativa: Aracaju (SE). IBGE, catálogo. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=441292>. Acesso em: 28 Ago. 2019).

(**Praça Fausto Cardoso e suas Histórias.** Isto é Sergipe, 9 Jan. 2017. Disponível em: <http://istoesergipe.blogspot.com/2017/01/praca-fausto-cardoso-e-suas-historias.html>. Acesso em: 29 Ago. 2019).

ISBN: 978-85-7822-205-5

(Aracaju recebe `nova` Fausto Cardoso. Redação Portal A8, 20 Mar. 2009 às 17h57. Disponível em: <https://a8se.com/sergipe/noticia/2009/03/1851-aracaju-recebe-nova-fausto-cardoso.html>. Acesso em: 15 Set. 2019).

(BOTTO, L. SIMÕES, J. Monumentos de Sergipe praça Fausto Cardoso. Assembleia Legislativa do Estado de Sergipe, 23 Out. 2018. Disponível em: <**https://al.se.leg.br/monumentos-de-sergipe-praca-fausto-cardoso/**>. Acesso em: 28 Ago. 2019).

ISBN: 978-85-7822-205-5

O DESENVOLVIMENTO DO CONCEITO DE SOFT POWER A PARTIR DOS QUADRINHOS

AUTOR: Ellen Gabriela Vitor Toledo da Silva
Graduanda em Relações Internacionais pela Universidade Federal de Sergipe
ellengabriela18@gmail.com
Orientador: Prof. Dr. Lucas Miranda Pinheiro (DRI/UFS)

INTRODUÇÃO

O século XX traz consigo inúmeras mudanças, sendo elas positivas ou negativas. A pós-modernidade juntamente com a globalização e o capitalismo tem como produto o desenvolvimento dos meios de comunicação e demarca a quebra de modelo do pensamento do século XIX. No decorrer do texto iremos encontrar como esses meios de comunicação foram utilizados por países para construir suas imagens e prestigio internacional, principalmente os Estados Unidos e Japão, perante a comunidade internacional, através da influência de um poder brando.

Por meio da análise de quadrinhos criados pelos EUA e animes, pelos japoneses, perceberemos como eles são um reflexo do contexto e do momento de sua criação e da política do país. A construção dessa figura advém do uso de personagens fictícios tais quais, os super-heróis. Estes são aqueles personagens de origem fictícia, encontrados, geralmente, em histórias em quadrinhos, filmes e desenhos no qual possuem super poderes ou poderes sobre humanos e cuja finalidade é combater o mal; contudo, diferem dos heróis, aqueles que arriscam a própria vida. Este gênero textual além de abordar situações cotidianas e ensinar às crianças os bons valores (como liberdade, fraternidade, bondade, coragem, etc.), aborda importantes termos da conjuntura das Relações Internacionais.

CONTEXTO DE CRIAÇÃO DOS SUPER-HERÓIS

O **sucesso dos super-heróis** não é prontamente explicável e está associado à ampliação norte-americana e sua supremacia. Assim como o cinema, a música, os *fast-food* e seu idioma, os quadrinhos estadunidenses penetraram na cultura dos países as quais o país possui relações culturais, políticas e econômicas, sobretudo os latinos americanos. O que começou como forma

ISBN: 978-85-7822-205-5

de levantar o ânimo da população e motiva-la, tornou-se uma forma vigorante de poder. Vale notar o poder de disseminação destes pequenos cadernos, mas coercitivos; os quadrinhos é um dentre outros elementos de manipulação de poder.

Joseph Nye criou um conceito para lidar com outra probabilidade de poder nas relações internacionais e ir além do poder coercitivo militar (Hard Power), isto é, serve como sedução para instituir valores e culturas de um país em outro. Este conceito foi chamado de Soft Power[2], que traduzido do inglês significa poder suave, e se expressa por meio dos atores que não possuem a legitimidade do uso da força, e é caracterizado por elementos como cultura e mídia. "O poder duro (tradução de Hard Power) pode repousar em um incentivo (" a cenoura") ou em ameaças ("o chicote") e o poder brando (tradução para Soft Power) é fazer com que os outros queiram o que você quer"(NYE,2009). Sendo assim, a relação entre o poder suave e o papel da cultura dos quadrinhos permite uma análise entre as relações ocorridas internacionalmente.

A sua disseminação se dá pelo acelerado crescimento da comunicação que criou uma "aldeia global" -conceito criado pelo sociólogo Marshall McLuhan- no qual, indica que as novas tecnologias tendem a diminuir distâncias e a restringir todo o planeta à mesma conjuntura que ocorre em uma aldeia: um mundo em que todos estariam de certa forma, interligados. Dessa forma, nasce uma nova forma de fazer diplomacia; uma diplomacia pública em que ultrapassa a fronteira estatal e dialoga com os diferentes meios de comunicação e a pluralidade de atores internacionais. Este conceito de diplomacia pública lida com o crescente papel dos fatores ideacionais e comportamentais das relações internacionais (FISHER, 1988; KLINEBERG, 1964), de modo que a teoria Realista Moderna caracteriza o poder de persuasão como ferramenta de instrumental do poder militar, pois ajuda a dar governabilidade ao plano interno e respeitabilidade ao país no plano externo (SARFATI, 2005). A faceta pública da diplomacia passou a ser conscientemente incorporada nas relações internacionais após nos acontecimentos finais da I Guerra Mundial, principalmente após o discurso dos 14 Pontos que Woodrow Wilson fez, no início de 1918, condenando abertamente os tratados secretos e a dissimulação na prática diplomática, que teriam sido uma das causas da I Guerra Mundial (IYAMU, 2004; LAMBINO, 2005). A rogativa por maiores transparências nas relações diplomáticas fez vigorar mais tarde, em 1980, a Convenção de Viena sobre o Direito dos Tratados.

[2] Termo criado e desenvolvido por Joseph Nye em seu livro de 2004, Soft Power: The Means to Success in World Politics (em português, "Soft Power: os meios para o sucesso na política mundial".)

ISBN: 978-85-7822-205-5

O conceito de diplomacia pública que Mark Leonard (2002) elaborou é possivelmente o mais completo e didático na literatura, pois ele é decomposto em três dimensões: a transmissão de informação, a distribuição de uma imagem positiva do país e a construção de relações duradoras de modo a criar um ambiente favorável para a consecução de políticas exteriores (LIMA, 2017). A segunda dimensão vai ser a mais abordada ao decorrer do artigo. Esta é caracterizada por criar uma imagem favorável do país frente à ordem internacional, isto é, *a nation branding*, intensivamente usada pelos Estados Unidos e o Japão.

HISTÓRIA DOS QUADRINHOS

Os quadrinhos são divididos em eras, onde em cada uma é tratado de forma imperceptível assuntos das épocas dos mesmos. A primeira compreende do fim dos 1930 até meados dos 1950. A seguinte vai até meados dos 1970; e a terceira até fim dos 1980. Na era de ouro, tínhamos histórias mágicas surgidas da necessidade das sociedades terem a válvula de escape após terem vividos eventos graves como a crise de 1929, e a 2ª Guerra Mundial. A era de prata é marcada pelas histórias de ficção científica, provenientes dos avanços que a ciência obteve a partir dessa década, com destaque para a conquista do espaço e energia nuclear. E por ultimo, temos a era de bronze que trouxe para nós conteúdos mais violentos e registros mais legitimistas devido a Guerra do Vietnã. De forma mais explicita, temos a criação do Capitão América como propaganda contra os nazistas, a Mulher Maravilha com os ideais do Movimento Feminista e a luta por seus direitos, Luke Cage e Pantera Negra representam o Movimento Negro e os X-men proporcionaram a luta pela discriminação. Isso tudo ocorrendo no lado Ocidental do mundo; contudo, durante os anos 70 começava ascender um país oriental: Japão.

O período Edo (1600-1867) foi quando o Japão ficou isolado do resto do mundo, com uma política anti-estrangeiros adotada pelo shogun. Essa politica só teve fim com a Era Meiji (1868-1912) em que teve uma grande importância para alavancar as produções. Na década de 30, o Japão entra em conflito com a China, e nessa ocasião toda a produção foi voltada à exposição de filmes e animações de propaganda militar. Essa influência perdurou ate a Segunda Guerra Mundial no qual, o temos com um poderio militar, e exemplo disso são as ocupações na China e na Coréia. Mais tarde, espelhando-se nos EUA, com uma "política de boa vizinhança" e o "Big Stick", ele transforma esse Hard Power em Soft Power e criam indústrias de cinema e animação, transformando assim a imagem do Japão e suas relações com os demais países.

ISBN: 978-85-7822-205-5

> Se antes o Japão se impunha militarmente como potência, agora precisava fazê-lo economicamente, [...] comprando matéria-prima e exportando máquinas, utensílios domésticos e, posteriormente, automóveis. Numa fase posterior, os japoneses implantaram filiais de algumas de suas indústrias, mesma forma que os países industrializados fazem na América Latina (LUYTEN, 2011).

Assim, para ilustrar e trazer caricaturas da cultura japonesa o mangá surgiu. De 1814 até a contemporaneidade sua função está ligada a cultura local. Já o mangá moderno, tem influência dos cartuns ocidentais e de quadrinhos clássicos da Disney; e é basicamente uma criação de Osamu Tezuka, com Shin Takarajima ("A Nova Ilha do Tesouro"), de 1947(GOTO, 2001). Osamu Tezuka ou comumente conhecido "Deus dos Mangás" popularizou os animes diminuindo os custos de produção dos mesmos e assim criou em 1952 o primeiro anime: Astro Boy no qual teve magnitudes positivas no cenário oriental:

> O surgimento de um mercado voltado para a animação no Japão, logo se tornaria, atendendo as demandas econômicas também um mercado de exportação que atendesse às novas formas de Soft Power japonesas. A partir das décadas de 1970 e 1980, a influência do mangá e dos animes nas produções vizinhas do Japão se torna mais notória. Na China, por exemplo, Astro Boy de Osamu Tezuka, um garoto robô que salvava a humanidade através do uso da ciência e tecnologia, representava os valores que o governo chinês tentava emplacar no país. (LUYTEN, 2011)

Pós Segunda Guerra Mundial, no ocidente temos os super-heróis caracterizados por históricas mágicas e no Japão, temos os animes marcados com heróis da humanidade, devido os horrores da Segunda Guerra, defensores da paz e temas futurísticos. Um exemplo disso é o clássico Godzilla (Gojira no Japão) que surgiu de uma explosão nuclear, ratificando assim o medo das armas nucleares. Ele foi o primeiro filme japonês do gênero *kaiju* (besta incomum) e o primeiro filme a trabalhar a ficção científica pelo lado dos temores de uma próxima guerra e, principalmente, do que os governos estrangeiros poderiam voltar a fazer com o Japão (SANTIAGO, 2014). Seu cenário estava relacionado com a realidade da época, muitas vezes estilo feudal, e elementos como samurais, guerreiro símbolo dessa nação, passam a história vivida e seus costumes.

OCIDENTE

ISBN: 978-85-7822-205-5

Os precursores dos quadrinhos foram o Mandrake, um mágico ilusionista que atraiu a atenção da população e Phantom, que influenciou na criação do Batman. Os dois estão marcados pelas características da Era do Ouro, no qual tinha o objetivo de entreter a população e servir como válvula de escape devido os acontecimentos já mencionados.

O primeiro super-herói que falaremos será o inaugurador da Era do Ouro, o Super-Homem. Nesse período o desemprego e a fome que se assolou nos Estados Unidos fizeram com que a violência crescesse exponencialmente, e é nesse cenário que o Super-Homem vem para ser o salvador alienígena da humanidade. Ele carrega a bandeira estadunidense em sua roupa como forma de patriotismo, mas também, carrega em suas ações a política do Destino Manifesto, filosofia que acredita que o povo dos Estados Unidos foi escolhido por Deus para comandar o mundo, já que, segundo Joe Shuster "Superman não só apoia diretamente o exército, a marinha e a aeronáutica como também vai, por conta própria, para outros países para combater ditadores expansionistas e até espiões de um país fictício". Possuindo assim uma característica intervencionista, assim como o seu país adota. Outra característica para exaltar o poderio estadunidense é o seu corpo físico; forte, alto e malhado. Assim como ocorrerá mais tarde em Capitão América. Afirmando assim, que suas ações e valores disseminam as ações e valores americanos. Um ano depois, nesse mesmo panorama temos outro super-herói, o Batman.

Os anos 30 para os Estados Unidos foi uma época difícil, principalmente por ainda estar sentindo os efeitos da quebra da bolsa, mas, além disso, tivemos uma situação que deu início na década passada. Em 1920 tivemos a aprovação da Lei Seca na qual proibia a produção e o consumo de bebidas alcoólicas, porém, essa medida só fez aumentar ainda mais a violência nas ruas e a criação das gangues e é exatamente nesse cenário em que o morcego nasce. Ele surge para aterrorizar os criminosos e essa sua ação podemos relacionar com os princípios do New Deal, implantados por Franklin Roosevelt, que queria instituir uma política de Welfare State. Criando um espaço sem criminalidade e com a promoção de proteção aos cidadãos, garantindo o bem-estar e serviços públicos.

No fim dos anos 30, temos o inicio da Segunda Guerra Mundial e com isso temos um novo super-herói: Capitão América. Ele foi criado no mesmo ano que o seu país entrou na guerra - que até então estava neutro - e simboliza sua luta contra o nazismo, é de tal maneira que em sua primeira capa ele aparece dando um murro no rosto de Hitler. Ele, também, proporciona o ideal perfeito de cidadão voluntário que está pronto para lutar pelo seu país, propaganda muito utilizada pelo presidente Sam "I want you for U.S Army." Seu filme quando

ISBN: 978-85-7822-205-5

lançado ele trouxe um contexto um pouco mais atual devido ao novo e atual presidente. Nele temos esse super-herói traindo seu país e se "aliando" a Hidra- sua maior inimiga –isso ocorre porque os quadrinistas ponderam que as ações do novo presidente estariam traindo seu próprio país e seus ideais. Concluindo assim, que o quadrinho desse herói consiste em um reflexo do seu contexto, sendo ele dos anos 90 quanto 2000's.

É no inicio da década de 40 que temos a criação da Mulher Maravilha, a primeira personagem mulher das HQs, como um símbolo do feminismo e demonstra a luta pelos direitos das mulheres. Em um mundo dominado pelo gênero masculino- tanto o real quanto o seu mundo- a criação desta super-heroina já em si é uma vitória e um simbolismo grande. E não é de se estranhar que isso ocorreu já que, "era tão forte quantos os homens, tão selvagem quanto feras e mais perigosa que víbora" (WESCHENFELDER, 2011) Ela reflete as conquistas das mulheres nesse tempo: direito ao voto, escolarização e conquista do mercado de trabalho, mesmo que pra preencher a falta de homens devido à guerra.

Como desfecho da 2 Guerra Mundial, temos as bombas atômicas de Hiroshima e Nagasaki.Este evento marcou o mundo real e as HQs.Os novos heróis são influenciados pela Guerra Fria, caracterizada pela corrida espacial e o desenvolvimento de novas tecnologias dentre elas raios gamas.Por isso, essa era vai ser marcada pelo pavor,desconfiança e paranoia dos heróis. De tal modo, temos a invenção do Hulk- herói que nasceu de experimentos com raios gamas – e o Quarteto Fantástico, que foram expostos a raios cósmicos durante uma viagem espacial. No mesmo ano de sua criação, 1961, foi aprovado o vôo de Yuri Gagarin, um cosmonauta soviético e o primeiro homem a viajar ao espaço. Em 1963, temos um novo ideal de heróis. Nessa época tivemos a luta pelos direitos civis (conhecido como a terceira dimensão dos direitos) com Malcom-X e Martin Luther King e seus ideais de tolerância racial. Nasce assim os heróis dotados de genes mutantes- influência das teorias de Mendel- os X-Mens.

No fim dos anos 50, temos a ruptura da Guerra do Vietnã que ocorreram devido tensões do Vietnã do Norte, apoiado pela URSS, e o Vietnã do Sul, apoiado pelos EUA. Mas somente a partir dos anos 60 o envolvimento dos Estados Unidos aumentou, triplicando suas tropas em 60 e depois em 61. E apesar dos prescritos da Convenção de Genebra, nessa guerra os Estados Unidos se muniu de armas químicas sendo umas das principais, o agente laranja. É nesse contexto que o milionário Tony Stark vai inspecionar no Vietnã do Norte um armamento desenvolvido por sua empresa e acaba sendo raptado pelos rebeldes. Ao contrário do filme, mais contextualizado, ele é sequestrado por radicais islâmicos. Para escapar, ele foi coagido a construir uma armadura e assim temos o nascimento do Homem de Ferro. Segundo Stan Lee,

ISBN: 978-85-7822-205-5

o personagem foi criado para ser exatamente o oposto do espírito dos anos 60: um capitalista, fabricante de armas, herói individualista, cujos inimigos são comunistas. Nessa mesma época a violência nos quadrinhos aumentou, deixando de lado o "Comic Code" e assim personagens como Motoqueiro Fantasma, Wolverine e Justiceiro foram criados. Nesse caso podemos observar a caracterização do Outro pelos estadunidenses que na sua maioria não é real; aconteceu com os índios e acontece novamente com a parte Oriental do planeta. Esta forma de denegrir a imagem do Oriental criou o conceito cunhado por Edward Said, conhecido de orientalismo. Com este conceito, o autor diz que há um Oriente como invenção do Ocidente e que na maioria das vezes é incivilizados, fonte de radicais religiosos, Estados que promovem guerra e inimigos.

Outra manifestação de um personagem condizente com o período é Pantera Negra, esse herói traz consigo o nome de um importante movimento negro que lutava por seus direitos. Este herói apareceria lutando contra membros da Ku Klux Klan e mercenários racistas. Foi apenas em 1964 que uma Lei de Direitos Civis foi promulgada nos Estados Unidos, que extinguiu as leis de segregação racial adotadas por alguns estados da federação.

ORIENTE

Assim como a parte Ocidental utilizaram de meios como os quadrinhos e posteriormente, os filmes, o Japão não ficou para traz. Seus primeiros animes eram bem curtos, podendo durar segundos , mas retratava a situação do Japão antes de sua abertura: feudal, pouco industrializado e onde os samurais eram importantes figuras pois eram contratados para proteger os imperadores e os senhores feudais.Exemplos disso ocorre em Samurai X (*Rurouni Kenshin)*em que é retratado a transição do período de guerra e feudal para o período de desenvolvimento e abertura devido a necessidade de mercado consumidor, deixando para traz assim a política de isolacionismo implantada no período passado com os shogunatos e construindo assim uma nova imagem externa do país, isto é, o Japão passou de consumidor para exportador de influência cultural.

Durante a Era Meiji, temos o fortalecimento industrial, político, social e cultural. Com a morte do imperador Meiji, temos o seu sucessor Taishô e é nessa época que a Primeira Guerra Mundial eclode e nesse cenário que o anime Doomed Megalopolis: The Demonized City se passa e além desses eventos, ele mostra o estrago do grande terremoto de Kanto em 1923 que causou enormes estragos para a população e Tokio. No mesmo contexto em que nasce Batman,

ISBN: 978-85-7822-205-5

no Ocidente, Baccano! surge no Japão. Este anime se passa nos anos 30 e nele encontramos brigas de gangues envolvendo alquimistas imortais, máfias e gângster. Outro exemplo é o Norakuro, de Suiho Tagawa. O cachorrinho, muito parecido ao Mickey Mouse e ao gato Félix, foi abandonado e decide se alistar no exército imperial. Ele foi como um mascote do Japão de faceta militar, pois sua conduta refutava valores nacionalistas. Nesse momento, o Japão cresceu consideravelmente no âmbito econômico já que as grandes economias estão em recessão devido a Primeira Guerra Mundial.

Com o fim da Segunda Guerra, duas bombas atômicas, uma economia não tão estável assim como sua política, assume o imperador Showa. Nessa era, o Japão mudou sua forma de resolução de conflitos e assim construíram uma nova faceta para o Japão: pacifico. Ainda, por sair bem abalado dessa guerra, outra característica importante nos anime e mangas, nos pós-guerra, foram as histórias de superação e comédia assim como ocorre em Shounen Jump, Shounen Magazine ou até mesmo Naruto.

> Foi na década de 1970 que se lançou um dos principais títulos com o tema guerra. Gen, Pés Descalços, de Keiji Nakazawa [...] de 1973 até 1974 narrou a história parcialmente autobiográfica de Gen Nakaoka, um menino de seis anos que vivia em Hiroshima. Ele e sua família sofrem com a pobreza, a falta de comida e a discriminação devido à posição política de seu pai. Os dez volumes do mangá abordam não só os problemas após o final da guerra, mas também a condição daqueles que haviam recebido diretamente a radiação da bomba "Little Boy" em 6 de agosto.(MELO;CORDARO, 2016)

Partindo para os anos 70, temos o contexto de desenvolvimento tecnológico e as armas nucleares. Time Bokan, Patrulha Estelar e Mobile Suit Gundam são animes dessa conjuntura que traziam viagens intergalácticas, robôs gigantes comandados por humanos como armas de guerra e viagens no tempo. E é nesse mesmo período que a economia do Japão começa a se estabilizar e se desenvolver no qual, chamamos de "milagre econômico". Outro exemplo que encontramos é o mangá Hadashi no Gen ou Barefoot Gen que conta a história de um menino e sua família que presenciaram os efeitos da guerra e os desenvolvimentos da guerra. No contexto de prosperidade deparamos com Akira, em que o desenvolvimento tecnológico é visto de forma pessimista. Contudo, foi na década seguinte que os animes mais tiveram espaço e desenvolvimento seja no Japão como fora e isso devido os efeitos da globalização, pois, a ideia de aldeia global e o de indústria cultural traziam consigo a cultura de massa, que segundo Horkheimer e Adorno tinha como finalidade principal, o lucro. Por tanto, durante essa época o Japão investiu em um plano cultural que recebeu o nome de "Cool Japan". Esse plano cultural

ISBN: 978-85-7822-205-5

carrega implicitamente o Soft Power japonês já que, foi "forma de direcionar esforços para a promoção e a criação de novas manifestações culturais, e também como apoio a expressões já marcadas na história do país" (RODRIGUEZ, 2014) e que no qual, ajuda a fortalecer a sua identidade cultura como forma de ir contra a homogeneidade cultural decorrente da globalização.

AMÉRICA LATINA

Outra situação na qual identificamos o uso do Soft Power durante a Segunda Guerra Mundial, é no Brasil. Em 1940, Walt Disney, durante visita ao Brasil, criou o desenho Carioca da Gema. Porém, suas ações possuíam segundas e terceiras intenções:

> 'Joe Carioca' foi concebido em uma viagem de Disney e sua equipe à América do Sul durante a Segunda Guerra Mundial. Com o pretexto de 'encontrar novos companheiros para o Pato Donald e o Pateta', a excursão era, na verdade, movida por interesses políticos. "Os Estados Unidos pretendiam aumentar suas relações comerciais no continente e, por tabela, afastar a ameaça de influência alemã nos governos da região", contam Filipe Monteiro e Mariana Benjamin em um texto publicado na Revista de História. .(LUCENA, Felipe, 2016).

Nos primeiros quadrinhos, o Zeca vestia trajes de um tipico malandro do Rio de Janeiro: chapéu, terninho, gravata borboleta e sapato engraxado, além disso, andava com um guarda-chuva sempre. O personagem era a extensão da politica da boa vizinhança e os produtores procuraram selecionar alguns elementos culturais brasileiros para a formação dele como a cordialidade, simpatia, malandragem, esperteza, indolência, etc. Essa "afetividade" dos EUA devia-se, também, para restringir a expansão dos ideais da Alemanha na segunda guerra visto que, Brasil e Alemanha possuíam relações comerciais indispensáveis (caso da exportação de algodão para a Alemanha). A partir dai, temos a construção de uma ligação entre o Brasil e os EUA que aos poucos foi cada vez mais acentuada, principalmente durante a ditadura militar. A conquista americana não parou no Brasil e como continuação da politica da boa vizinhança na América Latina, o México também foi alvo e como produto dessa transação cria-se, em 1953,o quadrinho do Ligeirinho (como é comumente chamado no Brasil) ou Speedy Gonzáles e o Panchito em 1945. Além destes, representando a Argentina temos o Gauchinho Voador; consolidando assim, sua influência- e dominação- nos solos latino-americanos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

ISBN: 978-85-7822-205-5

Todo esse fenômeno é possível em função da Globalização Cultural na qual, é cotada por ser o processo de intensificação das trocas culturais entre povos de diferentes partes do mundo e juntamente com a globalização econômica as grandes empresas e corporações produzem e disseminam hábitos e valores de consumo para atrair mercados ou como os Estados Unidos que usaram como forma de "criar" laços entre regiões a qual mantinham interesses.

Apoiando-se nas ideias de Joseph Nye, percebe-se como os mecanismos de 'Soft Power' podem atuar nas relações internacionais. O soft power, ou poder brando, refere-se ao poder de vínculo por meio da transmissão de 'ideais' e valores de determinadas sociedades sendo os meios de comunicação um importante ator para esta finalidade. Assim, considera-se que é uma ferramenta tão importante para os Estados como o Hard Power, ou poder duro. Sendo assim, é perceptível a capacidade dos quadrinhos e dos animes como forma de poder, de influência e administração de uma nação sobre outra de forma a impor políticas, ideias e ideais adjacentes aos seus interesses. Ou também, de forma a transformar a sua imagem e servir de muleta para um desenvolvimento como ocorreu no Japão.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALEXANDRE, Luiz. **História em cartaz.** Disponível em:< http://historiaemcartaz.blogspot.com/2014/12/quadrinhos-batman-e-guerra-contra-o.html>. Acesso em: 18/11/2018.

ADORNO, Theodor. **Indústria cultural e sociedade**. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

CUNHA, Rodrigues Moraes. **História em quadrinho: um olhar histórico**. Revista Científica Semana Acadêmica. Fortaleza, ano MMXII, Nº. 000010, 2013.

GOMES, Morgana. **O reflexo social dos super-heróis**. Em:<http://leiturasdahistoria.com.br/o-reflexo-social-dos-super-herois>. Acesso em: 18/11/2018

GOTO, Marcel. **Quando surgiram os primeiros animes e mangás?** Super Interessante, 2018.

GUERRA, Fábio. **Super-heróis Marvel e os conflitos sociais e políticos nos EUA (1961-1981)**. Niterói, 2011.

JOÃO, Marcos Lins. **Os super-heróis nas Relações Internacionais**. Revista Pano de Fundo. v. 9, n. 3, 2017.

JÚNIOR, Antônio. **A sociologia dos conceitos de diplomacia pública e de poder brando**. Belo Horizonte, 2017.

LEONARD, Mark et al, **Public Diplomacy**. London: Foreign Policy Centre, 2002.

ISBN: 978-85-7822-205-5

LUCAS, Ricardo; BRAGA, Juliana. **O Mangá e a Identidade Japonesa no Pós-guerra**. Disponível em:<http://www.intercom.org.br/papers/regionais/nordeste2012/resumos/R32-0825-1.pdf>. Acesso em: 25/02/2019.

MELO, Marina; CORDARO, Madalena. **A reminiscência da guerra no mangá e anime.** Disponível**:**<https://www.academia.edu/27688631/As_reminisc%C3%AAncias_da_guerra_no_mang%C3%A1_e_no_anim%C3%AA?autco=download >. Acesso em: 12/02/2019.

MORETTI, Marco;LINCOLINS, Thiago. **Como a historia inspirou os super-heróis.** Disponível em: <https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/almanaque/super-herois-historia.phtml>. Acesso em: 20/11/2018.

NETO, Ari Batista. **O animê como instrumento de soft power: o caso do estúdio ghibli e a cibercultura brasileira**. XXI Encontro Regional de História. Monte Claro, 2018.

NYE, Joseph S. **Soft Power: the means to success in world politics**. Nova Iorque: Public Affairs, 2004 a.

RODRIGUES, Pilar Luz. **O caso do cool Japan: a construção de uma política cultural para a promoção de identidade nacional**. Revista Observatório da Diversidade Cultural Volume 01, nº 01,2014.

SATO, Cristiane. **Japop, o poder da Cultura Pop Japonesa**. São Paulo: NSP, 2007.

SILVA, Marylê Caroline. **Representações e representados: a estética do pós-11 de setembro nos filmes do homem de ferro (Marvel Comics)**. Trabalho de Conclusão de Curso. Foz do Iguaçu, 2014.
SIGSGAARD, Jens Nielsen; LENCZOWSKI, J. **Keep the Purpose Clear**. Washington: The Institute of World Politics Press, 2007.

ISBN: 978-85-7822-205-5

TECNOTRILHOS - MINI VAGÃO E LOGOMARCA

Autor: Pedro Henrique Ribeiro Fernandes
Graduando em História pela Universidade Federal de Sergipe
Bolsista PITIVOL/CINTTEC
pedrofe1636@gmail.com

Orientadora: Profa. Dr. Janaina Cardoso de Mello

Introdução

O presente trabalho, ainda em fase inicial, visa levar a disseminação dos patrimônios históricos em Aracaju, tendo como foco a comunidade do Rosa Elze, com o intuito de facilitar e entreter de forma prazerosa, através de um jogo que simulara as ruas de Aracaju, usando os trilhos de trem já preexistente para guiar os usuários, como todo trem, ele tem vagões e esse maquinário que será controlado por meio de um smartphone, levando os jogadores a conhecer os patrimônios aracajuanos, através de um passeio imersivo pelo jogo de tabuleiro desenvolvido. Contendo nele sensores que determinaram atividades, com o intuito de passar a história e os bens materiais e imateriais pertencente dos bairros que a pessoa estiver.

Tendo como sensibilização a notável falta de disseminação da história da cidade de Aracaju, como também dos seus bairros, e visando levar à tona os patrimônios que cada uma dessas regiões tem, mas que até algum dos moradores do próprio local desconhece, e facilitar o estudo desses bens não só pela universidade ou escola, mas como sensibilizar de forma divertida a manutenção e preza desses locais por toda a comunidade.

Pretendemos nesse trabalho então fazer uma contextualização da história das ferrovias, que já está aliado com a questão dos trens, que irá do seu início na Inglaterra até a chegada no Brasil e em Sergipe, como tentar mostrar como se deu essa necessidade das construções das estradas de ferro em nosso país, como também em nosso estado, depois pretendo mostra a questão de patrimônio em uma esfera generalizante, como também sendo mais especifico ao citar o município de Aracaju, depois irei explicar um pouco como vai funcionar a parte tecnológica de nosso projeto e como o projeto vai se formar a partir das informações passadas anteriormente.

Contextualização das ferrovias no Brasil e em Sergipe

ISBN: 978-85-7822-205-5

Para contextualizar a questão em nosso território, e necessário termos uma visão macro do mundo para depois irmos para a micro com foco o Brasil, com especificação a região de Aracaju, Sergipe. Pois bem o período é a revolução industrial, meados do século XVIII para o XIX, país Inglaterra, o berço desse movimento, que se expandiu para todo o globo, o carvão virou a principal fonte de energia para a época, gerando assim a criação de maquinários melhores, usando a queima desse material, originando assim as maquinas a vapor, por exemplo: carro a vapor, as embarcações a vapor e os trens, esse último foi e ainda é um dos principais meios de transporte do mundo. A primeira estrada de ferro do mundo é oriunda da Inglaterra, e tem registro que foi no ano de 1825, fazendo com que tivesse uma expansão considerável da malha ferroviária, que é tanto que no ano de 1850, a Inglaterra tinha mais de 10 mil quilômetros de estrada de ferro construída nas suas terras.

A grande das estradas de ferro na Inglaterra, fez com que o resto do mundo sentisse interesse naquela nova tecnologia que estava impulsionando a ilha inglesa, muitos países aderiram as estradas de ferro, mas deixando claro que a Inglaterra era quem tinha o capital e o conhecimento técnico para a construção delas, como maior parte dos itens para construção da estrada, como a locomotiva, os trilhos, maquinários necessários e entre outros, era de fabricação inglesa, fazendo assim com que muitas das estradas que temos no mundo foi fruto de influência inglesa, esse é o caso do Brasil, que tinha projeto para a construção de uma estrada de ferro já em 1835, mas só teve concretização em 1854, por iniciativa de uma brasileiro, que construiu na região de Petrópolis ligando vários munícios do Rio de Janeiro até o Porto Estrela , que foi Barão e Visconde de Mauá o entusiasta e teve a concessão imperial para a construção da estrada de ferro, que quando terminada foi batizada de Estrada de Ferro Mauá e a primeira locomotiva teve o nome de “Baroneza”,em homenagem a esposa de Mauá, com a expansão da cultura do café, outras estradas de ferro foi construída em boa parte do Brasil, com enfoque na região sudeste, para ajudar no escoamento dele.

O principal produto de exportação do Brasil era o café, e a região que mais se produzia era a região sudeste, tendo São Paulo como principal produtora do café, e por isso muitas das estradas de ferro foram construídas lá e em outros estados, ligados ao porto de Santos, principal porto de escoamento dessa matéria-prima. O Nordeste por outro lado teve estradas de ferro, mas com menos ênfase que a Sudeste, já que a maior produção do Nordeste era o açúcar e o algodão, eram duas mercadorias desvalorizadas internacionalmente, já que sofriam com a

ISBN: 978-85-7822-205-5

concorrência do açúcar extraídos das beterrabas na Europa e o algodão dos Estados Unidos, fazendo assim que tivesse esse baixo investimento.

Ainda no séc. XIX, os meios de locomoção em eram bastante precários, principalmente em Sergipe, muitas dos transportes eram desbravando estradas irregulares, caminhos entre as mata, usava carros de boi nessas estradas que mesmo assim era de difícil trafego e em outras situações usava esses caminhos para ter acesso ao transporte fluvial para chegar a outro ponto de interesse, o que dificultava bastante o transporte das mercadorias do estado, é tanto que Itabaiana desde 1864, já era uma grande produtora de algodão e tinha uma grande produção agrícola, já Simão Dias era uma grande produtora de alimentos, que foram interligadas por estradas a Aracaju, já que era não só a capital de Sergipe, desde 1855, mas era onde sé localizava o porto do estado.

A primeira estação de Trem em Sergipe chega em 1910, mas a primeira linha férrea só chega em 1913, que era um ramal da linha Timbó-Propriá, essa linha em Aracaju interligava as regiões da av. Coelho e Campos até o Siqueira Campos, linha que existe até hoje, essa primeira estação ficava localizada no centro entre os mercados Tales Ferraz e Albano Franco, mas em 1976, foi demolida, já que ele tinha sido substituído por uma outra estação maior e mais moderna, que fica no Siqueira Campos até hoje e a data da substituição foi em 1950. Essa última estação ficou em funcionamento até 2012-2013, com o transporte de pessoas tendo sido cortado em 2007.

Contextualizando o que é Patrimônio

São bens de grande relevância para um bairro, um município, estado, pais ou mundial, pois nela guarda característica de uma comunidade de antigamente ou contemporânea, existe vários tipos de patrimônios, que necessariamente é um material, como as manifestações de um povo, por exemplo danças ou grupos folclóricos, ainda tem aqueles bens que não são oriundos dos humanos e sim da natureza, essa sua significância não está só na beleza, mais também nos benefícios que carrega para tudo ao seu redor.

Sabendo dessa importância, que os patrimônios têm para a construção de identidade das pessoas, é que elas guardam as evidencias ou são as evidencias de toda uma evolução cultural e histórica no meio em que está inserindo. Pois bem vendo a importância de se proteger todos esses bens, os governos tombam ou registram as coisas que tenham maior relevância para aquela administração, por isso tem muitos bens que são de relevância nacional, pois simboliza

ISBN: 978-85-7822-205-5

algo de grande relevância ao país, como no extremo tem coisas que extrema importância para uma comunidade bastante pequena, mas é de extrema significância para aquelas pessoas e é a base para todos eles. Portanto os patrimônios têm de vários tipos, e ao usar relevância, é uma variável muito ampla e aberta para falhas, mas de suma patrimônio é tudo aquilo que carrega uma alta carga de significado para um aglomerado de pessoas, o que muda se é legitimado ou não.

Os Patrimônios de Aracaju e sua importância

É bastante conhecer quais são os patrimônios já protegidos, como também são aqueles que ainda não conta com essa cobertura, já que estamos falando de unidades que carrega uma riqueza cultural e histórica pro meio que está inserido, por isso é bastante conhecer quais são pra que os órgãos vejam a comoção por aquele bem, e ele conte posteriormente com sua proteção ou esse conhecimento serve para que sejamos fiscalizadores dos órgão de manutenção, já que eles tem quase que exclusivamente essa função de administrar e manter esses bens.

Em Aracaju contamos com vários tipos de patrimônios, mas curiosamente nenhum de cunho nacional ou mundial, muito talvez por ser uma cidade jovem, e que não conte com influencias de que sofreu São Cristóvão ou Laranjeiras, porém ainda é necessário manter os bens aqui presentes como disseminar sua história pra gerações que passam.

O números que Aracaju possui de patrimônios é bastante grande, mesmo que muitos sejam só reconhecidos na esfera municipal e no máximo estadual, porém essas esferas tem trabalhado bastante pra restaurar bastantes patrimônios que estavam em desgaste e como aderir novas funcionalidades pra esses locais, o que é bastante importante para que a população vá a esses locais e de novo aprenda com ele e gere um sentimento de empatia de de conservação e de mantenedora daquele local, para que mais gente conheça, outras gerações tenham a oportunidade de estudar e acrescentar dentro daquela cultura, sem esquecer que quanto mais empática a população ao seus bens patrimoniais, mais os órgão podem perceber a importância de manter esses locais.

> Nos últimos anos, importantes trabalhos de restauro foram concluídos e entregues a população: a Ponte do Imperador; o Palácio Olímpio Campos, que se fez Palácio Museu; as praças Fausto Cardoso, 10 Olímpio Campos e Almirante Barroso; a Igreja de São Salvador; o prédio do Antigo Ateneuzinho, hoje Museu da Gente Sergipana; a antiga Escola Normal, hoje Centro de Tradições e Rua do Turista; prédio do antigo Tesouro do Estado, atual sede da Câmara de Vereadores; prédio situado à Avenida Ivo do Prado, hoje sede da OAB/Seccional Sergipe; imóvel localizado na Praça Camerino, atual sede do IPHAN; prédio do Instituto Histórico e Geográfico de

ISBN: 978-85-7822-205-5

> Sergipe; o Teatro Ateneu e mesmo os painéis e Murais de Jenner Augusto.(Passos, Nascimento, 2012, p. 09)

O CONTROLADOR

O Arduino como controlador é sem dúvidas uma placa muito eficiente e poderosa. Pode ser utilizado para fazer qualquer coisa, a imaginação é o limite. É possível utilizá-lo para controlar, monitorar, automatizar, etc. Por exemplo, existem projetos de monitoramento da qualidade do ar, medição da temperatura de um líquido, sistemas de irrigação, robôs, impressoras 3D, dentre vários outros. O circuito interno do Arduino é alimentado com uma tensão contínua de 5V, isto quando é conectado a uma porta Usb do computador. Esta conexão fornece a alimentação e também a comunicação de dados. Caso seja necessário é possível utilizar uma fonte de alimentação externa, que forneça uma saída dentre 7.5V e 12V contínua com um plug P4, ou pode ser ligada diretamente na placa utilizando os pinos Vin e Gnd.O ambiente de programação mais indicado é o do software Arduino, que pode ser baixado no seguinte site: http://www.arduino.cc/en/Main/Software.

Os programas para o Arduino são implementados tendo como referência a linguagem C++. Preservando sua sintaxe clássica na declaração de variáveis, nos operadores, nos ponteiros, nos vetores, nas estruturas e em muitas outras características da linguagem. Com isso, temos as referências da linguagem. Elas podem ser divididas em três partes principais: As estruturas, os valores (variáveis e constantes) e as funções. As funções são referências essenciais para o desenvolvimento de um projeto usando o Arduino, principalmente para os iniciantes no assunto. Essas funções já implementadas e disponíveis em bibliotecas direcionam e exemplificam as funcionalidades básicas do micro controlador.

O uso de bibliotecas nos proporciona um horizonte de programação mais amplo e diversos quando comparado a utilização apenas de estruturas, valores e funções. Isso ´e perceptível quando analisamos os assuntos que são abordados por cada biblioteca em especioso. Lembrando sempre que, para se fazer uso de uma biblioteca, está já´ deve estar instalada e disponível na sua máquina.

E para fazer a comunicação do Arduino com o celular, acoplaremos um modulo Arduino Shields Ethernet para arduino é um acessório que permite conectar o Arduino Uno à internet rapidamente. Basta acoplar o módulo sobre a placa do Arduino e conectar um cabo de internet à rede. Este acessório é baseado no chip ethernet wiznet w5100 que fornece uma network (ip). Uma vez estabelecidas as conexões necessárias, é preciso ainda programar o Arduino de modo

ISBN: 978-85-7822-205-5

que ele atue com a função desejada de mestre em uma rede. Para isso é utilizada a biblioteca Ethernet disponível no compilador da ferramenta.

O projeto TecnoTrilhos

Os trilhos que permanecem na cidade até hoje, estão em boas condições e com isso aproveitaremos de suas condições e de sua localidade, já que boa parte corta boa parte da cidade e fica próxima aos centros e patrimônios da cidade, e ainda por cima os trilhos são bens ferroviários, segundo a lei 11.483, devem ser conservadas pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico, o IPHAN, sendo assim usaremos um patrimônio ferroviário para mostrar Os patrimônios históricos da cidade como também curiosidades sobre os bairros.

Tendo assim um caminho temos que ter algo que vai transitar nesse caminho, e nada além de um vagão, na verdade um mini vagão para levar os jogares a imersão necessária, esse vagão vai ser elétrico, movido de forma que possa ser sustentável, com isso sua bateria vai ser recarregada através de placas solares, e o controle dele será feita pelo o Arduino acoplado com o modulo ethernet, com um receptor wi-fi, pra que pudesse rodar de forma tranquila e o smartphone será quem mandará os comandos para o Arduino, fazendo assim que haja o movimento e direcionando também o jogador.

O jogo que será quem mandara as informações ao micro controlador, será feito a partir da elaboração de um aplicativo direcionando para os smartphones, fazendo assim que as informações passadas serão mostradas nesse aplicativo, na qual as imagens, questionários, curiosidades e etc. que possa ter sobre os patrimônios estará catalogado dentro dessa aplicativo e vai ser mostrado ao usuário em questão.

A lista de patrimônios que será usado vai ser conforme as linhas vai nos levando, e as imagens que terá no jogo, serão tiradas pela nossa equipe em visitas de campo, como todas as informações colocadas referente a determinado bens, será extraído de bibliotecas, arquivos do judiciário ou trabalhos passados, como também de entrevista de moradores que são afetados pelo respectivo bem, fazendo assim que não tenha só o conhecimento técnicos, como também os quesitos mais do cotidiano

A partir da programação o mini vagão vai identificar a região em que esta, a partir de um mapeamento de localização que vai ser acrescentado em sua programação, assim fazendo com que o vagão quando chegue em certa localidade programada ele solte as informações no

ISBN: 978-85-7822-205-5

jogo do usuário, e sua movimentação só continuará caso o 'player' responda ou tenha um bom desempenho que estaremos emitindo no jogo.

Considerações Finais

Os nossos trabalhos ainda estão no início, mas já temos o entendimento que o projeto já tem forma e robusteza, sua parte teórica ainda falta alguns acabamentos, mas estamos num caminho muito bom, e o intuito realmente é esse, disseminar todo esse conhecimento que vamos absorver durante a lapidação desse projeto e liberar para o público, e realmente fazer com que todos tenham acesso a esse projeto, pois vemos que a cada dia nosso patrimônios tem sido menos visitados ou até esquecidos pelos órgão de conservação e administração, como nossas linhas férreas que existem até hoje, não tem se dado um utilidade a elas.

Portanto nosso projeto é muito claro, é ensinar as pessoas da nossa cidade e até além dela, a conhecer nossa cidade de uma forma mais imersiva, na qual é aberto para todos os independentemente da posição social, nível acadêmica ou financeira, pois realmente queremos que as pessoas conheçam sua cidade, mesmo que relativamente jovem, mas com bastante história para se descobrir.

Referência bibliográfica

BENS DO PATRIMÔNIO CULTURAL FERROVIÁRIO. **Portal IPHAN**, n.d. disponível em:< http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/503> acessado em:17/09/2019

HISTÓRIA DAS FERROVIAS NO BRASIL. **Portal IPHAN**, n.d. disponível em:< http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/609> acessado em:17/09/2019

JESUS, A. L. S. PASSOS; NASCIMENTO, M. I. C.**UMA HISTÓRIA DA PRIMEIRA ESTAÇÃO FERROVIÁRIA DE ARACAJU (1910-1976)**, Orientador: Fábio Maza.2017.Dissestação(Mestrado) -Universidade Federal de Sergipe, Sergipe, 2017. **Aracaju entre o pretérito e o porvir: os bens tombados de Aracaju**. In: III Seminário Internacional de Políticas Culturais, 2012, Rio de Janeiro. Anais Eletrônicos do III Seminário Internacional de Políticas Culturais, 2012.

PATRIMÔNIO FERROVIÁRIO. **Portal IPHAN**, n.d. disponível em:<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/127> acessado em:17/09/2019

ISBN: 978-85-7822-205-5

PROJETO TRENS REGIONAIS. **Insfraestrutura**,2007 disponível em:< http://infraestrutura.gov.br/trens-regionais.html> acessado em:17/09/2019

REDE FERROVIÁRIA FEDERAL S.A. **Portal IPHAN**, n.d. disponível em:< http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/611>acessado em:17/09/2019

SOARES. Karla. O que é um Arduino e o que pode ser feito com ele? **Tectudo,** 2013.disponível em:<http://www.techtudo.com.br/noticias/noticia/2013/10/o-que-e-um-arduino-e-o-que-pode-ser-feito-com-ele.html> acessado em:19/09/2019

THOMSEM.Adilson. Como comunicar com o arduino ethernet shield w5100.**FilipeFlop,** 2014. disponível em:< https://www.filipeflop.com/blog/tutorial-ethernet-shield-w5100/> acessado em:19/09/2019

THOMSEM.Adilson. O que é Arduino? **FilipeFlop,** 2014. disponível em:<https://www.filipeflop.com/blog/o-que-e-arduino/> acessado em:19/09/2019

ISBN: 978-85-7822-205-5

GT 02

DOENÇA E RELIGIOSIDADE EM *DOIS ROMANCES DE NICO HORTA*, DE CORNÉLIO PENNA

Autora: Endriele de Jesus Santos
Graduanda em Letras – Português pela Universidade Federal de Sergipe
Voluntária PICVOL (UFS/COPES)
endrielesantos@outlook.com

Orientadora: Prof. Dra. Josalba Fabiana dos Santos (DLEV/UFS)

Introdução

Cornélio de Oliveira Penna (1896-1958) nasceu em Petrópolis, Rio de Janeiro, mas viveu quando criança em uma cidade mineira chamada Itabira do Mato Dentro, cursou Direito em São Paulo e depois mudou-se para o Rio de Janeiro. Experimentou várias profissões antes de finalmente dedicar-se, a partir de 1930, à literatura. Penna escreveu quatro romances: *Fronteira* (1935), *Dois romances de Nico Horta* (1939), *Repouso* (1948) e *A menina morta* (1954).

O segundo livro do autor, *Dois romances de Nico Horta*, conta a história de Antônio, apelidado de Nico Horta, que recebe o nome do primeiro e falecido esposo de sua mãe, D. Ana, um homem violento que espancava sua esposa. O rapaz vivia atormentado pela sensação de ser sempre desprezado e julgado por todos, inclusive por sua rigorosa mãe que via refletido nele o primeiro Nico, e dedicava todos os cuidados e atenções para seu outro filho, Pedro, gêmeo do protagonista.

Toda a narrativa do romance é envolta em uma atmosfera de mistério e há sempre a expectativa de que algum mal, às vezes descrito em termos de moléstias ou até mesmo mortes, surja. Laplantine (2010, p. 28) ao refletir sobre a presença de enfermidades em escritos literários mostra como os escritores podem colocar em evidência significados ocultos da doença, questionarem acerca de seus sentidos, ignorando os estereótipos e convenções da nossa sociedade, que a considera uma aberração que deve ser destruída.

ISBN: 978-85-7822-205-5

Sontag (2007, p. 11) afirma a inclinação de todo ser humano às doenças ao declarar que nascemos com uma cidadania no "reino dos sãos" e com outra no "reino dos doentes". Não importa o quanto evitemos, acabaremos tendo nossa saúde abalada em algum momento de nossas vidas, e instintivamente buscaremos uma causa para o nosso estado doentio, podendo encontrar essa resposta na própria medicina, na religião ou em qualquer outro lugar ou ser que julguemos exercer algum tipo de influência sobre nossas vidas.

A partir disso, analisaremos alguns casos de doença e mal-estar presentes em *Dois romances de Nico Horta*, especificamente no protagonista, perpassando por uma visão de pautada em princípios cristãos: de pecado, culpa, perdão e punição. Ademais, veremos como a relação com o outro pode exercer um papel relevante para que um estado doentio surja ou seja acentuado.

1. Por que ficamos doentes?

A humanidade sempre vivenciou períodos em que doenças assolaram cidades, povos e até continentes inteiros. A peste bubônica, por volta dos anos 1300, dizimou milhares de vidas na Eurásia, a tuberculose era considerada "um traiçoeiro e implacável ladrão de vidas" (SONTAG, 2007, p. 12) durante o século XIX, e recentemente, em 2013, o continente africano sofreu com uma epidemia de ebola que ocasionou um grande número de mortes.

Com o passar do tempo, o conhecimento sobre as diversas moléstias que em certas épocas eram consideradas um terror, bem como suas formas de tratamento, vão evoluindo. Desse modo, as enfermidades que pareciam ser um passe sem volta para o "mundo dos mortos" passam a ser vistas como algo que é possível de ser vencido. No entanto, o avanço da medicina não é suficiente para que a maioria das pessoas sinta que está protegida diante da possibilidade de contrair uma doença.

De acordo com Laplantine (2010, p. 37), toda sociedade e época possuem causas principais das doenças: a insalubridade e os casamentos consanguíneos em décadas passadas, e atualmente, a vida sedentária, o consumo de gorduras, o ritmo da vida urbana, dentre outras. A tuberculose, por exemplo, era geralmente atribuída à insalubridade e à pobreza, além de ser costume acreditar que existia um tipo de personalidade propenso a contraí-la: "uma pessoa passional e, ao mesmo tempo, reprimida" (SONTAG, 2007, p. 38). Hoje é conhecido que a tuberculose é causada por uma bactéria e possui um tratamento eficaz em grande parte dos casos.

As explicações religiosas sobre as razões pelas quais o ser humano adoece perpassam todos os séculos, épocas e sociedades. Apontar a vontade divina, de um ser superior ou de uma

ISBN: 978-85-7822-205-5

energia que rege todo o universo sempre foi uma forma de buscar sentido para o sofrimento. Encontrar um refúgio que proporcionaria conforto ou considerar esse ser superior como o alvo de toda raiva e revolta por conta de um estado doentio que ele, quem sabe, poderia ter evitado se quisesse, eram e são atitudes daqueles que buscam na religiosidade (ou na fé), compreender os motivos de estarem vivendo uma realidade tão dolorosa.

A religião proporcionou que a doença, segundo Sontag (2007, p.42), fosse enxergada como uma forma de castigo, de possessão demoníaca ou, ainda, tomando como base o pensamento cristão, como fruto do pecado do enfermo. Laplantine (2010, p. 228-229) pontua que a enfermidade pode ser uma consequência não só da transgressão do doente em particular, mas de um grupo, do coletivo, que ao desobedecer a uma prescrição religiosa acaba por infringir, de igual modo, a ordem social. Em qualquer desses casos (individual ou coletivamente), a culpabilidade com relação ao que é considerado um castigo justo deve ser experimentada.

2. A religiosidade em *Dois romances de Nico Horta* e sua relação com a doença

Cornélio Penna era um escritor católico, e embora suas crenças não sejam o foco principal em *Dois romances de Nico Horta*, elas podem ser percebidas no fato de muitos de seus personagens possuírem nomes de santos reconhecidos pelo catolicismo (Ana, Maria, Antônio, Pedro, dentre outros), irem à missa, confessarem seus pecados, citarem passagens da Bíblia e até se compararem com figuras conhecidas das narrativas bíblicas. Além disso, Lima (2005, p. 74) atenta para o fato de os personagens conviverem com uma culpa que os atormenta, de serem incapazes de estarem inteiros no presente, vivendo sob o jugo de fantasmas que constantemente os assombram. A culpa, em uma visão cristã, surge quando um mandamento é transgredido, ou seja, quando o fiel comete um pecado, e ela só cessará quando a falta, em arrependimento, for confessada.

O rei Davi, no Salmo 38:3, diz: “não há saúde nos meus ossos, por causa do meu pecado” (A BÍBLIA, 1999). Nessa passagem, a doença que acomete o salmista é diretamente associada ao pecado que ele cometeu. Nico Horta vive em um estado doentio que advém da culpa, e esta não tem origem somente em suas próprias falhas. Isso pode ser visto no que o rapaz sentia em relação ao seu próprio nome:

> Mas o menino ficou sendo mesmo Antônio, e parecia não poder viver sob o peso do nome do primeiro marido de sua mãe. Enquanto seu

ISBN: 978-85-7822-205-5

> irmão surgia para a vida entre gritos e risos, ele murchava a um canto do leito, esquecido, encolhendo-se, todo enrugado, como se quisesse fugir, esconder-se de todas as enfermidades que o espreitavam, afugentadas pelas cores radiantes do irmão. (PENNA, 2000, p. 28)

O fato de ter o nome do primeiro esposo de sua mãe (um nome que obviamente ele não escolheu), um homem que a fez sofrer e por quem ela tinha uma genuína repulsa, era algo muito pesado de se carregar. Parecia que tudo de ruim que o primeiro Antônio havia cometido e até quem ele era, foram transmitidos para o jovem Nico, fazendo com que ele crescesse acuado, esquecido por aqueles que deveriam protegê-lo, com a sensação de ser sempre espreitado por algum mal, como se carregasse em si "qualquer mau encantamento" (PENNA, 2000, p. 28). O presente era doloroso de ser vivido para Nico Horta porque, de acordo com Laplantine (2010, p. 52), é inquietante pensar que somos a origem da nossa própria doença, que sofremos e somos julgados por terceiros por conta de quem somos (ou do que pensam que somos) e do que fazemos.

Há um episódio em particular em que Nico, após ter uma alucinação envolvendo índios que pareciam acusá-lo de ser um ladrão, vai até a capela por sentir-se um criminoso, questionando-se sobre o motivo de "recuar tantas vezes diante da felicidade vulgar, da paz oferecida [...] por que recuara tantas vezes da própria saúde de seu corpo e de seu espírito..." (PENNA], 2000, p. 85). Diante das dúvidas que traziam inquietação, o personagem decide buscar auxílio sobrenatural, mas isso não o livra de seu mal-estar. Essa cena, de acordo com Santos (2004, p. 46), remete à violência com que os primeiros habitantes do Brasil (nativos) foram tratados com a chegada de estrangeiros, então a culpa ou remorso que o protagonista experimenta aponta para as atitudes cruéis com que os exploradores trataram os indígenas. Nico Horta era um representante do branco invasor, capaz de destruir vidas humanas em nome do progresso e da fundação de uma "civilização", por isso o rapaz tinha a sensação de ter cometido um crime.

Os sofrimentos do rapaz continuam quando Rosa, uma de suas pretendentes e filha do tabelião para quem trabalhava, comete suicídio depois que ele, por imposição de D. Ana, casa-se com Maria Vitória. A falecida era agora "um simples fantasma" (PENNA, 2000, p. 211), alguém do passado que contribuía para que mais culpa fosse acrescentada ao martírio constante de Nico. Assim "um grande clamor se ergueu em sua consciência, uma revolta se agitou em seu coração" (PENNA, 2000, p. 211). A culpa em relação ao casamento se acentua diante da possibilidade de Vitória ser irmã de Nico, fato que muito possivelmente era conhecido da mãe do rapaz, e

ISBN: 978-85-7822-205-5

mesmo podendo impedir o matrimônio, ela não o faz. Ana "parece pretender se vingar do marido violento no filho que carrega seu nome" (SANTOS, 2007, p. 151).

Diante dos erros que já imaginava levar – a morte de Rosa e ser o motivo para a falta de afeto de seus pais – Nico Horta, para usar as palavras de Laplantine, "em razão de sua própria desobediência [pecado], é punido pela doença" (LAPLANTINE, 2010, p. 247), ou melhor, pelo permanente mal-estar que a culpa causa em sua consciência, em seu coração e em seu corpo "pálido e magro" (PENNA, 2000, p. 28). Há muitas correntes doutrinárias dentro do cristianismo que tratam sobre perdão e redenção dos pecados, e uma delas defende que o pecador, ao se aperceber "em tempo de sua falta, admitindo sua culpa [...], sentindo remorsos e acabando por se arrepender" (LAPLANTINE, 2010, p. 247) deve encontrar a absolvição por parte de Deus e a compreensão da sociedade "que continua a reconhecê-lo como um dos seus" (LAPLANTINE, 2010, p. 247).

No entanto, toda a narrativa de *Dois romances de Nico Horta* mostra um protagonista que não consegue alcançar a recompensa por seu arrependimento, que além do perdão, seria a saúde, algo de que o rapaz havia fugido tantas vezes sem entender o porquê. Nico Horta também não tinha o apoio das pessoas, o que ele percebia, porque "tinham um movimento de recuo, quando o viam" (PENNA, 2000, p. 28), "e ficavam atônitos, assustados, olhando-o como se vissem um fantasma" (PENNA, 2000, p. 38) quando tentava se inserir naquele mundo em que não conseguia se ajustar.

3. D. Ana e o estado doentio de Nico Horta

"Em Cornélio Penna (1896-1958), as mães são monstruosas" (SANTOS, 2007, p. 147), aquelas que deveriam cuidar, amar e proteger seus filhos acabam por repeli-los, maltratá-los e, até mesmo, destruí-los. Essa afirmação pode causar estranhamento para uma sociedade que enxerga a maternidade como sinônimo de ternura, amor e compreensão, colocando as mulheres que dela dispõem em um patamar quase divino.

Santos (2007, p. 147) pontua que a relação entre a maternidade e a monstruosidade que surge nas obras de Penna pode ser explicada pela filiação católica do escritor, que considera a mulher como responsável pela queda do homem – foi Eva quem ouviu à serpente, comeu o fruto proibido e ainda o deu a Adão –, sendo associada "à decrepitude e à ruína; por extensão, à morte" (DELUMEAU, 1996, p. 312 apud SANTOS, 2007, p. 147). Além disso, como "agente

ISBN: 978-85-7822-205-5

da criação, a mulher expelindo líquidos – menstrual, amniótico e outros – era vista como impura pelos homens" (DELUMEAU, 1996, p. 311 apud SANTOS, 2007, p. 147).

Em *Dois romances de Nico Horta*, D. Ana se mostra uma mãe impassível, fria e autoritária com um de seus filhos (Nico). Ainda na gravidez, a mulher comparava seu filho (no singular, porque ainda não se sabia que eram gêmeos) a um "monstruoso e pesado cofre de carne" (PENNA, 2000, p. 24), não sendo "a realização de um amor [...] aquilo que tinha dentro de si" (PENNA, 2000, p. 24).

Durante boa parte de sua vida, Ana foi constantemente espancada por seus irmãos, tinha medo de seu pai, "apesar de ele nunca lhe ter batido" (PENNA, 2000, p. 13) e, ao se casar com seu primeiro marido (Antônio), continuou a sofrer violência física. A moça parecia que seguiria os passos de sua mãe, uma mulher que "andava pela casa como uma sombra suspensa, surda e silenciosa, chorando em explosões súbitas e beijando sofregamente seus algozes [irmãos de Ana]" (PENNA, 2000, p. 13). Mas, a partir de seu segundo casamento e tendo se tornado mãe, Ana alimenta o sistema patriarcal do qual "fora vítima" (SANTOS, 2007, p. 150), transformando-se no algoz de seu próprio filho Nico. A respeito disso, é importante destacar que,

> [...] em Cornélio Penna são as criadoras as mais monstruosas, o que não quer dizer que suas crias também não o sejam. Essas mulheres aterrorizam – a seus filhos inclusive. O estranhamento que causam não permite identificação. Mães e filhos se vêem e não se reconhecem (SANTOS, 2007, p. 148)

O estranhamento entre Nico Horta e D. Ana, o terror que esta causava em seu filho são bastante retratados no decorrer do romance. O rapaz se sentia acuado diante do olhar "cheio de intenções de sua mãe" (PENNA, 2000, p. 28), era hostilizado por carregar o nome do primeiro Antônio e, em vão, buscava ser aceito por aquela que deveria zelar por seu bem-estar, mas que só contribuía para o seu estado deplorável, para que ele se sentisse um estranho dentro de seu próprio lar, "sempre cheio de remorso e culpa – pelos atos do primeiro marido" (SANTOS, 2007, p. 151). Desse modo, a criadora busca "aniquilar a própria criatura" (SANTOS, 2007, p. 151).

Lima (2005, p. 76) aponta para o papel de guarda e vigilância desempenhado pelos olhos em todos os livros de Cornélio Penna. Em *Dois romances de Nico Horta*, entretanto, exercem também outra função: "os olhos são perseguidores não só externos, pois que brilham de dentro, aumentando a sensação de culpa" (LIMA, 2005, p. 76). Em um dos seus vários momentos de

ISBN: 978-85-7822-205-5

crise, "Nico viu passar, saindo da penumbra, o rosto de bronze, fechado, sinistro, onde brilhavam dois olhos vazios..." (PENNA, 2000, p. 80), e esses olhos que brilhavam mesmo estando vazios podem ser os de sua própria mãe, que de acordo com Lima (2005, p.76) atua como perseguidora, intensificando a constante angústia do rapaz.

4. A relação entre os gêmeos e a loucura

A relação entre Antônio e Pedro sempre foi envolta em rivalidade e suas diferenças, como já foi dito anteriormente, eram percebidas desde a infância:

> Enquanto seu irmão [Pedro] surgia para a vida entre gritos e risos, ele [Nico Horta] murchava a um canto do leito, esquecido, encolhendo-se, todo enrugado, como se quisesse fugir, esconder-se de todas as enfermidades que o espreitavam, afugentadas pelas cores radiantes do irmão. (PENNA, 2000, p. 28)

Nico Horta era o oposto do irmão, sua fragilidade e seu desajuste são constantemente enfocados. A "beleza vitoriosa de Pedro" (PENNA, 2000, p. 28) ganhava toda atenção, inclusive de D. Ana, que em certo momento da narrativa chega a declarar que já não tem perto dela seu pobre filho Pedro (PENNA, 2000, p. 196), como se Nico não fosse seu filho também. Toda essa situação, que surge do jogo entre semelhanças (irmãos gêmeos) e discrepâncias (a fragilidade de Nico e a força de Pedro; preferência por este e desprezo por aquele), gera no protagonista, conforme Lima (2005, p. 79), uma sensação de ilegitimidade e a necessidade de odiar o rival, não suportando nem mesmo sua "presença importuna" e "companhia horrível" (PENNA, 2000, p. 59).

Os irmãos ficam afastados quando Pedro, acometido pela loucura, é levado para a capital. O gêmeo sempre descrito como forte e cheio de vida é o que tem sua saúde tomada por uma doença que o exclui da companhia de sua família e da vida em sociedade. Fazendo um paralelo entre a tuberculose e a loucura, Sontag (2007, p. 35-36), afirma que a exemplo da primeira, a última é um tipo de exílio, mas este não se restringe a um sentido literal, podendo ser entendido como aquela espécie de exílio ocasionado por psicoses (ou até mesmo drogas) que faz o doente viver fora da realidade.

Embora a loucura tenha mostrado sua face em Pedro, não podemos excluir a possibilidade de Horta possuir inclinações a desenvolvê-la também. O personagem principal possuía um desajuste exacerbado em relação à realidade: ele não conseguia estar inteiro no presente como já foi apontado por Lima (2005, p. 74-75), e isso o fazia sofrer. Em algumas épocas defendia-se a ideia de que a loucura fazia do doente "alguém demasiado sensível para suportar os horrores

ISBN: 978-85-7822-205-5

do mundo vulgar e cotidiano" (SONTAG, 2007, p. 36), características nas quais o protagonista de *Dois romances de Nico Horta* se enquadra perfeitamente.

Somando-se aos fatores anteriormente expostos, as várias alucinações que teve, como, por exemplo, com os índios que o chamavam de criminoso e outra com um ser muito alto, de vestes resplandecentes que tinha seis asas "e parecia manter com Alguém invisível um misterioso e gigantesco diálogo" [3] (PENNA, 2000, p.188), mostram que a loucura não estava tão longe do rapaz.

Dentre as semelhanças que os gêmeos compartilhavam o estado doentio certamente está entre elas. No entanto, até mesmo nisso há distinções. Enquanto Pedro tem sua doença prontamente diagnosticada, Nico Horta não consegue ser pleno e alcançar certeza nem mesmo em relação a isso. O rapaz vive na fronteira entre o estar são e o estar doente, e esse dualismo, essa incapacidade de inteireza o deixam imerso em um estado doentio.

Diante de sua situação, tão longe de ser saudável, o protagonista não consegue encontrar uma solução, não há quem o salve[4] (nem ele pode salvar a si mesmo), quem faça com que as enfermidades que o cercam desde garoto se afastem. O hóspede obscuro que Nico dizia ter dentro de si era um "invasor invencível" (PENNA, 2000, p. 212).

5. A questão do duplo e a fomentação do estado doentio

Estar entre a saúde e a doença não é a única fronteira com a qual o protagonista tem que lidar sendo possível encontrar outras que contribuem para o desenvolvimento de seu estado doentio. Nico Horta convive com a angústia de ser ele mesmo e o primeiro esposo de sua mãe, de ser ao mesmo tempo semelhante ao irmão (são gêmeos), mas tão diferente fisicamente e na forma como é tratado. A personagem principal fica também entre dois amores (Rosa e Maria Vitória) e transitando entre dois locais (a fazenda e a cidade). O próprio título do livro já aponta para a dualidade existente na história.

Ao falar sobre um fenômeno denominado *Inquietante*, Freud (2010, p. 329-331) o relaciona ao que é angustiante, terrível e causa horror, tornando até mesmo aquilo que é familiar algo assustador (inquietante). O duplo é considerado pelo autor um dos fatores que causa a inquietação, sendo associado a princípio ao "surgimento de pessoas que, pela aparência igual,

[3]A criatura dessa alucinação se assemelha muito aos anjos (serafins) descritos no livro bíblico de Isaías, no capítulo 6. Indícios assim apontam, dentre outras coisas, para a influência da religião nesse romance de Cornélio Penna.

[4]Os sentidos de "salvar" podem ser entendidos no sentido cristão de salvação da alma, ser levado ao Paraíso depois da morte, ou de encontrar alguma solução para um problema (um mal) ainda em vida.

ISBN: 978-85-7822-205-5

devem ser consideradas idênticas" (FREUD, 2010, p. 350-351) em tudo, inclusive nos sentimentos, saberes e vivências.

Outra questão inerente ao duplo é "o constante retorno do mesmo, a repetição dos mesmos traços faciais, caracteres, vicissitudes, atos criminosos, e até de nomes, por várias gerações sucessivas" (FREUD, 2010, p. 351). Muitas dessas características podem ser atribuídas a Nico Horta (algumas já foram tratadas anteriormente), embora o rapaz não tenha, por exemplo, cometido crime algum, os atos repugnantes do primeiro esposo de sua mãe são imputados a ele. O protagonista também acaba sendo confundido – na cena já mencionada sobre a alucinação com os índios – conforme Santos (2004, p. 46), com o invasor branco do período de colonização do Brasil, que em nome do progresso e da fundação de uma "civilização" pratica barbaridades contra os indígenas que habitavam o país antes de sua chegada. Por essas ações cruéis, Nico experimenta a sensação de ser um criminoso. Desse modo, a identificação com outras pessoas, usando as palavras de Freud (2010, p. 351), acaba equivocando o personagem quanto ao seu próprio Eu, colocando um outro Eu no lugar dele.

Lima (2005, p. 66) diz que a primeira característica que compõe o duplo é a semelhança ou correspondência (física ou de função) entre dois personagens, sendo que ao menos um destes é destruído durante o jogo entre equivalência e divergência. No duplo entre o primeiro esposo de D. Ana e Nico, por exemplo, o rapaz perde sua legitimidade como filho bem como o afeto que, em tese, deveria encontrar em sua família. O "duplo [...] parte de um conflito psicológico e se estende pelo âmbito social" (LIMA, 2006, p. 204).

Santos (2004, p. 233), por sua vez, pontua que em Cornélio Penna[5] a questão do duplo se torna especial ao se configurar entre irmãos, pois estes não se integram mesmo sendo de uma mesma família. São simultaneamente familiares e estranhos, não suportando no irmão "precisamente o que trazem em si" (SANTOS, 2004, p. 233). Assim, os personagens se deformam e se distorcem como se estivessem "diante de um espelho ruim" (SANTOS, 2004, p. 233), sendo levados à ruína como pode ser percebido em *Dois romances de Nico Horta*.

A bipartição existente entre Maria Vitória e Rosa guarda uma peculiaridade apontada por Lima (2005, p. 80), que é o fato de Nico, geralmente a vítima do duplo, contribuir – ficando entre dois amores, tendo que se comprometer com uma das moças por imposição de D. Ana – para sua ocorrência. No entanto, ao cometer suicídio, "Rosa impede ser parte da dualidade e a transfere para Nico Horta" (LIMA, 2005, p. 80-81) que acaba, como sempre, sofrendo as

[5]Todos os romances de Penna são permeados pela questão do duplo, que ocorre muitas vezes entre irmãos.

ISBN: 978-85-7822-205-5

consequências ao tomar para si a culpa – como já foi explicitado anteriormente – pela morte da moça. Após chegar do enterro, o rapaz entra mais uma vez em suas reflexões e perturbações, tentando entender como acabaria com o "pequeno monstro" (PENNA, 2000, p. 212) que consumia seu coração, podendo ser esse monstro o remorso por tudo que havia acontecido.

O duplo continua a rodear o protagonista até em seus momentos finais. Durante toda a "vida, Nico Horta não se sentia semelhante à vida, mas sim próximo da morte, assim como, na véspera da morte, sente-se semelhante ao corpo desejoso de vida" (LIMA, 2005, p. 81). Quando está prestes a morrer, o personagem pede para ser aceito por seus familiares e declara que os aceitará também, além de afirmar que viverá e ficará curado, mas já é tarde demais e seu súbito desejo ou lampejo de esperança não são suficientes para livrá-lo.

Considerações finais

Muitos romances possuem personagens que são "enriquecidos pela experiência da doença" (LAPLANTINE, 2010, p. 147), utilizando seu próprio estado (ou até mesmo de terceiros) como meio para desenvolver suas virtudes, conhecimento interior e da realidade social que os cercam. No entanto, em *Dois romances de Nico Horta*, as doenças e os estados doentios só proporcionam dores (físicas e simbólicas), exílio, ruína e morte. Toda a vida de Nico aponta para um estado de afastamento do que pode significar cura, saúde e salvação.

Nico Horta vive como se ele devesse sofrer e pagar pelos seus pecados, embora estes não estejam claros, e na maior parte do tempo nem pertençam ao próprio rapaz, como os erros do primeiro esposo de sua mãe. O personagem parece viver o que Laplantine (2010, p. 227) chama de "doença-maldição", uma forma de vingança gratuita, que ocorre pelo destino, algo que acontece por determinação divina e não por um pecado cometido pelo doente ou pelo grupo.

No entanto, Nico experimenta a "doença-punição" (LAPLANTINE, 2010, p. 167) como uma consequência do que ele mesmo provocou ou até mesmo do que seus semelhantes cometeram, remetendo assim, a noção cristã de pecado original[6]. Nestes termos, "a doença podia ser um castigo especialmente adequado e justo" (SONTAG, 2007, p. 42), não havendo para onde fugir da culpa que é inerente ao ser humano como as enfermidades o são.

[6]Do ponto de vista cristão, tendo Adão e Eva, tidos como nossos "primeiros pais", caído em pecado, toda a humanidade herdou a corrupção, e por isso todos passaram a ser considerados culpados diante de Deus.

ISBN: 978-85-7822-205-5

Segundo Lima (2005, p. 81), a última opção possível colocada por Cornélio Penna diante de todo sofrimento e infortúnio que rodeavam a existência das personagens, principalmente do protagonista, é a morte. Nos minutos finais de sua vida, Nico Horta diz aceitar aqueles que na maior parte do tempo viu como estranhos, afirma querer viver, mas não só isso, ele quer associar o seu viver ao obedecer, como se a obediência não fizesse parte de sua "antiga vida", que teria sido cheia de desobediência, ou mais especificamente, de pecado – o que, como vimos, não parece corresponder aos acontecimentos narrados no romance.

Referências bibliográficas

BÍBLIA SAGRADA. Trad. João Ferreira de Almeida. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1999.

FREUD, Sigmund. O inquietante. *In*: FREUD, Sigmund. *Obras completas*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, p. 328-376, 2010.

LAPLANTINE, François. *Antropologia da doença*. Trad. Valter Lellis Siqueira. 4. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.

LIMA, Luiz Costa. *O romance em Cornélio Penna*. 2. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.

PENNA, Cornélio. *Dois Romances de Nico Horta*. Rio de Janeiro: Artium, 2000.

SANTOS, Josalba Fabiana dos. Maternidade monstruosa em Cornélio Penna. *Aletria* (UFMG), v. 16, p. 147-157, 2007. Disponível em: http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/aletria/article/view/1412/1510. Acesso em: 22 nov. 2018.

SANTOS, Josalba Fabiana dos. O espelho, o espectro, o espetáculo. *In*: SANTOS, Josalba Fabiana dos. *Fronteiras da nação em Cornélio Penna*. 2004. Tese (Doutorado em Estudos Literários) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2004. f. 221-237.

SONTAG, Susan. *Doença como metáfora; AIDS e suas metáforas*. Trad. Rubens Figueiredo, Paulo Henriques Brito. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

ISBN: 978-85-7822-205-5

IDEOLOGIA E FANTASIA NA OBRA DE SLAVOJ ZIZEK

Autor: Jeferson Santos da Silva
Graduando em Psicologia pela Universidade Federal de Sergipe
jefersoncarira97@gmail.com

Orientadora: Prof. Dr.ª Elza Francisca Correa Cunha (DPS/UFS)

Introdução

Em um movimento de contracorrente, o filosofo Slavoj Zizek, para quem a teoria da ideologia e, principalmente, a crítica da ideologia se faz mais do que nunca necessária, traz uma nova concepção do fenômeno ideológico a partir da leitura do conceito de fantasia na psicanálise.

De tal maneira, esta pesquisa gira em torno do seguinte problema de pesquisa: Qual a relação entre o conceito de ideologia e fantasia na obra de Slavoj Zizek? Para tentarmos situar como o autor coloca esses conceitos em relação e atualização que o mesmo traz para o debate da crítica da ideologia.

Parece suspeito, hoje em dia, falar de crítica da ideologia, em pelo menos dois sentidos: a) prático, uma vez que tal conceito parece trazer consigo todo o peso das fatídicas tentativas de instalação do comunismo no século passado e b) teórico, uma vez que tal conceito (em uma primeira impressão) traria um conteúdo representativista que não condiz com o movimento teórico presente, ou seja, o sujeito que faria uma crítica dessa dimensão pressuporia uma representação adequada da realidade:

> ...acaso a crítica da ideologia não implica um lugar privilegiado, como que isento das perturbações da vida social, que faculta a um sujeito-agente perceber o mecanismo oculto que regula a visibilidade e a invisibilidade sociais? (ZIZEK, 1996a, p.9)

Também outras razões apontam para o não uso do conceito de ideologia, uma delas é que tem a sensação de que para identificar uma forma de pensamento como ideológica seria preciso dispor de uma espécie de acesso à verdade absoluta. Se a ideia de verdade absoluta é contestada o conceito de ideologia parece desmoronar. Há mais duas razões por que a ideologia não ser mais conceito da moda, uma que numa era pós-moderna a ideia de que funcionamos pautados pela falsa consciência é simplista demais, ou seja, as pessoas estariam muito mais cônscias de seus valores o que torna a questionar a pertinência do conceito de ideologia. Por fim, existe a

ISBN: 978-85-7822-205-5

tese de que o que mantém o sistema em funcionamento é menos a retórica ou o discurso do que, digamos, sua lógica sistêmica: a ideia de que o capitalismo tardio funciona por si, de que já não precisa passar pela consciência para ser validado, de que garante, de algum modo, sua própria reprodução (BOURDIEU, EAGLETON, 1996).

Talvez outro do motivo que tenham levado a categoria de ideologia a escanteio tenha sido a abrangência que foi tomando, ao longo do tempo, para explicar os mais diversos âmbitos da vida social, quer dizer, o conceito se tornou forte demais (ZIZEK, 1996a):

> "Ideologia" pode designar qualquer coisa, desde uma atitude contemplativa que desconhece sua dependência em relação à realidade social, até um conjunto de crenças voltado para a ação; desde o meio essencial em que os indivíduos vivenciam suas relações com a estrutura social até as ideias falsas que legitimam um poder político dominante. Ela parece surgir exatamente quando tentamos evita-la e deixa de aparecer onde claramente se esperaria que existisse. (p.9).

Dos problemas do conceito de ideologia que foi dito, podemos inferir realmente que vivemos em um tempo outro, assim, talvez a teoria da ideologia dominante clássica (marxista), mais difundida, não nos sirva mais para apreender a realidade social presente. A saber, esta teoria mais clássica postula a ideologia como um discurso que se diz universalmente verdadeiro, porém em seu núcleo se mostra falsa, servindo a interesses inconfessos que sustentam uma prática de dominação social. Desta perspectiva, a ideologia dominante é tida como uma falsa consciência de como as coisas efetivamente funcionam, desligada dos "processos reais", bastando conhecer como as coisas efetivamente são para dirimir as ilusões.

Todavia, parece que só conhecer como os processos realmente se dão, não faz mais efeito de dissolução da ideologia, por exemplo, mesmo que se diga aos quatro ventos que uma intervenção americana em um país subdesenvolvido seja motivada por interesses econômico, não pela instauração de uma democracia real, há nisso um cinismo visto que todos sabemos disso mas agimos do mesmo modo. Visto que não precisa mais de uma ilusão e um espetáculo para manter as aparências, talvez, por esse prisma, seria justo afirmar a impertinência de uma teoria da ideologia e mais ainda de uma crítica da ideologia (BARROS, 2014).

Leitura sintomal da ideologia e a era do cinismo

O sintoma é aquilo que se apresenta quando falta-nos palavras, ou seja, algo que foi recalcado no inconsciente que retorna por outras vias que não a simbólica. Notemos como a concepção freudiana de sintoma enfatiza a sua dimensão simbólica. Os sintomas possuem um sentido, ao qual o paciente está alienado e precisa ser interpretado, pelo analista, e ganhar acesso

ISBN: 978-85-7822-205-5

a consciência, como na passagem a seguir: "Jamais se constroem sintomas a partir de processos conscientes; tão logo os processos inconscientes pertinentes se tenham tornado conscientes, o sintoma deve desaparecer" (FREUD, 1916/1917b, p. 287).

O traço do sintoma que mais nos interessa é o fato de que seu mecanismo só se mantém em funcionamento na medida em que o desconhecemos, quer dizer, para continuar operando, o sintoma precisa manter um sigilo intrínseco a si mesmo. Porém, uma vez decodificado o sigilo, tem-se sua total dissolução. Ora, não é isso que acontece com a lógica clássica do funcionamento da ideologia, a saber, uma proposição universal que se pretende verdadeira, mas que contêm um núcleo falso que quando descoberto invalida (faz desaparecer) todo o resto (BARROS, 2015).

Então, aqui, há uma comparação entre o sintoma na psicanálise e o funcionamento clássico da ideologia (falsa consciência). Derivando assim, uma leitura sintomal da ideologia, ou seja, mais superficial, que não desvela o mecanismo oculto que a produziu, assim como no sintoma no qual seu deciframento pelo sujeito representa sua dissolução e perda do mecanismo inconsciente subjacente.

Para Zizek, o paradigma clássico da ideologia como falsa consciência é o que está em crise, na qual não consegue apreender a atual realidade social de forma satisfatória, sempre faltando algum significante que possa dar luz as formações sociais presentes e suas características. Um desses traços contemporâneos é que estamos vivendo em uma era cínica.

O chamado cinismo, constitutivo de nossa época, surge a partir da inversão feita pelo filósofo Peter Sloterdijk (2004) da clássica proposição de Marx encontrada n'O Capital: "Eles não sabem o que fazem, mas mesmo assim o fazem". De maneira que Sloterdijk (2004) inverte a máxima para o que seria na contemporaneidade: "eles sabem muito bem o que estão fazendo, mas mesmo assim o fazem". No qual reconhece-se tudo (os interesses econômicos, patológicos, etc.) que se mascara por detrás dos discursos oficiais, mas, mesmo assim continua-se a fazer, a despeito de qualquer coisa:

> a fórmula da 'razão cínica' seria 'eles sabem muito bem o que estão fazendo, mas mesmo assim o fazem'. A razão cínica já não é ingênua, é o paradoxo de uma 'falsa consciência esclarecida': estamos perfeitamente cônscios da falsidade, da particularidade por detrás da universalidade ideológica, mas, ainda assim, não renunciamos a essa universalidade... (ZIZEK, 1992, pp.60).

O cinismo é como que uma resposta da cultura vigente à subversão cínica (kinismo), pois, sabe-se do interesse particular por trás da máscara ideológica, mas mesmo assim conserva-se a

ISBN: 978-85-7822-205-5

máscara. “O cinismo não é uma postura de imoralidade direta, mas, antes, a própria moral colocada a serviço da imoralidade: a ‘sabedoria’ cínica consiste em apreender a probidade como a mais rematada forma de desonestidade, a moral como a forma suprema da devassidão e a verdade como forma mais eficaz da mentira.” (ZIZEK, 1992, pp.60).

Um cinismo ideológico que caracteriza-se por uma “falsa consciência esclarecida”, em que há uma discordância fundamental entre os princípios proclamados e a prática efetiva (SAFATLE, 2008). Toda a sabedoria do cínico consiste em assegurar essa distância entre os princípios proclamados e a prática efetiva. Tanto que a coisa mais insuportável para a postura cínica é ver alguém transgredir a lei abertamente, publicamente, alçar a transgressão à condição de um princípio ético (ZIZEK, 1992, pp.60).

Em suma podemos dizer que em nossa era o poder aprendeu a rir de si mesmo: personagens de contos de fadas que não mais se reconhecem e criticam seus próprios papéis, propagandas que zombam da linguagem publicitária, celebridades e representantes políticos que auto-ironizam em programas de televisão (SAFATLE, 2008). Segue-se daí, de acordo com Zizek (1992), a impossibilidade da leitura sintomal da ideologia apreender essa consciência cínica:

> Assim, fica claro que, diante de tal edifício cínico, a ‘leitura sintomal’, o método crítico-ideológico tradicional, não funciona: não podemos subverter a ‘consciência cínica’ por meio de uma leitura que tente confrontar o texto ideológico com seu ‘recalcado’, ‘dialetizá-lo’, relacionando seu discurso superficial com um outro discurso, identificando, através dos pontos em que ‘isso não funciona’, sua função de classe, sua determinação por um interesse particular. (pp.60-61)

Contudo, Zizek (1992) ver nessa impossibilidade de apreensão da leitura sintomal, uma chance da ideologia se manifestar na sua forma mais pura. O autor defenderá que a ilusão mais importante não se encontra no "saber”, mas no “fazer” através da forma-mercadoria. Mesmo quando sabemos dos significados, agimos como se não soubéssemos, pois as coisas estão naturalizadas na nossa realidade. Ao lidarmos com dinheiro, embora saibamos que se trata de um produto do trabalho humano, o encaramos como algo natural que incorpora a riqueza pura e simplesmente.

Digressão fantasmagórica

Para podermos compreender a leitura que Zizek faz da ideologia, é preciso percorrer o que, em psicanálise, chama-se o “além” do sintoma. Para tal nos faz mister a distinção entre sintoma e fantasia, qual Zizek toma de J. A. Miller:

ISBN: 978-85-7822-205-5

> É nesse ponto que adquire todo seu peso a distinção elaborada por J. A. Miller entre sintoma e a fantasia: a finalidade da ideologia 'ingênua' que acarreta a abdicação da 'leitura sintomal', crítico-ideológica, só faz destacar a dimensão mais fundamental da fantasia ideológica – o 'cínico', que 'não acredita nisso', que sabe muito bem da inutilidade das proposições ideológicas, desconhece, no entanto, a fantasia que estrutura a própria 'realidade' social (ZIZEK, 1992, pp.61).

Miller diz que é um erro comum atribuir a toda teoria lacaniana o peso do significante, sem levar em conta o que seria sua descoberta mais importante, a saber, o objeto causa de desejo (objeto a). Aqui já podemos estabelecer uma diferenciação fundamental entre sintoma e fantasia. Enquanto o primeiro está ligado ao registro do simbólico, a uma formação do inconsciente, o segundo implica algo que está para além da simbolização, para além do mecanismo de interpretação do analista.

Assim, a oposição entre sintoma e fantasia constitui também uma oposição entre significante e objeto (DEZAN, 2013). No sintoma prevalece a articulação do significante – embora saiba-se que uma parte do sintoma permanece oculto, não simbolizado – enquanto no objeto prevalece a fantasia. Outra diferença que podemos tomar entre sintoma e fantasia, é que o sintoma estaria mais relacionado ao desprazer, o quanto o analisante fala sobre o sintoma, e a fantasia estaria mais relacionada á produção de prazer e consolo, o analisante não fala dela.

Observemos que esse "além" do sintoma aponta para a fantasia (fundamental) que nos leva para a teoria do gozo em Lacan. A contribuição de Zizek parece ser justamente captar a dimensão do gozo para o campo da ideologia.

Um ponto importante a ser elaborado, refere-se a relação entre a fantasia com o desejo do Outro, com sua falta no campo do significante (representado pelo matema A barrado). A fantasia constitui, assim, uma resposta ao enigma do desejo do Outro, e por se localizar nessa falta do significante, a fantasia não poderia ser passível de interpretação, simbolização.

Interessa-nos principalmente, a operação de separação onde se dá a ligação da fantasia (fundamental) com a falta do desejo do Outro (DEZAN, 2013). Essa operação psíquica de separação entre o sujeito e o Outro, abre espaço para o objeto a, objeto causa de desejo, resto que escapa a qualquer significação. Na ausência do Outro (materno), o sujeito pergunta-se o que quer o Outro ("Che voui?") e, por conseguinte, pergunta sobre seu próprio desejo (ZIZEK, 2010). Desse modo, o matema da fantasia que conjuga sujeito e objeto a, surge como uma forma de defesa frente ao desejo do Outro, e, assim, do próprio desejo.

ISBN: 978-85-7822-205-5

Conforme visto a acima, o sintoma, em Lacan, é situado em termos simbólico como qualquer outra formação do inconsciente, já que "o inconsciente é estruturado como uma linguagem". Já a fantasia para o mesmo, situa-se em três dimensões: a imaginária, a simbólica e, para nós a mais fundamental, a real.

Antes de prosseguirmos, é bom ter em mente que a realidade na psicanálise é concebida não como uma positividade plena, preenchida por fatos reais, mas sim que ela se apresenta por sua simbolização incompleta. A pretensão de um acesso não distorcido da realidade tal como ela é, apenas eliminaria, ideologicamente, os efeitos de suas falhas que são expressados nessa distorção (ZIZEK, 1996b). Ou seja, serviria apenas por ocultar/tamponar o real da realidade, conferindo-a uma completude e harmonia ideológicas. Assim, para exemplificar e já relacionar isso com o marxismo:

> Um exemplo interessante a Zizek recorre é o da 'luta de classes". No contrafluxo do pensamento hegemônico atual das políticas do multiculturalismo, o filósofo mantém as noções marxianas de classe e luta de classes, embora tome esta como aquilo que Lacan considerou como real, como expressão do próprio antagonismo inerente ao social, que o impede de se consolidar 'como um todo fechado em si mesmo'. No capitalismo, a ideologia tentaria justamente elidir esse real da luta de classes, ou seja, elidir o real da realidade, para tapar essa impossibilidade de plenitude social (DEZAN, 2013, p.53).

Dessa maneira, o que seria para Marx em *A ideologia alemã*, a distorção como reveladora da ideologia, aqui é justamente essa distorção que revela as partes da realidade que não puderam ser simbolizadas. Portanto, a distorção revela o real fantasmático que estrutura a realidade social, sendo assim a distorção reveladora, não encobridora.

Voltando para nosso ponto, Zizek (1996b) vai trabalhar sua noção de ideologia a partir da relação lacaniana entre sonho e real. Para tal, a ideologia não consistiria em uma ilusão ou um sonho que construímos para fugir da realidade insuportável, mas seria a própria realidade como fuga de um núcleo social traumático que escapa a nossa simbolização. A ideologia consistiria, dessa forma, uma construção de fantasia para servir de esteio a nossa realidade. A construção da fantasia serviria de auxílio da ideologia para barrar o real, o efeito traumático do furo na realidade social que desmente uma suposta harmonia social.

Assim, ao elaborar sua crítica na interface entre marxismo e psicanálise lacaniana, o autor enriquece sua crítica a partir da noção de "real da fantasia", que serve mais a ele do que a fantasia puramente imaginária (DEZAN, 2013). Essa noção de real da fantasia quando passa a constituir a realidade social e a ideologia, passa a funcionar como operador político de crítica

ISBN: 978-85-7822-205-5

social. Também pensamos que a contribuição de Zizek teria sido, a partir da distinção entre sintoma e fantasia, trazer para a teoria da ideologia a teoria do gozo e do objeto a. Lembrando que, em Lacan, a fantasia possui o seu real no objeto a, auxiliando ao desejo.

Fantasia ideológica

Agora assentados nessa diferença entre sintoma e fantasia e no conhecimento do que seria uma leitura sintomal da ideologia e de como ela não consegue apreender a consciência cínica, partirmos então para a tese principal do texto:

> A ilusão não está do lado do saber, mas já está do lado da própria realidade, daquilo que as pessoas fazem. O que elas não sabem é que sua própria realidade social, sua atividade, é guiada por uma ilusão, por uma inversão fetichista. O que desconsideram, o que desconhecem, não é a realidade, mas a ilusão que estrutura sua realidade, sua atividade social. Eles sabem muito bem como as coisas realmente são, mas continuam a agir como se não soubessem. A ilusão, portanto, é dupla: consiste em passar por cima da ilusão que estrutura nossa relação real e efetiva com a realidade. E essa ilusão desconsiderada e inconsciente é o que se pode chamar de fantasia ideológica (ŽIŽEK, 1996b, p.316).

De certa forma retomando o mote marxista "Eles não sabem, mas o fazem", Zizek (1992) toma pra si essa tese desvendado outro lado, a saber, que a ilusão mais importante se encontra no fazer, não no saber, através da forma-mercadoria. Quer dizer, mesmo sabendo das coisas agimos como se não soubéssemos, pois, as coisas estão naturalizadas na nossa realidade.

Zizek opera uma articulação teórica da interpretação dos sonhos de Freud com o conceito de forma-mercadoria, de maneira que se possa já entender previamente a relação marxismo e psicanálise. Esta junção consiste no fato de que Freud(1996[1900]) toma o trabalho da psicanálise, para além de uma simples decodificação do sonho, a análise da forma que o sonho adquire. Partindo disso, Zizek (1996b) traz a análise da forma do sonho para uma versão da análise da forma-mercadoria.

Dessa maneira, temos que a forma-mercadoria antecede o pensamento e as coisas creem por nós, isto é, a crença já está dada externamente e o sujeito não precisa crer já que as coisas creem por ele. Tem-se um Real que se comporta de forma idealista. Mas, em suma, o que nos interessa aqui é que Zizek (1996b) relê a máxima marxista "eles não o sabem, mas o fazem", fazendo com que o acento recaia no fazer, e não no saber. Assim, no funcionamento cínico do discurso, os sujeitos "sabem muito bem como as coisas realmente são, mas continuam a agir como se não soubessem". Longe de operar fora da ideologia, o discurso cínico opera numa

ISBN: 978-85-7822-205-5

"dupla ilusão": esta dupla ilusão "consiste em passar por cima da ilusão que estrutura nossa relação real e efetiva com a realidade. E essa ilusão desconsiderada e inconsciente é o que se pode chamar de fantasia ideológica" (p. 316).

Importa-nos também, para uma melhor compreensão, o fato de que fazendo uma "leitura política" do grafo do desejo de Lacan, o autor indica que na última formulação do grafo o nível de significação está abaixo do nível do gozo (DEZAN, 2013). Tendo isso em vista, o autor vê aí a necessidade de formular duas análises do discurso complementares: uma procuraria desconstruir o texto, evidenciando como um dado campo ideológico é totalizado pela intervenção de pontos de basta; outra procuraria ir além desse campo e buscaria extrair o núcleo do gozo, mostrando como, além do campo da significação, mas, ao mesmo tempo, dentro desse campo, uma ideologia implica um gozo pré-ideológico que a estrutura (ZIZEK, 1996b).

Parece-nos que, nesse ponto, Zizek reelabora o conceito althusseriano de ideologia, que insiste numa dissimetria entre a "representação" e a "realidade", ao formular o conceito de fantasia ideológica, em que o que está em jogo não é o desconhecimento ou a representação falsa e imaginária da realidade. Assim, "o nível fundamental da ideologia, entretanto, não é de uma ilusão que mascare o verdadeiro estado de coisas, mas de uma fantasia (inconsciente) que estrutura nossa própria realidade social" (ZIZEK, 1996b, p. 316). Nesse sentido, a distância cínica é apenas um dos modos de permanecermos cegos, segundo Zizek (1996b), para o poder estruturante da fantasia ideológica, pois "mesmo que não levemos as coisas a sério, mesmo que mantenhamos uma distância irônica, continuaremos a fazê-las" (p. 316). E é aqui que a leitura do texto como sintoma apresenta seus limites, uma vez que nesse nível, não se trata de interpretar o sintoma para fazer perecer seu poder de fixação, mas sim de atravessar a fantasia, isto é, a tela fantasmática que nos abriga do núcleo traumático que estrutura nossa experiência viva de seres falantes.

Já que a fantasia ideológica viria para suturar o núcleo traumático do real da realidade, então, que trauma seria esse? Por que o sujeito desconsideraria essa ilusão que estrutura a realidade? O sujeito desconsideraria a ilusão por ser fruto de um trauma inconsciente, este é o papel da fantasia, a saber, tapar o buraco de uma lacuna. Para os termos sociais em que estamos trabalhando, esta lacuna preenchida pela fantasia seria a ausência de sentido da dominação, da arbitrariedade em que vivemos, justificada pela Lei Social. De modo que o princípio fundador da lei é "A lei é a lei", precedendo o sujeito, ela não precisa ser tomada como verdadeira, mas sim como necessária sendo operada em uma vivência automática pelos indivíduos sem uma pré-reflexão (ZIZEK, 1996b).

ISBN: 978-85-7822-205-5

Nesse sentido, vejamos como Zizek (1992) coloca em prática seu conceito na compreensão do fenômeno do antissemitismo. Conforme vimos, para o autor, o cínico não estaria fora da ideologia, mas integralmente submetido a ela, já que, apesar de denunciar toda normatização, no mesmo movimento se entrega a esse Deus obscuro, o qual denuncia e segue como fiel fanático, na tentativa de elidir a figura da castração. É isso que se procura conceituar com o conceito de fantasia ideológica, quando, por exemplo, distingue o Judeu como sintoma e o Judeu como elemento da fantasia. Para Zizek (1992), no nível fundamental do antissemitismo, o Judeu encarna, como um sintoma, a impossibilidade de existência da sociedade, uma vez que é associado a uma força que corrói e corrompe o tecido social sadio. No entanto, essa explicação sintomática não basta para compreender o fascínio exercido pelo Judeu no antissemitismo: é preciso ver o lugar que este ocupa na "fantasia ideológica": diante da impossibilidade da existência da sociedade como um todo orgânico e organizado, o Judeu funciona como um fetiche que ao mesmo tempo "desmente e encarna a impossibilidade estrutural da sociedade", como diz o autor. Para o nazismo, a sociedade não existe porque o Judeu desagrega o tecido social, e precisa portanto ser eliminado. Assim, o Judeu funciona como objeto de gozo na medida em que encarna de maneira positiva uma tela protetora contra o fato de que a razão de não existir a sociedade se deve a um antagonismo estrutural que não pode ser elidido, ou seja, a Luta de Classes. Como diz Lacan, o que é excluído do simbólico retorna no real, neste caso, retorna no real como obra do Judeu. É o que Zizek (1992) salienta quando afirma:

> O Judeu é, para o fascismo, o meio de levar em conta, de fazer uma imagem de sua própria impossibilidade (...) Por isso, não é suficiente designar o projeto totalitário como impossível, utópico e desejoso de estabelecer uma sociedade totalmente transparente e homogênea: o problema é que, de certa maneira, a ideologia totalitária sabe disso, reconhece-o de antemão: na figura do Judeu, ela inclui esse saber em sua construção. Toda ideologia fascista se estrutura como uma luta contra o elemento que ocupa o lugar impossibilidade imanente do próprio projeto fascista: o Judeu é apenas uma encarnação fetichista de uma certa barreira fundamental" (p. 124).

É a isso, esse mecanismo de a ideologia levar em conta antecipadamente sua própria falha, que Zizek (1996b) chama de Fantasia ideológica. Desse modo, "a imagem ideológica do 'judeu' é investida de nosso desejo inconsciente, com o modo como construímos essa imagem para fugir de um certo impasse de nosso desejo" (p.325).

Além disso, ainda segundo Zizek (1996b), é precisamente neste ponto, em que as teorizações sobre a ideologia derivadas do marxismo falham em não levar em conta o aspecto

ISBN: 978-85-7822-205-5

do desejo (ou melhor, dos impasses do desejo) presente em toda ideologia. Aqui, o autor se apoia no próprio trabalho de Lacan quando este procura extrair as consequências de se pensar a mais-valia de um ponto de vista psicanalítico, constituindo aquilo que Lacan designou como "mais-gozar". Para o autor, a homologia que pode ser lida aqui consiste no fato de que há um paradoxo que marca o "mais-gozar": "não se trata de um excedente que simplesmente se ligue a um gozo 'normal', 'fundamental', porque o gozo como tal só emerge nesse excedente, é constitutivamente um 'excesso'" (p. 327). Para ele, o funcionamento do mais-gozar é semelhante ao funcionamento do mais-valia, na medida em que ambos os conceitos designam o ponto de um sistema em que este funciona constituindo seu próprio excesso. Assim, nem na mais-valia nem no mais-gozar haveria um funcionamento harmônico, "normal"; em ambos os casos, o caráter excessivo está presente como constitutivo. Como salienta Zizek (1996b), "é essa, pois, a homologia entre mais-valia – a 'causa' que aciona o processo de produção capitalista – e o mais-gozar, objeto-causa do desejo" (p. 330). Aqui, o Judeu funciona perfeitamente como elemento ideológico, pois um excesso inerente ao próprio funcionamento (social, do desejo) é atribuído a uma força maléfica que nos impede de obter um gozo sadio.

Considerações Finais

Ora, distinguir entre uma ideologia espontânea imanente às relações sociais e, por outra monta, uma ideologia imposta pela organização de um autômato externo (ideologia = "ideologia da ideologia"), significa dizer que uma ideologia, um conjunto de signos (simbolização) aglutinados de maneira a "representarem" uma realidade, somente pode se manter pela oposição a um outro conjunto de ideias localizado geralmente em outra instância (PARRA, 2009). Surge enquanto decorrência disto que qualquer simbolização acerca de uma realidade é sempre já uma significação incompleta, jamais poderá dar conta de um objeto em sua completude – esta seria uma razão não psicanalítica para a incompletude da sociedade. Partindo desta relação de incompletude existente entre o objeto e sua simbolização, o autor introduz em sua análise do conceito de ideologia o horizonte psicanalítico através da noção de espectro. Esta nada mais é do que a aparição repentina das características do Real que não podem ser significadas. O espectro, que preenche a lacuna do real, mostra aquele algo irrepresentável que está "recalcado" na própria falta que surge entre o real e sua simbolização.

Desse modo podemos dizer que a leitura política que Zizek faz da teoria lacaniana pode ser compreendida em dois momentos: a) um primeiro quando reconhece a necessidade se abrigar sobre uma teoria social as considerações freudianas sobre o fetichismo e a clivagem do

ISBN: 978-85-7822-205-5

sujeito buscando compreender o cinismo como modo predominante de ordenação das formas de vida na nossa sociedade; e b) segundo momento quando emerge o conceito de fantasia ideológica, quando a leitura althusseriana da ideologia é ampliada para poder introduzir a questão do desejo (os impasses do desejo).

Contudo, o conceito de fantasia ideológica merece algumas ressalvas quanto a sua operação de formulação e quanto a sua aplicação prática. Primeiro no tocante a sua formulação, é necessário termos claro que não se pode buscar uma articulação entre o materialismo histórico e a psicanálise simplesmente agregando formas "sociais" de entender certos conceitos psicanalíticos, quer dizer, não é apenas colocando o adjetivo "social" depois de um conceito psicanalítico que ele alcança o social (BALDINI, sem ano). Porém, este ponto parece não atingir a teoria Zizekiana, já que este opera tanto os conceitos psicanalíticos quanto marxianos deslocando-os de seus respectivos campos para um outro – vale lembrar que o autor de maior inspiração de Zizek é Hegel, logo, é deste campo, modo de trabalhar, que ele captura os conceitos. Ainda na formulação do conceito de fantasia ideológica, parece que Zizek é passível de crítica, segundo Dezan (2013), no tocante a "inversão" que ele faz do mote marxista "Eles não sabem o que fazem, mas assim o fazem". Pois, ele identifica essa máxima com o conceito de fetichismo da mercadoria, porém, essa inversão é mais apropriada ao Marx de A ideologia alemã, onde justamente a ideologia é tomada como falsa consciência.

No tocante a aplicação prática, esse conceito de fantasia ideológica não parece fazer a coisa funcionar demais, portanto, não deveria nos fazer desconfiar de seu potencial excessivamente explicativo, visto que consegue agregar muito bem Althusser e Lacan? Ora, em Althusser, trata-se de explicar e compreender o fenômeno pelos quais os sujeitos se reconhecem no Sujeito e a si mesmos como sujeitos, e é a isto que o autor reserva a nomeação "ideologia" (BALDINI, sem ano). Estamos, assim, no campo da identificação e em seu valor de amálgama dos laços sociais. Em Lacan - deixando em aberto que se trata de movimentos sucessivos ou simultâneos - a questão é o enigma do desejo do outro, que coloca o vivente numa posição de absoluta dependência de um enigma insondável. Com a fantasia, tal enigma encontra uma resposta em que o sujeito, como sujeito desejante, pode se constituir. Antes de qualquer identificação possível, a captura pelo Outro via um objeto causa de desejo. Esta é a distinção que o próprio Zizek procura estabelecer e é também esta distinção que parece ser elidida com o conceito proposto pelo autor.

Portanto, apesar das ressalvas a serem feitas à fantasia ideológica, o autor consegue demonstrar que este novo quadro sócio-econômico, político e cultural não significa a

ISBN: 978-85-7822-205-5

emergência de uma realidade que aponta para o desaparecimento da ideologia, pois os mecanismos de coerção econômica e de coação da norma legal sempre mobilizam e materializam crenças que são implicitamente ideológicas. Assim, por exemplo, o direito à inviolabilidade da propriedade capitalista implica a crença de que isso é um pressuposto inquestionável para o pleno funcionamento da sociedade. Ademais, segundo Zizek (1996a), a forma de consciência reflexiva que se adéqua à chamada sociedade "pós-ideológica" do capitalismo tardio continua a ser, strictu sensu, um comportamento ideológico, pois implica uma série de pressupostos ideológicos sobre a relação entre os "valores" e a "vida real", necessários à reprodução das relações sociais existentes. Assim, a atitude cínica, que se mostra indiferente frente às expressões ideológicas mais patéticas, preferindo dar importância apenas às suas motivações consumistas, utilitaristas e hedonistas, não escapa deste tipo de incidência ideológica.

Referências Bibliográficas

BALDINI, L. J. S. Sobre o conceito de fantasia ideológica. **Cf. "Discurso, cinismo".**

BORDIEU, P; EAGLETON, T. (1996) A doxa e a vida cotidiana: uma entrevista. In: ZIZEK, S. **Um mapa da ideologia**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.

DEZAN, L. C. Fetichismo da mercadoria e inconsciente: Contribuições marxianas e psicanalíticas para uma teoria da ideologia. 2013. 106 f. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

EAGLETON, T. (1996) A ideologia e suas vicissitudes no marxismo ocidental. In: ZIZEK, S. **Um mapa da ideologia**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.

FREUD, S. (1917[1916-17]). Conferência XXIII: Os caminhos da formação dos sintomas, em **Obras Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, vol. XVI, 1996.

MARX, K; ENGELS, F. **A Ideologia Alemã**. Trad. Castro e Costa, L. C. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

MARX, K. **O Capital: crítica da economia política: livro I**. Tradução de Reginaldo Santa'Anna – 26ª ed – Rio de Janeiro: Civilizacão Brasileira, 2008.

PARRA, E. B. A Construção Contemporânea da Ideologia Cínica**. Unesp**, vol. 2, n.1, 2009.

SAFATLE, V. **Cinismo e falência da crítica**. São Paulo: Boitempo, 2008.

SLOTERDIJK, P. **Crítica de la razón cínica**. Traducción del alemán de Miguel Angel Veja. Madrid: Biblioteca de Ensayo Siruela, 2004.

ISBN: 978-85-7822-205-5

ZIZEK, S; DALY, G. **Arriscar o impossível: conversas com Zizek**. Tradução Vera Ribeiro. São Paulo: Martins, 2006.

ZIZEK, Slavoj. **Como ler Lacan.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2010.

ZIZEK, S. (1996b) Como Marx inventou o sintoma? In: ZIZEK, S. **Um mapa da ideologia**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.

ZIZEK, Slavoj. **Eles não sabem o que fazer:** o sublime objeto da ideologia. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1992.

ZIZEK, S. (1996a) Introdução: o espectro da ideologia. In: ZIZEK, S. **Um mapa da ideologia**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.

ISBN: 978-85-7822-205-5

O RIO NU SOB ANÁLISE: APORTES TEÓRICOS PARA ESTUDAR O JORNAL PORNOGRÁFICO DO INÍCIO DO SÉCULO XX

Autor: Johnatas dos Santos Costa
Mestrando em História pela Universidade Federal de Sergipe (PROHIS/UFS)
Bolsista CAPES
johnatassantoscosta@yahoo.com.br

Orientador: Prof. Dr. Antônio Lindvaldo Sousa (PROHIS/UFS)

INTRODUÇÃO

Pensar o Brasil (e o mundo) nos fins do século XIX e início do XX é trazer à tona mudanças políticas, econômicas, sociais e culturais. Em 1888, o Rio de Janeiro vivenciou o processo de abolição da escravidão, que ocasionou mudanças nas relações de trabalho, e um ano depois a República foi proclamada. Entre os letrados, teorias como a do cientificismo, positivismo e darwinismo social ganharam cada vez mais adeptos. As cidades se modernizaram e, principalmente, o Rio de Janeiro ganhou novos contornos tendo Paris como modelo. Inúmeras invenções surgiram, a exemplo do automóvel, do telefone, do telégrafo e da lâmpada elétrica, e foram modificando pouco a pouco as percepções e sensibilidades dos cidadãos. Até a noção de tempo foi alterada! Machado de Assis, em uma crônica de 1894, questiona-se: "então que é o tempo? É a brisa fresca e preguiçosa de outros anos, ou este tufão impetuoso que parece apostar com a eletricidade?" Em suma, ideais de "modernidade" e "civilização" fizeram parte da mentalidade global desta época, a qual chamamos de *Belle Époque*.

Em nosso país, a República recém proclamada foi o marco dessa mentalidade. Para a elite (e setores intermediários) ela representava a liberdade, a ciência, a democracia e o progresso e significou um rompimento com o atraso, a barbárie, o privilegio e a tirania, adjetivos utilizados ao se falar sobre o Império do Brasil. A ideia, na época, era de que o novo regime representava "o embarque no trem da evolução rumo à estação 'civilização'" (MELLO, 2009: 18). Contudo, para além das mudanças políticas e econômicas, era preciso pensar socialmente, ou seja, qual a sociedade ideal para este país que se reformulava? Inúmeras questões emergiram a partir dessa: Como deveriam se portar os homens e mulheres nesse novo tempo que se iniciava? Qual o padrão, o modelo civilizatório que deveria ser seguido? E por fim, porém não menos importante, quais as ferramentas seriam eficazes para que se alcançasse tal objetivo?

ISBN: 978-85-7822-205-5

Para nós, um dos mais importantes instrumentos auxiliadores nessa empreitada foi a imprensa, em especial a de cunho pornográfico, na qual se insere a nossa fonte de pesquisa, *O Rio Nu*. Tendo como base as discussões realizadas no âmbito das disciplinas do Programa de Pós-Graduação em História (PROHIS)[7] da Universidade Federal de Sergipe, o presente artigo tem como objetivo estabelecer uma interlocução entre o jornal mencionado e alguns conceitos e ideias debatidos em sala de aula. Esse diálogo possibilita analisarmos o periódico com o propósito de investigar apropriadamente o nosso objeto de pesquisa que versa sobre as representações de mulher que *O Rio Nu* estabeleceu e/ou ratificou durante os seus anos de publicação.

O RIO NU, A NOSSA FONTE DE PESQUISA

A partir de 1870, tanto o mercado editorial como a imprensa brasileira desenvolveram-se expressivamente. Com o surgimento de novas tecnologias de impressão, o custo e o preço desses impressos barateavam-se cada vez mais e, em consequência, o mercado consumidor se ampliou, aumentando as vendas e popularizando a leitura. No que concerne à produção de livros, o uso de papel de menor qualidade, o tamanho econômico das edições e as capas brochadas tornou o material mais popular e não destinado somente às elites abastadas. Diante desse novo cenário, os livreiros de publicações pornográficas aproveitaram para disseminar entre os leitores os chamados "romances para homens". Esses enredos de conteúdo apimentado e transgressor eram proibidos às mulheres, pois acreditava-se que elas, por serem frágeis e delicadas, estavam suscetíveis aos encantos desses romances.

> A palavra pornografia, cuja raiz etimológica significa "escrever sobre prostitutas", adquiriu no mercado editorial carioca do século XIX um sentido bem mais amplo. Ela foi emprestada às histórias que davam vez a seqüências intermináveis de fornicações e cópulas como também a todo enredo que exibisse em seu texto descrições corporais pouco sutis, namoros proibidos e menções a prazeres que feriam os bons costumes. Isso significa que, no universo literário, as obras identificadas pela expressão "para homens" variavam não apenas pelo estilo narrativo de seus autores, mas também pela quantidade de encontros sexuais descritos. (EL FAR, 2007: 290-291)

No entanto, este gênero não ficou restrito à literatura. Devido ao sucesso desses romances, a imprensa se apropriou de alguns dos seus elementos para criar um gênero que se caracterizasse por textos humorísticos e maliciosos com uma linguagem simples e sagaz, associados à

[7] As disciplinas abarcadas são "Cultura, Sociedade e Poder", que foi ministrada pelos professores Thiago Lenine Tito Tolentino e Edna Maria Matos Antonio; "Teoria e Metodologia da Pesquisa em História", sob a liderança do professor Carlos de Oliveira Malaquias; "Gênero e Educação", disciplina do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGED/UFS), ministrada pela professora Maria Helena Santana Cruz.

ISBN: 978-85-7822-205-5

ilustrações de mulheres nuas e seminuas e que pudessem ser vendidos a um público mais amplo a preços baixos.

Como mencionado, a imprensa nessa época também evoluíra. Além dos elementos citados de barateamento das impressões e aumento do público consumidor, ela ganhou um caráter mais empresarial e mudou o padrão editorial das publicações, tornando os seus textos mais informativos, isentos, verídicos e permeados por fatos reais. Inclui-se também o desenvolvimento de linhas férreas, que aperfeiçoou os sistemas de transportes e regularizou os serviços dos Correios, permitindo a entrega regular das assinaturas, a principal forma de distribuição dos jornais (BARBOSA, 2010).

As temáticas desses periódicos também foram variadas. Como afirma Marialva Barbosa (2010, p. 118), "ao lado das edições dos jornais diários, proliferam revistas mundanas, periódicos críticos e literários, impressos que falam exclusivamente do mundo do trabalho, entre centenas de publicações". Dentre essas temáticas, a obscenidade advinda dos "romances para homens" se popularizou e foi denominada de "imprensa de gênero alegre". Segundo Cristina Schettini Pereira (2011), a expressão "gênero alegre" diz respeito a uma preocupação com uma malícia delicada, dentro de certo limites, mas, ao mesmo tempo, está ligada à despretensão. Uma das primeiras publicações a assumir esse rótulo foi a revista brasileira *Sans Dessous*, que associava a expressão à vida noturna, a introdução de diversões francesas e a prostituição. Em seu número inaugural a revista publicou a foto de uma prostituta francesa com a legenda: "a iniciadora do gênero alegre no Brasil – uma justa e respeitosa homenagem de Sans Dessous".

O jornal *O Rio Nu: periódico semanal caustico humorístico* foi o principal representante deste gênero, tendo sido publicado bissemanalmente de 1898 à 1916. Além dele, outros periódicos populares, de duração mais efêmera, também possuíram esse viés malicioso, a exemplo do *O Coió, O Riso, O Tagarela, O Nu, A banana, O Badalo, O Nabo* e o já mencionado *Sans Dessous*. A primeira edição do *Rio Nu* foi publicada no dia 13 de maio de 1898, dez anos após a abolição da escravidão[8], e era redigido, como muitos de sua época, por jovens da boêmia

[8] Segundo Natália Peçanha, "a escolha da data da primeira edição desse jornal não foi por acaso. A tentativa de ratificação de uma imagem de jornal subversivo e aquém as desigualdades sociais fez com que a data da libertação dos escravos fosse utilizada por esses redatores com um caráter simbólico, ou seja, a "liberdade" moral. Todavia, esse discurso é muito mais teórico do que prático, visto que de forma paradoxal esse jornal ora rompia com a moral vigente, ora ratificava hierarquias sociais e, sobretudo, raciais e de gênero." Ver: PEÇANHA, Natália Batista. **"Regras de civilidade"**: tecendo a masculinidade do *smart* nas páginas d'*O Rio Nu* (1898-1916). 2013. 162p.

ISBN: 978-85-7822-205-5

literária carioca. Dentre os nomes, estavam Demétrio Alves, mais conhecido no jornal como "Dealino"; Alfredo Calainho, sob a identidade de "Brás Cubano"; Alfredo Boucher Filho, que colaborou como "Arduíno Pimentel" e tantos outros.[9] Destaca-se também a presença de Arthur Azevedo, com o pseudônimo de "Juvenal" e Olavo Bilac, que assinava "D. Louro". Além desses, o mais famoso boêmio que passou pelo jornal e o principal redator do periódico, foi o alagoano José Ângelo Vieira de Brito, que possuiu inúmeros pseudônimos: Bock, J. Brito, Bier, Mané Gregório e Carlos Eduardo e fez fama em várias outras publicações[10].

É pertinente destacar que estes jovens estão inseridos em um contexto de modernismo brasileiro e no que concerne a este tema nos valemos da discussão de Mônica Pimenta Velloso. Ela entende que o modernismo trata-se de "um processo e movimento contínuo que vai desencadear vários outros movimentos no tempo e no espaço. Propomos pensar o modernismo a partir da perspectiva da simultaneidade, da continuidade e da pluralidade" (VELLOSO, 2008: 353) e afirma que muito antes da Semana de Arte de Moderna de São Paulo, em 1922, já existia no Brasil um movimento modernista, localizado no Rio de Janeiro e composto por inúmeros intelectuais. Muitos são conhecidos até hoje, a exemplo de Tobias Barreto, Silvio Romero e Euclides da Cunha, que compunham a chamada "geração de 1870", que estava preocupada, entre outras coisas, em definir uma nacionalidade para o Brasil. Uma das diferenças entre os movimentos é que o do Rio de Janeiro não sistematizou as suas produções em um só projeto como a Semana de 1922, ou seja, "o modernismo carioca irá se organizar de forma diferente da que veremos mais adiante acontecer em São Paulo. Ao contrário dos modernistas paulistas, os intelectuais cariocas refutam a ideia de um movimento literário organizado" (DEALTRY, 2009 *apud* CARVALHO, 2015: 57).

Dentro desse movimento modernista havia também a presença dos boêmios – grupo que agregava a maior parte dos jovens que escrevia *O Rio Nu* – "que tinha como um dos principais instrumentos de comunicação a linguagem humorística. Através dos escritos satíricos e caricaturas, o grupo busca mostrar as mudanças que estavam ocorrendo nos tempos modernos" (VELLOSO, 2008: 360). Sendo assim, voltamos a uma reflexão feita anteriormente: a imprensa

Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, Rio de Janeiro, 2010, p. 25.

[9] Para mais nomes de jornalistas e seus pseudônimos, consultar PEREIRA, Cristiana Schettini. **Um gênero alegre: imprensa e pornografia no Rio de Janeiro (1898-1916).** 1997. 208p. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1997, p. 50-51.

[10] Dino Preti faz um ótimo apanhado sobre a vida pessoal e a carreira jornalística de J. Brito. Ver: PRETI, Dino. **A linguagem proibida:** um estudo sobre a linguagem erótica: baseado no dicionário moderno de Bock, de 1903. São Paulo: T. A. Queiroz, 1983. p. 23-27.

ISBN: 978-85-7822-205-5

(em nosso caso a pornográfica) agiu como ferramenta de construção de uma nova sociedade brasileira, ou seja, além de informar e entreter, os jornais que circularam na incipiente república imbuíram-se com o papel de civilizar, ordenar e incluir os seus leitores nos novos tempos. E não somente através das palavras, como também nas variadas ilustrações, que muitas vezes estampavam capas de variadas publicações. Como bem afirma Izamara Bastos (2008: 3), "através dos discursos, sejam eles homogêneos ou não, passa-se a construir e a sedimentar pontos fundamentais e marcantes no desenvolvimento de uma sociedade".

A expressiva aceitação d'*o Rio Nu* por parte do público leitor – majoritariamente masculino – se deu, além do conteúdo humorístico e obsceno, também pelo seu baixo preço, 100 réis, que era o valor de uma passagem de bonde, por exemplo, e pelas facilidades oferecidas pelo periódico. Havia a possibilidade de fazer assinaturas anuais e semestrais custando 12 mil e 7 mil réis, respectivamente. Tais facilidades proporcionaram ao jornal uma circulação para além do Rio de Janeiro, chegando a cidades como Belém, Maceió, Fortaleza, Aracaju e outras. Vale destacar que a utilização de ilustrações de mulheres nuas e seminuas e/ou de cunho humorístico também foi um artifício utilizado pelo jornal para fidelizar e conquistar mais leitores.

No que diz respeito a estrutura, o jornal era disposto, inicialmente, em quatro, e depois, em oito páginas. Nestas encontravam-se colunas fixas, como por exemplo: "Nas zonas", em que apareciam fofocas e escândalos das zonas de prostituição; "Avenida Central", em que o personagem "Vagabundo" contava suas histórias criticando altas figuras da política e os passantes da elegante avenida; o "Theatro d'O Rio Nu", em que eram publicados monólogos e cançonetas; "Gambiarras", que se preocupava em narrar os bastidores do mundo teatral e a "Biblioteca d'O Rio Nu", que anunciava diversas publicações baratas para homens. Estas publicações eram de autoria dos redatores do jornal, que devida a alta aceitação dos leitores, logo transformaram-se em livros. Uma das publicações mais famosas do periódico foi *A Vingança do Sapateiro* escrita por Carlos Eduardo (Bock), o já mencionado redator.

APORTES TEÓRICOS PARA A ANÁLISE DO JORNAL PORNOGRÁFICO

Exposto alguns detalhes sobre a nossa fonte de pesquisa, estabeleceremos a partir de agora uma interlocução entre a fonte de pesquisa e os conceitos e ideias[11] discutidos nas

[11] A fim de uma melhor percepção por parte do leitor, os conceitos debatidos no âmbito das disciplinas estarão em destaque durante este excerto do texto.

ISBN: 978-85-7822-205-5

disciplinas do Programa de Pós-Graduação em História (PROHIS/UFS) a partir dos textos debatidos em sala de aula e até mesmo dos textos que constavam na bibliografia sugerida pelos professores.

Como fora dito, o jornal era produzido por jovens da boêmia literária carioca e esteve inserido dentro dum contexto sociocultural, político e econômico complexo que indubitavelmente influenciou no periódico. Diante disso, é possível afirmar que os perfis de mulheres expostos no impresso – o nosso objeto de pesquisa – tratam-se de *representações*.

> As representações do mundo social assim construídas, embora aspirem à universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas pelos interesses de grupo que as forjam. Daí, para cada caso, o necessário relacionamento dos discursos proferidos com a posição de que os utiliza. (CHARTIER, 2002: 17)

Sendo assim, as *representações* femininas expostas no jornal de "gênero alegre" por mais que pudessem parecer, não eram espelhos do real e muito menos tratavam-se de discursos neutros o que implica dizer que elas foram estabelecidas a partir de estratégias e práticas que estão sempre colocadas em um "campo de concorrências e de competições cujos desafios se enunciam em termos de poder e de dominação" (CHARTIER, 2002: 17). Elas estavam apresentadas em textos e/ou imagens que simbolizavam os tipos de mulher existentes na sociedade do início do século XX e estabeleciam – fosse nas entrelinhas ou não – a perspectiva de uma "mulher ideal", haja vista que o periódico destinava-se ao público masculino. Elas possuíam uma influência capaz de persuadir os seus leitores indicando que o real corresponde ao que elas dizem e mostram, afinal as *representações* "têm em vista fazer com que a identidade do ser não seja outra coisa senão a aparência da representação, isto é, que a coisa não exista a não ser no signo que a exibe" (CHARTIER, 2002: 21).

Isto posto, podemos pensar sob duas óticas, tendo nossa fonte como base: as *representações* destacadas pelo *O Rio Nu* delineavam ideais inéditos de mulheres – não podemos nos esquecer que as pessoas que faziam o periódico provavelmente tinham acesso ao que se dizia/publicava na Europa, a principal inspiração sociocultural do país, e dessa forma eram influenciados por esses materiais – ou até mesmo puderam ser reafirmações, reiterações de ideais já presentes na sociedade carioca. Logo, ao passo que o jornal transgredia condutas e comportamentos, ele acabava por reafirmar posturas sociais.

Ao propor analisar as *representações* de mulher publicadas pelo *O Rio Nu*, esta pesquisa insere-se dentro dos *estudos de gênero* – que está localizado dentro da segunda onda do

ISBN: 978-85-7822-205-5

feminismo (1960-70) – e não vislumbra opor ideias de feminilidade e masculinidade, pois acreditamos que não é possível estudar mulheres, sem mencionar os homens e vice-versa.

Enquanto categoria de análise histórica, *gênero* indica que as concepções de masculino e de feminino possuem historicidade, isto é, os significados de "ser homem" e "ser mulher" são criados, reproduzidos e/ou transformados no decorrer do tempo, logo, não é algo dado e finalizado no momento do nascimento.

> Seu uso rejeita explicitamente explicações biológicas, como aquelas que encontram um denominador comum, para diversas formas de subordinação feminina, nos fatos de que as mulheres têm a capacidade para dar à luz e de que os homens têm uma força muscular superior. (SCOTT, 1995: 75)

Indica também que este conceito está inserido em contextos bem definidos e se estabelecem através de relações de poder, ou seja, "é mais do que uma identidade aprendida, é uma categoria imersa nas instituições sociais (o que implica admitir que a justiça, a escola, a igreja, etc. são 'generificadas', ou seja, expressam as relações sociais de gênero)" (LOURO, 1995: 103).

Se a imposição de uma representação perpassa por noções de poder e dominação, podemos pensar a imprensa – neste caso *O Rio Nu* – como um espaço de poder, que foge de lugares comuns, tais como a política e a economia, e firma a sua influência através de elementos simbólicos. Ela parece neutra e imparcial, porém, tem suas diretrizes, suas aspirações e exerce influência sobre o público que a consome. A imprensa como *poder simbólico* é aquela que não se mostra como um poder, não aparenta ser um meio de coerção, é o poder em que o indivíduo não sabe ou não percebe que está sendo dominado, afinal ele "só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou mesmo que o exercem" (BOURDIEU, 1989: 7-8).

A nossa pesquisa também pode dialogar com a perspectiva de *violência simbólica* (BOURDIEU, 2002), imposta por uma espécie de *dominação masculina*[12], no tocante as possíveis representações que visavam aviltar as mulheres que fugissem de um pretenso modelo ideal de feminilidade (dona de casa, honesta, tranquila, desconhecedora de artifícios sexuais, etc.). Se tal violência mostra-se suave, insensível e invisível a suas próprias vítimas e é expressada pelas vias da comunicação, a análise de textos e gravuras irá corroborar ou por

[12] Por dominação masculina podemos entender uma naturalização de uma pretensa dominação masculina sobre a feminina, justificando as diferenças sociais. BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

ISBN: 978-85-7822-205-5

abaixo a possibilidade de uso de tal conceito. Por ora, acreditamos que tal perspectiva irá agregar aos nossos trabalhos.

É pertinente observar em nossa pesquisa questões relacionadas ao modo de ler daqueles que consumiam *O Rio Nu*. A princípio destaco o uso do termo "consumir". Ele se faz presente, pois acreditamos que nem todos aqueles que tinham acesso ao periódico o compravam e/ou sabiam ler, apesar dos bons índices de alfabetização do Rio de Janeiro,[13] e mesmo aqueles que sabiam talvez nem sempre o liam de forma silenciosa, apesar de que nesta época a leitura já se caracterizava por ser um ato individualizado e silencioso. Sendo assim, é preciso cogitarmos uma sociabilidade da leitura (CHARTIER, 2002: 124-126), ou seja, muitas leituras poderiam ser compartilhadas e não somente recolhidas a intimidade. É preciso também nos atermos às relações entre a textualidade e a oralidade, isto é, o jornal atento a sua popularidade entre diversos setores sociais não publicava textos de difícil compreensão, ele utilizava fórmulas linguísticas – a exemplo de gírias, jargões, frases da época – que facilitassem a oralidade daqueles textos e principalmente o entendimento daquilo que estava no papel. Além de artimanhas textuais, o jornal fazia uso de gravuras e/ou fotografias afim de uma melhor compreensão por parte do leitor, intensificar as vendas e, claro, estabelecer as *representações* que lhe eram interessantes.

Esses entendimentos partem dos conceitos *prática de leitura* e *protocolo de leitura* desenvolvidas por Roger Chartier (1996). O primeiro corresponde, em síntese, às interpretações que os leitores fazem diante de um texto. Trata-se daquilo que o leitor infere após ler ou ver o que consta em um livro, por exemplo. Não se trata de algo natural ou espontâneo, pois questões envolvendo alfabetização, condições econômicas, posicionamentos políticos, sociais e morais, entre outros, são elementos que influenciam em nossas leituras e determinam nossas interpretações. Como afirma Márcia Abreu (2004: 29) ao dissertar sobre a literatura: "[...] a literariedade não está apenas no texto [...] e sim na maneira como ele é lido. Um 'mesmo' texto ganha sentidos distintos de acordo com aquilo que se imagina que ele seja [...]". Logo, não

[13] Segundo Alessandra El Far: "O índice de analfabetismo no Rio de Janeiro, naquele final de século [o XIX], era o mais baixo do país. Enquanto 80% dos brasileiros não sabiam ler ne escrever, quase metade da população carioca aparecia, nos dados oficiais, liberta desse mal. Segundo o censo de 1890, a população da capital federal eram de 522 mil habitantes, um número que praticamente havia dobrado em relação ao recenseamento de 1872 desse meio milhão de moradores, 57,9% dos homens e 43,8% das mulheres foram registrados como alfabetizados, o que representava em termos numéricos, cerca de 270 mil pessoas capazes de ler e escrever. [...] Em 1906, havia na cidade 811 443 almas, cujo montante de possíveis leitores ultrapassava os 400 mil." In: EL FAR, Alessandra. **Páginas de sensação** – literatura popular e pornográfica no Rio de Janeiro (1870-1924). São Paulo: Companhia das Letras, 2004, p. 12-13.

ISBN: 978-85-7822-205-5

depende do autor do texto ou do editor da obra determinar a "interpretação correta" de um texto. Dentro dos limites cabíveis, é algo particular, é algo que somente o leitor tem domínio.

No entanto, o autor e editor fazem por onde guiar o leitor a um entendimento especifico. A isso chamamos de *protocolo de leitura*, ou seja, os mecanismos utilizados pelo autor – o modo de organizar o texto, o emprego de certa linguagem ou a adesão a uma convenção, por exemplo – e também pelo editor – tipos de papel, tamanho da fonte, a inclusão de imagem, a exclusão ou modificação de certas passagens do texto, etc. – que vislumbram proporcionar àqueles que tem acesso ao material, no nosso caso, o jornal, uma determinada compreensão. Comentando sobre a produção de folhetos, Márcia Abreu destaca a relevância do trabalho de edição:

> [...] na literatura de folhetos, o formato – surgido da necessidade de economizar papel – condiciona uma série de questões relativas à composição dos poemas. O número de folhas define quanto o poeta poderá escrever, pois o autor não pode ocupar menos ou mais páginas e sim um espaço exato. [...] No caso dos folhetos, a coisa é mais complicada, pois eles são sempre escritos em versos. Assim, a delimitação não se restringe à quantidade de páginas, mas condiciona a composição de um número determinado de estrofes. [...] O número de páginas não interfere somente no tamanho dos poemas, mas determina também o gênero dos escritos. (ABREU, 2004: 62-64)

Chartier também nos traz um exemplo do quão influentes são os *protocolos de leitura* ao dissertar sobre o trabalho de criação e edição da coleção de livros franceses Biblioteca Azul:

> [...] el estudio de algunos títulos específicos permitió señalar las intervenciones llevadas a cabo por los "editores" (em los dos sentidos del término) en los textos que elegían para el repertorio de la literatura de cordel. Estas intervenciones, que son como la figura inversa de las reescrituras letradas del repertorio tradicional, se situaban em tres registros (que, además, no estaban necessariamente presentes en cada caso): la abreviación de los textos, su recorte en múltiples capítulos y párrafos, y la censura de los pasajes o de las expresiones consideradas blasfemas e inmorales. Esta triple lógica (textual, formal y cristiana) rigió la adaptación de los textos para su publicación en la fórmula editorial, inventada por los libreros de Troyes, y para las capacidades que ellos suponían que tenían los lectores más populares. (CHARTIER, 2005: 176)

No caso d'*O Rio Nu* depreendemos que as ilustrações nas capas, as colunas dispostas em páginas específicas, os textos curtos, entre outros elementos, correspondem a *protocolos de leitura* pensados pelos editores do periódico a fim de estabelecer *horizontes de expectativas* em seus leitores, que nem sempre condiziam com as *experiências* vividas por eles[14].

[14] Ao utilizarmos a ideia de horizontes de expectativas consideramos as análises desenvolvidas por Reinhart Koselleck, que entende tanto o espaço de experiência quanto o horizonte de expectativas como "categorias do conhecimento capazes de fundamentar a possibilidade de uma história", ou seja, a história para se constituir como tal necessita das experiências vividas, mas também das expectativas dos atores sociais que nela atuaram. Dessa forma, ao analisarmos este jornal devemos verificar que as experiências de propagação de imagens de mulheres honradas e mulheres "da vida", por exemplo, estão repletas de expectativas de conscientização de seus leitores. Para mais detalhes, ver: KOSELLECK, Reinhart. "Espaço de experiência" e "horizonte de expectativa": duas

ISBN: 978-85-7822-205-5

Assim como as práticas, os *protocolos de leitura* não são orgânicos e a relação autor e editor não é sempre harmoniosa. Chartier nos alerta que os autores não escrevem livros, eles fazem somente textos. Os livros são manufaturados, organizados e impressos e isso não cabe ao autor executar. Logo, o texto só existe para o público na forma de um suporte que possibilita a sua leitura e assim é preciso separar as estratégias de escrita dos autores e as dos editores. Lembramos que apesar de estarmos mencionando o livro como objeto de análise, podemos também utilizar tal aparato teórico para o jornal, afinal ambos são materiais impressos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho aqui exposto preocupou-se em estabelecer uma interlocução entre os debates realizados no âmbito das disciplinas do Programa de Pós-Graduação em História (PROHIS/UFS) e a nossa pesquisa acadêmica acerca das representações femininas publicadas no jornal de gênero alegre *O Rio Nu*. A publicação carioca do início do século XX, circulou por inúmeras cidades brasileiras difundindo, além de outras coisas, elementos de civilidade através de perfis ideais de homens e mulheres.

Acreditamos que tal diálogo se deu de forma satisfatória por causa da instigante bibliografia apresentada pelos professores. Passeamos por noções da cultura, do poder, dos estudos de gênero e da teoria da história devido a pertinência que estas possuem ao nosso tema de estudo. Dessa forma, este artigo simboliza o cumprimento de um dos objetivos das disciplinas dos cursos de pós-graduação: auxiliar o discente na produção de sua pesquisa acadêmica, fornecendo cabedal teórico-metodológico capaz de incentivar o estudo, a reflexão e a discussão no campo científico que lhe cabe, além de ser utilizado pelo alunado na elaboração de sua dissertação ou tese. Isso não quer dizer, é claro, que todo o conteúdo debatido em sala de aula será reaproveitado por completo nas pesquisas, mas se ao menos uma parcela for útil ao pesquisador, as disciplinas se mostram de suma importância. Conosco, é notável depois dessas páginas que as discussões acerca de textos de Roger Chartier, Pierre Bourdieu e Reinhart Koselleck por exemplo, foram e serão ainda mais profícuas para os nossos estudos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Márcia. **Cultura Letrada**. Literatura e leitura. São Paulo: Unesp, 2004.

categorias históricas. In. KOSELLECK, Reinhart. **Futuro Passado***:* contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2006. pp. 305-327.

ISBN: 978-85-7822-205-5

BARBOSA, Marialva. **História Cultural da Imprensa**: Brasil, 1800-1900. Rio de Janeiro: Mauad X, 2010.

BASTOS, Izamara. A imprensa no Rio de Janeiro da Belle Époque. In: VI Congresso Nacional de História da Mídia, 2008, Niterói. **Anais do VI Congresso Nacional de História da Mídia**, 2008, p. 1-15.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Lisboa: DIFEL, 1989.

_____. **A dominação masculina**. 2ªed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

CHARTIER, Roger. Do livro à leitura. In. CHARTIER, Roger (org). **Práticas da leitura**. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.

_____. **A História Cultural**: entre práticas e representações. Lisboa: DIFEL, 2002.

_____. **El presente del pasado**. Escritura de la historia y historia de lo escrito. Ciudad del Mexico: Universidad Ibero Americana, 2005.

DEALTRY, Giovanna. O fio da navalha: malandragem na literatura e no samba. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2009, p. 28 *apud* CARVALHO, Marina Vieira de. Um natal profano, um natal político: a cidade em festa de fim de ano pelo traço erotizado dos jornalistas do Rio Nu. **Intellèctus**. Rio de Janeiro, v. 14, n. 2, 2015, p. 57.

EL FAR, Alessandra. **Páginas de sensação** – literatura popular e pornográfica no Rio de Janeiro (1870-1924). São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

_____. Crítica social e ideias médicas nos excessos do desejo: uma análise dos "romances para homens" de finais do século XIX e início do XX. **Cadernos Pagu**. Campinas, n. 28, p. 285-312, jan./jun. 2007.

KOSELLECK, Reinhart. "Espaço de experiência" e "horizonte de expectativa": duas categorias históricas. In. KOSELLECK, Reinhart. **Futuro Passado***:* contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2006. p. 305-327.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero, história e educação: construção e desconstrução. **Revista Educação e Realidade**. v. 20, n. 2, p. 101-132, 1995.

MELLO, Maria Tereza Chaves de. A modernidade republicana. **Tempo**, Niterói, v. 13, n. 26, p. 15-31, 2009.

ISBN: 978-85-7822-205-5

PEÇANHA, Natália Batista. **"Regras de civilidade"**: tecendo a masculinidade do *smart* nas páginas d'*O Rio Nu* (1898-1916). 2013. 162p. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, Rio de Janeiro, 2013.

PEREIRA, Cristiana Schettini. **Um gênero alegre:** imprensa e pornografia no Rio de Janeiro (1898-1916). 1997. 208p. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, São Paulo, 1997.

_____. O que não se vê: corpos femininos nas páginas de um jornal malicioso. In. DEL PRIORI, Mary; AMANTINO, Márcia (Org.). **História do corpo no Brasil.** São Paulo: Editora Unesp, 2011.

PRETI, Dino. **A linguagem proibida:** um estudo sobre a linguagem erótica: baseado no dicionário moderno de Bock, de 1903. São Paulo: T. A. Queiroz, 1983.

SCOTT, Joan Wallach. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**. Porto Alegre, vol. 20, n. 02, jul./dez. 1995, p. 71-99.

VELLOSO, Mônica Pimenta. O modernismo e a questão nacional. In. FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia de Almeida Neves (Org.). **O Brasil Republicano**: o tempo do liberalismo excludente – da Proclamação da República à Revolução de 1930. 3ª edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

ISBN: 978-85-7822-205-5

EDUCAÇÃO E POLIDEZ EM DAVID HUME

Autora: Mariana Dias Pinheiro Santos
Graduanda do curso de Filosofia da UFS
Bolsista CNPq.
marianadps4ntos@gmail.com

Orientador: Prof. Dr. Marcos Fonseca Ribeiro Balieiro (PPGF/DFL/UFS)

Introdução

O filósofo escocês David Hume é comumente lembrado por aqueles que não estão familiarizados com sua obra como o autor que iluminou Immanuel Kant, e como uma figura de grande importância no empirismo. Mas estamos preocupados neste texto é com uma outra parte dos seus engenhos. Pretendemos ver nesse autor algo que era comum em parte de seus contemporâneos, a saber, preocupações com o cenário em que se incluía, com o rumo que a sociedade tomava, com a influência das artes na vida dos indivíduos e com um melhor caminho para a felicidade individual e geral. É nesse sentido que a polidez ganha um espaço importante na obra do escocês.

Dito isso, o presente texto pretende elucidar como o que Hume defende como polidez seria capaz de educar o homem por meio do cultivo das letras, da poesia, da escrita, da arte e da conversação, elevando-o no âmbito intelectual e no do convívio, e tornando-o, ao lado de todos os indivíduos, uma companhia eloquente e agradável para os mais diversos tópicos de conversação e para a convivência. Para evidenciar o que é a polidez e qual deve ser o processo de educação para obtê-la, exploraremos a maneira como o filósofo lida com a noção de civilização, cartas selecionadas do escocês que evidenciam como a polidez se dá numa relação, a crítica que Hume direciona aos que defendiam a autenticidade dos Poemas de Ossian e alguns ensaios, tais como: **“Da Delicadeza de Gosto e de Paixão”**, **“Da arte de escrever ensaio”**, **“Da ascensão e progresso das artes e da ciência”**, **“Do refinamento nas artes”**.

Cavalaria, civilização e barbárie

Há dois termos que caminham juntos e que são de extrema importância para começar a compreender a polidez para nosso autor; são eles: cavalaria e civilização. O primeiro, nos

ISBN: 978-85-7822-205-5

esclarece Balieiro, é entendido por Hume como aquilo que engendrou a polidez moderna, um conjunto de práticas atreladas, "em ampla medida, a certa concepção de identidade nacional inglesa" (BALIEIRO, 2017, p. 55), que, por volta de 1066, podem ser vistas como um marco civilizatório nas instituições normandas. O segundo, nos explica Pimenta, para Hume diz respeito a uma "nação refinada ou polida" e "não só bem administrada como pacífica e bem resolvida no que se refere aos termos em que se dão as relações entre os homens" (PIMENTA, 2013, p. 128). Podemos com isso entender, em alguma medida, que o primeiro termo exerceu influência sobre o segundo, afinal, ao que parece, o segundo não seria capaz de existir, nos termos entendidos por Hume, sem o primeiro. Não seria possível constituir uma civilização sem que o povo, antes, passe pelo processo civilizatório, por uma educação que lhes possibilitasse serem pacíficos; essa educação ocorre por meio da polidez que começa a surgir, primeiro, com certos ideais da tradição de cavalaria.

Isso fica mais evidente quando colocamos em vista a "barbárie", que pode ser entendida como uma constituição de: costumes rústicos e belicosos ao lado de paixões brutas e explosivas; isso seria incompatível com a felicidade. Hume nos promove um importante exemplo que reflete sua época no ensaio **"Da ascensão e progresso das ciências e das artes"** para esclarecer a diferença entre um mundo polido e um mundo bárbaro. "Nações bárbaras", nos diz o escocês acerca do poder masculino, "exibem essa superioridade reduzindo suas mulheres à mais abjeta escravidão; confinando-as, espancando-as, vendendo-as, assassinando-as" (HUME, 2003, p 93). O homem polido, por sua vez, tratará a mulher com deferência e civilidade, sem, nem mesmo por isso, perder a sua autoridade. Ora, então deve-se perguntar: qual é o processo pelo qual se pode engendrar a polidez no seio de um indivíduo?

Mas, antes de responder tal questão, parece importante elucidar melhor o que é a barbárie. Quando colocamos em vista a resenha crítica que Hume direciona aos Poemas de Ossian, por duvidar de sua autenticidade, os principais argumentos que o escocês levanta dizem respeito ao modo pelo qual o tradutor James MacPherson pinta os eventos que ocorrem durante as tramas, que parecem dizer mais respeito ao modelo moderno de tratar e resolver os embaraços do que ao modo rústico da época em que teriam sido escritos, no século III antes de cristo. Hume nos diz que, segundo o tradutor, os poemas celtas foram transmitidos oralmente e fielmente há aproximadamente quinze séculos "através de épocas totalmente ignorantes de letra, pela nação talvez a mais rude de toda a Europa, a mais carente, a mais turbulenta, a mais feroz, a mais irrequieta" (HUME *apud* PIMENTA, 2013, p. 138). Entretanto, nosso autor

ISBN: 978-85-7822-205-5

ressalta que, nos poemas, é possível ver claras noções de cavalaria, galanteio[15], gentileza e noções civilizadas de modos de pensar, no lugar de impostura, rude selvageria e sentimento de grandeza, que parecem muito mais adequadas ao contexto em que foram escritos. Vejamos a seguinte passagem:

> O furioso combate entre Fingal e Swaran dura o dia inteiro. Quando a escuridão suspende a luta, comem juntos como grandes amigos, e então retomam a luta com o raiar do dia. Seriam estas maneiras as de noções bárbaras, ou mesmo de povos com senso comum? Observe-se que toda essa narrativa é supostamente oferecida por um poeta contemporâneo aos eventos... Em todas as nações rudes, a força e a coragem são as virtudes predominantes, e a inferioridade das mulheres, nesse particular, as torna objetos de desprezo, não de respeito ou deferência. (HUME *apud* PIMENTA, 2013, p. 140)

Além disso, há outros pontos que Hume nos diz que são incompatíveis com os povos rudes: são as maneiras (que não podem ser falsificadas, já que não tem nenhuma outra noção) e as artes. Estas aparecem nos poemas da maneira mais inusitada e atemporal possível, como, por exemplo, nas cenas de descrições que, pela grandeza e eloquência, parecem ser tomadas das Escrituras, e dos barcos, que dizem muito mais respeito aos contemporâneos do escocês. Para Hume, era inconcebível que os poemas de Ossian fossem realmente autênticos; afinal, os bárbaros tinham tanta familiaridade com o alfabeto quanto com a eloquência. Esses povos, nos diz o autor, deveriam estar mais preocupados com a hostilidade interna devido ao governo imperfeito que tinham, e com o planejamento de uma vingança com alguma tribo vizinha, do que com o lazer para pensar, o gosto elegante para a poesia, a fina composição, o gosto refinado e um juízo límpido e sereno.

O engendramento da polidez

Algumas considerações sobre a passagem do registro bárbaro para o polido parecem fazer-se necessárias antes de pensar a forma pela qual a polidez engendra-se no indivíduo. Sabino (2016) nos informa que o refinamento ocorreria por meio de um processo histórico, a partir da sensibilidade cultivada. O homem sempre é atraído para as virtudes sociais em função de sua constituição benevolente, e isso pode ser observado mesmo nas nações incultas que ainda não

[15] Que, como foi dito anteriormente, passa a desenvolver-se na Inglaterra apenas a partir da conquista normanda, em 1066.

ISBN: 978-85-7822-205-5

atingiram de forma plena a benevolência e por isso acreditam que a coragem é a maior das virtudes. Além disso, para que a sociedade se forme, nos diz Hume (2004), é necessário que, além de vantajosa, ela seja sensível às suas vantagens. Em virtude disso, Sabino (2016) informa que o meio pelo qual pode-se engendrar a civilidade é através do cultivo e desenvolvimento da natureza refinada; a educação e a política são característicos instrumentos desse processo. É necessário, ainda, fazer com que o homem não abandone este hábito, fazendo-os reviver as experiências artificiais que engendram esse comportamento.

Ainda assim vale a pena investigar um pouco mais o que permitiria a passagem do registro inculto para o culto. No ensaio **"Do refinamento nas artes"** Hume nos diz que a educação e o costume contribuem para o paladar que se obtêm para o prazer e para a ação que compõem a felicidade humana; e o homem, afirma Sabino (2016), pela sua distinta composição, é obrigado a desenvolver o que a natureza lhe oferece por meio da indústria e da arte, e não podemos perder de vista, ainda, que "o grande objetivo de toda indústria humana é alcançar a felicidade" (HUME *apud* Sabino, 2016, p. 231). O refinamento, então, parece fazer parte do processo que o indivíduo encontrará para que suas necessidades sejam satisfeitas e para que sua felicidade seja alcançada.

O avanço das artes refinadas é atrelado à sociabilidade humana, visto que fornece fundos para o bom convívio; a solidão que pode-se observar nos bárbaros, segundo Hume (2008), é colocada de lado em função do gosto pelo bom convívio. Este pode ser visto, por exemplo, na vontade de transmitir conhecimento, engenho, boa educação e gosto para o trato social e para os utensílios. O cultivo destas atividades, tal qual um cultivo agrário, como informa Sabino (2016), é necessário para que o comportamento industrioso e refinado tome o lugar da convivência selvagem. Deve-se contornar o orgulho e a ambição, que são produtos inconvenientes da natureza humana e contribuem para o declínio social, através do cultivo da natureza artificial (Sabino 2016).

A simpatia é um termo de considerável importância na filosofia de Hume, e algumas considerações sobre ela talvez nos permitam perceber, ao lado dos comentários anteriormente tecidos, como a polidez engendra-se no âmbito social. Guimarães (2007) e Sabino (2016) concordam que a simpatia é de fundamental importância para que uma sociedade torne-se civilizada, pois a partir desse princípio o indivíduo não apenas encontra a felicidade a partir do refinamento, mas contagia aqueles que estão ao seu redor. "A simpatia estende nosso interesse para além de nosso círculo imediato", ela "cria a sociedade ao estabelecer entre seus membros laços afetivos, padrões de convívio e conduta, e experiências e conceitos compartilhados"

ISBN: 978-85-7822-205-5

(GUIMARÃES, 2007, p. 204), o que traz uma luz à afirmação de que o "espírito das artes afeta todas as artes, e a mente humana [...] volta-se para todos os lados e faz aprimoramentos em cada arte ou ciência" (HUME, 2008, p. 211).

Por fim, antes de retomar a questão que nos propomos responder, é importante ressaltar, mesmo que de forma breve, o efeito deletério que o refinamento pode ter caso não seja cultivado de forma adequada e moderada. Para Hume, em **"Do refinamento nas artes"**, nenhuma gratificação, seja ela a mais sensual, pode ser considerada viciosa nela mesma. Só poderá ser considerada desta forma caso consuma todo o ganho de um homem, tomando-lhe a possibilidade de efetuar atos de dever e generosidade que são cobrados por sua posição afortunada, o que faz o vício parecer consistir no prejuízo para si mesmo e para a sociedade pelo excesso (por exemplo) de refinamento. Caso este incorra em exagero e não realce ou adorne a natureza das coisas apenas é fútil e passageiro. Neste ponto, portanto, nos é suficiente assumir a posição de Sabino de que "a polidez, assim como a simplicidade, representam um ganho moral quando nelas prevalece a moderação, não sendo nenhuma delas uma vantagem social por si mesmas" (SABINO, 2016, p. 236).

Com as considerações tecidas acima que indicam o engendramento da polidez no âmbito social, acreditamos que nos é lícito retornar, agora, à questão proposta na parte anterior, a saber, qual é o processo pelo qual se pode engendrar a polidez no seio de um indivíduo. Iremos respondê-la à luz dos ensaios: **"Da delicadeza de gosto e de paixão"** e **"Da arte de escrever ensaios"**. Aparentemente, para Hume, a polidez começa a surgir quando um grupo troca, aos poucos, os costumes rústicos e belicosos e as paixões brutas e explosivas, por boas maneiras, boa conduta, paixões agradáveis, ações adequadas às situações e um gosto fino para letras. Existem duas perguntas que não podem deixar de serem feitas, a saber, o espírito humano, para se elevar, deve dedicar-se integralmente à erudição? E, como se faz para ter um juízo fino e um gosto refinado ao lado de paixões agradáveis? Começaremos a pela segunda, pois ela nos encaminhará para a primeira.

No ensaio **"Da delicadeza de gosto e de paixão"**, Hume nos diz que existem duas formas, em suma, de sentir o mundo, através da delicadeza de gosto e da delicadeza da paixão. Ambas têm um ponto em comum: ampliam "tanto a esfera de nossa felicidade como a de nossa miséria, tornando-nos sensíveis tanto a dores quanto a prazeres que escapam do resto dos homens" (HUME, 2008, p. 14). A delicadeza de paixão, entretanto, está presente naqueles indivíduos que se alegram e se entristecem diante de qualquer evento que lhes ocorra; pequenos gestos são capazes de formar uma grande amizade, pequenas discordâncias são capazes de gerar

ISBN: 978-85-7822-205-5

os maiores ressentimentos. Estão suscetíveis, constantemente, a grandes dores e a grandes felicidades, qualquer paixão toma-os da forma mais pungente possível por estarem completamente fora de seu controle. Esse tipo de indivíduo é propenso aos incômodos "transportes que excedem qualquer limite de prudência e discrição, e a dar maus passos, frequentemente irreversíveis, na conduta de suas vidas" (HUME, 2008, p. 13).

A delicadeza de gosto, diferentemente da de paixão, afeta o indivíduo de outra forma; deixa-o sensível e repleto de paixões ternas diante dos versos de um poema, da beleza de uma pintura ou de uma conversa eloquente e polida; a rudeza, quando apresenta-se nesses mesmo exemplos, é extremamente nociva a ele. Essa delicadeza, nos diz Hume, deve ser estimulada em detrimento da outra através do cultivo "daquele gosto mais elevado e fino que nos habilita a julgar o caráter dos homens, as composições dos gênios e as produções das artes mais nobres" e, continua o escocês, "ter gosto fino é, em certa medida, o mesmo que ter senso forte" (HUME, 2008, p. 14). Quando o indivíduo refinar o suficiente o seu espírito, será incapaz de se entristecer ou se alegrar diante de qualquer frivolidade, como aconteceria se cultivasse a delicadeza de paixão; mas, por outro lado, será completamente habilitado para melhores amizades, amores e disposições em sua mente. Balieiro não deixa de evidenciar que a filosofia, para Hume, deve estar acompanhada pela "dedicação à poesia, à eloquência, à música, à pintura" (BALIEIRO, 2012, p. 44). Ou seja, o refinamento e a polidez não pretendem, de forma alguma, extinguir as paixões dos indivíduos, mas adaptá-las com vistas a um melhoramento na sociabilidade (Sabino, 2016).

Isso nos encaminha para a primeira pergunta, a saber, o espírito humano, para se elevar, deve dedicar-se integralmente à erudição? Sua resposta, então, seria pela afirmativa? Evidentemente não. No ensaio **"Da arte de escrever ensaio"**, Hume expõe a divisão que há, em alguma medida (ainda que leve em conta que o mundo vem assistindo uma união) entre os homens que estão envolvidos com a atividade da mente, entre o mundo erudito e o mundo conversador. Os que constituem o primeiro, nos diz o autor, geralmente estão enclausurados em celas ou colégios e ocupam-se com as atividades mais complicadas para a mente humana, exigem labor, preparação, solidão e tempo livre. O mundo da conversação, por sua vez, é ocupado por aqueles indivíduos que têm uma inclinação para "os mais amenos e suaves exercícios do entendimento, para reflexões óbvias sobre assuntos humanos e obrigações da vida comum e para observações sobre os defeitos ou perfeições dos objetos particulares que o cercam" (HUME, 2008 p. 221). O escocês nota que, com essa separação, este mundo pode estar sujeito apenas aos tópicos de conversas que dizem respeito a fofocas e observações fúteis,

ISBN: 978-85-7822-205-5

tornando o tempo em que se dedica a passar com os outros uma parte tediosa e pouco proveitosa da vida.

O mundo erudito, por sua vez, parece ter mais a perder: até a sua saúde compromete-se. Os homens que se dedicam em demasia aos estudos tendem para: a melancolia, os gostos artificiais, os métodos lamentosos de estudos, o desenvolvimento de filosofias absurdas e ininteligíveis. Vale a pena evidenciar que Hume, em uma carta de juventude nunca encaminhada, descreve sintomas de uma "doença dos letrados". Na Conclusão do Livro 1 do **"Tratado da Natureza Humana"**, o autor usa um tom semelhante ao afirmar que se sente um "monstro estranho e rude que, por incapaz de se misturar e se unir à sociedade, foi expulso de todo relacionamento com os outros homens e largado em total abandono e desconsolo" (HUME, 2009, p. 296) comparáveis à um infortúnio na saúde, é, provavelmente, devido ao simples fato de o estudo excessivo ser por si só perigoso, e:

> Essa era, na verdade, uma ideia comum, o que pode ser confirmado em alguns dos tratados de higiene da época: em alguns deles, vemos a recomendação de que a dedicação aos estudos não ultrapasse quatro ou cinco horas por dia, depois das quais o ideal é que empreguemos nosso tempo em atividades agradáveis que não exijam muito de nossos cérebros fatigados. (BALIEIRO, 2012, p. 35)

O escocês pretende lidar com a "separação" entre o mundo erudito e o da conversação, sendo um "representante ou embaixador das letras nos domínios do convívio social" (HUME, 2008, p. 223). Não à toa que, por exemplo, em sua filosofia pretende elucidar tantos exemplos quanto forem possíveis, para tornar a leitura do vulgo mais acessível; por isso que, como ressalta Baleiro, para Hume, é imprescindível a observação da vida humana tal como ela se apresenta. Este aspecto fica mais evidente quando relembramos a analogia da **"Investigação sobre o Entendimento Humano"** que nosso autor faz acerca do pintor e do anatomista[16]; enquanto que o segundo pode pautar-se apenas em minúcias e complicações; o primeiro precisa das qualidades do segundo para pintar com as mais belas cores qualquer evento ou ser. O meio termo entre a erudição e a conversação, no qual aquela é desacorrentada de suas celas, e esta educada para elevar os tópicos de conversação aos mais diversos e finos gostos, parece nos, não só saudável, como também desejável para o nosso autor. Os indivíduos estarão habilitados,

[16] É importante não perder de vista que a analogia empregada aqui é usada pela terceira vez pelo escocês. Esta direção é distinta da que podemos ver em uma carta endereçada a Hutcheson (primeira vez em que é utilizada), e da que podemos encontrar na conclusão do Livro 3 do *Tratado da Natureza Humana* (segunda vez que é utilizada).

ISBN: 978-85-7822-205-5

depois de educarem-se, a conversar sobre história, poesia, política e filosofia com as mais ternas paixões e mais polidos modos, com companhias tão agradáveis quando eles são.

Quando pensamos, ainda, sobre **"Da arte de escrever ensaio"**, Hume elege as mulheres, em especial as de bom senso, como soberanas no mundo da conversação, devido aos seus bons modos e a delicadeza de seus gostos. Nos diz ainda que nenhum escritor polido pode ter qualquer obra considerada boa sem antes passar pelo crivo dessas juízas. O escocês apresenta apenas uma ressalva para que elas não se tornem igualmente soberanas no mundo erudito: a leitura de novelas. Estas ensinam a devoção e a galanteria, que as fazem acreditar nestes aspectos como os mais elevados possíveis; sujeitam-se também em temas amorosos que deixam seus juízos afetados e pervertidos. O único modo pelo qual elas poderiam elevar o seu espírito seria pelo aprimoramento de seu talento natural para letras, tornando-se, dessa forma, educadas o suficiente para ter os mesmos engenhos que um homem de sua época (Balieiro 2012).

Considerações finais

No momento em que o indivíduo tiver sido educado o suficiente e de forma adequada através da polidez, tendo cultivado em si o gosto pelas artes, filosofias, literaturas e poesias, terá paixões adequadas para cada situação que lhes forem apresentadas, será capaz de ter conversas adoráveis sobre os mais diversos e eruditos temas, ficará cheio de ternura através dos bons modos e do bom convívio social, terá amizades mais duradouras e agradáveis, não irá deixar que qualquer frivolidade da vida comum o abale, terá o juízo fortalecido a ponto de não serem abatidos pelas paixões mais violentas, e, tendo todas essas qualidades de caráter, não poderá deixar de ser justo com os outros. Essa é, em parte, a melhoria social desejada por Hume que a polidez promove no âmago do indivíduo.

Por fim, já encaminhando-nos para o final, elucidaremos um exemplo de boa convivência polida através de alguns eventos que ocorreram na vida de nosso autor: a breve amizade com Rousseau e a duradoura amizade com D'Alembert. Hume aproxima-se de Rousseau por acreditar que ele tem um dos gênios e espíritos mais brilhantes da Europa, chegando a compará-lo a Montesquieu e considerá-lo superior a Sócrates; e em sua primeira impressão o descreve como gentil, bem humorado e dotado de bom senso. Nota também a intensidade das paixões, a fantasia efusiva, os raciocínios frouxos, a extravagância e a falta de rigor que o autor às vezes tem para comprovar seus sistemas em seus escritos, e esses pontos se

ISBN: 978-85-7822-205-5

deveriam, talvez, a falta de familiaridade do genebrino com a leitura[17]; mas o nosso autor minimiza todas as suas ressalvas quanto ao gênio e à escrita de Rousseau, maximizando o gênio brilhante. Depois que o genebrino anuncia o corte unilateral de sua amizade e publiciza um inquérito contra Hume, este passa a notá-lo de outra forma, potencializando suas ressalvas. O escocês acredita que a escrita e a leitura são capazes de apaziguar as paixões mais violentas e organizar as representações; com Rousseau, o processo seria inverso. Além disso, nosso autor acredita que atitude do genebrino ultrapassou todos os limites da prudência e da discrição, e por isso passa a reconsiderar a amizade que tinha. Afinal, como vimos no ensaio **"Da delicadeza de gosto de paixão"**, de que valeria uma amizade pautada em paixões fortes e violentas capazes de atos irreversíveis, se não para trazer sentimentos desagradáveis?

Mas, se de um lado Rousseau tentava denegrir a imagem de Hume em Paris, D'Alembert posicionou-se como seu defensor, e, ainda, aconselhou o escocês a não tomar posição diante da atitude do genebrino. Este autor é descrito por Hume como de domínio de talentos superiores, uma companhia agradável, "de moral irreprimível acima do interesse pessoal e da vã ambição" com um "caráter virtuoso e filosófico" (Pimenta 2013). A amizade de Hume com D'Alembert tinha preocupações com a sinceridade e com os sentimentos adequados a cada situação, com isso não poderia deixar de ser polida. A partir desse exemplo vemos a dissonância entre uma amizade pautada em paixão[18] e outra pautada em polidez[19].

Após todas as considerações aqui expostas, esperamos ter evidenciado, em alguma medida, como a polidez, através do cultivo moderado das letras, da poesia, da escrita, da arte e da conversação, para Hume, é capaz de educar o homem, elevá-lo intelectual e socialmente, tornando-o, ao lado de todos os indivíduos, uma companhia eloquente e agradável para todos os tópicos de conversação e para a convivência. Esperamos, ainda, ter mostrado como o cultivo de paixões incontroláveis e hábitos embrutecidos é capaz de tornar a convivência social um labor indesejável.

[17] Pimenta nos diz em *A imaginação criadora: Hume no século das luzes* que Rousseau seria um exemplo de um homem guiado pela delicadeza de paixão.
[18] Rousseau.
[19] D'Alambert.

ISBN: 978-85-7822-205-5

Referências Bibliográficas

BALIEIRO, M. **Felicidade e formação moral em David Hume**. In Controvérsia, vol. 8, nº 1: 34-45, jan-abr 2012.

_____. **Sociabilidade, sentimento e formação: sobre as mulheres em Hume e em Jane Austen**. In Revista Enunciação, vol.2, nº 2, 2º semestre de 2017.

GUIMARÃES, L. **Simpatia, moral e conhecimento na filosofia de Hume**. In doispontos, vol. 4, n. 2, outubro 2007.

HUME, D. **A arte de escrever ensaios e outros ensaios (morais, políticos e literários).** Tradução de Márcio Suzuki e Pedro Paulo Pimenta. São Paulo: Iluminuras, 2008.

_____. **Ensaios Políticos**. Tradução de Pedro Paulo Pimenta. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

_____. **Tratado da natureza humana: uma tentativa de introduzir o método experimental de raciocínios nos assuntos morais**. Tradução de Débora Danowski. São Paulo: editora UNESP, 2009.

PIMENTA, P.P. **A imaginação crítica, Hume no século das Luzes**. Rio de Janeiro: Azougue, 2013.

SABINO, A. **Virtudes sociais e o refinamento na filosofia moral de Hume**. In: Ensaios sobre a filosofia de Hume. Florianópolis: Núcleo de Epistemologia e Lógica, 2016.

ISBN: 978-85-7822-205-5

EUDEMONOLOGIA E ÉTICA EM SCHOPENHAUER: É POSSÍVEL UM VIVER FELIZ?

Autora: Priscila Silva Navas
Graduanda em Psicologia pela Universidade Federal de Sergipe
Bolsista Voluntária: PICVOL/COPES
prisci2015dir@gmail.com
Orientador: Prof. Dr. Bruno Martins Machado (DPS/UFS)

Introdução

Schopenhauer é um filósofo conhecido pelo seu pessimismo e, apesar disso, escreve um livro sobre eudemonologia, qual seja, instruções para uma vida feliz. Seria contraditório por parte de um autor que considera que a vida é repleta de sofrimentos? No presente estudo, feito através da leitura estrutural das obras Aforismos para Sabedoria de Vida e Sobre o Fundamento da Moral, pode-se perceber que o sofrimento da vida é inevitável visto que é impossível saciar os desígnios da Vontade.

Porém, apesar dessa impossibilidade, o autor traz à tona a questão da ética e da educação do intelecto como um meio de mudar as atitudes, ainda que o caráter seja imutável. Para tanto, é necessário o conhecimento de si mesmo e das motivações que impulsionam as ações, que podem ser compassivas, egoístas ou maldosas e estão presentes, em diferentes medidas, em cada um. Assim, deixa um caminho possível para a vida, ainda que minimamente, feliz – sendo esta a única preferível à não existência. (SCHOPENHAUER, 2002)

Dessa forma, Schopenhauer aponta instruções para uma vida feliz, voltada para o intelecto e para a evitação do sofrimento que, em sua maior parte é causado pela convivência em sociedade, pois este é o motivo pelo qual precisamos renunciar às vontades. Suas recomendações permeiam três eixos: do que alguém é, do que alguém tem e, do que alguém representa. O principal foco deste trabalho é o ponto do que alguém é, e como ser feliz frente ao caráter e motivações inatos e imutáveis.

Motivações e imutabilidade do caráter

ISBN: 978-85-7822-205-5

O entendimento do que é a Vontade, tema central da obra O Mundo como Vontade e Representação, é fundamental para a compreensão dos Aforismos. Para Schopenhauer, a Vontade é metafísica e irracional, inerente a todos os seres; e o caráter humano, imutável. Nem o intelecto, nem mesmo a razão humana são capazes de controlá-la, servindo apenas como "mero instrumento para efetivação dos seus interesses". (PEDREIRA; SANTANA, 2009, p. 6) Para Schopenhauer, toda ação ou omissão vai ser sempre motivada pela busca por prazer ou evitação do sofrimento. Ele aponta três tipos de caráter: o compassivo, egoísta e maldoso. Tais tipos são definidos pela motivação que é preponderante no indivíduo, sendo assim, alguém que é motivado principalmente pelo próprio prazer é egoísta; prazer alheio, compassivo e; sofrimento do outro, maldoso.

O autor se dedica a explicar o caráter compassivo, aquele que se move pelo outro. Vale destacar que para que uma ação seja considerada de compaixão, o indivíduo que a pratica não pode fazê-la considerando benefício próprio algum, ainda que não seja nesta vida. Sendo assim, até mesmo as ações motivadas por ensinamentos religiosos na busca de ser uma pessoa melhor ou ter direito de ir a um paraíso, não são consideradas compassivas. Ele explicita que um requisito da compaixão é que o motivo da ação seja imediatamente o outro, como no texto a seguir:

> Se, porém, minha ação só deve acontecer por causa de outro, então o seu bem-estar e o seu mal-estar têm de ser imediatamente o meu motivo, do mesmo modo em que todas as outras ações o meu motivo é o meu bem-estar e o meu mal-estar. (SCHOPENHAUER, 2001, p. 128)

Um ato de compaixão demanda sentir o sofrimento do outro. Se eu sinto o sofrimento do outro e ajo para evitá-lo, não seria esta também uma atitude egoísta, visto que evitaria também o meu sofrimento? Schopenhauer responde a este possível questionamento da seguinte forma:

> Isto exige porém que eu me identifique com ele, quer dizer que aquela diferença total entre mim e o outro, sobre a qual repousa justamente meu egoísmo, seja suprimida pelo menos em um certo grau. Já que não posso estar na pele do outro, então só através do conhecimento que já tenho dele, isto é, da representação dele na minha cabeça é que posso me identificar com ele. (SCHOPENHAUER, 2001, p. 129)

Em outras palavras, na compaixão, para sentir o sofrimento do outro é preciso que esta diferença seja quebrada, o que acontece através do reconhecimento do outro como um igual. Se eu sou Vontade e o outro é Vontade, ele é igual a mim e consequentemente seu sofrimento é meu também, assim como o prazer. Dessa forma o fundamento do egoísmo, que é a diferença entre os seres, é quebrado. Para Schopenhauer, "esta compaixão sozinha é a base efetiva de toda justiça livre e de toda a caridade genuína" (SCHOPENHAUER, 2001, p. 129)

ISBN: 978-85-7822-205-5

A compaixão, porém, não é o único tipo de ação que acontece motivada pelo outro. Assim como o compassivo é movido pelo bem-estar ou mal-estar alheio, o maldoso também o é. Vale destacar que "a significação moral de uma ação só pode estar na sua relação com outro" (SCHOPENHAUER, 2001. p. 126). Então não basta que uma ação faça mal a outrem para que seja considerada maldosa, pois também pode ter uma motivação egoísta. A maldade, "desinteressada como a compaixão, visa como seu fim último a dor alheia. " (SCHOPENHAUER, 2001, p. 126)

Schopenhauer questiona se a ética, ao descobrir a motivação moral, poderia transformar um homem maldoso em compassivo, e a este questionamento responde: "Por certo que não: a diferença dos caracteres é inata e indelével. A maldade é tão inata ao maldoso como o dente venenoso ou a glândula venenosa da serpente. Também como ela, ele não pode mudar". (SCHOPENHAUER, 2001, p. 181) Levando isto em consideração, é possível que alguém que é movido por motivos egoístas ou maldosos tenha um comportamento ético?

A imutabilidade do caráter não determina a tomada de decisão. A sociedade, bem como as experiências do indivíduo têm sua influência sob o caráter adquirido. Este último se refere à manifestação do caráter nas experiências. Como enfatizado por Debona (2016), a consciência aprofundada de si viria auxiliar os indivíduos no embate entre o caráter imutável e o adquirido, diminuindo significativamente o sofrimento.

Em "Sobre o Fundamento da Moral" Schopenhauer afirma que as "três motivações morais dos homens, o egoísmo, a maldade e a compaixão, estão presentes em cada um, numa relação incrivelmente diferente. " (SCHOPENHAUER, 2001, p. 186) Mais a frente ele retoma a questão da diferença ser inata e originária, e acrescenta que "cada qual só será estimulado predominantemente pelos motivos para os quais ele tem uma sensibilidade preponderante". (SCHOPENHAUER, 2001, p. 187) A partir daí podemos entender que apesar de alguém ser predominantemente maldoso, por exemplo, também pode ser estimulado por outras motivações, ainda que em menor grau.

O conhecimento aprofundado de si mesmo auxilia a diminuir o sofrimento na medida em que o indivíduo aprende a sentir prazer com outras motivações, ainda que não seja a predominante. Nos Aforismos, livro sobre uma eudemonologia - instruções para uma vida feliz - o autor ressalta que entre as três divisões fundamentais, daquilo que se é, daquilo que se tem e daquilo se representa, a mais determinante para a felicidade é o que se é, pois "para o bem-estar do homem, para todo o modo de sua existência, a coisa principal é, manifestamente, o que se encontra ou acontece dentro dele mesmo". (SCHOPENHAUER, 2002, p. 4)

ISBN: 978-85-7822-205-5

A educação é a chave para uma possível ética em Schopenhauer, apesar de alcançar o intelecto e não a Vontade. De acordo com Pedreira e Santana, a educação seria um meio de mudar a forma pela qual a Vontade se manifesta. Além de imutável, a Vontade é insaciável, o que resulta em insatisfação por parte do indivíduo visto que não existe "um objeto capaz de conter sua fúria violenta em busca de satisfação". (PEDREIRA; SANTANA, 2009, p. 7) Mas embora a Vontade não mude, é possível, através do intelecto, mudar a forma pela qual a satisfaz. Em síntese,

> Sob o domínio do intelecto está a forma/caminho como os interesses da vontade são realizados, mas isto não muda o alvo para o qual a vontade se inclina. A educação, em suas diferentes modalidades, funciona apenas como uma inibidora das manifestações antimorais da vontade, mas com isto não se obtêm uma mudança do caráter inteligível, que é incorrigível. (PEDREIRA; SANTANA, 2009, p. 9)

Para concluir, na filosofia de Schopenhauer é preciso que o indivíduo tenha conhecimento de si mesmo e do mundo para que possa ter uma vida minimamente feliz, atenuando os sofrimentos advindos da vontade. Esta, não pode ser plenamente satisfeita por ser imutável, insaciável e irracional. E visto que a vida é uma objetivação da Vontade em fenômeno, e a Vontade, e irracional, a vida por si mesma não se justifica. Como cita Kossler, "a vida é apenas um espelho, no qual não se vê para que ele reflita, mas para que nele se conheça e se veja o que ele reflete". (KOSSLER, 2012, p. 25)

Sabedoria de Vida e conhecimento de si

A obra "Aforismos para Sabedoria de Vida" é caracterizada pela eudemonologia, descrita pelo próprio autor como "instrução para uma vida feliz", sendo esta a única preferível à não existência. Schopenhauer põe em suspenso sua metafísica, a fim de escrever uma filosofia voltada à prática. Para tanto, ele opta por desconsiderar a determinação metafísica da vontade como um imperativo à reflexão filosófica, a qual nunca pode ser satisfeita. O autor estabelece princípios de sabedoria de vida a partir dos quais diferentes práticas podem ser tomadas para a arte de ser feliz.

Schopenhauer retoma a divisão fundamental dos bens da vida humana feita por Aristóteles: o que alguém é; o que alguém tem; o que alguém representa. Entre elas, a mais determinante para a felicidade é o que alguém é, pois "o homem lida imediatamente apenas com suas próprias representações, seus próprios sentimentos e movimentos da vontade." (SCHOPENHAUER, 2002, p. 4). Dessa forma, a significação dada a uma situação externa se dá, principalmente pelo caráter e personalidade.

ISBN: 978-85-7822-205-5

Portanto, o que a um indivíduo comum pode parecer uma situação trivial, para um escritor pode ser descrito como um momento fantástico. Por isso, para Schopenhauer, se existe algo digno de ser invejado é "o dom de concepção que empresta àqueles eventos a significação que eles possuem em sua descrição. " (SCHOPENHAUER, 2002, p. 5) Um exemplo dado pelo autor é o clássico Dom Quixote, escrito por Miguel de Cervantes enquanto este estava preso em uma incômoda prisão.

Embora o principal para a felicidade seja aquilo que se é e a individualidade determine o grau de felicidade possível, uma vida feliz é possível ainda que as qualidades inerentes ao indivíduo não o favoreçam. A vontade, manifesta no corpo, nunca pode ser satisfeita e, sendo assim, sempre há de querer mais, provocando sofrimento no homem. O sofrimento, para o autor, é considerado de natureza positiva, enquanto o prazer e a felicidade, de natureza negativa, pois o prazer se dá através do desejo, então é a cessação de um sofrimento. Em suas palavras,

> (...) a dor, o sofrer, de que faz parte toda falta, carência e necessidade e mesmo todo desejo, é o positivo, aquilo que é sentido imediatamente. Ao contrário, a natureza do contentamento, do prazer, da felicidade, consiste só no fato de uma carência foi suprimida, uma dor aquietada. Estas agem, portanto negativamente. (SCHOPENHAUER, 2001, p. 132-133)

Para o filósofo alemão, apenas o caráter moral permanece imune ao tempo, enquanto os méritos físicos e intelectuais podem sucumbir. É mais sábio, portanto, preservar a saúde e buscar desenvolver a capacidade intelectual e a formação espiritual do que buscar a riqueza, porque "o que a riqueza ainda pode render, além da satisfação das necessidades reais e naturais, é de influência mínima sobre o nosso verdadeiro bem-estar", (SCHOPENHAUER, 2002, p. 13)

A formação espiritual, em oposição à riqueza, vem contribuir com a representação que o indivíduo tem do mundo e, dessa forma, "Um homem espiritualmente rico, na mais absoluta solidão, consegue se divertir primorosamente com seus próprios pensamentos e fantasias" (SCHOPENHAUER, 2002, p. 9). Vale destacar que para o filósofo, a convivência em sociedade é a causa de muitos sofrimentos, e assim sendo, um homem que consegue suportar a solidão se livra de muitos sofrimentos.

Na filosofia do autor alemão conhecido pelo pessimismo, vida é uma manifestação da Vontade como fenômeno, e a Vontade provoca sofrimentos no indivíduo. Como então a vida se justifica? O conceito de vida é para ele um enigma, visto que a vida por si mesma não se justifica. A solução para isso, já diria Kossler, não pode ser encontrada no campo da experiência. Schopenhauer recorre à metafísica para explicar o fenômeno da vida e elucidar o enigma da existência, mas ele se afasta da transcendência dos seus antecessores e traça uma metafísica

ISBN: 978-85-7822-205-5

imanente, pois é a através dos fenômenos, ou seja, da representação das coisas no mundo que se pode pensar sobre a essência. (KOSSLER, 2012)

Retomando a citação de Kossler, "a vida é apenas um espelho, no qual não se vê para que ele reflita, mas para que nele se conheça e se veja o que ele reflete". (SCHOPENHAUER apud KOSSLER, 2012, p. 25) A metáfora do espelho representa a relação entre vida e Vontade, sendo a Vontade aquilo que é refletido através da vida, e a vida existe para que a Vontade se conheça. Dessa forma, "a experiência da miséria e da nulidade da vida deve produzir um sentido". (KOSSLER, 2012, p. 20)

O conhecimento de si mesmo e do mundo, apontado na filosofia schopenhauriana como chave para uma eudemonologia negativa, é então o conhecimento da Vontade, e a vida faz sentido na medida em que damos significação a ela através das nossas experiências. A formação do espírito mencionada por Schopenhauer - que muito tem a contribuir com o bem-estar do homem - diz respeito não somente à religião, mas à arte, à ética. Sendo assim, o conceito de felicidade para o autor está relacionado à ética, ou seja, uma vida ética é uma vida feliz. Por fim, "Se retirarmos da vida os poucos momentos da religião, da arte de do amor puro, o que resta senão uma série de pensamentos triviais? " (SCHOPENHAUER apud KOSSLER, 2012, p. 21)

Considerações Finais

Schopenhauer, apesar de ser conhecido pelo pessimismo em relação à vida e convivência em sociedade, não é de maneira nenhuma contraditório em suas afirmações. O filósofo, em sua teoria, deixa claro que uma vida feliz, é, impreterivelmente, uma vida ética, caracterizada pela evitação do sofrimento, tanto próprio quanto do outro.

O caminho para a ética é o conhecimento de si e das próprias motivações para conseguir ter controle das próprias ações e evitar o sofrimento do outro. Dessa maneira, ainda que a motivação preponderante seja a maldosa, é possível renunciar a estas e se satisfazer, ainda que em menor medida, com prazeres de outra natureza. Mesmo que com um caráter imutável e inato, ainda que o indivíduo tenha características que não o favorecem, está ao seu alcance uma felicidade que não faça mal à outrem. Alguém com motivação maldosa preponderante, por exemplo, pode renunciar a estas e ir em busca de outros tipos de prazeres.

ISBN: 978-85-7822-205-5

A educação do intelecto é então, na filosofia de Arthur Schopenhauer, um ponto chave para uma vida ética e feliz. É por meio da observação própria e enriquecimento do intelecto que um sujeito pode mudar a forma de representar o mundo, ou seja, significar as experiências. Dessa forma, é possível estar bem em solidão, o que por si só já seria um muito de evitar muitos sofrimentos, pois como já mencionado anteriormente, a convivência em sociedade é fonte de muitos deles.

Referências bibliográficas

SCHOPENHAUER, Arthur. **Aforismos para sabedoria de vida.** Tradução: Jair Barboza. 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

SCHOPENHAUER, Arthur. **Sobre o fundamento da moral.** Tradução: Maria Lucia Melo Ferreira Cacciola. 2º edição. São Paulo: Martins fontes, 2001.

KOSSLER, Matthias. **A vida é apenas um espelho.** Tradução: Fabrício Coelho, *c@*– Florianópolis, v. 11, n. 2, p. 17 – 30, julho de 2012.
DEBONA, Vilmar. Caráter adquirido, sociabilidade e a moral do "como se" (Als-Ob) em Schopenhauer**. Revista Trágica: estudos da filosofia da imanência**, nº1, pp.84-102 1º quadrimestre de 2016.

SANTANA, Kleverton; PEDREIRA, André. **A educação do intelecto em Schopenhauer.** *Saberes*, Natal-RN, v.1, n2 maio 2009.

ISBN: 978-85-7822-205-5

GT 04

TERRA (COM)PARTILHADA: A TRAJETÓRIA DE UM ENGENHO NO VALE DO VAZA-BARRIS (SÃO CRISTÓVÃO, 1833-1856)

Autor: Lucas Oliveira de Jesus
Graduando em História pela Universidade Federal de Sergipe
Bolsista PIBIC (COPES/UFS)
lucas.olivercaldas@hotmail.com
Orientador: Prof. Dr. Carlos de Oliveira Malaquias (DHI/UFS)

Introdução

O território de Sergipe foi pontilhado, desde o século XVIII, por pequenas propriedades açucareiras. Mesmo não tendo a imponência dos engenhos do Recôncavo Baiano, os senhores de engenho sergipanos se enobreciam com seus sobrenomes pomposos e nobiliárquicos. Todavia, esses engenhos de pequeno porte estavam enquadrados numa rede de estratégias de perpetuação do poder, através de métodos de transmissão. Contudo, a historiografia tradicional sergipana não se preocupou em escrever como essas estratégias, aliadas à norma jurídica, foram utilizadas na província. Devido à essa problemática, este trabalho tem o objetivo de caracterizar as formas de transmissão de bens, a partir da redução de escala num engenho do chamado "decadente" Vaza-Barris.

A escolha do recorte temporal foi determinada pelo ano em que a família Leão e Castro adquiriu o Engenho Cahipe, através da compra, até o ano em que os herdeiros registraram suas partes do engenho nos registros paroquiais de terras de São Cristóvão, em 1856. A partir de uma análise investigativa, este artigo demonstrará como o Engenho Cahipe e seus senhores são uma amostra de uma sociedade vinculada ao prestígio do açúcar, incluídas numa série de precauções econômicas e socias. Mesmo sendo uma família senhorial do Vaza-Barris, os Leão e Castro tiveram uma realidade de acontecimentos bem diferentes das demais. Ao se analisar um caso, este artigo possibilita não só explicações sobre essa família, mas, também, um panorama dos aspectos socioeconômicos do espaço agrário são-cristovense num período de contestação de sua potencialidade como capital provincial.

ISBN: 978-85-7822-205-5

Este artigo tem suas bases no plano de trabalho "Levantamento e análise dos registros paroquiais de terras de Sergipe em 1856" vinculado ao projeto de Iniciação Científica "Para além da propriedade privada: a diversidade das formas de uso das terras indivisas em Sergipe no século XIX", que teve como objetivo identificar o uso comunal da terra nas freguesias sergipanas. A partir dessa pesquisa, foram lidos os Livros dos Registros Paroquiais de Terras de 8 freguesias sergipanas, localizados no Arquivo Público de Sergipe (APES). Além dessa fonte, também consultamos o banco de dados com todos os inventários de Sergipe, entre 1800 e 1856, desenvolvido pelo Grupo de Pesquisa "Mundo Atlântico e Colonização Portuguesa" (CNPq/UFS). Relativo as negociações de compra e venda, também foi consultado os Livros de notas de cartório de São Cristóvão, localizado no Arquivo Geral do Judiciário de Sergipe (AGJSE). E como complementar, foram analisadas as Ordenações Filipinas, fontes periódicas e cartográficas.

Trajetória: um método

Para que a trajetória do Engenho Cahipe seja elaborada, foi lido e comparado diversas fontes primárias de diferentes tipos, mencionadas anteriormente. Visando classificar e revisar as fontes favoráveis ao estudo da História Social da Agricultura, Márcia Motta e Elione Guimarães (2007) enquadram os registros paroquiais de terra, produzidos entre 1856 e 1857, como uma documentação que representa os anseios de quem legislou sobre a Lei de Terras de 1850 e sua regulamentação em 1854. Além dos anseios de quem legislou, também há o daqueles que decidiram registrar suas terras. Mesmo assim, há de se reconhecer a importância da Lei de Terras como cadastro rural pioneiro de cunho nacional, podendo ser encontrado em todas as regiões do Brasil. Como expresso na regulamentação, os párocos de todo o Império, deveriam convencer seus fregueses a registrar suas terras, indicando o nome do proprietário, a freguesia onde estava inserida, sua extensão, seus limites e se possui alguma denominação[20]. Para esse trabalho, utilizou-se o Livro dos Registros Paroquiais da Freguesia de Nossa Senhora da Vitória da Cidade de São Cristóvão, locado no APES.

Diferente dos registros paroquiais, as fontes cartorárias fornecem uma série de informações sobre a relação entre os moradores e suas terras. Nas escrituras de compra e venda, é possível observar como os contratos eram realizados, além de descrições do valor da

[20] Colleção das Leis do Império do Brasil, Tomo 17, Parte 2º, Seção 5º, Decreto 1.318 de 30 de Janeiro de 1854.

ISBN: 978-85-7822-205-5

propriedade, benfeitorias, bens móveis e sua localização (MOTTA & GUIMARÃES, 2007, p. 103). Para esse artigo, foi consultado o Livro de Notas do cartório do 1º ofício de São Cristóvão, do período de 1826 a 1842, localizados no AGJSE.

Sobre os inventários post-mortem, a leitura dessa fonte proporcionou a elaboração de um banco de dados distribuído em várias categorias. Sendo elas: a identificação do inventariante, os herdeiros, bens móveis, rebanho, escravos, bens de raiz, equipamentos e benfeitorias, produção e dívidas. Sendo o banco de dados abrangendo desde o início do século XIX, os inventários consultados estão arquivados no Arquivo Geral do Judiciário de Sergipe. De acordo com Erivaldo Neves (1998, p. 14), os inventários são de suma importância para entender a lógica de transmissão e divisão de bens entre os herdeiros.

Já os jornais, de acordo com Motta e Guimarães (2007, p. 108), são fontes importantíssimas para o estudo do cotidiano. A partir dos anúncios, podemos observar quem eram as pessoas que estavam vendendo seus imóveis, e como estes eram descritos. Nos artigos de jornais também é possível, a depender do cunho temático da tipografia, outros aspectos sobre alguns personagens que atuavam no cenário político, econômico e social daquela vila ou província. Diferente das fontes periódicas, os mapas podem ser enquadrados como "fotografias" geográficas do momento em que foi produzido. A partir destes, pode-se localizar estradas, vilas e cidades, além da hidrografia e topografia. Nos mapas da província de Sergipe também eram localizados os engenhos, o que ajuda a compreender os locais em que a produção canavieira era mais intensa e quais redes fluviais eram utilizadas pelos senhores de engenho para o transporte das caixas de açúcar.

Para acompanhar essa quantidade de informações cronológicas, foi mais viável a escolha da micro-história como método. Tendo seu início com os historiadores italianos Carlo Ginzburg e Giovanni Levi, a micro-história tem como objetivo analisar a história social sob uma perspectiva individual (microscópica). Ao observar a trajetória desse indivíduo ou grupo de indivíduos num contexto de múltiplas possibilidades, pode-se compreender o contexto temporal, econômico e social em que o objeto está inserido. Explicando a relação entre o contexto e o indivíduo, Jacques Revel (1998, p. 28) afirma que

> "(...) cada ator histórico participa, de maneira próxima ou distante, de processos – e, portanto, se inscreve em contextos - de dimensões e de níveis variáveis, do mais local ao mais global. Não existe, portanto, hiato, menos ainda oposição, entre história local e história global."

ISBN: 978-85-7822-205-5

Cahipe: um engenho no Vaza-Barris

Localizado nas imediações do riacho Cahipe e não muito distante do centro urbano de São Cristóvão, como visto na Figura 01, o Engenho Cahipe possuía uma posição favorável ao comércio do açúcar graças à sua proximidade com o porto da cidade. O empreendimento de um engenho requeria ao empreendedor algumas noções sobre o plantio da cana, como qual o tipo de solo mais adequado, e se havia um manancial de matas que fornecessem madeira para as fornalhas. Entre os tipos de solo, Bert Barickman (2003) afirma que os melhores solos para o cultivo da cana eram o massapê, principalmente, e o salão, menos valorizado e mais propício à cultura do fumo.

Ao analisar os inventários *post-mortem* de Sergipe, entre 1800 e 1822, Carlos Malaquias, Ana Pereira e Éden Vieira (2018, p. 26) identificaram o vale do Vaza-Barris como a microrregião sergipana que mais cultivava a cana de açúcar, em comparação ao vale do Cotinguiba, ao norte, e o vale do Piautinga, no sul. Em 1808, D. Marcos Antônio de Souza, pároco da freguesia de Jesus Maria José do Pé do Banco, escreveu sobre a economia de cada um dos termos de Sergipe, além pontuar melhoramentos necessários para o desenvolvimento da então capitania. Sobre São Cristóvão, escreveu o vigário que o entorno da cidade, assim como o fértil solo nas margens do Vaza-Barris, possuía terreno favorável para o plantio de mandioca, cana e criação de gado (SOUZA, 2005, p. 26).

De acordo com a escritura de compra e venda, o engenho foi edificado pelos vendedores, Manoel José de Jesus e sua esposa Eduviges Silveria de Santa Rita, em terras próprias, antes mesmo de 1831[21], visto que, como observado na Figura 01, o engenho já existia. A historiografia sergipana é unânime ao definir o desenvolvimento do fabrico de açúcar, como produto agroexportador, em Sergipe, como atrasado em contraste às outras regiões açucareiras tradicionais. Somente na segunda metade do século XVIII é que haveria um paulatino crescimento do número de engenhos, devido à fragmentação das antigas propriedades e com o contexto de crise do açúcar caribenho que incentivou a formação de novas propriedades açucareiras. Os engenhos sergipanos, diferente dos encontrados no Recôncavo Baiano e em Pernambuco, seriam de natureza banguê, ou seja, de menor produção, com pouca mão-de-obra cativa e de estrutura mais familiar (ALMEIDA, 1993, p. 299 apud AMARAL, 2012, p. 37).

[21] AGJSE, Fundo São Cristóvão, 1º Of., Livro de Notas, Cx. 05, Nº 56, Período 1826-1842, Doc. 01, pg. 157v-160v.

ISBN: 978-85-7822-205-5

Figura 1*:* Localização do Engenho Cahipe, 1831. Fonte: DESCONHECIDO. Carta topographica da província de Sergipe, 1831. Disponível em: http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_cartografia/cart543217/cart543217.jpg.

Em contraste a esse posicionamento, Vera Lúcia Amaral Ferlini (2010, p. 218) afirma que o final do século XVIII representou um "renascimento agrícola", através da potencialização da produção e diversificação de culturas que permitiram um aumento nas exportações e, consequentemente, o uso mais intenso da terra, ao se ampliar os campos cultiváveis. Essa amplificação também foi percebida por Bert Barickman (2003, p. 172) ao analisar a estrutura da lavoura canavieira no Recôncavo. O autor percebeu que, a partir de 1780, com as reformas pombalinas, houve uma "recuperação do comércio de açúcar", que proporcionou novos investimentos dos senhores de engenhos, através de reformas na propriedade e na compra de mais escravos. Assim, os fatores que levaram ao aumento no número de engenhos em Sergipe, foi perceptível em outros locais do Brasil, como o Recôncavo Baiano, por exemplo.

Essa explicação corrobora o porquê o Engenho Cahipe ter sido edificado, além do porquê de ter sido vendido. De acordo com a escritura de compra e venda, Manoel José de Jesus estava devendo à várias pessoas em São Cristóvão e na "cidade da Bahia", Salvador. Entre os credores, estava a Santa Casa de Misericórdia da Bahia. De acordo com Vanessa Oliveira (2014, p. 324), ao pesquisar as confrarias leigas de São Cristóvão no século XIX, as Santas Casas funcionavam como agências de financiamento da empresa açucareira, a partir da concessão de crédito. É sabido que para equipar um engenho era necessário cabedal suficiente tanto para os

ISBN: 978-85-7822-205-5

equipamentos, como para a compra de escravos. Mesmo com o financiamento da Santa Casa, havia a necessidade de se ter um fundo extra caso algum prejuízo aparecesse.

Ainda analisando a escritura de compra e venda, diz o documento que o engenho era limítrofe às "terras do Major Joaquim José Gomes, o Sítio do Ranxo, com terras de Romão de São José, e o Sítio Vigia". Por não ser vizinho a outros engenhos, pode-se deduzir que as terras confrontantes pertenciam a lavradores de cana que, através de parcerias, utilizavam do maquinário do Cahipe para o fabrico de açúcar. Mesmo não possuindo o prestígio social de ser um senhor de engenho, os lavradores de cana poderiam atuar em cargos secundários na administração ou no serviço militar. Como a lavoura canavieira demandava cabedal, esses lavradores, em sua maioria brancos, também teriam que arcar com mão de obra e meios de transporte que levassem as canas para o engenho parceiro. Não era raro, no entanto, que os lavradores de cana fizessem parte da família dos senhores de engenho, tanto pelo sangue, como por apadrinhamento (SCHWARTZ, 1988, p. 247-60; BARICKMAN, 2003, p. 199-201).

Leão e Castro: uma família em São Cristóvão

Quando comprou o Engenho Cahipe, em 17 de junho de 1833, Antônio Joaquim de Leão e Castro era casado com Maria Rosa do Espírito Santo, e pais de 9 filhos, Izac Antônio, Maria do Carmo, Maria da Puresa, Maria Angélica, Maria Rosa, David Antônio, Mariana, Maria Violante e Daniel Antônio. Em 1833, Daniel, o mais novo, tinha apenas 2 anos de idade. O fato de todos os filhos já terem nascido quando o engenho foi adquirido, demonstra que a família Leão e Castro tinha se constituído antes mesmo de serem senhores de engenho.

A escolha dos nomes dos filhos representa um aspecto interessante da sociedade oitocentista. Tanto Isaac, David e Daniel foram personagens bíblicos presentes no antigo testamento e que atuaram cronologicamente distantes. Isaac foi o filho primogênito de Abrão; David o rei responsável por unificar Israel; e Daniel, o profeta que ficou preso numa cela com leões. A explicação para essa escolha, diferente dos outros senhores de engenho que escolhiam nomes de santos, seria o fato de Antônio Joaquim de Leão e Castro possuir capital cultural mais elevado do que os demais senhores da região. Além de ser doutor, Antônio Joaquim, de acordo

ISBN: 978-85-7822-205-5

com seu inventário, comercializava escrituras sagradas, tendo, à época de sua morte, um estoque com 25 obras religiosas, tanto do antigo, como do novo testamento[22].

Além de possuir um amplo capital cultural, Antônio Joaquim também possuía um considerável capital econômico. Como visto na escritura de compra e venda, em 1833, o Doutor Leão e Castro negociou comprar o Engenho Cahipe, "com os cobres que se axão, casas de vivenda, pasto, senzallas, e tudo mais a ele pertencente", pelo valor de 3:200$000 (três contos e duzentos mil réis). Dessa quantia, teve que pagar mais de dois contos aos credores dos vendedores, e obrigado a pagar o resto do valor como juros à Santa Casa da Misericórdia. Além desses pagamentos, o doutor teve que comprar a mão de obra necessária para que seu engenho fabricasse o açúcar. Em 4 anos, seu engenho já funcionava com 30 escravos, entre homens e mulheres, crianças e idosos, africanos e crioulos.

Em 1837, D. Maria Rosa, esposa do doutor, falece, deixando seus nove filhos a cuidados de seu marido. Se levarmos em consideração que o casal teve filhos constantemente com intervalo de dois anos, especula-se que todos os seus filhos ainda eram de menor idade, tendo Izac entre 16 e 18 anos[23]. De acordo com as Ordenações Filipinas, código jurídico português que teve validade no Brasil até 1917, o indivíduo só adquiria a maioridade a partir dos 21 anos completos, ou através do casamento. Antes do vigésimo primeiro aniversário ou do casório, o responsável pelo menor e pelos seus bens, seria um(a) tutor(a) (ALMEIDA, 1870, p. 994-1004). Como sendo tutor dos bens dos filhos, Antônio Joaquim permaneceu como administrador das terras do Engenho Cahipe até 16 de janeiro 1840, quando é feita a partilha dos bens deixados pela finada sua esposa. Nessa data, alguns de seus filhos já haviam alcançado a maioridade, como Izac e Maria do Carmo.

Quando faleceu em 1846, Antônio Joaquim de Leão e Castro tinha arranjado casamento para todas as suas filhas. Entre 1840 e 1846, Izac se casou com Umbellina Pinto; Maria do Carmo se tornou Maria do Carmo de Castro Miranda, ao se casar com José Manoel de Miranda; Maria da Puresa se casou com Antônio Paulino Nogueira, inventariante do seu sogro; Maria Angélica contraiu núpcias com Manoel Constâncio do Amor Divino; Maria Rosa, com 21 anos, já estava casada com Manoel dos Santos Pereira; As irmãs Mariana, com 18 anos, e Maria Violante, com 17, já tinham se casado com Domingos e Dionizio Pereira Rabello,

[22] AGJSE, Fundo São Cristóvão, 2º Of., inventário *post mortem* de Antônio Joaquim de Leão e Castro, Cx. 13, Nº 171, Doc. 04.
[23] AGJSE, Fundo São Cristóvão, 1º Of., inventário post mortem de Maria Rosa do Espirito Santo, Cx.22, Doc. 02.

ISBN: 978-85-7822-205-5

respectivamente. Não foi localizado nenhum indício se David e Daniel arranjaram esposas. Numa sociedade caracterizada pela manutenção do prestígio social e econômico, a escolha de um marido ou esposa para os filhos, representava um momento decisivo na continuidade da suposta nobreza de um senhor de engenho (SCHWARTZ, 1988, p. 242).

No entanto, ao analisar os cônjuges dos irmãos Leão e Castro, percebe-se que eles não se casaram com membros da açucarocracia local. Procurando por seus nomes nos jornais, localizamos que três genros do finado doutor, trabalhavam como funcionários públicos. Em 1852, Manoel Constâncio do Amor Divino se afastou do posto de guarda provincial da Alfândega, ao pedir uma licença de três meses para tratar da saúde[24]. Em 1º de outubro de 1853, o diretor do Lyceu de São Cristóvão nomeou Antônio Paulino Nogueira como porteiro substituto[25]. Enquanto que Dionizio Pereira Rabello, esposo de Maria Violante, era um funcionário público locado na Secretaria da Thesouraria e Rendas Públicas da Povíncia[26]. De acordo com Manoela Pedroza (2011), o casamento de filhos(as) de senhores de engenho com funcionários públicos era tão favorável para o pai que casava suas filhas, por estender sua rede de influência aos cargos do governo, quanto para o marido que se casava, devida a possibilidade de ampliar sua renda, graças à plantação de cana.

Partilha: um modo de transmissão

Com a morte do pai, os irmãos Leão e Castro partilharam os bens listados no inventário do falecido. Além de 3 escravos, tinha deixado o Engenho Cahipe com todas as suas terras e sítios anexos, como o Vigia e alguns quinhões no Candeal. De acordo com as Ordenações Filipinas, a partilha deveria acontecer igualmente entre todos os herdeiros que deveriam estar presentes no momento, sob supervisão do Juiz de Órfãos. Cada qual com seu quinhão de terra que deveria ser em quantia igualitária com os demais. Com relação aos bens semoventes, como animais de criar, prataria e até mesmo os cativos, os herdeiros poderiam decidir com quem cada um dos bens fosse ficar, de forma que não causasse injustiças durante o processo de partilha. Outra possível solução era vender todos esses bens e repartir igualmente para cada um (ALMEIDA, 1870, p. 994-1004). Como Daniel ainda era de menor, seus bens partilhados foram administrados por um tutor, nesse caso, seu irmão mais velho, Izac.

[24] Biblioteca Nacional Digital, Hemeroteca Digital, Correio Sergipense, ed. 00085, 1852, p. 02.
[25] Biblioteca Nacional Digital, Hemeroteca Digital, Correio Sergipense, ed. 00069, 1853, p. 01.
[26] Biblioteca Nacional Digital, Hemeroteca Digital, Correio Sergipense, ed. 00360, 1842, p. 03.

ISBN: 978-85-7822-205-5

A historiografia preocupada com a dinâmica agrária no Brasil, observa de diferentes perspectivas o ato da partilha de um inventário. De acordo com Stuart Schwartz (1988, p. 243-245), o sistema de transmissão de bens predominante na América Portuguesa se baseava na partibilidade igualitária entre todos os herdeiros. O autor comenta que o engenho ao ser partilhado poderia gerar uma série de querelas entre herdeiros, refletindo uma sociedade egoísta e gananciosa. Ao pesquisar sobre o Recôncavo Baiano, Bert Barickman (2003, p. 181-189) comenta que as propriedades açucareiras daquela região, possuíam grande concentração territorial, o que favorecia todos os herdeiros com uma boa quantidade e qualidade de solo disponíveis para cada. Manoela Pedroza (2011, p. 195), estudando os engenhos das freguesias rurais do Rio de Janeiro, identificou que com a partilha da propriedade, alguns herdeiros preferiam manter a terra comunal entre os demais, visto que a fragmentação poderia resultar no empobrecimento de todos. Para a autora, esse uso comunal da terra, chamada de propriedade indivisa, foi, além de uma prática, uma estratégia dos coerdeiros, a fim de manterem a coabitação no sítio ou fazenda.

Em 1856, cerca de dez anos após a partilha dos bens deixados pelo Doutor Antônio Joaquim de Leão e Castro, ocorre em todo o Império do Brasil, o registro paroquial de terras. Em São Cristóvão, mais de 420 pessoas decidiram declarar suas propriedades, a fim de iniciarem o processo de titulação do imóvel. Entre essas centenas de pessoas, estavam algum dos herdeiros Leão e Castro. A partir da declaração da viúva Umbellina de Leão Pinto[27], tivemos conhecimento que em 1856, Izac já tinha falecido. A mesma viúva declarou as terras no Engenho Cahipe que lhe cabiam pela herança de seus sogros e de seu marido. Durante os registros de terras, não foi localizado o nome de Maria do Carmo ou de seu marido. A terceira herdeira, Maria Pureza, registraria, junto com seu esposo, Antônio José Pinheiro Nogueira, tanto as terras que herdou de sua mãe, como as de seu pai, resultando no valor de 1:111$000 (um conto e cento e onze mil réis)[28]. Maria Angélica e seu marido, Manoel Constâncio do Amor Divino, também não registraram seus quinhões. Já Maria Rosa e seu marido, Manoel dos Santos Pereira, declararam a herança que tiveram de seus pais, sem mencionar a quantia[29]. David, o segundo filho do casal Leão e Castro, com aproximados 30 anos de idade, também registrou suas terras no Cahipe[30]. Mariana, moradora em Vila Nova, com o seu marido, Domingos Pereira

[27] APES, Coleção SS, Vol. 57, Nº 1685, pg. 8v.
[28] APES, Coleção SS, Vol. 57, Nº 1685, pg. 21.
[29] APES, Coleção SS, Vol. 57, Nº 1685, pg. 77.
[30] APES, Coleção SS, Vol. 57, Nº 1685, pg. 54.

ISBN: 978-85-7822-205-5

Rabello, registraria as terras no engenho no valor de aproximados 910$000[31]. Já Maria Violante, casada com Dionísio Pereira Rabello, e moradora em Aracaju, também iria declarar os seus quinhões avaliados em 1:250$000[32]. Por fim, Daniel, o caçula dos nove irmãos, com idade de 25 anos, registraria, como seus irmãos mais velhos, suas terras no Engenho Cahipe[33].

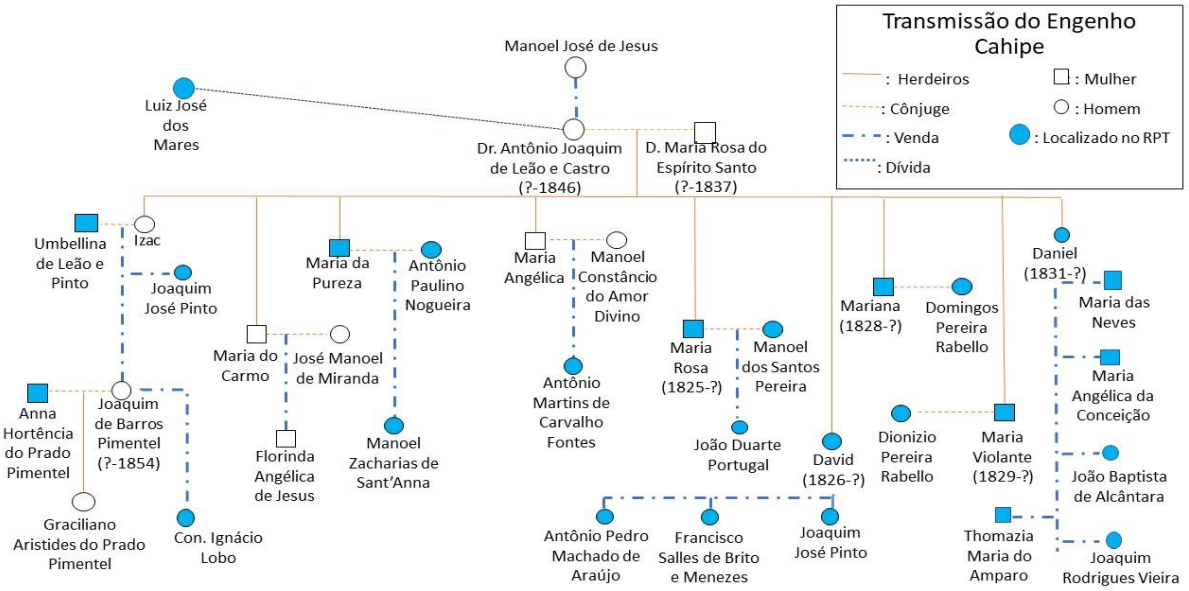


Figura 2: Histórico de transmissão do Engenho Cahipe, 1833-1856. *Fonte:* APES, Coleção SS, Vol. 57, Nº 1685, Livro dos registros paroquiais de terras da Freguesia de Nossa Senhora da Vitória; AGJSE, Fundo São Cristóvão, 1º Of., Livro de Notas, Cx. 05, Nº 56, Período 1826-1842, Doc. 01, pg. 157v-160v.

Além das declarações dos irmãos Leão e Castro, outros moradores da cidade também registraram as terras que possuíam no Engenho Cahipe. A maioria dessas pessoas, como demonstrado na Figura 02, obtiveram seus quinhões através da compra. Em 12 de maio de 1841, um ano e quatro meses depois da partilha do inventário de D. Maria Rosa do Espírito Santo, Maria do Carmo, a segunda filha, vendeu para Florinda Angélica de Jesus, um quinhão no Engenho Cahipe, na quantia de 400$000 (quatrocentos mil réis)[34]. Izac, o irmão mais velho, vendeu no início da década de 50, um quinhão no valor de 80$000 (oitenta mil réis) para Joaquim José de Barros Pimentel, e este, quando faleceu, passou por herança à sua esposa, Anna Hortência do Prado Pimentel[35]. Antes de morrer, entretanto, Pimentel vendeu uma parte do seu

[31] APES, Coleção SS, Vol. 57, Nº 1685, pg. 11 e 48v.
[32] APES, Coleção SS, Vol. 57, Nº 1685, pg. 11v, 38, 48 e 48v.
[33] APES, Coleção SS, Vol. 57, Nº 1685, pg. 52.
[34] AGJSE, Fundo São Cristóvão, 1º Of., Livro de Notas, Cx. 05, Nº 56, Período 1826-1842, Doc. 04, pg. 26v-28.
[35] AGJSE, Fundo São Cristóvão, 2º Of., inventário *post mortem* de Joaquim José de Barros Pimentel, Cx. 19, Nº 177, Doc. 01.

ISBN: 978-85-7822-205-5

quinhão para o Cônego Ignácio Antônio da Costa Lobo[36]. David e Daniel foram os que mais venderam as terras do engenho para outras pessoas[37]. Vale lembrar, no entanto, que Daniel só poderia administrar seus bem quando alcançasse a maioridade, aos 21 anos. Assim, todas as vendas realizadas por ele, aconteceram entre 1852 e 1856.

A fim de pagar uma dívida deixada pelo doutor Leão e Castro, os herdeiros venderam 600$000 (seiscentos mil réis) em terra para o comerciante Luís José dos Mares[38]. Ao analisar as formas de pagamento de dívidas, Vera Lúcia Amaral Ferlini (1988, p. 184) observa que havia uma prática de quitação de dívidas através da venda de uma parcela da propriedade com valor correspondente. Essa e outras relações ilustradas na Figura 02, comprovam que os herdeiros também preocupados em pôr fim nas custas deixadas pelos seus pais, não tinham tanto interesse em cultivar e trabalhar nas terras herdadas. A venda desses quinhões para outras pessoas da cidade, em sua maioria, conhecidas pelos herdeiros, fornece uma possibilidade no mercado de terras da freguesia, a partir da venda por proprietários desinteressados, e a compra por indivíduos engajados em ter um pedaço de chão (PEDROZA, 2011, p. 182-183).

Considerações finais

Respeitando os limites de interpretação das fontes, foi possível perceber, através da trajetória, como a partilha de uma propriedade resultou num provável fracionamento. Ao analisar o caso do Engenho Cahipe, muito da conjuntura social e econômica da sociedade oitocentista sergipana foi captada. Num período de desenvolvimento da lavoura canavieira, a necessidade de se possuir terras aptas para o cultivo, mobilizou não só empreendimentos familiares, como aspirações individuais. Na família Leão e Castro, a desunião entre os herdeiros fez com que essas duas vertentes se chocassem. Esse choque fomentou a fragmentação do engenho, e no ingresso de outras pessoas fora do meio familiar, como proprietários de quinhões indivisos. Na mesma medida, o desinteresse dos coerdeiros auxiliou diversos indivíduos a terem acesso a terras de boa qualidade, até então desprezadas.

Referências Bibliográficas

[36] APES, Coleção SS, Vol. 57, Nº 1685, pg. 4.
[37] APES, Coleção SS, Vol. 57, Nº 1685, pg. 12, 40v, 55, 55v, 58v, 74, 76v.
[38] APES, Coleção SS, Vol. 57, Nº 1685, pg. 34v.

ISBN: 978-85-7822-205-5

ALMEIDA, Cândido Mendes de. **Codigo Philippino, ou, Ordenações e leis do Reino de Portugal:** recopiladas por mandado d'El-Rey D. Philippe I. 14º ed. Rio de Janeiro: Typ. do Instituto Philomathico, 1870. (Livro IV; Título XLVI; pg. 994-1004)

AMARAL, Sharyse Piroupo do. **Um pé calçado, outro no chão**: liberdade e escravidão em Sergipe (Cotinguiba, 1860-1900). Salvador: EDUFBA; Aracaju: Editora Diário Oficial, 2012, pg. 29-82.

BARICKMAN, Berth. J. **Um contraponto baiano**: açúcar, fumo, mandioca e escravidão no Recôncavo, 1780-1860. Trad.: Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. (Cap. 4: Terra; pg. 165-210)

FERLINI, Vera Lúcia Amaral. **Açúcar e colonização**. São Paulo: Alameda, 2010. (Cap. 8: O mito do latifúndio; pg. 211-233)

FERLINI, Vera Lúcia Amaral. **Terra, trabalho e poder**: o mundo dos engenhos no Nordeste colonial. São Paulo: Editora Brasiliense, 1988. (Cap. IV: Terra e poder; pg. 156-207)

MALAQUIAS, Carlos de Oliveira; VIEIRA, Éden Filipe Santos; PEREIRA, Ana Cláudia. Açúcar, farinha e escravidão: o Atlântico e a História Agrária de Sergipe Del Rei na ascensão da lavoura canavieira. **Ponta de Lança**, São Cristóvão, v.12, n.13. 2018.

MOTTA, Márcia M. M.; GUIMARÃES, Elione. História Social da Agricultura revisitada: fontes e metodologia de pesquisa. **Diálogos,** DHI/PPH/UEM, Vol. 11, N. 3, pg. 103

OLIVEIRA, Vanessa S. A devoção a Nossa Senhora do Rosário em Sergipe del Rey (Séc. XIX). **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe**. Nº 44, pg. 313-338, 2014.

PEDROZA, Manoela. **Engenhocas da moral**: redes de parentela, transmissão de terras e direitos d propriedade na freguesia de Campo Grande (Rio de Janeiro, século XIX). – Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2011.

REVEL, Jacques (org.). **Jogos de Escalas**: a experiência da microanálise. Tradução de Dora Rocha – Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998, pg. 15-38.

SCHWARTZ, Stuart B. **Segredos Internos**: engenhos e escravos na sociedade colonial (1550-1835). Tradução: Laura Teixeira Motta – São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

SOUZA, Marcos Antônio de. **Memória sobre a capitania de Sergipe.** Aracaju: Secretaria de Estado da Cultura, 2005.

ISBN: 978-85-7822-205-5

DICOTOMIAS NA REPRESENTAÇÃO DO MARQUÊS DE POMBAL: UM ESTUDO ACERCA DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA DA UFS

Autora: Nayara Stefanie Mandarino Silva
Graduanda em Letras Português-Inglês pela Universidade Federal de Sergipe
Bolsista PIAEX (PROEX/UFS) e voluntária PICVOL
nayaramandarino@hotmail.com

Orientadora: Profª. Drª. Elaine Maria Santos (DLES/UFS)

Introdução

De 1750 a 1777, Portugal foi governado pelos absolutistas esclarecidos rei D. José I e por Sebastião José de Carvalho e Melo que, em 1769, recebeu o título de Marquês de Pombal (SANTOS, 2010). Esse período é conhecido como o pombalismo ou liberalismo português e ocorreu concomitantemente ao iluminismo português, caracterizado pela sua essência cristã e católica, além de progressista, humanista, reformista e nacionalista. Esse período histórico foi marcante devido às mudanças no que concerne à educação e à estruturação do Estado, que tiveram efeitos nos anos seguintes, tanto em Portugal, quanto em suas colônias, incluindo o Brasil (CARVALHO, 1978). O Marquês de Pombal era implacável e agiu, muitas vezes, com violência para atingir seus objetivos. Por isso, ele é uma figura emblemática que divide os estudos históricos entre os que o admiram e os que o desprezam – filopombalistas e antipombalistas, respectivamente. Considerando-se a necessidade de renovar os estudos pombalinos, José Eduardo Franco, Pedro Calafate e Viriato Soromenho-Marques, do CLEPUL (Portugal) propuseram o levantamento das obras escritas por ou sobre o Marquês de Pombal. O projeto tem o objetivo de realizar um levantamento de toda a obra escrita do Marquês de Pombal ou que verse sobre ele, para, então, preparar uma edição criticamente anotada e atualizada, partindo de uma abordagem interdisciplinar e objetiva, sem que as ações do Marquês sejam supervalorizadas ou desvalorizadas. Consequentemente, haverá uma renovação dos estudos pombalinos que deverá contribuir com um conhecimento mais aprofundado da vida e obra de Sebastião José de Carvalho e Melo.

Alinhado à supracitada iniciativa e ao Núcleo de Estudos de Cultura da UFS (NEC-UFS), o projeto de pesquisa PIBIC/UFS, O Marquês de Pombal e a Instrução Pública, ao qual

ISBN: 978-85-7822-205-5

a autora deste artigo está vinculada, visa, entre outros objetivos, contribuir com a investigação da produção acerca de Pombal. Nesse contexto, esse trabalho almeja levantar dados sobre textos que tratam do pombalismo, escritos ou publicados no âmbito da Universidade Federal de Sergipe (UFS) e analisar como essa figura é representada.

Marquês de Pombal: quem foi e principais feitos

Sebastião José de Carvalho e Melo, que fez parte do governo de Portugal entre 1750 e 1777, provinha de família modesta, não sendo, portanto, nobre de sangue. Maxwell (1996) destaca que o período denominado pombalino foi marcado por paradoxos. Buscou-se 'libertar' através da luz do conhecimento, como é proposto pelo Iluminismo, mas, ao mesmo tempo, houve a promoção do despotismo e o mantimento de relações com a Igreja. O Iluminismo português, nesse sentido, é semelhante ao italiano.

O primeiro posto de destaque ocupado por Sebastião foi o de embaixador em Londres (1739-1743), em substituição a Azevedo Coutinho, que voltou a Portugal para assumir a posição de ministro dos assuntos exteriores e da guerra. Pombal voltou a Viena em 1749 e, a partir de 1750, passou a ocupar o cargo de ministro devido, principalmente, ao seu casamento com a condessa de Daun. De acordo com Maxwell (1996), o ministro possuía experiência e habilidades diplomáticas, considerando o tempo em que passou viajando em nome de Portugal. Ele é um dos 'estrangeirados' da historiografia portuguesa, por ter sido influenciado por outros modelos europeus.

O poder de Pombal enquanto ministro foi ampliado em 1755, após o terremoto de Lisboa, por ter ficado à frente da reforma da cidade. Maxwell (1996, p. 27) afirma, com relação à reconstrução do local, que "o planejamento arquitetônico e urbano de Pombal objetivava celebrar a independência econômica nacional e um estado moderno bem regulado e utilitário [...] Destarte, esse planejamento sintetizava o que Pombal esperava alcançar para Portugal". A ideia de elevar o Estado português moveu as ações do ministro. Além desse trabalho, um outro possibilitou que Pombal tivesse mais poder, a investigação acerca da tentativa de regicídio contra o rei Dom José, em setembro de 1758, devido ao qual, em 6 de junho de 1759, recebeu o título de Conde de Oeiras. Embora não tenha havido provas, segundo Maxwell (1996, p. 92), a família Távora foi condenada pelo crime, "como um meio para esmagar tanto a oposição aristocrática como os jesuítas em Portugal".

ISBN: 978-85-7822-205-5

A colônia brasileira, por ser uma fonte de riqueza lusitana, foi uma grande preocupação do governo pombalino. O local já havia passado por invasões e, por esse motivo, precisava de proteção. Considerando que não seria viável enviar portugueses para a colônia, o casamento entre índios e europeus passou a ser permitido. Pombal, "em 6 e 7 de junho de 1755, decretou a liberdade completa e a integração da população indígena, retirando a tutela religiosa e secular dos missionários, concedida pela regulamentação missionaria de 1680" (MAXWELL, 1996, p. 60). Com isso, os índios passariam a ser súditos da coroa portuguesa e, como tal, deveriam lutar pelos interesses dela.

Os jesuítas, até então responsáveis pela educação dos índios, foram substituídos pelos oratorianos, porém, estes não conseguiram se comparar ao anteriores, no que diz respeito à influência e ao poder. A Companhia de Jesus foi expulsa e proscrita do império português, através do alvará real de 3 de setembro de 1759. Antes dele, houve tentativas de negociações, sem êxito, com os jesuítas, para que eles passassem a ensinar apenas utilizando a língua portuguesa. Havia uma clara intenção de colocar o português como língua oficial, numa tentativa de unificação do Império português, como afirma Santos (2010). O entendimento de nação da época parecia corresponder ao compartilhamento de uma língua comum a todos, o que não ocorre de forma pacífica, como afirma Renan (2006 [1882]). O autor (2006 [1882]), p. 6) ainda aponta que "a essência de uma nação é que todos os indivíduos tenham muitas coisas em comum, e também que todos tenham esquecido coisas". No caso de Portugal, temos a 'união' pela religião católica, pela língua portuguesa e pela submissão ao rei, além das fronteiras geográficas que demarcam o que é ou não parte do Império. Renan (2006 [1882], p. 19)), no entanto, argumenta que a nação não se resume a nenhum desses itens, ela é "constituída pelo sentimento dos sacrifícios que fizeram e daqueles que estão dispostos a fazer ainda. Ela supõe um passado; ela se resume, portanto, no presente por um fato tangível: o consentimento, o desejo claramente exprimido de continuar a vida comum".

Apesar de ter ficado conhecido como Marquês de Pombal, Sebastião recebeu esse título apenas em 1769, aos 71 anos de idade, perto de sua morte, que ocorreu em 1782, cinco anos após sua queda, com a ascensão de D. Maria I.

Pombal entre representações

Pombal dividiu/divide opiniões, inclusive entre seus contemporâneos, devido a suas ações, permeadas por paradoxos.

ISBN: 978-85-7822-205-5

> Para alguns, Pombal, que para todos os efeitos governou Portugal entre 1750 e 1777, é uma grande figura do despotismo esclarecido, comparável a Catarina II da Rússia, a Frederico II da Prússia e a José II da monarquia austríaca. Para outros, ele não passa de um filosofo inexperiente e de um tirano maduro. Mesmo antes de Pombal tomar o poder, seus contemporâneos estavam divididos em suas opiniões sobre ele (MAXWELL, 1996, p. 1).

Portanto, há diferentes representações da figura de Pombal. O conceito de representação ganhou força com a história cultural, posterior aos estudos históricos ligados à história positivista tradicional, que se restringiam ao estudo de documentos escritos (VIEIRA, 2015). Nesse sentido, Chartier (1990, p. 37) aponta que esse tipo de pesquisa era sustentado pelas noções de transparência entre a intenção de produtores e seus produtos; a ideia de que uma criação intelectual é individual; a atribuição de semelhanças entre produções ao intitulado "espírito do tempo". O autor destaca, no entanto, que é impossível manter uma relação transparente entre texto e realidade e que é necessário "reencontrar essas representações antigas, na sua irredutível especificidade, isto é, sem as envolver em categorias anacrônicas nem as medir pelos padrões da utensiliarem mental [da época atual]". Chartier (1990) também chama atenção para o conceito de visão de mundo, definidas como ideologias compartilhados por determinados grupos sociais, que os caracterizam, ao mesmo tempo em que os diferenciam de outros grupos. O autor fala, desse modo, da atribuição de significados, a partir de sistemas ideológicos situados em um contexto. As produções intelectuais se constituem em representações e são lidas de maneira singular e diversificada com base em representações emergentes do sistema ideológico com o qual o leitor tem contato. Logo, "todo o texto é o produto de uma leitura, uma construção do seu leitor" (CHARTIER, 1990). A história cultural, em suma, "trata das representações sociais, das práticas culturais e do processo de apropriação, áreas em que a participação dos sujeitos que as vivenciam é fundamental" (VIEIRA, 2015, p. 376).

Representação é, de acordo com Hall (1997, p. 16), "a produção de sentido através da linguagem"[39]. Os significados, fixados e reproduzidos até serem entendidos como naturais, são possíveis por causa dos sistemas de representação que, por sua vez, são mutáveis, à medida que convenções sociais e linguísticas também são. O autor explica que há três concepções de

[39] As traduções da língua inglesa para a língua portuguesa são responsabilidade da autora. Versão original: "the production of meaning through language" (HALL, 1997, p. 16).

ISBN: 978-85-7822-205-5

representação. A primeira delas é a abordagem reflexiva, segundo a qual o significado está no objeto e a língua reflete ou imita o mundo real. A segunda, abordagem intencional, defende que é o autor que compartilha seus entendimentos através da língua. Nesse sentido, o sentido seria único e privado a um individuo cuja produção seria entendida pelo leitor em acordo com as intenções de quem produziu o texto. A terceira concepção, abordagem construcionista, reconhece que a língua é social. Os significados não estão fixados nos objetos, tão pouco transparecem a intenção do autor; eles são construídos a partir dos sistemas de representação. Hall (1997, p. 19) define representação de maneira ampla como a produção de significados que estão diretamente relacionadas a convenções sociais de contextos específicos. Nas palavras do autor:

> Central ao processo de significação em uma cultura, então, há dois 'sistemas de representação' relacionados. O primeiro permite que demos sentido ao mundo, através da construção de um conjunto de correspondências ou uma cadeia de equivalências entre coisas – pessoas, objetos, eventos, ideias abstratas etc. – e nosso sistema de conceitos, nossos mapas conceituais. O segundo depende da construção de um conjunto de correspondências entre nosso mapa conceitual e um grupo de signos, dispostos e organizados em várias línguas que simbolizam ou representam esses conceitos. A relação entre 'coisas', conceitos e signos está situada no centro da produção de sentido em uma língua. O processo que liga esses três elementos é o que chamamos de 'representação'.[40]

Os significados não estão nas 'coisas', de acordo com essa perspectiva, são construídos e, portanto, sempre diferentes. É por esse motivo que pessoas que vivem na mesma época, fazem parte de cultura e grupos sociais semelhantes constroem sentidos divergentes. Tal afirmação explica também o motivo de a figura de Pombal e suas atitudes serem compreendidas de maneiras diversas, caindo, muitas vezes, em uma dicotomia, isto é, na polarização, divisão em dois: admirar ou desprezar. Como Maxwell (1996) coloca, isso acontece desde o século

[40] At the heart of the meaning process in culture, then, are two related 'systems of representation'. The first enables us to give meaning to the world by constructing a set of correspondences or a chain of equivalences between things - people, objects, events, abstract ideas, etc. - and our system of concepts, our conceptual maps. The second depends on constructing a set of correspondences between our conceptual map and a set of signs, arranged or organized into various languages which stand for or represent those concepts. The relation between 'things', concepts and signs lies at the heart of the production of meaning in language. The process which links these three elements together is what we call 'representation' (HALL, 1997, p. 19).

ISBN: 978-85-7822-205-5

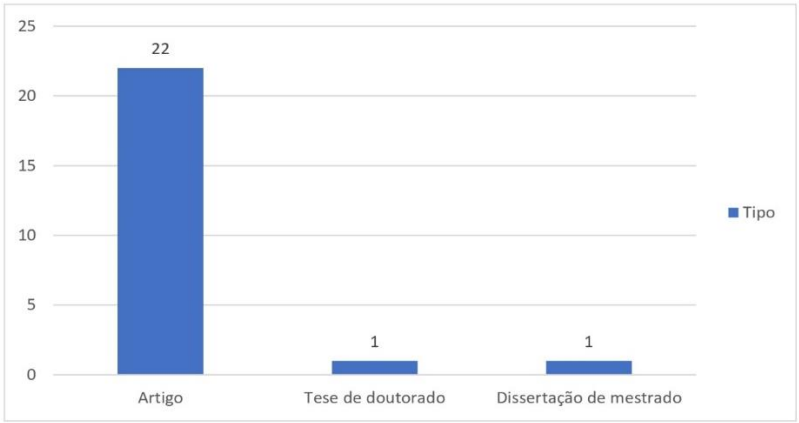
XVIII. A seguir, o levantamento da produção de textos sobre Pombal, no âmbito da UFS, é exposto e analisado a partir do conceito de representação.

Representações nas pesquisas sobre Pombal

Para que os dados fossem obtidos, foi realizado um levantamento acerca dos textos produzidos por pessoas vinculadas à UFS no momento da produção e textos que, apesar de terem sido escritos por pesquisadores não vinculados à UFS, foram publicados no repositório institucional ou em revistas vinculadas à universidade. Inicialmente, foram feitas pesquisas no repositório da UFS, com a palavra-chave Marquês de Pombal. Os resultados foram examinados e colocados em duas planilhas – uma para pessoas vinculadas à instituição de ensino e outra para não vinculados – cujos itens são: tipo, título, autor, área de estudos, local de publicação, ano, endereço eletrônico e, no caso da segunda planilha, instituição a qual está vinculado. Foram encontradas 25 produções de autores não vinculados à UFS e 85 textos de pesquisadores vinculados à esta instituição.

No que diz respeitos aos autores não vinculados, mas sim a diversas universidades não apenas brasileiras, foram encontrados, majoritariamente, artigos, conforme gráfico:

Gráfico 1: tipo de produção dos não vinculados a UFS

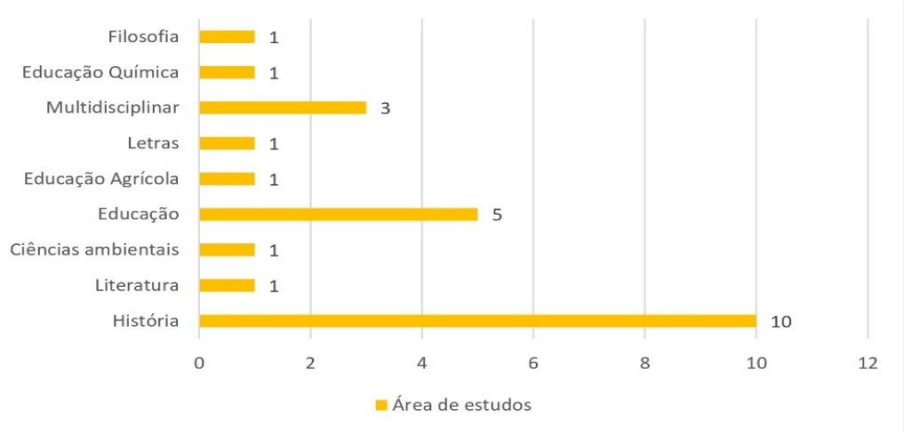


Fonte: produção da autora, a partir dos dados

Esses textos correspondem aos anos 2008 (1), 2009 (1), 2011 (1), 2015 (1), 2016 (17) e 2017 (3). Enquanto três deles estão no repositório UFS, 31 podem ser encontrados em uma revista de artigos científicos vinculada à universidade, a Revista de Estudos de Cultura (REVEC). Além disso, os textos estão ligados a diversas áreas de estudos:

ISBN: 978-85-7822-205-5

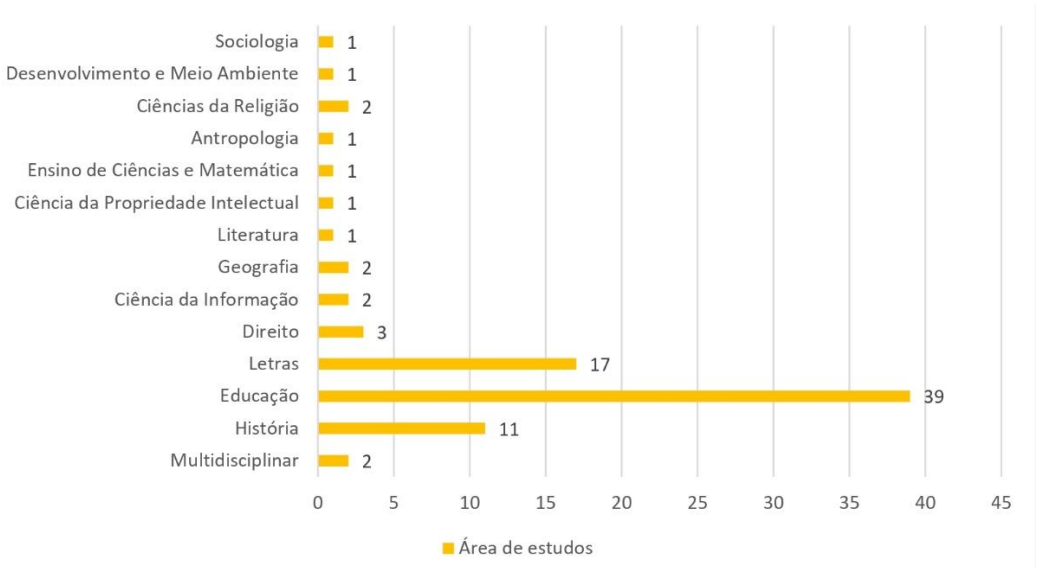
Gráfico 2: áreas de estudos dos autores não vinculados à UFS



Fonte: produção da autora, a partir dos dados

Similarmente, há grande variedade de áreas dos textos produzidos por pessoas vinculadas à UFS; a maior parte dos trabalhos, no entanto, é da área da educação.

Gráfico 3: áreas de estudos dos vinculados à UFS

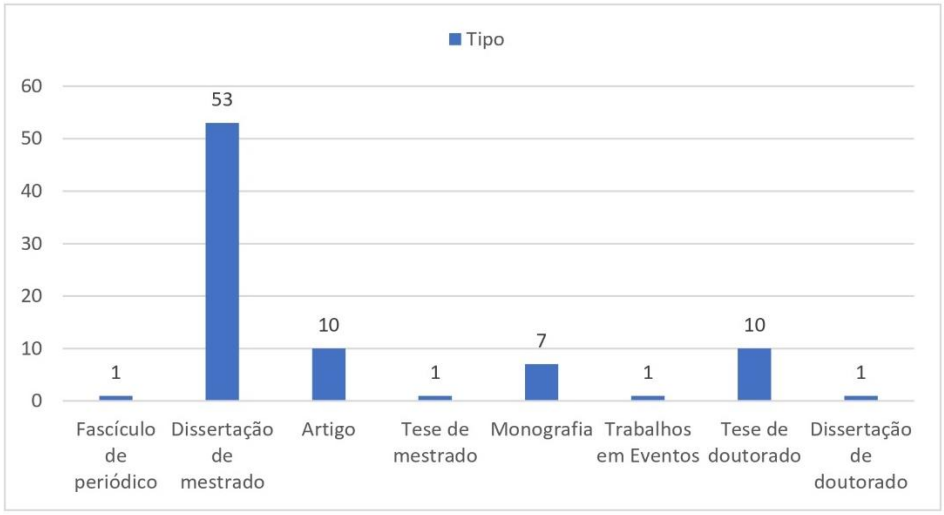


Fonte: produção da autora, a partir dos dados

Nos tipos de produção, por sua vez, foram encontradas mais dissertações de mestrado (53), seguidas por teses de doutorado e artigo (10 de cada), conforme mostra o gráfico 4.

Gráfico 4: tipo de produção dos vinculados a UFS

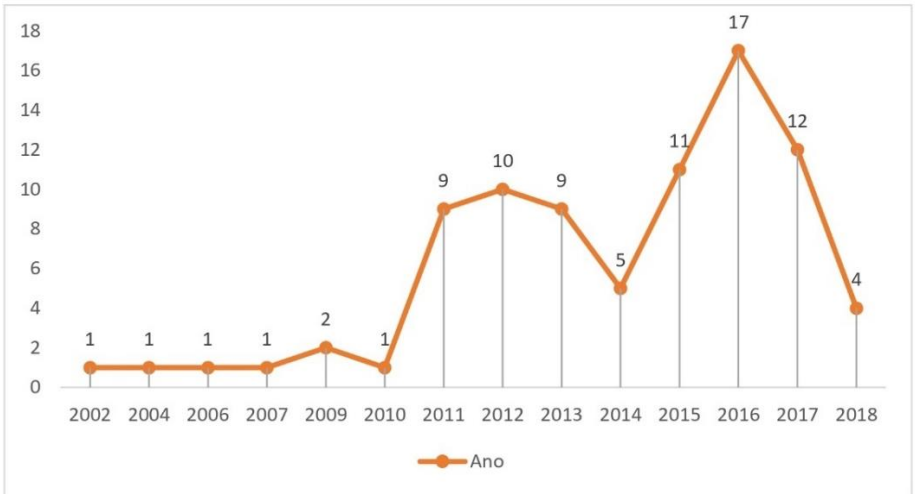
ISBN: 978-85-7822-205-5



Fonte: produção da autora, a partir dos dados

Quanto aos anos das publicações, diferente das publicações dos não vinculados à UFS, em que há uma concentração no ano de 2016, devido a um número temático relacionado a Pombal na revista REVEC, na UFS, há uma distribuição temporal, com ápice também em 2016.

Gráfico 5: anos de publicação dos vinculados a UFS



Fonte: produção da autora, a partir dos dados

No que diz respeito à análise da representação de Pombal, foram recorrentes as associações dessa figura à ideia de poder, como é possível observar nos trechos abaixo:

> O ministro *plenipotenciário* Sebastião José de Carvalho e Melo, o Marquês de Pombal (SILVA, 2008, p. 15).

ISBN: 978-85-7822-205-5

> As reformas pertinentes à religião e ao sistema de ensino, *através do poder de déspota esclarecido de Pombal*, potencializaram estrategicamente grandes mudanças pedagógicas (TELES, 2016, p. 172).
> Teve assim Pombal *plenos poderes* para gerir os negócios e dirigir a nação lusitana (SOUZA, 2011, p. 36).

Nos trechos acima, Pombal é destacado como possuidor de poder pleno, conforme os termos marcados. Ele ainda é colocado como déspota esclarecido, o que também ocorre em outras produções. Falcon (1993, p. 132) afirma, sobre o despotismo esclarecido, que "o Estado e os governos são entendidos como simples meios de se alcançar os fins propostos, entre os quais avulta a felicidade ou utilidade para o maior número de pessoas". A ideia é de um tipo de governo que, apesar de objetivar o progresso, é centralizado no governo.

Pombal também foi representado como aquele que expulsou os jesuítas, conforme os trechos reproduzidos abaixo:

> O grande mérito do ensino desenvolvido pelos jesuítas deve-se ao seu caráter sistemático que com a política de Pombal resultou em uma educação brasileira enfraquecida (ARAÚJO, 2012, p. 22).
> Pombal expulsou os jesuítas (SANTOS, 2013, p. 30).
> Com a violenta expulsão dos jesuítas do império português, o Marquês de Pombal [...] determinou que a educação na colônia passasse a ser transmitida por professores (SANTOS, 2011, p. 94).
> Pombal decide perseguir os jesuítas e extinguir a Companhia de Jesus (MORAES et al, 2016, p. 117).
> De fato, no Brasil, ponto nodal para se compreender o desencadear da hostilidade pombalina antijesuítica, a Companhia de Jesus foi alvo da nova política imperialista do governo português, que pretendia consolidar o efetivo domínio dos vastos territórios da enorme região tropical e subtropical. (OLIVEIRA, FRANCO, 2016, p. 30).

O Marquês, na primeira citação, é entendido como o que enfraqueceu a educação brasileira, porque finalizou o método de ensino de "grande mérito" dos jesuítas. Também ressaltam a violência e hostilidade utilizada na expulsão da Companhia de Jesus. Pombal é, ainda, representado como dizimador da língua geral:

> O Marquês de Pombal tratou de *dizimar* a língua geral (FONTES, 2015, p. 38).
> Pombal não só adequou a comunidade indígena à sociedade Portuguesa, mas também *dizimou a língua* que até então era a mais falada na América Portuguesa (BARBOZA, 2011, p. 69).

ISBN: 978-85-7822-205-5

A palavra dizimar tem valor semântico semelhante ao do verbo matar. Há uma conotação de violência no uso desse termo. Pombal também é representado como violento em outras das obras estudadas, quando é colocado como autoritário, tirânico e censurador.

> Chega a ser irônico que Pombal, frequentemente classificado como *tirânico e despótico*, aludisse à Companhia da Ordem de Jesus em termos bastante similares (CHAUVIN, 2016, p. 53).
> Com a decadência dos conventos *devido à censura de Pombal*, as Bibliotecas Escolares foram abandonadas e seus acervos começaram a se autodestruir (MENEZES, 2014, p. 34).
> As Luzes tinham como pressupostos a origem filosófica, racional, crítica e contestatória, mas se produziu *autoritária e conservadora* pelas mãos de Pombal (MORAES et al, 2016, p. 117).

No entanto, Pombal também é representado de forma positiva, destacando as suas contribuições para a moderização e o fortalecimento de Portugal. Alguns autores destacaram

> Pombal utilizou a língua e a educação [...] como uma forma de *unir* os cidadãos construindo uma afiliação nacional portuguesa aos súditos mais longínquos daquele império (SANTANA, 2013, p. 52).
> Basta ver o caso português, nas reformas empreendidas por Pombal em prol da *modernização* e centralização política do Estado lusitano (CARDOSO, 2011, p. 52).
> Este buscou *modernizar* a instrução pública (SANTOS, 2011, p. 94).
> Pombal *introduziu importantes mudanças* no sistema de ensino do reino e das colônias (NUNES, 2016, p. 22).

Na primeira citação, Pombal é colocado como responsável pela união dos cidadãos do império lusitano. Há, desse modo, a representação de Pombal como fundador de uma nação unificada. As outras três citações, por sua vez, ressaltam o caráter modernizador das decisões de Pombal, que são associadas à ideia de progresso.

Considerações finais

Pombal é uma figura cujas ações são perpassadas por paradoxos. Desde o século XVII, ele divide opiniões; houve muitos admiradores de suas reformas, mas também muitos que as menosprezaram. As diversas formas de atribuir significados ao Marquês podem ser explicadas pela teoria da representação, segundo a qual todos os sentidos são construídos pelos leitores, a

ISBN: 978-85-7822-205-5

partir de convenções sociais. Por sermos seres individuais e sociais ao mesmo tempo, além termos nossas identidades inconstantes, lemos o mesmo texto, situação ou atitude de formas diferentes.

De acordo com os dados levantados, a produção de textos, no âmbito da UFS, que versam sobre o Marquês de Pombal são predominantemente da área de educação e constituem, em sua maioria, dissertações de mestrado. Além disso, o ano de 2016 apresenta um número maior de textos publicados. No que concerne as representações, Pombal é associado à ideia de uma figura de poder que se mostra violenta, por exemplo, na expulsão dos jesuítas. Ao mesmo tempo, ele é entendido como unificador de uma nação portuguesa e modernizador da educação. Vale ressaltar que, apesar de ter recebido o título de Marquês de Pombal somente em 1769, o termo Pombal foi utilizado em todos os trabalhos encontrados para se referir a Sebastião, o que mostra sua identidade está fortemente associada a esse título da nobreza.

Referências Bibliográficas

ARAÚJO, M. S. *Análise de interações professor-aluno com ênfase na afetividade em aulas de física no contexto da educação básica*. 2012. 117 f. Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências e Matemática) – Núcleo de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Matemática, Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa, Universidade Federal de Sergipe: São Cristóvão, 2012.

BARBOZA, G. M. *A gramática de Reis Lobato e o ensino de língua portuguesa no Brasil (1770-1828)*. 2011. 152 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Núcleo de Pós-Graduação em Educação, Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa, Universidade Federal de Sergipe: São Cristóvão, 2011.

CARDOSO, J. E. A formação da historiografia da literatura brasileira: uma história dos cânones escolares no Brasil (1759-1890). 2011. 202 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Pós-Graduação em Letras, Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa, Universidade Federal de Sergipe: São Cristóvão, 2011.

CARVALHO, L. R. de. *Reformas Pombalinas da Instrução Pública*. São Paulo: Saraiva: Ed. da Universidade de São Paulo, 1978.

CHARTIER, R. *A história cultural*: entre práticas e representações. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

CHAUVIN, J. P. Marquês de pombal: retrato sem moldura. *Revista de Estudos de Cultura*, p. 53-73, jul. 2016.

FALCON, F. C. *A época pombalina*. São Paulo: Ática, 1993.

ISBN: 978-85-7822-205-5

FONTES, P. M. R. *Percurso histórico do ensino da língua portuguesa no Brasil: vestígios em concepções docentes atuais*. 2015. 180 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Núcleo de Pós-Graduação em Letras, Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa, Universidade Federal de Sergipe: São Cristóvão, 2015.

HALL, S. The work of representation. In: HALL, S. (Eds.) *Representation*: Cultural Representations and Signifying Practices. London: SAGE Publications, 1997, p. 15-69.
MACHADO, A. P. G. *Língua portuguesa*: incluir e participar para exercer a cidadania. 2009. 127 f. Dissertação (Mestrado em Educação Agrícola) -Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, 2009.

MAXWELL, K. *Marquês de Pombal*: paradoxo do Iluminismo. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

MENEZES, E. de. *Biblioteca escolar do Colégio Estadual Armindo Guaraná*: a influência da ativação experimental de seus recursos informacionais no cotidiano escolar e na formação de leitores. 2014. Monografia (Graduação em Biblioteconomia e Documentação) - Núcleo de Ciência da Informação, Centro de Ciências e Aplicadas, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE, 2014.

MORAES, C. E. M. de et al. A academia brasílica dos renascidos a serviço do marquês de pombal: obediência e encômio. *Revista de Estudos de Cultura*, p. 115-125, jul. 2016.

NUNES, C. T. F. de M. A universidade de Coimbra e os estatutos pombalinos. Revista de Estudos de Cultura, p. 99-114, jul. 2016.

RENAN, E. Documento histórico: Emest Renan: O que é uma nação? Trad. Glaydson José da Silva. *Revista aulas*: São Paulo. 2006 [1882], p. 1-21. Disponível em: <http://www.unicamp.br/~aulas/VOLUME01/ernest.pdf>. Acesso em: 26 mai. 2018.

SANTANA, M. V. M. *A profissão docente como prática ilustrada: o caso dos primeiros professores de inglês do Brasil*. 2013. 141 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Pós-Graduação em Letras, Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa, Universidade Federal de Sergipe: São Cristóvão, 2013.

SANTOS, E. M. *As reformas pombalinas e as gramáticas inglesas: percursos do ensino de inglês no Brasil* (1759-1827). 2010. 166 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Núcleo de Pós-Graduação em Letras, Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa, Universidade Federal de Sergipe: São Cristóvão, 2010.

SANTOS, M. D. *A instituição do ensino de primeiras letras no Brasil (1757-1827)*. 2011. 138 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Núcleo de Pós-Graduação em Educação, Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa, Universidade Federal de Sergipe: São Cristóvão, 2011.

SANTOS, M. E. *"Para instruir o espírito e melhorar o coração":* compêndios escolares de filosofia racional e moral em Sergipe no século XIX. 2013. 196 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Núcleo de Pós-Graduação em Educação, Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa, Universidade Federal de Sergipe: São Cristóvão, 2013.

ISBN: 978-85-7822-205-5

SILVA, A. *A ilha de Santa Catarina e sua terra firme*: estudo sobre o governo de uma capitania subalterna (1738-1807). 2008. 300 f. Tese (Doutorado em História) - Universidade de São Paulo, São Paulo.

OLIVEIRA, L. E.; FRANCO, J. E. O marquês de pombal e a invenção do brasil: coordenadas históricas. *Revista de Estudos de Cultura*, p. 25-36, jul. 2016.

TELES, T. V. S. O marquês de pombal e o iluminismo na formação do estado moderno português. *Revista de Estudos de Cultura*, p. 167-177, jul. 2016.

VIEIRA, A. M. D. P. A história cultural e as fontes de pesquisa. *Revista HISTEDBR On-Line*, p. 367-378, 2015.

ISBN: 978-85-7822-205-5

HISTÓRIA E MEMÓRIA: A CONSTRUÇÃO DAS NARRATIVAS A RESPEITO DA DITADURA CIVIL MILITAR NO BRASIL

Autora: Taís Danielle Alcântara de Araújo Silva
Mestranda em História pela Universidade Federal de Sergipe (PROHIS/UFS)
Pós-graduanda em Educação, Política e Sociedade pela Faculdade Jardins (FAC/JARDINS)
tais.historia-ufs@hotmail.com

Coautora: Maria Aline Matos de Oliveira
Mestranda em História pela Universidade Federal de Sergipe (PROHIS/UFS)
Integrante do Grupo de Pesquisa Poder, Cultura e Relações Sociais na História (CNPq/UFS)
aline_hist2010@hotmail.com

Orientadora: Profa. Dra. Célia Costa Cardoso (DHI/PROHIS/UFS)

Introdução

Na História recente do Brasil a todo o momento nos deparamos com algumas questões confusas que fazem parte da memória brasileira, podemos ver relativismos a respeito do que ocorreu durante a ditadura civil militar – o extremo autoritarismo, as perseguições, as torturas, a violência, a repressão. Algumas pessoas acabam fazendo apologia a esse período sombrio da história, que já foi desmistificado por diversas pesquisas e pesquisadores, que não foi benéfico e nem pacífico para a sociedade e nem para o país. Fazendo paralelos com o tempo presente, sobre esse discurso de exaltação ao regime ditatorial que por vezes é disseminado, entendemos que não se configura como uma história, mas sim como uma memória. Para que possamos tentar entender essa questão temos que apresentar os conceitos de História e de Memória, assim como seus usos nas ciências humanas.

A memória aqui exposta não é no sentido de termos biológicos, psicológicos, capacidade individual de lembrar e pensar sobre o passado, mas sim uma reconstrução do passado feita no presente, baseada em parâmetros do presente dos indivíduos e da sociedade. Ela é coletiva e compartilhada, pois está dialogando com a sociedade que também acompanha essa memória juntamente com os indivíduos. A história é uma análise científica do passado, que adota determinadas posturas teóricas e metodológicas que servem de ferramentas para o seu entendimento e necessita de um rigor científico. A memória está ligada a marcadores sociais do presente a qual se desenvolve e é por isso que algumas pessoas, que tinham determinado discurso sobre seu passado e seu presente, acabam mudando, eu um dado momento, não porque

ISBN: 978-85-7822-205-5

estavam errados, mas porque sofreram influências da memória compartilhada do presente, baseada em eventos e interesses do presente, que acabam mudando a sua memória. A sociedade influencia na memória das pessoas, a construção memorialística independe da memória individual. Como exemplo, podemos mostrar alguém que não vivem o período da ditadura defendendo o regime, isso é um discurso de memória, pois a pessoa não lembra individualmente.

No caso da história e da memória construídas sobre o período da ditadura civil militar brasileira devemos atentar para quem está lembrando, quem está realizando aquela narrativa e quais os seus interesses. A partir daí, devemos procurar dialogar com os marcadores sociais, que possuem relação com o indivíduo e com a sociedade. Assim se entende a sociedade e consequentemente a história e a memória. As memórias sobre a ditadura não são passado, é como um olhar do presente ao passado da forma ao qual se deseja no presente. Isso não quer dizer que toda memória seja falsa, ou algo errado, nos mostra na realidade que as memórias são conflitantes e dinâmicas.

Por fim, devemos sempre ter cuidado com os projetos de memória que são desenvolvidos, as ideologias, revisionismos históricos – que voltam o olhar para o passado atrelando conceitos e significados específicos, com objetivos também específicos, que em nada são científicos – que acabam relativizando a nossa história, tentando minimizar ou até negar o que aconteceu durante o regime militar. Procurar se atentar com as falsificações históricas, achismos, opiniões vagas, com as deturpações.

Sabemos que no caso das ciências humanas todas essas questões se tornam delicadas, talvez pelo fato de estarem relacionadas com o que a gente vive e sente diferente de outras ciências exatas. Devemos desenvolver o senso crítico, utilizar-se dos estudos da história, para a nossa melhor compreensão sobre o fato, afinal "O historiador não é bombeiro nem juiz. Não resgata e não condena. Tenta compreender, criticar, apontar contradições, estabelecer conexões plausíveis a partir de uma argumentação baseada em indícios deixados pelas fontes". (NAPOLITANO, 2014: 17).

História versus Memória

O conceito de memória para a história é diferente de conceitos de outras ciências, embora seja reconhecido que história e memória dialoguem bastante e que diversas vezes uma seja fonte para outra. Podemos dizer que a *História* é a análise crítica do passado, um estudo

ISBN: 978-85-7822-205-5

realizado no presente a partir de fatos do passado. Mais do que uma mera tentativa de restauração de memórias do passado, ela busca a crítica das suas fontes, como também procura entender como foram criadas, realizando uma interpretação deste passado. A função da ciência histórica não é glorificar o passado, mas sim analisa-lo e entende-lo. E em muitos casos ela acaba deslegitimando uma memória que havia sido construída.

A *Memória* é um conhecimento do passado guiado a partir de um olhar do presente, bebe de lembranças individuais, de cada sujeito, como também pode ser influenciada por jogos de poder e interesses coletivos. Não necessariamente passam pela pesquisa, pela crítica das fontes, dentre outras coisas. Geralmente a memória acaba glorificando ou até demonizando o passado ou o evento em que lembramos, pode apresentar também julgamentos morais, a respeito do que lembra. Essas memórias podem mudar com o passar do tempo, a depender dos interesses e disputas atuais. A memória está propensa a acabar ocultando alguns componentes do passado que podem não servir a narrativa que se quer construir. É uma busca de reconstrução do passado que normalmente serve para atender a interesses do presente, sejam eles econômicos, sociais, políticos, culturais, resguardando uma identidade e supostos "ataques externos".

A memória carrega em si componentes afetivos muito fortes, um acontecimento rememorado irá se tornar uma forma narrativa. Torna-se a maneira em que o indivíduo constrói o sentido do próprio passado. Uma memória que se torna um relato comunicável nem sempre é coerente, ou seja, torna-se um discurso. A história é uma análise do passado que deverá ser construída sempre com método crítico, com bases teóricas e metodológicas, além de ser necessária passar pela análise de pares. A memória é o compartilhamento de lembranças e discursos a respeito do passado. Uma memória compartilhada é uma visão do passado fundamentado em interesses e visões do mundo do presente, sem muito senso crítico, sem método.

Existem elementos constituintes da memória, um deles é o evento do passado vivido ou valorizado por interesses. São acontecimentos vividos pessoalmente, que fazem parte do passado que queremos que seja único e verdadeiro. Como exemplo, podemos destacar o caso de alguns militares brasileiros da ditadura. Esses grupos costumam defender memórias que a história já desconstruiu, através de suas pesquisas científicas e críticas. Eles querem que a sua memória seja a única e verdadeira, ou seja, a legitimada e o que não se encaixar nesta se tornam mentiras ou história dos vencedores.

ISBN: 978-85-7822-205-5

Outro elemento constituinte da memória é o evento vivido por tabela. São eventos em que os indivíduos não viveram, mas que estão tão ligados àquelas memórias, aqueles discursos, aqueles eventos – por conta de suas crenças políticas, religiosas, ideológicas, filosóficas, identitárias – que essas pessoas ou grupos sentem que fizeram parte daquele passado. Como exemplo, podemos destacar as memórias de traumas coletivos, que afetam a algum grupo em específico, como os genocídios e os regimes ditatoriais. Devemos destacar também a diferença entre memória e lembrança, a segunda, é algo que mesmo que você compartilhe com outros indivíduos é algo individual, é particular, vivido somente por você. Já a memória pode ser algo que você não viveu necessariamente, mas que se identifica, porque ela é coletiva, compartilhada, por um grupo ao qual faz parte.

O terceiro elemento é que a memória é constituída por personagens, indivíduos, que personificam a mesma. Um mesmo evento, ou seja, um mesmo personagem pode estar associado a diferentes memórias, a depender de cada grupo de indivíduo, está ligada a uma afinidade coletiva. Por outro lado, muitos associam a memória que foi construída por várias relações de força e poder. É um compartilhamento de memórias coletivas, e não lembranças individuais.

O quarto elemento constituinte da memória são os lugares de memória, não somente físicos – museus, arquivos, monumentos – como também cerimônias, celebrações e comemorações. Quanto às comemorações estão geralmente ligadas ao estado, tendo função de celebrar acontecimentos que são identificados como fundadores de uma comunidade nacional. Buscam uma unidade política, tentam imprimir uma continuidade temporal com o passado, a partir do presente. Um exemplo são as memórias oficiais, que são tentativas de definir e reforçar os sentimentos de pertencimento, de coesão nacional, com objetivo de defender fronteiras simbólicas. Como toda narrativa, esses relatos nacionais são seletivos, para construir determinada narrativa temos que deixar algo de lado. Para construir uma narrativa convincente tende-se a deixar o inconveniente de lado. Sabemos que o passado já passou e não poderá ser mudado, que o futuro encontra-se ainda em aberto, mas, o sentido do passado pode mudar, e esse sentido é ativo, dinâmico, dado pelos agentes sociais que estão sempre em confronto.

A história é menos vulnerável as pressões do presente, e embora necessidades do presente acabem ditando parte das pesquisas históricas à conclusão de uma pesquisa histórica, já consolidada, não muda somente porque determinado grupo social do presente não está satisfeito com seus resultados. Em contrapartida, a memória está sempre vulnerável a mudanças culturais e políticas do presente. É um constante olhar do presente em direção ao passado, que

ISBN: 978-85-7822-205-5

é seletivo e condicionado por disputas de memória. Por isso é mais correto falarmos memórias. Em toda sociedade há disputas de memórias, que muitas vezes são antagônicas ou até mesmo contraditórias. Por serem vulneráveis ao presente, de acordo com as mudanças do presente a memória sobre esse passado também muda, dependendo de quem tem o poder da narrativa naquele momento, de quem tem mais condições de manter a narrativa.

Segundo Maurice Halbwachs, o seu conceito de memória coletiva, trás a noção de marco ou quadro social. As nossas memórias individuais estão sempre ligadas, marcadas socialmente, ou seja, o que lembramos está diretamente conectado a sociedade na qual vivemos e aos marcos sociais em que estão ao nosso redor. Esses marcos carregam representações da sociedade, das necessidades, dos valores, da moral, de onde vivemos. Isso significa segundo ele, que só podemos lembrar de algo quando é possível recuperar a posição dos acontecimentos passados nos marcos da memória coletiva. Isso implica no social, mesmo nos momentos mais individuais. Alguns preferem utilizar o termo memória compartilhada, frutos das interações sociais múltiplas, que acontecem dentro de marcos sociais e relações de poder, ao invés do termo memória coletiva, que pode passar a impressão que existe acima dos indivíduos, separados dos sujeitos.

Devemos ter cuidado com o uso dos conceitos, pois a memória não é apenas um conjunto de dados que recebemos passivamente e de forma totalmente objetiva, como uma mera informação. Mais importante do que apenas coletar dados da memória é analisar os processos de construção da memória, isso implica em ver quem são os atores sociais distintos, que fazem parte da memória, incluindo os marginalizados e os excluídos. É preciso entender as disputas e negociações a respeito dos sentidos do passado, em espaços diversos para grupos diferentes. Entre grupos há disputas relativas a identidades, e o núcleo de qualquer identidade individual ou coletiva está ligado a um sentido de pertencimento ao longo do tempo e do espaço. O ato de poder lembrar algo do próprio passado é o que sustenta a identidade. Percebemos que existe uma relação de constituição mútua, pois nem as memórias nem as identidades são objetos materiais, eles são coisas sobre as quais passamos, e por isso não existem fora da nossa vida política, das nossas relações sociais, das nossas histórias.

Os períodos de crise sejam elas políticas, sociais, econômicas ou momentos de ameaças externas – que podem ser imaginárias ou reais – são justamente os períodos em que reinterpretamos a memória e prestamos mais atenção a nossas próprias identidades. Esses períodos costumam ser acompanhados de crises de sentimentos de identidade coletiva. E na memória dão espaço para uma volta a um passado que muitas vezes é completamente irreal,

ISBN: 978-85-7822-205-5

mítico, imaginário, ou seja, sem respaldo factual. Esses momentos são pratos cheios para revisionismos, reinterpretações, implicando em rediscutir e redefinir a própria identidade do grupo. Como exemplo, podemos citar a questão dos refugiados de guerras, que serve de ponto de partida para rediscutir as próprias identidades, motivo de várias discussões, brigas em questão de memória e identidade.

Na construção da memória coletiva, tão importante quanto às lembranças são os esquecimentos e os silêncios. Toda narrativa do passado é uma seleção, a memória é seletiva, pois imprimi-la em sua totalidade é impossível. Sendo assim, implica na existência de um esquecimento necessário, orgânico, do que os indivíduos não conseguem reter. Também implica na existência de outros tipos de esquecimento, com diferentes usos e diferentes sentidos. O processo de construção da memória implica em escolhas de fatos do passado que determinado grupo acha que deve ser lembrado – legitimado. Quando essa escolha é feita o grupo acaba ocultando e esquecendo outros fatos. Sem esse entendimento não conseguimos compreender com maior clareza a constituição das memórias.

Como pesquisadores, precisamos questionar os processos de esquecimento, pensando em algumas questões: O que querem esquecer? Por que querem esquecer? Quem tem interesse nesse esquecimento? Alguém sairá ganhando ou perdendo? Quem? A partir dessas indagações novas perspectivas se abrem na pesquisa, e conseguimos entender melhor as relações de força, nas disputas pela memória, entendendo os interesses em jogo. Devemos buscar sempre a responsabilidade, evitando conspiracionismos, revisionismos, ou seja, utilizando sempre métodos. Nem todo esquecimento e nem todo silêncio é uma tentativa deliberada de se ocultar verdades e fatos, e nem sempre com fins políticos ou culturais dentre outros.

Os processos de esquecimento também podem estar ligados a traumas. Alguns estudos, como o realizado por Michael Pollak, sobre os campos de concentração, demonstram que o silêncio sobre aquela experiência traumática pode ser na verdade um mecanismo de defesa e faz parte do processo de lidar com o trauma. Essa construção da memória é um fenômeno histórico, o historiador tem que identificar os princípios dessa seleção e observar como eles variam, dependendo do lugar ou grupo envolvido e como essas memórias mudam com o tempo. A memória tem um poder de construir identidades de grupos ressaltando os elementos pelos quais os indivíduos se veem em parte de um coletivo, muitas vezes em detrimento de quem não é visto como parte do grupo, um estrangeiro, uma pessoa de outra crença, ideologia, religião, adepto de outro regime político dentre outros.

ISBN: 978-85-7822-205-5

A força dessa memória que aglutina as pessoas é sempre realimentada, reforçada, especialmente em situações aonde uma reflexão que vem de fora tenta derrubar elementos que unem o grupo. Essa memória não apresenta necessariamente respaldo de uma pesquisa histórica perfeita, ainda que seja sempre desejável que isso aconteça. Quando uma pesquisa derruba mitos de memórias é muito comum que os adeptos dessas afirmem estar sendo perseguidos, ou dizem que o conteúdo é uma mentira convincente, que esconde uma verdade oculta. A memória de um ponto de vista afetivo acaba servindo para sacralizar eventos, personagens ou ideologias, dando suporte para anacronismos e podem até atrapalhar a compreensão do passado. No entanto, não podemos deixar de admitir que a memória seja uma das muitas fontes históricas. No plano da memória coletiva o desafio a ser superado refere-se às repetições, aos abusos políticos, precisa-se tomar um distanciamento e ao mesmo tempo promover o debate e a reflexão, que tem que ser sobre esse passado e o seu sentido para o presente e para o futuro.

Construções narrativas da História e da Memória

Como podemos perceber as narrativas históricas e as narrativas memorialísticas não são a mesma coisa, e nenhuma das duas surge pronta, "são frutos de processos sociais de construção de identidade, que atuam em diferentes níveis de articulação e inserção social" (MACHADO, 2007:52). Assim, percebemos que não podem ser recuperadas simplesmente a partir de documentos. Muitas vezes por tratarmos de uma história e de uma memória de um mesmo grupo, acabamos por acreditar que seja uma mesma coisa.

As narrativas históricas são construídas com base na utilização de conceitos e interpretações, com forte caráter positivista – universal e totalizante – porém temos que buscar a superação deste tipo de narrativa, para então atingirmos a um estudo de menores grupos e fatos. Devemos problematiza-la, nos desprender de uma história que nos dê a certeza das permanências e estabilidades, muitas vezes idealizada. A narrativa histórica nos dias atuais deve atender aos desafios dos nossos historiadores, pois os processos que se constrói a história são muito mais complexos e variados.

Não existe uma única narrativa histórica, temos que observar suas multiplicidades. Podemos construí-la de qualquer ponto que desejamos analisar, podendo se conectar a qualquer outro ponto de analise. Desta forma percebemos que não existem pontos hierarquizados, mais importantes ou menos importantes. A história não é feita de um único lado, ou de dois lados, mas sim de múltiplos lados, e não necessariamente apresenta uma verdade absoluta. O sentido

ISBN: 978-85-7822-205-5

dessas análises depende do contexto empregado, o modo como enxergamos depende do que sabemos. A narrativa se constitui a partir de um ponto de vista, parâmetros, quando nos situamos em relação ao determinado ponto. Compreendemos o passado quando nos situamos na história.

As narrativas memorialísticas são construídas em um processo clássico de produção de testemunho, não são memórias totalmente puras, livres de influências de diversos fatores. Este testemunho pode ser o que se acredita que no outro irá entender, e produzirá uma apropriação de uma maneira segundo a compreensão de quem o ouve. Uma narrativa diversas vezes oral, que é transmitida posteriormente em uma narrativa escrita. Devemos compreender a própria dinâmica da construção desta narrativa, discursos que foram construídos para atender a determinadas expectativas.

É importante falar que no processo de sua construção de sua narrativa, a memória legitima, deslegitima e também faz distinção. Enquanto legitimadora surgi com formas elaboradas do saber histórico, sobretudo na forma de genealogias, já que o poder dominante tem a necessidade de explicitar sua própria origem. Em sua forma de deslegitimação parti de uma contra memória não oficial. As narrativas memorialísticas são tudo aquilo que faz parte do imaginário social e como ela está disposta nos lugares a ela reservados – memorial, comemorações e festividades. Com isso, precisamos perceber que as duas narrativas surgem de forma relacional, precisam da interação ligada no tempo e no espaço.

A História e a Memória sobre o período da Ditadura Civil Militar Brasileira

No campo característico da vida política a chamada memória social é capaz de determinar novas perspectivas para ações do passado, demarcando identidades e espaços que operam no jogo político do presente. História e memória parecem se confundir ao entrarem em colisão, ao se pronunciarem sobre um mesmo acontecimento passado. Isso ocorre principalmente quando esses acontecimentos ou processos históricos e políticos ainda estão em jogo e quando muitos dos protagonistas e envolvidos dos fatos de ontem ainda estão vivos e atuantes. Como exemplo podemos falar sobre o período da ditadura civil militar brasileira. Apesar disso temos que perceber suas diferenças, "não se confundam, posto que memória é fundamentalmente, uma construção cultural livre, enquanto a história é operação intelectual enquadrada em convenções científicas, as duas frequentemente se embaralham." (MENESES, 1992). Conforme Rodrigo Patto Sá Motta expõe:

ISBN: 978-85-7822-205-5

> Não raro, principalmente em seminários, o historiador é interpelado por pessoas que se sentem mais capazes para falar do passado recente, considerando seu testemunho superior ao olhar de um pesquisador que "não estava lá". Se as fronteiras entre História e Memória são esgarças e tênues, as dificuldades no presente caso são ainda maiores. O estudo das temporalidades recentes implica repto singular da Memória em relação à História. É importante explicar os conceitos de Memória e História em uso aqui, assim como o entendimento sobre as relações entre os dois campos. Memória e História são formas distintas de representação do passado, sem que se possa considerar uma superior à outra. (MOTTA, 2013:61)

Os golpes de estado, as guerras, ditaduras, configuram momentos traumáticos da história e os regimes que surgem como produtos desses eventos precisam da história e da memória para se justificar. Segundo Marcos Napolitano "O regime militar implantado em 1964 tentou mesclar em seu discurso legitimador os dois elementos". (NAPOLITANO, 2014: 282). As disputas pela verdade e seu significado merecem destaque, em um quadro de crescente interesse público e político. O poder neste período era autoritário, havia difusão ideológica de que o país vivia em uma democracia garantindo assim a legitimidade da ditadura. Fazendo uma reflexão percebemos uma herança ideológica, que permanece em nossa sociedade. Entretanto, hoje não podemos negar que há um consenso em vários aspectos históricos, como por exemplo, o fato de que não havia risco de um golpe comunista no Brasil.

Quando uma instituição política em nome do que diz ser a defesa da ordem, do bem comum, acaba passando por cima da legalidade, dos direitos fundamentais, das convenções, inevitavelmente conceberá um legado problemático. Qualquer sistema repressivo, não deve ser amparado por discursos oficiais, de defesa da ordem, nem por discursos que tentem apagar ou falsear as violências cometidas pela repressão. O estudo desses processos colocam em foco as relações entre história e memória, e a discussão sobre as potencialidades de conhecer e de representar o passado.

Após tempos conflituosos e violentos, os acontecimentos estão passando por uma ação reparatória, a reconstrução das instituições democráticas, dos direitos fundamentais dos cidadãos, da tolerância e das relações sociais. Neste processo é preciso salientar que não se busca a reconstrução de uma memória ou de uma história homogênea, oficial e única. O historiador evita apropriações ingênuas dos argumentos presentes nas fontes. Em suma, o seu olhar é indispensável nos debates que buscam as formas mais adequadas de representação do passado.

De forma geral, podemos admitir vários atores individuais e coletivos envolvidos na construção da memória, os mesmos têm efetiva capacidade de legitimar seus argumentos no

ISBN: 978-85-7822-205-5

debate público. Nas disputas e nos conflitos pela memória e pelos seus usos políticos, podemos destacar instituições político-ideológicas, mídias jornalísticas – impressa, digital – o campo artístico, dentre outros meios de produção de conhecimento legitimado em uma sociedade. Contudo, existem particularidades adquiridas na formação e na experiência de trabalho do historiador que o capacita a oferecer contribuição peculiar ao estudo.

No caso da ditadura civil militar brasileira uma parte considerável da produção crítica de intelectuais foi incorporada pelos grupos e partidos políticos de oposição. O sistema educacional materializado nos currículos escolares de educação básica – públicas ou privadas, nos materiais didáticos e na cultura política docente, tende a dialogar com a produção acadêmica, sintetizando as análises propostas por esta. A memória, um tanto fragmentada, sobre o golpe e o regime militar foi o resultado lógico e simbólico desta divisão, não apenas entre esquerda e direita, mas dentro de ambas as correntes ideológicas básicas.

Nos dias de hoje nenhum historiador duvida que o regime militar fosse conservador e de direita, eles tinham sua própria leitura do que deveriam ser as reformas da sociedade brasileira da época, a visão de uma democracia institucionalizada, com o controle das classes populares. Porém a memória da época sobre o golpe e sobre o regime foi o resultado do conflito entre a esquerda e a direita. A construção social da memória sobre a ditadura é um processo que começou ainda durante a vigência do regime e encontra-se ainda dinâmico e aberto, longe de estar sedimentado do debate público. Isso implicaria na superação da vilanização dos militares e a idealização dos opositores do regime.

A historiografia já percebeu que essa polarização simplista corre o risco de alimentar argumentos conservadores que relativizam os crimes da ditadura. Uma história comprometida na constituição da democracia será uma história comprometida em fomentar a reflexão e propiciar a crítica e autocrítica. Até para evitar que a memória crítica que se construiu sobre o regime, hoje objeto de disputa e revisões, se dilua no relativismo e no negacionismo. Já faz um tempo que as redes sociais, internet, sites veem se tornando meios de disseminação de perspectivas e opiniões sobre o passado, estes são campos formatadores das representações simbólicas. Um problema é que acabam servindo de canais para posicionamentos sobre o regime militar brasileiro, revisionismos de extrema direita em sua luta contra a memória crítica, hegemônica e legitimada socialmente sobre o regime militar.

Por fim, a memória do regime militar brasileiro passou por um processo complexo e contraditório de construção, mesclou elementos simbólicos da esquerda e da expiração parcial, feita por setores liberais que ajudaram a implantar o regime. Portanto, não foi construída

ISBN: 978-85-7822-205-5

unicamente pelos vencidos, nem somente pelos vencedores, mas sim por elementos e identidades políticas entre eles, mesclando elementos das esquerdas e fundamentalmente liberal-conservadora. Enfim é preciso reconhecer que o Estado brasileiro além da sua história, tem ao seu modo, uma política de memória para o período do regime militar. É indispensável apontar que esta política é atravessada por tensões e conflitos dentro das próprias estruturas de Estado e seus representantes.

Considerações Finais

Partindo da apresentação das definições e diferenciações dos conceitos e usos da História e da Memória no campo das ciências humanas, mais precisamente na área da própria história buscou-se através deste trabalho a problematização e o entendimento de ambos. Para que pudéssemos a partir de então analisar a construção das suas narrativas. Acredita-se que assim, conseguiremos analisar e entender as narrativas históricas e memorialísticas construídas a respeito da ditadura civil-militar brasileira. Como também as questões em torno dessa memória e dessa história construídas, que ainda continuam tão atuais e cheias de repercussões, em diversos campos como o da cultura, o da política e o da sociedade.

O presente trabalho é um estudo de caráter teórico e metodológico, que pretende contribuir para o melhor entendimento em torno da questão da escrita e da apropriação da História e da Memória do período da ditadura civil-militar, atentando para as características que, simultaneamente, as aproximam e distanciam. Pois, como já abordamos, se tratando tanto das narrativas históricas, comprometidas com o caráter científico, quanto das narrativas memorialísticas, baseadas em parâmetros do presente dos indivíduos e da sociedade, existem questões a serem observadas, pontuadas, revistas, sempre com cuidado e responsabilidade, para que não façamos leituras equivocadas da história e nem da memória da ditadura civil militar brasileira. Como Roberto Patto Sá Motta orienta:

> A História está sempre em processo de reescrita e deve ser revista constantemente, à luz de novas descobertas e perspectivas, claro que com critério e método. Além do mais, o que pode ser objeto de revisão não é propriamente uma historiografia consolidada sobre os regimes autoritários, já que esta apenas recentemente começou a pesquisar o tema. As representações dominantes acerca do passado recente – portanto, o foco principal de qualquer revisão – são os registros da Memória. Novas abordagens historiográficas devem ser bem vindas: há que pesquisar mais, inquirir mais, e aproveitar melhor os volumosos acervos documentais disponíveis no Brasil. (MOTTA, 2013:64).

ISBN: 978-85-7822-205-5

Fez-se necessária a conceitualização, da História e da Memória para que pudéssemos adentrar nas suas narrativas e também na questão propriamente dita do regime militar, quanto aos usos dos dois conceitos, na construção de seus discursos e representações. Essa breve análise realizada aqui é indispensável para estudantes de história, pesquisadores das ciências humanas, assim como para interessados na temática de forma geral. Já que o nosso contexto atual, da nossa história recente demonstra-se altamente estimulante para debates e pesquisas sobre o passado político recente.

Referências Bibliográficas

BARROS, José D Assunção. **História e memória** – uma relação na confluência entre tempo e espaço. Revista: MOUSEION, vol. 3, n.5, Jan-Jul/2009.

CANDAU, Joël. **Memória e Identidade.** São Paulo: Contexto, 2012.

FALCON, Francisco. **História e Poder.** In: CARDOSO, Ciro; VAINFAS, Ronaldo (orgs). Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva.** Tradução de Beatriz Sidou. 2ª ed. São Paulo: Centauro, 2013.

LE GOFF, Jacques. **Memória.** In: História e Memória. Tradução: Irene Ferreira, Bernardo Leitão, Suzana Ferreira Borges. 5 ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 2003. pp. 419-476.

MACHADO, Helena Pereira Toledo. **A Construção Narrativa da Memória e a Construção das Narrativas Históricas:** panorama e perspectivas. In: Danilo Santos de (org). Memória e cultura: a importância da memória na formação cultural humana. São Paulo: Edições SESC, 2007. pp. 52-67.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra. **A história, cativa da memória?** Para um mapeamento da memória no campo das Ciências Sociais. Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, São Paulo, n. 34, p. 9-23, 1992.

MOTTA, Rodrigo Sá. **História, memória e as disputas pela representação do passado recente.** In: Patrimônio e Memória. V. 9, p. 56-70, 2013.

NAPOLITANO, Marcos. **1964: História do Regime Militar Brasileiro.** São Paulo: Editora Contexto, 2014, 365p.

ISBN: 978-85-7822-205-5

NORA, Pierre. **Entre memória e história:** A problemática dos lugares. In: Projeto História. São Paulo, PUC/ SP, n. 10, dezembro de 1993.

POLLAK, Michael. **Memória e Identidade Social.** In: Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212.

ISBN: 978-85-7822-205-5

GT 05

.“O MAIOR PERIGO DO MUNDO”: A “INDÚSTRIA” DO ANTICOMUNISMO SIMÃO DIAS- SE (1937-1946).

Autora: Pricila Neves dos Santos
Mestrando em História pela Universidade Federal de Sergipe.
pricilamicaella2010@gmail.com

Orientadora: Prof.ª Dr.ª Edna Maria Matos Antonio. (PROHIS/UFS).

Introdução

A luta pelo poder no campo político se constrói a partir da intenção, ou melhor, dizendo, no jogo de interesses pré-estabelecidos por um grupo ou classe, e mais precisamente no universo das técnicas de ação e de expressão que eles oferecem em um determinando momento. Então seria a passagem da impressão subjetiva à expressão objetiva, à manifestação pública dos Camisas Verdes em Simão Dias concretiza o discurso como o ato de instituição (AIB) representa por isso uma forma de oficialização, de legitimação.

O que eu quero dizer, é que o monopólio de produção anticomunista foi entregue ao um corpo de profissionais, que quer dizer, a um pequeno número de unidades de produção (O jornal A Luta). O discurso anticomunista presente nos jornais, em geral, trás o repúdio ao materialismo comunista e anticristão, porém o seu maior objetivo estava vinculado afins políticos. Por isso, que essa pesquisa terá como uns dos conceitos primordiais a “Indústria” do Anticomunismo de Sá Motta. Onde o mesmo se debruça sobre a “industrialização”, que diz a respeito à manipulação oportunista do medo ao comunismo presente em amplos setores da sociedade, entre os mais conservadores, notadamente isso poderia render dividendos políticos e eleitorais.

Assim como o habitus religioso, o político tem uma preparação especial. Os produtores do poder simbólico têm que ter uma aprendizagem necessária para adquirir o corpus dos saberes específicos produzidos e acumulados pelos seus agentes do presente e do passado, dominando certa linguagem ou retórica política. Uma relação indispensável nas relações entre estes profissionais.

ISBN: 978-85-7822-205-5

Então entenderemos as ações e prática contrárias aos comunistas. A partir de uma análise estrutural destes "*Sistemas simbólicos"* como estrutura estruturada tecidas nas relações de poder que dependem na forma e no conteúdo do poder material e simbólico acumulado pelos seus agentes (ou pelas instituições).

Sintetiza Bourdieu (1998), é enquanto instrumentos estruturados e estruturantes de comunicação e conhecimento que os "sistemas simbólicos" cumprem a sua função política de instrumentos de imposição ou legitimação da dominação, violência simbólica,

Assim é a partir dos "sistemas simbólicos" que á priori a Ação Integralista Brasileira (AIB) e posteriormente com o partido (PRP), Partidas de Representação Popular criando por Plínio Salgado estruturaram seus discursos políticos á favor de uma continuidade do status quo. E como o mesmo se apropriará da expressão anticomunista para atuar fortemente nas eleições de 1945 e 1946, em prol das candidaturas de seus correligionários. Nos discursos que pretende mobilizar a população Simão-diense impondo uma visão de mundo social maniqueísta da realidade. Bourdieu sintetiza que:

> Enquanto crédito e credibilidade só existem na representação e pela representação, na confiança, na crença e pela crença, na obediência e pela obediência. O poder simbólico é um poder que aquele que lhe está sujeito dá àquele que o exerce, um credito com que ele o credita..., ou seja, é um poder que existe porque aquele que lhe está sujeito crê que ele existe. (Bourdieu, 1998, p.188).

O jogo político-partidário estava ligado a conotações e associações de *maus, ateus, perigo vermelho, anticristã..., etc.* Um trabalho preparando por uma gama detentores do poder simbólico, ou seja, por agentes que controlava as dicotomias da estrutura, a Igreja, jornalistas, instituições. Estes consegue legitimar os seus discursos e práticas, admita-se como óbvio. "*O maior perigo do mundo" "inimigo dos filhos de Deus" "ser comunista é ser anticristão".* Essas representações produziram o que Bourdieu (1998) chama o efeito de real. Elas podem fazer ver e fazer crer no que faz ver. Esse poder de evocação tem efeitos de mobilização. Assim, além de produzir efeitos de real, as representações produzem efeitos no real...

Importa ressaltar que esse didatismo em relação ao comunismo se mostra mais intenso no discurso jornalístico católico que descreve e esclarece minuciosamente o que é e como é o comunismo, alertando para os "tipos" de comunistas.

O recurso didático mais eficaz para o enquadramento dos fiéis, nos momentos em que a Igreja deparou com novas realidades, foi com certeza o apelo à imagem do diabo. A recorrência a essa imagem, tinha a ver com a tradição cultural ocidental cristã de onde os intelectuais

ISBN: 978-85-7822-205-5

católicos retiravam elementos para enfrentar os inimigos que se contrapunham a Igreja. "No caso específico do comunismo, este assumia traços diferentes de outros 'demônios" que a Igreja já combatera, pois possuía características próprias e atuais, como o ateísmo e o materialismo, o objetivo de destruir a família, a propriedade privada e a pátria, enfim, de querer liquidar todas as conquistas da civilização cristã.

A força da ideologia anticomunista se apoia no fato desta jamais ter descurado a importância da dimensão simbólica na luta contra o comunismo. Em virtude da divisão do trabalho, alguns tiveram mais bem armados que outros, para conduzir essa luta. Foi como portador de uma "certa autoridade" que os intelectuais-jornalistas, sobretudo os mais próximos do campo político, puderam oferecer, no caso do anticomunismo, "serviços simbólicos indispensáveis.".

O trabalho de persuasão se dava diariamente através dos jornais, nas missas, onde os católicos simão-dienses se encontravam todos os domingos, eram palavras muitas das vezes inocentes, mas com um objetivo, legitimar seu poder simbólico como natural, influenciando a candidaturas se seus correligionários. Agindo como intermediária da classe dominante. Eis que se afirmar a violência simbólica.

O Integralismo e sua influência no anticomunismo (Annapolis)

Para que haja a dominação do imaginário coletivo, se faz necessário o controle dos meios de comunicação, instrumentos de persuasão que auxilia a modelar a opiniões políticas e comportamentos sociais. Essa relação aparente, entre os representantes e os representados se caracteriza pela harmonia pré-estabelecida entre esses profissionais da produção do poder simbólico.

A imprensa ajuda a modelar esse cenário político, a partir do controle das estruturas dicotômicas, ou melhor, impondo de maneira gradual o que é bom ou ruim, as narrativas jornalísticas fornecem os símbolos os recursos para naturalizar o poder simbólico como algo natural inerente a existência humana de indivíduos denominados por Pierre Bourdieu de fenomenológicos.

Pensando na Ação Integralista Brasileira, o nacionalismo era um dos mais importantes eixos do pensamento de Plínio Salgado e se baseia em três pontos principais. A homogeneização da unidade social, tendo em vista a consciência nacionalista e o anticosmopolitismo. Na visão de Cruz Alves, isso convergia para rejeição dos ideários ao

ISBN: 978-85-7822-205-5

comunismo e o liberalismo, que para o integralismo negam estes elementos. A reunião de intelectuais em prol da construção de um nacionalismo, possibilitando ao fundador do integralismo a começar o trabalho de aglutinação de forças de extrema direita.

Atuando fortemente, tornou-se assim o primeiro partido nacional de massas, conferindo grande importância aos símbolos e as imagens da bandeira nacional. Com o objetivo de intensificar a transição do partido para um sistema político, com ideias fascistas.

A expansão do integralismo em Annapolis intensificou com as propagandas vinculadas ao periódico A Luta, onde trazia em suas manchetes fortes discursos nacionais e contrários ao Capitalismo e Comunismo no sentido de instaurar um Sistema Fascista no país. Neste sentido, Alves esboça que, a luta contra o capitalismo internacional se dava juntamente com o anticomunismo, ou seja, vinculava ambos à questão materialista.

O discurso do movimento integralista proferido pelo integralista Francisco Solano Limeire, na sede do núcleo da Ação integralista dessa cidade, trás em sua síntese principal a marcha dos Camisas Verdes. **Movimento Integralista**. A Luta, ano XII, Annapolis, (Sergipe), 24 de janeiro de 1937 sintetiza:

> Assim este astro com os eu clarão admirável, marcha iluminando homens que ainda se encontram nessa sociedade, conservando em si um pouco de virtude, de sentimento moral, fé christã. [...] homens que, envergando uma camisa verde sym-polo de um ideal digno, nobre e christão, ostentando um braço esquerdo o SIGMA, escudo o qual se esmaga e são calcados os pés todas as maldades humanas.

O símbolo do integralismo era a letra grega "Sigma", representando a ideia de somatória, todo, ou seja, um país que não houvesse divergência e contradições; no periódico as doutrinas da Ação Integralista Brasileira. "A ação Integralista Brasileira surgiu no Brasil como fonte dos ensinamentos, artilha do civismo, código de disciplina, no momento justo que o povo brasileiro, sedento de justiça" **A doutrina do Sigma: e a realidade brasileira**. A Luta, ano XVIII, Annapolis (Sergipe), 19 de setembro 1937. Segundo Maio (2003) o apelo à mobilização era tão importante quanto à ideologia defendida por eles e seus seguidores. Organizar, crianças e jovens, desfiles públicos, palavras de ordem inflamadas, bandeiras, marchas e estandes revelam uma forma de fazer política distinta dos partidos oligárquicos da República velha.

Engrossemos as colunas do Exercito Verde da Pátria. A luta, ano XIII, Annapolis, Sergipe, 24 de janeiro de 1937, sua simpatia explicita a uma doutrina totalitária e o seu combate ao comunismo, esboçava sua conjuntura política da época. A exaltação á força do Exercito Verde contra os comunistas. "Si não fora o perigo comunista que paira sobre o Brasil,

ISBN: 978-85-7822-205-5

de certo, A Luta não teria procurado defender a família brasileira ingressando para o integralismo".

Embora o comunismo tenha gerado "medo" aos seus opositores políticos; muitas das vezes esses discursos eram tão somente uma maneira de se manter no poder, essa luta simbólica pela conservação ou transformação do meio social se concretizava no monopólio da elaboração e da difusão anticomunista, intensificava-se cada vez mais colaborando para promoção das ideias integralistas. É nesta ênfase que Sá Motta (2001/2002) expressa seu pensamento. "A forma mais conhecida e, certamente, mais importante da "indústria" foi à utilização do anticomunismo para justificar intervenções autoritárias na vida política nacional". A alegação era que as instituições liberal-democráticas não forneciam os meios adequados para conjurar os riscos de medidas extraordinárias.

Logo, percebemos que a prática de macular a imagem de adversários políticos da época, estaria atribuída ao rótulo de comunista. Sendo esses discursos uma manifestação mais comum da "industrialização" do anticomunismo. Neste aspecto, Sá Motta salienta que. "Ocorrências desse tipo foram frequentes notadamente após 1935, em meio à onda anticomunista que se seguiu ao levante revolucionário".

As ideias contrárias aos comunistas se fortalecem nas manchetes dos jornais A luta. Fazermos referência a um artigo de Plínio Salgado A luta, ano XIII, Annapolis (Sergipe) 17 de janeiro de 1937:

> Político sua obra é immensa se pode medir no sentido político, cívico e chistão. Político porque arregimentou um milhão de camisas verdes e quatro milhões sympathisante, que formam alas contra o comunismo. Cívico porque cada núcleo integralista é uma escolha de patriotismo, onde ensina o brasileiro a amar a pátria.

Notavelmente a tática para almejar e criar condições favoráveis à efetivação de intervenções autoritárias na vida política nacional, implicaria em criar um ambiente de polarização política, como foi o caso das diversas mobilizações dos Camisas Verdes na cidade de Annapolis . Para que dessa maneira uma impressão de conflito, grave e decisivo fosse criada opondo comunistas a anticomunistas, em prol de instaura um novo sistema de relações de poder, que, no entanto, seria fascista. Como sintetiza Ferreira.

> Em 1936, mais de meio milhão de brasileiros havia ingressado nas fileiras da AIB. Esse crescimento do movimento se refletiu nas urnas, com a eleição de dezenas de vereadores, além de prefeitos, deputados estaduais e federais em todo o país. O Integralismo, segundo seus ideólogos, era um movimento de caráter cultural e objetivava revolucionar a mentalidade dos brasileiros. (2006. p. 55).

ISBN: 978-85-7822-205-5

Portanto, entendemos que os meios de comunicação em específico o periódico A luta se tornou um importante difusor da propaganda da Ação Integralista Brasileira no munícipio de Annapolis. É necessário esclarecer que este jornal como órgão de imprensa integralista; obedecendo rigidamente a determinados parâmetros de uniformização e padronização das ideias dos movimentos posto nas suas manchetes.

Além disso, acompanhando a tendência da grande imprensa nacional pós "intentona" comunista. Os produtores tornou o discurso anticomunista ainda mais virulento e sensacionalista. Essas representações anticomunistas não eram novas na imprensa Sergipana, pois já se fazia presente desde o advento da Revolução Russa de 1917. Neste sentido Ferreira afirma:

> A "intentona comunista" de 1935 concretizou a possibilidade de uma revolução comunista no Brasil, mobilizando os setores conservadores da sociedade brasileira no intuito de combater sem tréguas o comunismo. O imaginário se configurou enquanto espaço de embate simbólico entre comunistas e anticomunistas, construindo um maniqueísmo político-ideológico. Essas forças políticas lançaram mão da estratégia de identificação do outro com o mal utilizando os pares antitéticos, Tudo isso é projetado no objeto externo, no outro, ou seja, no comunista e/ou burguês capitalista, no latifundiário, no operário, no liberal, no ateu, no judeu, no miscigenado, no pobre, no matrimônio ilícito, na vida mundana. (1997. p. 67-68.).

Os Integralistas projeta o mal, identificam-se nele todas as ameaças de decomposição, do esfacelamento social e defendem-se instituições que garantam a identidade e confirmem a segurança contra a decomposição: a pátria, a propriedade, a família, a autoridade, a civilização, o cristianismo, a moral, em prol de manter seus interesses frente à classe dominante do país.

Ainda nas suas manchetes do periódico**. Engrossemos as colunas do Exercito Verde da Pátria**. A luta, ano XIII, Annapolis, Sergipe, 24 de janeiro de 1937, o poder de coerção contra os comunistas, onde o seguinte trecho aborda que: "A polícia vem verificar que todas as sedes, dessa tal "União "existem materiais de propaganda comunistas, armas munições e explosivos". "Foi descoberto a plano de perturbação em todo paiz". Logo, ficam os seguintes questionamentos. Será que de fato existia munição escondida dessa localidade? Ou era estratégia para obter dividendos políticos em prol da candidatura de Plínio Salgado para presidência?

O homem político tem o comprometimento com o jornalista, este mesmo detentor de um poder sobre os instrumentos de grande difusão que lhe dá um poder sobre toda espécie de

ISBN: 978-85-7822-205-5

capital simbólico (o poder de fazer ou desfazer reputações), como é o caso de desfazer as reputações dos integrantes do Partido Comunista do Brasil, ou até mesmo aqueles que não tinham nenhum vinculo com os mesmos em proveito de obter uma grande quantidade de votos.

Muitas dessas especulações na imprensa eram sensacionalistas e partidárias. Na acepção de Sá Motta (2001/2002), a exploração vantajosa do medo ao "perigo vermelho" também se manifestou nas estratégias adotadas por algumas instituições, que tiraram proveito da postura de combatentes anticomunistas. Um dos exemplos mais candentes é a Ação Integralista, que procurou explorar o máximo sua condição de adversária dos marxistas.

Diante disso, notamos que desde o início de suas atividades, a AIB se caracterizou por enfatizar a propaganda anticomunista. Ainda no pensamento do autor já citado, o mesmo ressalta, porém, após os eventos de 1935 a utilização do tema se tornou mais intensa. Tratava de aproveitar o estado de espírito dos setores da sociedade aterrorizados pela "Intentona", colocando a AIB no papel de campeã na luta contra os comunistas.

Isto é visível nas manchetes do periódico, quando os integralistas enfatiza a marcha gloriosa dos Camisas Verdes da Pátria no sentido de exaltar suas ideias por todo o Brasil, se apropriando do discurso anticomunista para se manter no ápice dos holofordes da imprensa, e no âmbito da política. Mesmo nos momentos em que o interesse da maioria da imprensa em relação ao assunto diminuía, os jornais integralistas continuaram a dedicam-lhe largos espaços; culminando para ascensão da Ação Integralista ao poder. . **"O Exército contra o comunismo**". A luta, Annapolis (Sergipe), 19 de setembro de 1937, ano XVIII. "O general Newton Cavalcanti denunciando a infiltração comunista como um perigo iminente, em face do qual o Exército deve desde já tomar posição de combater".

No mais a candidatura de Plínio Salgado intensificou a luta contra os comunistas, no decorrer do ano de 1937, a campanha aumentou, em decorrência da disputa pela sucessão presencial. "A AIB tentou a todo custo manter-se em evidência, fosse para concorrer ás eleições com Plínio Salgado, fosse para participar com vantagem nas confabulações golpistas em andamento".

A instauração do Estado Novo, ao contrário do que inicialmente os integralistas esperavam, representou o fim da AIB, pois perdeu o sentido de ser enquanto movimento político, uma vez que o Estado Novo adotou vários pontos da sua doutrina. E ainda, as expectativas dos integralistas de uma participação política mais efetiva no poder foram frustrada por Vargas. Neste aspecto, Ferreira (2006), não demorou muito para que o apoio ao novo regime se convertesse em insatisfação e revolta. Em maio de 1938, integralistas realizaram ataques ao

ISBN: 978-85-7822-205-5

palácio da Guanabara e edifícios da Marinha. E ainda invadiram estações de rádio na capital federal. Essa tentativa de golpe fracassou, resultando na prisão dos envolvidos e abertura de processos contra os mesmos. Apesar da fuzilaria durante o ataque ao Guanabara, Vargas e sua família escaparam ilesos.

Entendemos que o comportamento editorial do jornal A Luta nesta primeira fase, foi marcada pela adoção de um discurso profundamente conservador e anticomunista, pode ser entendida em parte pela conjuntura econômica, política e social existente em Sergipe, especificadamente na cidade de Annapolis; mais precisamente, em relação aos movimentos grevistas e a crescente influencia do Partido Comunista Brasileiro junto ao operariado local entre os anos de 1933 a 1935.

Diante disso, as representações anticomunistas tem-se uma importância expressiva no campo político, denominar os seus opositores como comunistas, é esvaziar o capital simbólico do qual o exercício do poder depende. Transfigurar a imagem dos mesmos é minar os fundamentos desse poder, até porque destruir ou ameaçar destruir um recurso vital no qual os políticos dependem, a sua reputação, o bom nome, o respeito da maioria da população. Então, ameaçar ou destruir sua reputação é diminuir seu poder de persuasão, ou seja, sua credibilidade e confiança por parte dos eleitores.

No tópico seguinte entenderemos como o contexto de dita redemocratização do Brasil proporcionou aos partidos autonomia política; os mesmos ressurgiram com uma nova roupagem. Teremos o PRP, criando por Plínio Salgado com base nas ideias da Ação Integralista e o PCB liderado por Carlos Prestes com ideias comunistas.

A atuação dos partidos no período da dita “redemocratização” do Brasil

Para Luiz Carlos Preste e para os demais comunistas, á Conferencia da Mantiqueira de (1943), é um marco no processo de redemocratização do país, no momento que a Assembleia Constituinte é eleita pelo povo, viesse a elaborar a Constituição Democrática. O ano 1945 marco da trajetória política da luta comunista no Brasil, em particular no município de Simão Dias, até porque muitos dos militantes que foram presos durante o golpe de Estado de Vargas, foram libertados nesse período. Neste aspecto esse contexto será marcado pela participação do PCB na Assembleia constituinte, ou seja, pela primeira vez no Brasil o partido ganha legalidade no parlamento.

ISBN: 978-85-7822-205-5

E, além disso, teremos o Partido de Representação Popular (PRP) foi criado por Plínio Salgado em setembro de 1945, logo após sua volta do exílio, com o intuito de retomar os valores e ideais integralistas, que foi interrompida nos acontecimentos de (1937- 1938), com o intuito de dá continuidade as ideias da Ação integralista Brasileira e derrotar os ditos "Vermelhos" no pleito eleitoral e obter espaço para influenciar as decisões políticas no período democrático. Nesse contexto de dita redemocratização, os partidos lutam pela redistribuição do poder sobres os poderes públicos, pelo monopólio de uso legítimo dos recursos políticos objetivados. Este campo político de concorrência pelo domínio de impor uma representação do mundo social capaz de obter a adesão de um grande número de cidadãos, pelo voto e suas quotizações.

Quando os integralistas intervieram na política brasileira através do Partido de Representação Popular – manteve em funcionamento um serviço de espionagem voltado ao acompanhamento e denúncia das atividades dos comunistas, socialistas e de quaisquer movimentos, partidos ou lideranças que se colocassem contra o integralismo ou contra a ordem vigente, a todos eles qualificando como "comunistas". Logo, isso nos mostra que mesmo após o fechamento da AIB, Plínio Salgado continuou se aproveitando da bandeira do anticomunismo em prol dos seus interesses políticos. Com o novo partido o PRP, se elegeu para o parlamento. Sá Motta ainda reforça essa questão de que muitas instituições e grupos se apropriaram do discurso anticomunista para obter dividendos políticos e econômicos frente ao Estado.

> Os grupos ligados ao aparato repressivo do Estado foram responsáveis pela criação de uma modalidade específica de indústria do anticomunismo. Em algumas ocasiões, policiais, militares ligados ás atividades de repressão fabricaram "provas" de recrudescimento das atividades comunistas. (2010.p. 79).

A principal disseminadora das ideais anticomunistas, almejando valorizar o seu papel no interior do Estado e aumentando sua popularidade eleitoral nas disputas internas. No entanto, percebemos que o PRP, não tem a mesma força política no pleito eleitoral de 1945. Caliu salienta o fracasso do partido de Plínio Salgado nas eleições:

> O resultado da eleição de 1945, na qual PSD e UDN elegeram juntos 82% dos deputados federais – bem mais do que em qualquer eleição posterior – se deve em grande parte ao fato de que eram os únicos partidos que contavam com uma ampla estrutura organizacional, abarcando todos os estados e a grande maioria dos municípios. Para o PRP, constituído poucos dias antes das eleições, a defasagem organizacional em 1945 era dramática, sendo esse um dos principais fatores explicativos do péssimo resultado eleitoral alcançado pelo partido naquela eleição, quando elegeu apenas um deputado federal e obteve pouco mais de 130.000 votos em todo o país, o que corresponde a 2,3% dos votos, seu pior percentual em âmbito

ISBN: 978-85-7822-205-5

> nacional em eleições parlamentares durante toda sua trajetória. Após as eleições de 1945, o partido definiu como objetivo central a ampliação de sua rede de diretórios estaduais e municipais, em um processo de interiorização de sua estrutura organizativa. (2010, p.3).

Notamos que as ideias integralistas perderam força ao logo do período ditatorial imposto por Vargas. Entretanto, o Partido Comunista teve o seu tempo de "gloria", pós Segunda Guerra Mundial. Com a realização da "Conferência da Mantiqueira", acontece à reorganização do partido, depois da repressão de 1935, Basbawm (1976) sintetiza esse momento da seguinte maneira, enfatiza que, é essa política que vai levar o partido a desencorajar movimentos reivindicatórios de trabalhadores, com o argumento de ser esse um momento de necessidade de "apertar de cintos", ou seja, o mesmo ainda aborda que, é importante destacar, entretanto, a realização de uma vigorosa campanha de anistia, vitoriosa após o fim da guerra em 1945, levando a libertação de Preste e diversos outros dirigentes, bem como concessão de status de legalidade ao PCB.

O "medo" aos comunistas se intensifica, é tido como grande ameaça à política conservadora, ou seja, o período de militância é experimentado, a partir de 1945, com suas ideologias eminentes através da política de formação de comitês populares e a representação na bancada parlamentar. Deixa de ser algo que poderia ser tolerado pelas classes dominantes e passa potencialmente ameaçador ao *Status quo*. De fato, o Partido Comunista Brasileiro, começa a penetrar entre as classes trabalhadoras, e até mesmo por organizações no centralismo democrático, e sua articulação com outros partidos comunistas fora do Brasil.

Pacheco (1984) sintetiza, a linha política do PCB refletia-se no MUT através de uma posição ambígua em relação ao sindicalismo oficial, reivindicando uma maior autonomia para as entidades classistas, mas sem questionar a estrutura sindical vigente. [.,.] enfatizavam o desejo de manter a vinculação dos sindicatos com o Ministério do Trabalho, preservando sua aliança com o governo.

O crescimento do comunismo se generalizava em ofensiva as classes reacionárias, essa última se defende de forma violenta perseguindo os comunistas, além de fechar diversos sindicatos. É isso que nos afirma Maranhão (1979), em 1947 o TSE cancela o registro do PCB e o Ministério do Trabalho decreta a intervenção em 14 sindicatos, bem como o fechamento da CTB e das Uniões Sindicais dos municípios e estados em que existiam. Ao fim de 1947, um total de 143 sindicatos teriam sofrido intervenção do governo. Momento esse que, em outubro do mesmo ano o Brasil romper com as relações com a União Soviética. Para Bourdieu (1998),

ISBN: 978-85-7822-205-5

no campo político_ esse campo de lutas a respeito de um campo de lutas de representação legítima dessas lutas_, depois no próprio seio do empreendimento político, partido, sindicato, associações, em síntese, só funcionária como um só homem se sacrificar os interesses de uma parte, quando não da totalidade dos seus mandantes.

Considerações Finais

Enfim, conclui-se que Ação Integralista Brasileira teve seu ápice na política brasileira, mas perdeu força após a instauração do Estado Novo instituído pelo golpe de Vargas. Quando ressurgiu com uma nova roupagem através do Partido de Representação Popular, o seu resultado foi péssimo no pleito eleitoral comparado aos demais partidos. O mesmo para se mantiver atuante continuou se apropriando da "indústria" do anticomunismo, mesmo quando o comunismo não está tão eminente. Ao contrário do PRP, o PCB ganha autonomia no parlamento e influência na camada da classe trabalhadora, isso intensificado o "medo" da classe dominante do país; onde vários setores da sociedade (imprensa, Igreja Católica, Partidos de extrema direita, e etc.) se prontificam a combater as ideias comunistas. Até porque á denúncia do anticomunismo é uma arma nas mãos de quem dominam as estruturas, ou seja, o capital simbólico, econômico e social.

Referências Bibliográficas

ALVES, Cristiano Cruz. **O integralismo e sua influência no anticomunismo baiano**. Mestre em História pela Universidade Federal da Bahia (UFB).

BASBAUM, Leôncio. **História Sincera da República**. São Paulo: Alfa-Ômega,1976.
LUCA, Tânia Regina **Fontes Históricas** / Carla Bassanezi Pinsky (organizadora). São Paulo: Contexto, 2008.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico.** Tradução de Fernando Tomaz. Lisboa/Rio de Janeiro: Bertrand/ Difel, 1998.

ISBN: 978-85-7822-205-5

CALIU, Gilberto. **Os integralistas e a espionagem anticomunista (1945-1965).** Encontro Estadual de História. O Brasil no Sul: cruzando fronteiras entre o regional e o nacional. 2010.

FERREIRA, Laís Mônica Reis. **O integralismo na imprensa da Bahia**: o caso de O Imparcial. Este artigo é derivado do primeiro capítulo da dissertação de mestrado defendida em fevereiro de 2006 no Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade Federal da Bahia-UFBA, intitulada Educação e Assistência Social: as estratégias de inserção da Ação Integralista Brasileira nas camadas populares da Bahia em O Imparcial (1933-1937). Revista de História Regional 11(1): 53-86, Verão, 2006.

FERREIRA, Laís Mônica Reis apund DUTRA, Eliana. **O ardil totalitário: imaginário político no Brasil dos anos 30**. UFRJ, RJ. UFMG, MG. 1997.

GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas, sinais**: morfologia e história; tradução: Federico Carotti. – São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

TELLES, Jover. **O movimento sindical no Brasil**. São Paulo: Livraria Editora Ciências Humanas, 1981.

MARANHÃO, Ricardo. **Sindicatos e democratização**. São Paulo: Brasiliense, 1979.

MAIO, Marcos CHOR; CYTRYNOWICZ, Roney. **Ação Integralista Brasileira**- um movimento fascista no Brasil (1932-1938), In: Ferreira, Jorge; DELGADO, Lucilia de Almeida Neves (orgs). O Brasil Republicano, vol. 2- do início da década de 1930 ao apogeu do estado Novo. Rio de Janeiro: civilização brasileira, 2003.

PACHECO, Eliezer. **O Partido Comunista Brasileiro** *(1922-1964)*. São Paulo: Alfa-Omega, 1984.

SÁ MOTTA, Rodrigo Patto. **A "indústria" do Anticomunismo.** Anos 90, Porto Alegre, n.15,2001/2002.

ISBN: 978-85-7822-205-5

GT 06

PALATALIZAÇÃO DO /S/ NA FALA DE UNIVERSITÁRIOS DA UFS/ITABAIANA

Autora: Cósmia Karine Vieira Borges
Graduanda em Letras Português pela Universidade Federal de Sergipe
Bolsista PIBIC (CNPq/UFS)
karinevieiraborges@hotmail.com

Orientadora: Prof.ª Ma. Josilene de Jesus Mendonça (PPGL/UFS)

Introdução

A sociedade passa por constantes mudanças, sejam políticas e sociais, sejam culturais e econômicas. Há um contínuo processo de transformação. Com a língua, como parte constitutiva da sociedade, não poderia ser diferente. A língua é um sistema heterogêneo e dinâmico, sujeito à variação e a mudanças (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006). A heterogeneidade e dinamicidade da língua é resultado das transformações linguísticas e sociais que ocorrem na sociedade, por isso a relação entre língua e sociedade é imprescindível para compreender os processos de mudança que ocorrem na língua. As pessoas que fazem parte de uma mesma comunidade, embora compartilhem normas linguísticas e sociais, não se comunicam da mesma maneira, isto é, a comunidade é constituída de variedades linguísticas distintas. A variabilidade no uso da língua está relacionada a diversos fatores sociais, como a origem regional, a classe social, as ocupações, a escolaridade, dentre outras características sociais do falante (ALKMIM, 2001).

A realização do /S/ em posição de coda, isto é, em posição final de sílabas com padrão CVC, no português brasileiro é um fenômeno variável. As variantes são: as palatais vozeada e desvozeada ([ʒ] e [ʃ]); as alveolares vozeada e desvozeada ([z] e [s]), a glotal vozeada e desvozeada ([ɦ] e [h]) e o cancelamento ([Ø]). Este fenômeno varia de acordo com a região, com o nível de escolaridade e com a faixa etária do falante, entre outros fatores de ordem linguística e social. Em termos de frequência de uso, as variantes palatais e alveolares são as mais produtivas (BRESCANCINI,1996*;* MACEDO, 2004*;* HAUPT; BERRI, 2009; MONTEIRO, 2009*;* MORAIS; LIMA, 2009*;* LUCCHESI, 2009; BASSI, 2010*;*

ISBN: 978-85-7822-205-5

SMAICLOVÁ, 2010; MARTINS, 2011; LIMA, 2013; BARROS; RANGEL; MATTOS, 2014; MAIA, 2015).

Neste artigo, analisamos a palatalização do /S/ na fala de estudantes da Universidade Federal de Sergipe, *Campus* Itabaiana, a fim de identificar fatores linguísticos e sociais que condicionam o uso da variante palatal. Para desenvolvimento da pesquisa, utilizamos 54 entrevistas sociolinguísticas, coletadas de acordo com os procedimentos metodológicos descritos na seção seguinte.

Procedimentos metodológicos

Com o objetivo de analisar a palatalização do /S/ em coda, considerando fatores linguísticos e sociais, e a partir do suporte teórico-metodológico da Sociolinguística Variacionista (LABOV, 2008), constituímos uma amostra com 54 entrevistas sociolinguísticas[41]. A gravação das entrevistas foi realizada na Universidade Federal de Sergipe, *Campus* professor Alberto Carvalho. A amostra foi estratificada considerando o sexo/gênero, o período de curso (início, meio e fim) e o deslocamento dos estudantes.

A noção de deslocamento está relacionada à influência que o ambiente acadêmico exerce na mobilidade dos estudantes. Na constituição da amostra foram considerados três grupos: i) deslocamento I, designando os informantes que residem em Itabaiana; ii) deslocamento II, referindo-se aos informantes que moram em outra cidade, com deslocamento diário para a universidade; e o iii) deslocamento III, com informantes que passaram a residir em Itabaiana por conta da Universidade.

Para realizarmos a análise da produção linguística dos estudantes em relação às realizações do /S/, selecionamos 60 dados de /S/ na posição de coda em cada entrevista, totalizando 3.240 ocorrências. A identificação das realizações do /S/ foi feita por meio do método de oitiva, codificando as ocorrências de acordo com as variantes: alveolar desvozeada e vozeada [s, z], palatal desvozeada e vozeada [ʃ, ʒ], glotal [h, ɦ], ou o cancelamento [Ø].

A fim de verificar quais fatores e/ou contextos influenciam na realização do /S/, selecionamos as variáveis linguísticas: contexto seguinte, considerando o modo de articulação, o ponto de articulação e o vozeamento; classe gramatical da palavra; valor gramatical do /S/ em

[41] A gravação das entrevistas fez parte da execução do plano de trabalho de Iniciação Científica *Percepção e produção linguística na comunidade de prática campus Itabaiana/UFS: efeitos do curso*, vinculado ao projeto *Banco de dados Falares Sergipanos - Etapa 2: Percepção e atitudes linguística*s (fase 2). A constituição da amostra foi realizada em parceria com as doutorandas Andréia Silva Araújo e Josilene de Jesus Mendonça e com a bolsista PIBIC Damiana Karina Vieira Borges.

ISBN: 978-85-7822-205-5

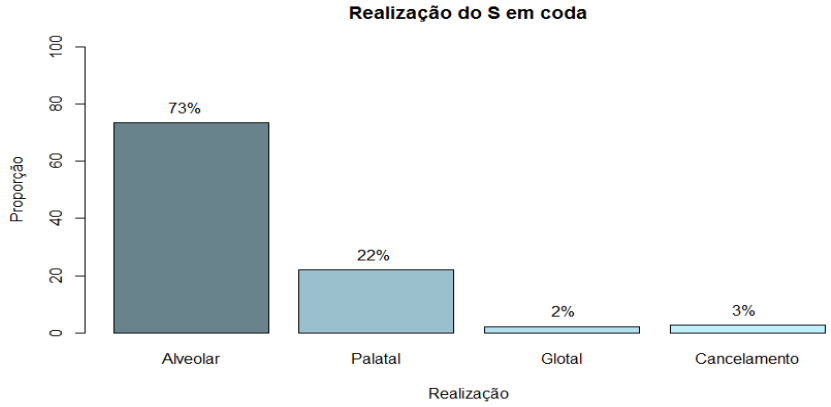
coda; e a tonicidade da sílaba. As variáveis sociais consideradas foram sexo, deslocamento e período de curso.

Apresentamos, na seção seguinte, os resultados relativos à ocorrência da palatalização do /S/ em coda, considerando os fatores linguísticos e sociais que contribuíram para a realização do fenômeno.

Resultados e discussão

Conforme apresentamos na seção anterior, a análise da variação na realização do /S/ em coda foi feita em 54 entrevistas sociolinguísticas, nas quais foram selecionados 60 dados, totalizando 3.240 ocorrências. O gráfico 1 apresenta a proporção percentual de cada tipo de realização do /S/ na amostra analisada.

Gráfico 1*: Proporção das realizações do /S/ em coda*

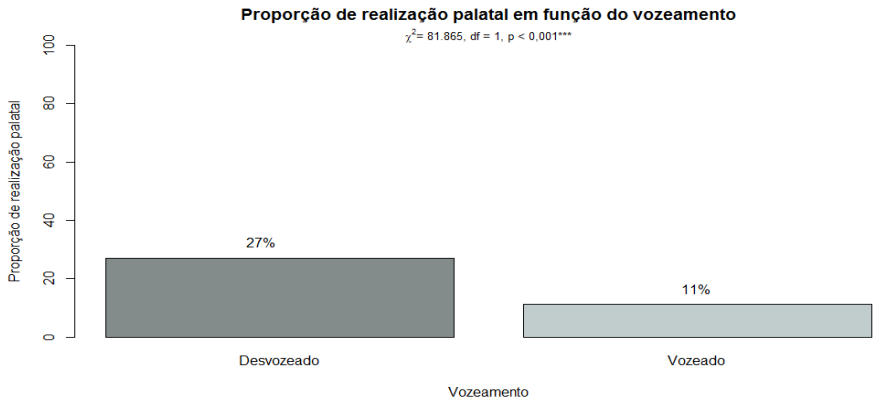


Os resultados mostram que o tipo de realização mais frequente na fala dos estudantes da UFS/Itabaiana é a alveolar, com 73% (2.380 ocorrências). Houve 710 ocorrências da realização palatal, o que equivale a 22%. As realizações menos frequentes foram as variantes glotal e cancelamento, com os percentuais de 2% e 3%, respectivamente. Esses resultados são semelhantes aos encontrados nos estudos de Morais e Lima (2009), Lucchesi (2009), Lima (2013), Barros, Rangel e Mattos (2014) e Maia (2015), em que também houve a ocorrência mais frequente da realização alveolar.

Neste artigo damos ênfase à análise das realizações alveolar e palatal. A realização glotal e o apagamento do /S/ em coda ocorrem em contextos bem específicos na fala dos estudantes do interior sergipano. A realização glotal apresenta valor social atrelado a áreas rurais (deslocamento II). O apagamento do /S/ em coda ocorre categoricamente em posição final de palavra, com valor gramatical de morfema de número (BORGES, MENDONÇA, no prelo). No gráfico 2, apresentamos a proporção de realização palatal em função do vozeamento.

ISBN: 978-85-7822-205-5

Gráfico 2: *Proporção da realização palatal em função do vozeamento*



Os resultados mostram que o traço desvozeado favoreceu a ocorrência da variante palatal, com percentual de 27% (623 ocorrências). Com traço vozeado houve 87 ocorrências da realização palatal (11%). Resultados semelhantes foram encontrados nos estudos de Brescancini (1996), Macedo (2004), Monteiro (2009) e Smaiclová (2010). Na tabela 1, são apresentados os percentuais das variantes alveolar e palatal em função do modo do contexto seguinte.

Tabela 1: *Realização do /S/ em coda em função do modo do contexto seguinte*

Modo do Contexto Seguinte	Alveolar	Freq. (%)	Palatal	Freq. (%)
Fricativo	193	99%	2	1%
Oclusivo	693	49,5%	707	50,5%

Os resultados apresentados na tabela 2 mostram que a variante palatal é mais frequente com contexto seguinte oclusivo, com frequência de 50,5% (707 ocorrências). As duas ocorrências da realização palatal diante de consoante fricativa correspondem aos exemplos “mai[ʃ]chance” (Raf-m) e “ela[ʒ]juntas” (Nat-f), em que a coda é seguida de consoante fricativa. Nesses exemplos ocorre o processo fonológico chamado de aglutinação, em que ocorre apenas uma realização para a coda e a consoante seguinte, possibilitando a junção das palavras. Além das ocorrências da realização alveolar diante dos contextos fricativo e oclusivo, essa variante também ocorreu com contexto seguinte lateral (23 ocorrências), por exemplo, nas ocorrências “no[Z] livros” (Thi-m) e de[Z]locar (Mar-m), nasal (216 dados), como em “me[Z]mo” (Mid-f) e “mai[Z] nada” (Ray-f), e tepe (10 ocorrências), nas ocorrências “no[Z] resta” (Hia-m) e “mai[Z] ruim” (Mar-m). Nos contextos em que a coda é seguida por vogal (por exemplo, “a[Z]opiniões” (Ray-f) e “mai[Z]oferta” (Raf-m)) ou por pausa (por exemplo,

ISBN: 978-85-7822-205-5

"lugares" (Ray-f) e "simples" (Dav-m)), a realização alveolar foi categórica. Na tabela 2, apresentamos as realizações alveolar e palatal, considerando o ponto de articulação do contexto seguinte.

Tabela 2: *Realização do /S/ em coda em função do ponto do contexto seguinte*

Ponto do Contexto Seguinte	Alveolar (Ocorrências)	Palatal (Ocorrências)
Alveodental	225	707
Alveolar	10	0
Alveopalatal	0	2
Bilabial	409	0
Glotal	7	0
Labiodental	118	0
Pausa	931	0
Velar	366	0
Vogal	315	0

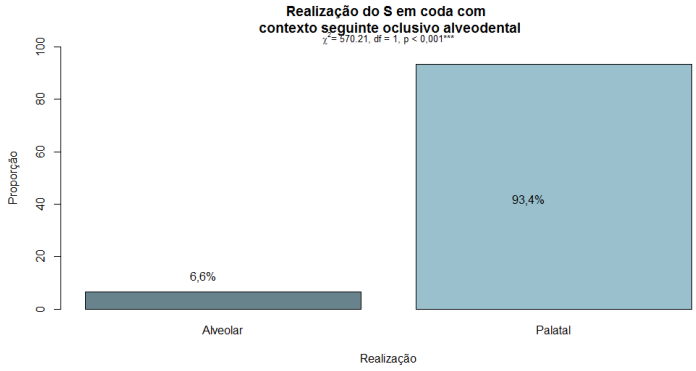
Os resultados mostram que a variante palatal é predominante com contexto seguinte alveodental, relativo às consoantes [t, d]. Apesar de a variante alveolar também ocorrer no contexto alveodental, houve maior ocorrência da realização palatalizada nesse contexto. A realização alveolar desvozeada obteve maior ocorrência no contexto de pausa, isto é, na posição final de palavra, sem a presença de um segmento seguinte, com 931 ocorrências. No contexto de vogal, também não houve variação, com a ocorrência somente da alveolar vozeada. Nesse contexto ocorre o processo chamado de ressilabificação, ou seja, "nesse contexto não mais teríamos um /S/ de coda silábica e sim um /Z/ ocupando a posição de *onset* da sílaba posterior" (MACEDO, 2004, p. 35). O fenômeno ocorre em exemplos como "ele[Z]acham" (Ray-f), "ma[Z]eles" (Mid-f) e "mais[Z]alunos" (Thi-m).

Os resultados apresentados nas tabelas 1 e 2 mostram que os universitários fazem a realização palatal predominantemente nos contextos em que o /S/ em coda é seguido por consoantes oclusivas alveodentais. Dessa maneira, excluímos da análise os outros pontos de articulação que não favoreceram a variante palatal, apresentando as próximas análises apenas com as ocorrências de /S/ com contexto seguinte oclusivo alveodental. Além disso, também não consideramos as duas ocorrências de palatal seguida de consoante fricativa, "mai[ʃ]chance"

ISBN: 978-85-7822-205-5

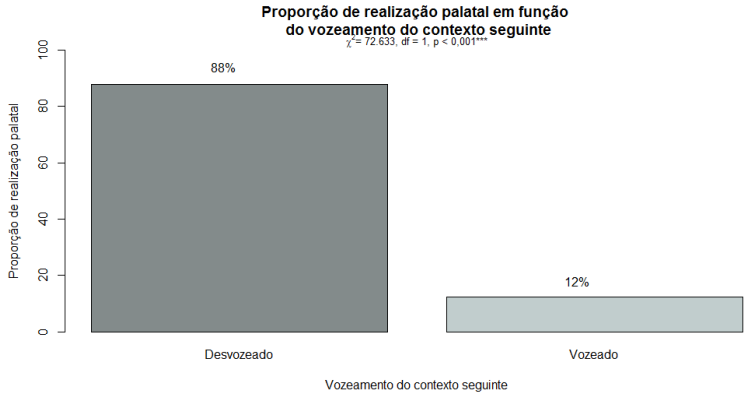
(Raf-m) e "ela[ʒ]juntas" (Nat-f). No gráfico 3, apresentamos a frequência das realizações alveolar e palatal em função do ponto de articulação do contexto seguinte, o alveodental, considerando apenas o modo oclusivo.

Gráfico 3: *Realização do /S/ em coda em função do contexto oclusivo alveodental*



Na fala dos estudantes da UFS/Itabaiana houve maior ocorrência da variante palatal no contexto oclusivo alveodental, com o percentual de 93,4% (707 ocorrências), como nos exemplos "o[ʃ] trabalhos" (Ray-f), hi[ʃ]tória (Mid-f), com realização palatal desvozeada, e, as exemplificações "de[ʒ]de (Ann-f) e muitas[ʒ] disciplinas" (Den-m), com realização palatal vozeada. No contexto oclusivo alveodental, houve apenas 50 ocorrências da variante alveolar (6,6%), como nos exemplos "trê[S] coisa[S] pra" (Tar-m) e "ciência[Z] biológicas", correspondentes às realizações alveolar desvozeada e vozeada, respectivamente. No gráfico 4, expomos a frequência da realização palatal em função do vozeamento do contexto seguinte.

Gráfico 4: *Realização palatal em função do vozeamento do contexto seguinte*



A palatalização do /S/ em coda foi mais recorrente quando o vozeamento do contexto seguinte era desvozeado, com 621 ocorrências, equivalente ao percentual de 88% de realização da palatal desvozeada. Houve 86 ocorrências da realização palatal vozeada (12%). Nas ocorrências "mas que[ʃ]tões sociais" (Ana-f), "admini[ʃ]tração" (Eve-m), "ba[ʃ]tante" (Vil-f),

ISBN: 978-85-7822-205-5

"muito[ʒ] deles" (Cla-f), "de[ʒ]de" (Ana-f) e "depoi[ʒ] da" (Vil-f) ocorre a palatalização do /S/ no contexto das oclusivas alveodentais [t, d], respectivamente. Em relação a variante alveolar, com o contexto seguinte oclusivo alveodental, obtivemos 50 ocorrências, sendo 21 ocorrências da realização alveolar desvozeada, com o percentual de 42%, e 29 ocorrências da alveolar vozeada, equivalente ao percentual de 58%. Na tabela 3, apresentamos os resultados referentes à palatalização em função da classe gramatical.

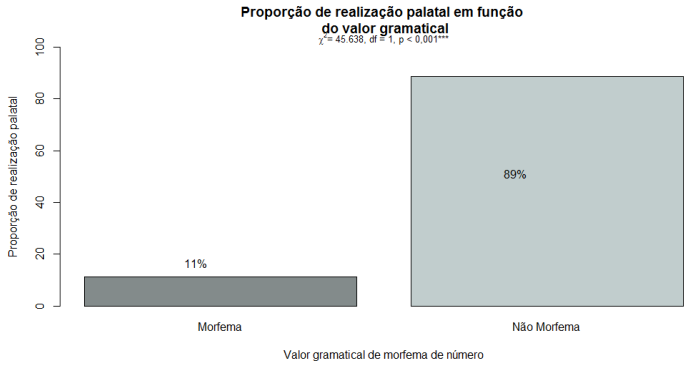
Tabela 3: *Realização do /S/ em coda em função da classe gramatical*

Realização/ Classe Gramatical	Alveolar (Ocorrências)	Freq. (%)	Palatal (Ocorrências)	Freq. (%)
Adjetivo	2	4%	20	2,82%
Advérbio	9	18%	55	7,77%
Artigo	5	10%	12	1,69%
Conjunção	2	4%	13	1,83%
Numeral	-	-	2	0,28%
Preposição	3	6%	11	1,60%
Pronome	-	-	29	4,10%
Substantivo	17	34%	279	39,46%
Verbo	12	24%	286	40,45%
TOTAL	50	100%	707	100%

As duas classes gramaticais que mais favoreceram a ocorrência da palatalização foram a dos verbos, com 286 ocorrências, equivalente ao percentual de 40,45%, como nos exemplos "admini[ʃ]trar" (Mar-f), "ga[ʃ]tava" (Mar-f) e "vamo[ʒ] dizer" (Pau-f), e a dos substantivos, com 279 dados, correspondendo ao percentual de 39,46%, como nas ocorrências "e[ʃ]tímulo" (Pau-f), "combu[ʃ]tível" (Eri-m), "li[ʃ]ta" (Ana-f). Embora com percentual baixo, os advérbios também favoreceram a realização palatal, principalmente nos advérbios "ba[ʃ]tante" (Ani-f), "depoi[ʒ] de" (Vit-f) e "de[ʒ]de" (Nat-f). No estudo de Brescancini (1996), houve o favorecimento da variante palatal em verbos (85%) e substantivos (84%), corroborando com nossos resultados. No gráfico 5, apresentamos a realização palatal em função do valor gramatical da palavra, ou seja, se a palatalização ocorre quando o /S/ em coda tem valor ou não de morfema de número.

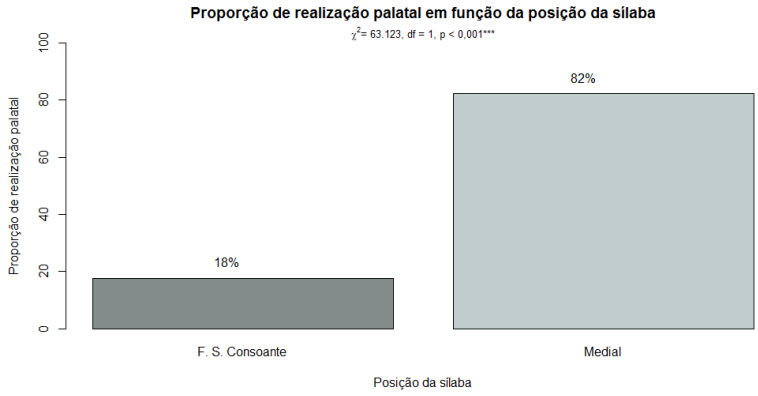
ISBN: 978-85-7822-205-5

Gráfico 5*: Realização palatal em função do valor gramatical*



A palatalização ocorreu predominantemente quando o /S/ em coda não apresenta valor morfêmico, ou seja, quando o /S/ não é um morfema de número, com percentual de 89% (628 ocorrências), como nos exemplos "de[ʒ]de" (Eve-m), "dese[ʃ]timular" (Sue-f), "e[ʃ]tudante" (Gis-f) e "que[ʃ]tão" (Dav-m). As 79 ocorrências de realização palatal (11%) em contexto morfêmico se deve ao fato de o /S/ em coda na posição final ser seguido de palavras iniciadas com as oclusivas [t, d], possibilitando a realização palatal nesse contexto, como verificamos nas ocorrências "ele[ʃ] também" (Lea-m), "o[ʒ] dois" (Tam-f). No gráfico 6, apresentamos os resultados relacionados à variável linguística posição da sílaba.

Gráfico 6*: Realização palatal em função da posição da sílaba*

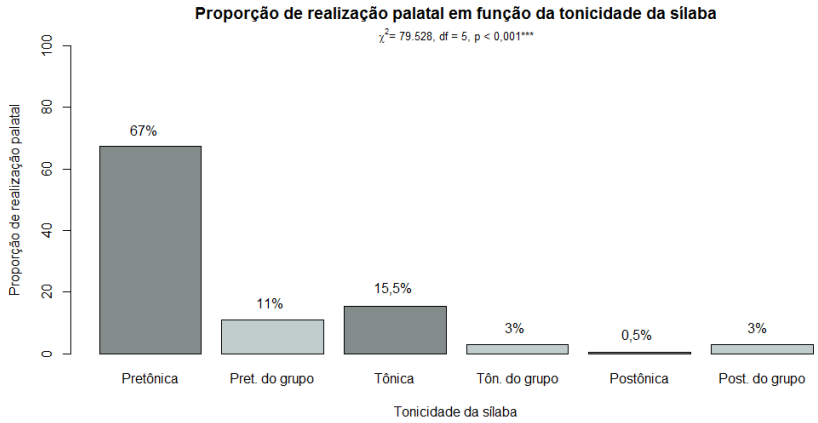


Na posição medial houve maior ocorrência da realização palatal, com 582 ocorrências (82%), como pode ser observado nos exemplos "go[ʃ]tar" (Ann-f), "apo[ʃ]tila" (Thi-m), "de[ʒ]de" (Ann-f). Resultado semelhante foi encontrado nos estudos de Brescancini (1996) e de Lucchesi (2009), com o percentual de 85% e 80%, respectivamente, para a realização palatal em posição medial. A palatalização também ocorreu na posição final seguida de palavra iniciada com consoante, nesse caso, as oclusivas alveodentais [t, d], com percentual de 18% (125 ocorrências), como nos exemplos "a[ʃ] tecnologias" (Mar-m) e "as pessoa[ʒ] diziam"

ISBN: 978-85-7822-205-5

(Cyn-f). Este resultado é semelhante aos de Brescancini (1996), Lucchesi (2009) e Monteiro (2009). No gráfico 7, apresentamos as proporções de realização da palatalização levando-se em conta a tonicidade da sílaba.

Gráfico 7*: Realização palatal em função da tonicidade da sílaba*

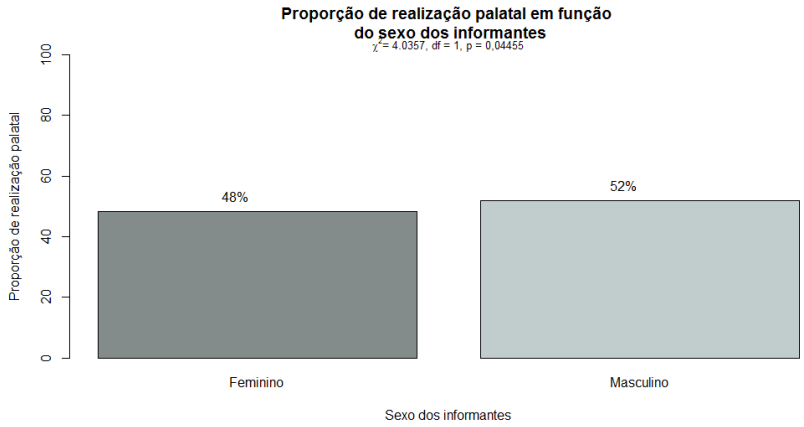


A palatalização foi mais frequente diante das sílabas pretônicas, com 476 dados, correspondendo a 67% das ocorrências, como nos exemplos “hi[ʃ]tória” (Mid-f), “su[ʃ]tento” (Éve-m), “si[ʃ]temas” (Ric-m). Resultados semelhantes foram encontrados nos estudos de Brescancini (1996), Lucchesi (2009) e Monteiro (2009), com o percentual de 90%, 80% e 97,2%, respectivamente, para a realização palatal em sílabas pretônicas. Houve também o favorecimento da palatal em sílabas tônicas, com o percentual de 15,5%, como as ocorrências “de[ʒ]de” (Gis-f), “ga[ʃ]to” (Den-m) e “exi[ʃ]te” (Sue-f). As sílabas tônicas também favoreceram a realização palatal nos estudos de Brescancini (1996), Macedo (2004) e Lucchesi (2009), com 75%, 75% e 60%, respectivamente. A realização palatal também ocorreu diante de pretônicas do grupo, com o percentual de 11%, correspondendo as ocorrências “ele[ʃ] têm” (Dav-m), “nova[ʃ] técnicas” (Ali-f) e “vamo[ʒ] dizer” (Jeo-m).

Apresentamos a seguir as análises relacionadas às variáveis sociais, o sexo (feminino e masculino), o deslocamento (I, II, III) e o período de curso (início, meio e fim). O gráfico 8 apresenta a proporção da realização palatal em função do sexo dos informantes.

Gráfico 8*: Realização palatal em função da variável sexo*

ISBN: 978-85-7822-205-5



Embora com diferença percentual baixa, a palatalização foi mais frequente na fala dos homens, com o percentual de 52% (366 ocorrências). Resultado semelhante foi apresentado no estudo de Bassi (2010), em que a variável sexo não se mostrou significativa para o fenômeno. Devido à forte influência do contexto linguístico para a realização palatal, conforme apresentado nas tabelas 1 e 2 e nos gráficos 4, 6 e 7, o comportamento linguístico de homens e mulheres é semelhante em relação à realização palatal do /S/ em coda. Na tabela 5, apresentamos os resultados de ocorrência da palatalização, considerando o deslocamento dos estudantes da UFS/Itabaiana.

Tabela 4: *Realização do /S/ em coda em função da variável deslocamento*

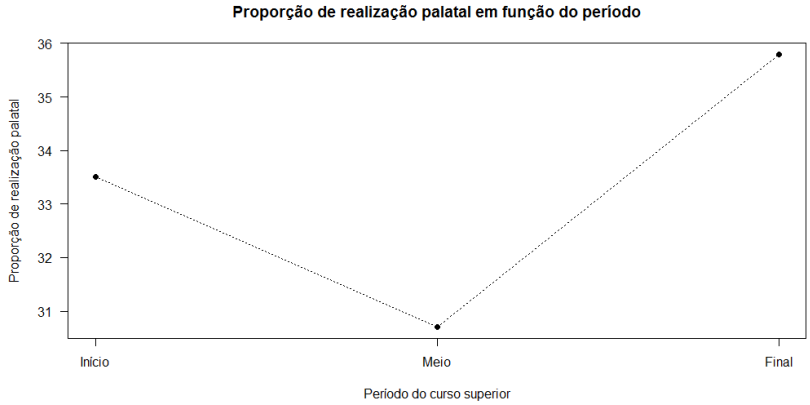
Realização/ Deslocamento	**Alveolar (Ocorrências)**	**Freq. (%)**	**Palatal (Ocorrências)**	**Freq. (%)**
I	31	62%	240	33,9%
II	8	16%	230	32,5%
III	11	22%	237	33,5%
TOTAL	50	100%	707	100%

A ocorrência da realização palatal, considerando os três tipos de deslocamento, se deu de forma homogênea . Entre o deslocamento I e o deslocamento II, encontramos uma diferença mínima de 1,4% das ocorrências, enquanto entre o deslocamento II e o deslocamento III, notamos uma diferença de 1,0%, e entre o deslocamento I e o deslocamento III, 0,4%. Em relação a realização alveolar, das 50 ocorrências, 31 dados foram identificados no deslocamento

ISBN: 978-85-7822-205-5

I, com o percentual de 62%. No gráfico 9, apresentamos a ocorrência da palatalização do /S/ considerando o período dos estudantes.

Gráfico 9*: Realização palatal em função da variável período*



Os resultados apresentados no gráfico 9 mostram que os informantes que estão nos períodos finais do curso realizaram mais a palatalização do /S/ em coda, atingindo um percentual de quase 36%. Os estudantes dos períodos iniciais do curso também realizaram a forma palatalizada, com aproximadamente 34%. Nos períodos do meio do curso, percebemos uma diminuição na realização da palatalização. Os resultados mostram que o período de meio de curso apresenta uma interferência no comportamento linguístico dos informantes. Porém, como a análise refere-se apenas aos dados de /S/ em contexto oclusivo alveodental, isto é, em contexto linguístico que favorece a palatalização, os resultados em função do período do curso carecem de uma análise mais aprofundada com uma quantidade de dados mais robusta.

Considerações finais

Neste artigo, fizemos a análise da palatalização do /S/ em coda na fala de estudantes da UFS, *Campus* Professor Alberto Carvalho, considerando fatores linguísticos e sociais. Os resultados mostram que a realização palatal apresenta condicionamentos linguísticos, sendo favorecida pelo contexto seguinte das consoantes oclusivas alveodentais [t, d]. Em relação ao traço de vozeamento do segmento seguinte, o traço desvozeado favorece a ocorrência da palatalização, principalmente no contexto da oclusiva desvozeada [t]. Em relação à classe gramatical da palavra em que a coda ocorre, a palatalização ocorreu com mais frequência em

ISBN: 978-85-7822-205-5

substantivos e verbos. A respeito da variável valor gramatical, a realização palatal foi mais frequente no contexto não morfêmico. A posição medial da sílaba e as sílabas pretônicas e tônicas propiciaram a maior ocorrência da palatalização.

Tratando-se das variáveis sociais, a variável sexo não se mostrou significativa para a variação na realização do /S/ em coda, pois ambos sexos apresentaram percentuais de palatalização semelhantes. A realização palatal ocorreu de maneira homogênea considerando os três tipos de deslocamento. Esse resultado pode estar atrelado ao fato de que a integração e a interação de muitas pessoas em um mesmo ambiente, no caso, a Universidade, faz com que os falantes compartilhem as mesmas regras e o mesmo comportamento linguísticos, como o fato de os universitários palatalizarem diante das consoantes oclusivas [t, d]. A respeito da variável período de curso, os estudantes dos períodos finais palatalizaram mais, o que pode estar atrelado ao fato de que, quanto maior é o nível de estudo, maior a tendência à realização palatal. Isso pode significar que a variante palatal, diante das oclusivas alveodentais [t, d], é considerada de prestígio para a comunidade UFS/Itabaiana.

Referências bibliográficas

ALKMIM, T. M. Sociolinguística. Parte I. In: Fernanda Mussalim, Ana Cristina Bentes (orgs.). **Introdução à linguística**: domínios e fronteiras. São Paulo: Cortez, 2001. p. 21-47.

BARROS, D. S. C.; MATTOS, P. S.; RANGEL, R. R. **O /S/ final do falar trirriense – um estudo sobre as variantes linguísticas no continuum linguístico RJ-BH**. Anais. GELNE, 2014. Disponível em: <http://www.gelne.com.br/arquivos/anais/gelne-2014/anexos/390.pdf> Acesso em: 19 out. 2019.

BASSI, A. **A palatalização da fricativa em coda silábica no falar florianopolitano**: perspectiva fonológica-variacionista. Anais. 1º CIELLI – Colóquio Internacional de Estudos Linguísticos e Literários, 4º CELLI – Colóquio de Estudos Linguísticos e Literários, Universidade Estadual de Maringá – UEM. Maringá, PR.

BRESCANCINI, C. R. **A palatalização da fricativa alveolar não-morfêmica em posição de coda no português falado em três regiões de influência açoriana no município de Florianópolis – uma abordagem não-linear**. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de Pós-Graduação em Letras/Linguística. Florianópolis, 1996. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/76446/106569.pdf?sequence=1&isAllowed=y> Acesso em: 21 out. 2019.

HAUPT, C.; BERRI, A. O processo de palatalização na fala de florianopolitanos nativos em corpus de fala espontâneo e controlado. **Letrônica**, Porto Alegre, v. 2, n. 2, p. 2-21, 2009. Disponível em: http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/letronica/article/view/5498/4607

LABOV, W. **Padrões Sociolinguísticos**. Trad.:Marcos Bagno; Marta Scherre e Caroline Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008.

LIMA, I. S. **Acomodação dialetal**: análise da fricativa coronal /S/ em posição de coda silábica por paraibanos residentes em Recife. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal da

ISBN: 978-85-7822-205-5

Paraíba, Centro de Ciências Humanas e Letras, Programa de Pós-Graduação em Linguística, 2013. João Pessoa, PB. 113f.

LUCCHESI, D. A realização do /S/ implosivo no português popular de Salvador. In: RIBEIRO, S. S. C.; COSTA, S. B. B; CARDOSO, S. A. M. (orgs.) **Dos sons às palavras**: nas trilhas da língua portuguesa. EDUFBA, Salvador, 2009. p. 83-109.

MACEDO, S. S. **A palatalização do /s/ em coda silábica no falar culto recifense**. Dissertação (mestrado em Letras), Universidade Federal de Pernambuco, 2004.

MAIA, E. G. A realização fonética do /S/ pós-vocálico nos municípios de Boca do Acre, Lábrea e Tapauá. **Papéis**: Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens – UFMS. Vol. 19, nº 37, p. 118-138, 2015. Campo Grande, MS. Disponível em:<file:///C:/Users/karin/AppData/Local/Packages/Microsoft.MicrosoftEdge_8wekyb3d8bbwe/TempState/Downloads/3055-9540-1-SM%20(1).pdf> Acesso em: 21 out. 2019.

MARTINS, F. S. Comportamento fonético-fonológico do /S/ pós-vocálico em Manaus. **Anais do SILEL**. Vol. 2, nº 2. Uberlândia: EDUFU, 2011. p. 1-12.

MENDONÇA, J. J.; BORGES, C. K. V. A realização do /S/ na fala de universitários sergipanos do interior: efeitos sociais e linguísticos. **Primeira Escrita**. (no prelo).

MONTEIRO, R. C. N. **A produção palato-alveolar de /S/ nas vozes do Amapá.** Dissertação (mestrado em Letras), Universidade Federal da Paraíba, 2009.

MORAIS, P. E., LIMA, I. S. Comportamento da fricativa coronal em posição de coda: um estudo Variacionista da interface fala e leitura de aluno de duas escolas pessoenses. In: **Anais.** Vol. 2, p. 4175-4181. ABRALIN, 2009. Disponível em: <http://www.leffa.pro.br/tela4/Textos/Textos/Anais/ABRALIN_2009_vol_2/PDF-VOL2/Microsoft%20Word%20-%20Priscila%20Evangelista%20Morais.pdf> Acesso em: 21 out. 2019.

OLIVEIRA, D. H. **Fonética e Fonologia**. Biblioteca Virtual da Universidade Federal da Paraíba. 2009. Disponível em: <http://biblioteca.virtual.ufpb.br/files/fonatica_e_fonologia_1360068796.pdf> Acesso em: 21 out. 2019.

SMAICLOVÁ, G. Palatalização do /S/ em coda silábica o português falado na Costa da Lagoa em Florianópolis. **Working Papers em Linguística**. p. 33-44. Florianópolis, 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.5007/1984-8420.2010v11nespp33> Acesso em: 21 out. 2019.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística.** [Trad. Marcos Bagno]. São Paulo: Parábola, 2006.

PET HISTÓRIA
VIII ENCONTRO DE PESQUISADORES INICIANTES DAS HUMANIDADES
ISBN: 978-85-7822-205-5

A MONOTONGAÇÃO DE DITONGOS DECRESCENTES NA FALA DE ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS

Autora: Damiana Karina Vieira Borges
Graduanda em Letras Português pela Universidade Federal de Sergipe
Bolsista PICVOL (UFS)
karina-britney22@hotmail.com

Orientadora: Profa. Ma. Andréia Silva Araujo (PPGL/UFS)

INTRODUÇÃO

Em decorrência do caráter variável e heterogêneo da língua (LABOV, 2008), podemos encontrar no Português Brasileiro vários fenômenos linguísticos em variação, a exemplo temos o fenômeno linguístico da monotongação. A monotongação é um processo bastante antigo na língua que perpassa do latim clássico ao vulgar (BORTONI-RICARDO, 2005; JESUS et. al., 2010). Esse processo consiste na redução da semivogal do ditongo, ou seja, quando o ditongo é reduzido a uma vogal simples. Os tipos de ditongos que são suscetíveis a esse processo de redução são os decrescentes (p[**ow**]co ~ p[**o**]co), crescentes (políc[**ja**] ~ políç[**a**]) e nasais (ont[**ẽj**] ~ ont[**i**]). No presente estudo, focamos apenas na monotongação dos ditongos decrescentes.

Estudos linguísticos apontam que o processo de monotongação nos ditongos decrescentes é bastante recorrente, sobretudo, na redução do ditongo decrescente /ow/, pois, cada vez mais, pode-se observar a implementação da forma monotongada do referido ditongo no falar dos brasileiros (cf. LOPES (2002), PEREIRA (2004), AMARAL (2005) etc.). Vale ressaltar que os resultados dessas pesquisas têm evidenciado que a redução do ditongo /ow/ já se mostra praticamente categórica nas comunidades já analisadas e que essa redução independe de fatores linguísticos e sociais.

Com o intuito de expandir os estudos nesse âmbito, objetivamos, no presente trabalho, investigar quais fatores linguísticos e sociais condicionam o fenômeno da monotongação de ditongos decrescentes. Para tanto, seguindo os pressupostos da Sociolinguística Variacionista (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006; LABOV, 2008), utilizamos, como corpus para a análise, 54 entrevistas sociolinguísticas realizadas com estudantes da Universidade Federal de Sergipe, Campus Prof. Alberto Carvalho, Itabaiana/SE.

ISBN: 978-85-7822-205-5

Apresentamos, na seção a seguir, os procedimentos teórico-metodológicos utilizados em nossa pesquisa; na seção subsequente, discutimos os resultados obtidos sobre a monotongação em ditongo decrescente, e, por último, expomos nossas considerações finais.

PROCEDIMENTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

Ao desenvolvermos o nosso estudo, tivemos como suporte teórico-metodológico a Sociolinguística Variacionista (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006; LABOV, 2008), a qual se interessa pelo estudo da língua com foco na variação e/ou mudança linguística. Através deste aporte teórico-metodológico, é possível estudarmos a estrutura linguística e social de uma determinada sociedade. Para isso ser possível, é necessário o contato com as situações reais de uso da língua, isto é, com a língua falada no cotidiano pelas pessoas. Afinal, são nas situações reais de uso da língua, no contexto social, que podemos encontrar os fenômenos linguísticos variáveis, e um deles é o fenômeno da monotongação.

O fenômeno da monotongação pode ser entendido como um processo que resulta no apagamento da semivogal do ditongo, ou seja, quando ocorre a redução do ditongo a uma vogal simples, como, por exemplo, quando o ditongo presente na palavra "c[**aj**]xa" reduz-se a "c[**a**]xa" na fala oral. Esse processo pode ocorrer tanto em ditongos decrescentes (r[**ow**]pa ~ r[**o**]pa) quanto em ditongos crescentes (sér[**je**] ~ sér[**i**]) e nasais (viag[**ẽj**] – viag[**i**]). No presente trabalho, focalizamos apenas os ditongos decrescentes, e é sobre eles que tratamos a seguir.

Câmara Jr. (2007) alega que os ditongos verdadeiros no português são os ditongos decrescentes, os quais ele enumera em 11 tipos (*aj, aw, éj, êj, éw, iw, ój, ôj, ôw, uj, ów*). O autor ainda afirma que nos ditongos decrescentes, a semivogal presente no ditongo é de natureza vocálica e ocupa junto com a vogal silábica o núcleo da sílaba e não comuta com consoante, mas o ditongo inteiro comuta com a vogal simples (*leu, lê*). E, ao considerar o padrão dos ditongos como VV, o autor afirma que os *glides* não são elementos do inventário fonológico do português.

Já Bisol (1989 apud COLLISCHONN, 2014) analisa os ditongos decrescentes como ditongos leves ou falsos ditongos, porque eles ora se manifestam, ora não, como nos contextos de "p[**ej**]xe ~ p[**e**]xe", "[**ow**]ro ~ [**o**]ro". Isso ocorre porque, na estrutura subjacente, estão ligados apenas a um elemento V e o *glide* acaba se formando em nível mais próximo da superfície (CARVALHO, 2007). Ao contrário dos ditongos decrescentes, como os presentes em "p[**aw**]ta", "r[**ej**]tor", a autora os classifica como ditongos verdadeiros, pois estão ligados

ISBN: 978-85-7822-205-5

na estrutura subjacente por dois elementos V, e acabam formando ditongos que tendem a ser preservados, isto é, não sofrem variação.

No entanto, para Silva (2003), os ditongos decrescentes podem ser definidos como aqueles que são compostos por uma sequência de vogal + *glide* ("g[**aj**]ta" e "s[**aw**]dade"), em que "a proeminência acentual ocorre na primeira vogal" (SILVA, 2003, p. 75). Além disso, os ditongos orais podem ser reduzidos como os presentes em "c[**aj**]xa", "p[**ej**]xe" e "c[**ow**]ro" e que a redução pode "se dá em substantivos, adjetivos e formas verbais" (SILVA, 2003, p. 98). É a partir dessa perspectiva que o presente trabalho foi desenvolvido.

Para investigarmos o fenômeno da monotongação, a nossa coleta de dados[42] foi realizada na comunidade de prática Campus Prof. Alberto Carvalho, localizada em Itabaiana/SE[43]. A nossa amostra é composta por 54 entrevistas de estudantes, os quais foram estratificados segundo o descolamento social, período de curso e sexo[44], como podemos observar na Tabela 1 abaixo:

Tabela 1: Estratificação da amostra

	Período de curso					
Sexo/deslocamento	Início de curso		Meio do curso		Final de curso	
	M	F	M	F	M	F
Deslocamento I	3	3	3	3	3	3
Deslocamento II	3	3	3	3	3	3
Deslocamento III	3	3	3	3	3	3
Total parcial	18		18		18	
Total	54					

Fonte: Elaborado pelas autoras

A variável deslocamento social é entendida aqui como a saída que o estudante faz de sua comunidade para outra a fim de desenvolver suas atividades diárias, como, por exemplo, ir à universidade, a qual fica em uma comunidade diferente da que ele reside. Controlamos três tipos de deslocamento social, a saber:

- **Deslocamento I** – relacionado aos estudantes que moram em Itabaiana/SE;
- **Descolamento II** – destina-se aqueles estudantes que se deslocam (vão e vem) de suas cidades para Itabaiana/SE para à universidade; e

[42] As entrevistas com os estudantes foram mediadas com a utilização de um roteiro de entrevista contendo perguntas variadas, como, por exemplo, nome, idade, onde mora, qual curso faz, o que motivou a escolha do curso etc.; questões pautadas em aspectos sociais, como educação, segurança, meio ambiente, transporte público etc.
[43] Essa amostra foi constituída em 2018 por Andréia Silva Araujo, Josilene de Jesus Mendonça, Damiana Karina Vieira Borges e Cósmia Karine Vieira Borges.
[44] No mesmo período que coletamos essa amostra, foi constituída uma outra com estudantes da Universidade Federal de Sergipe do Campus de São Cristóvão/SE por outros pesquisadores do Grupo de Estudos em Linguagem, Interação e Sociedade – Gelins.

ISBN: 978-85-7822-205-5

- **Deslocamento III** – refere-se aos estudantes que passaram a morar em Itabaiana/SE por conta da universidade.

No último tipo de deslocamento social, geralmente, fazem parte aqueles estudantes que moram em uma cidade mais distante e, por conta disso, passam a morar na cidade em que está localizada a universidade. Além disso, podemos notar que os estudantes, ao se deslocarem do lugar em que residem para o local em que estudam (a universidade), acabam estabelecendo/criando vínculos nesse novo ambiente, como também passam a desempenhar novos papéis sociais em situações também novas (BORTONI-RICARDO, 2011). Ademais, os estudantes, ao se deslocarem da localidade em que vive, podem ampliar "suas redes referenciais e experienciais e, em última instância, pode conduzir a mudança em seu comportamento linguístico" (BORTONI-RICARDO, 2011, p. 135).

A variável sexo foi dividida em feminino e masculino. Já a variável social período de curso foi subdividida em três níveis, são eles: início (até o 2º período); meio (4º, 5º e 6º período) e final (a partir do 7º período) do curso. Para a realização do presente estudo, além das variáveis sociais, também controlamos variáveis linguísticas no intuito de sabermos quais fatores estruturais podem favorecer (ou não) a monotongação dos ditongos decrescentes, a saber: classe da palavra; contexto fonológico anterior e seguinte; extensão da palavra; e tonicidade. Os dados coletados foram tabulados e rodados no programa estatístico RStudio.

Na seção seguinte, apresentamos os resultados obtidos, a partir do controle dessas variáveis linguísticas e sociais, com a análise do fenômeno da monotongação em ditongos decrescentes.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Esta seção é destinada a descrição e discussão dos resultados obtidos a respeito da monotongação em ditongo decrescente. Inicialmente, apresentamos o percentual de monotongação dos ditongos em nosso *corpus*; em seguida expomos os nossos resultados relacionados às variáveis linguísticas e sociais.

PERCENTUAL DE MONOTONGAÇÃO NO *CORPUS*

Controlamos, em nossa pesquisa, os ditongos decrescentes de acordo com o tipo (/aj/, /ej/ e /ow/), com o intuito de verificar qual desses ditongos decrescentes seriam mais reduzidos pelos estudantes. A nossa hipótese era que ocorreria um maior número de monotongação no

ISBN: 978-85-7822-205-5

ditongo decrescente /ow/, por acreditarmos, e como mostraram os estudos, que a redução neste tipo de ditongo é mais recorrente. Confiramos os dados na Tabela 2 a seguir:

Tabela 2: Percentual de monotongação em ditongo decrescente no *corpus*

	Contexto	Percentual (%)
Ditongos decrescentes	/ow/ /ej/ /aj/	91 42 27

Fonte: Elaborado pelas autoras

Dentre os três tipos de ditongos decrescentes aqui estudados, o ditongo /ow/ foi mais reduzido entre os estudantes, com um percentual de 91% dos dados monotongados (Tabela 2). Em seguida, temos os ditongos /ej/ e /aj/ com 42% e 27% das monotongações, respectivamente. Notemos que os ditongos /ej/ e /aj/ mostram serem menos passíveis de redução do que o ditongo /ow/. Uma explicação para isso é que há ainda condicionamentos, em sua maioria linguísticos, que impedem/inibem a redução desses ditongos. Diferentemente do ditongo /ow/ que é monotongado praticamente em todos os ambientes e, cada vez mais, a forma monotongada está presente na nossa fala cotidiana. Diante dos resultados, vemos que nossa hipótese, referente ao ditongo /ow/, foi confirmada.

VARIÁVEIS LINGUÍSTICAS

Conforme ressaltamos, as variáveis linguísticas controladas e nosso estudo foram: classe da palavra, contexto fonológico anterior e seguinte, extensão da palavra e tonicidade. Controlamos a variável classe da palavra para averiguar se os ditongos decrescentes podem ser reduzidos em qualquer classe. No Gráfico 1, verificamos que os contextos que mais favoreceram à monotongação dos ditongos foram os *numerais*, com 93,5% dos dados monotongados. Em seguida, temos os fatores *pronome* e *verbo*, com percentuais acima de 80% das reduções.

ISBN: 978-85-7822-205-5

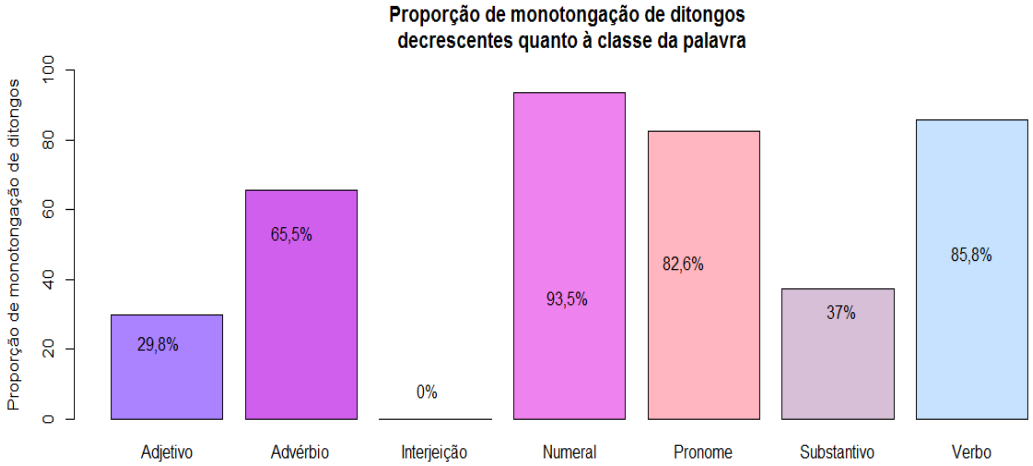


Gráfico 1: Influência do fator classe da palavra na monotongação de ditongo decrescente

Os fatores com altos indíces estatísticos se devem, em sua maioria, à redução dos ditongos /ej/ e /ow/. A título exemplificação, temos os seguintes contextos: nos numerais, como em *terceiro*, *primeiro*; nos pronomes, como em *outro*(*s*) e nos verbos no infinitivo, como em *ouvir* e nos verbos da 3ª pessoa do singular, do pretérito perfeito do indicativo, que se referem ao ditongo /ow/, como em *estou*, *ficou*, *cortou* etc., que são reduzidos.

É importante ressaltar que nesses resultados, depois de uma primeira rodada, constam as ocorrências de verbos de 3ª pessoa do singular, do pretérito perfeito do indicativo, referentes ao ditongo /ej/, já que neste caso eles não se monotongam, por conta da carga morfológica que a desinência carrega. Da mesma forma fizemos para o ditongo /aj/, retiramos os verbos conjungados como *vai*, *saia* etc.

Antes de expormos os resultados obtidos a partir do fator *contexto fonológico precedente* e *seguinte*, temos que ressaltar que estamos considerando apenas o ponto de articulação. Tal decisão é decorrente do fato de as pesquisas apontarema influência destes fatores na redução dos ditongos decrescentes. Acreditamos que, em nossos dados, praticamente todos os segmentos precedentes e seguintes aos ditongos decrescentes podem favorecer à redução. Confiramos os resultados nos gráficos a seguir:

ISBN: 978-85-7822-205-5

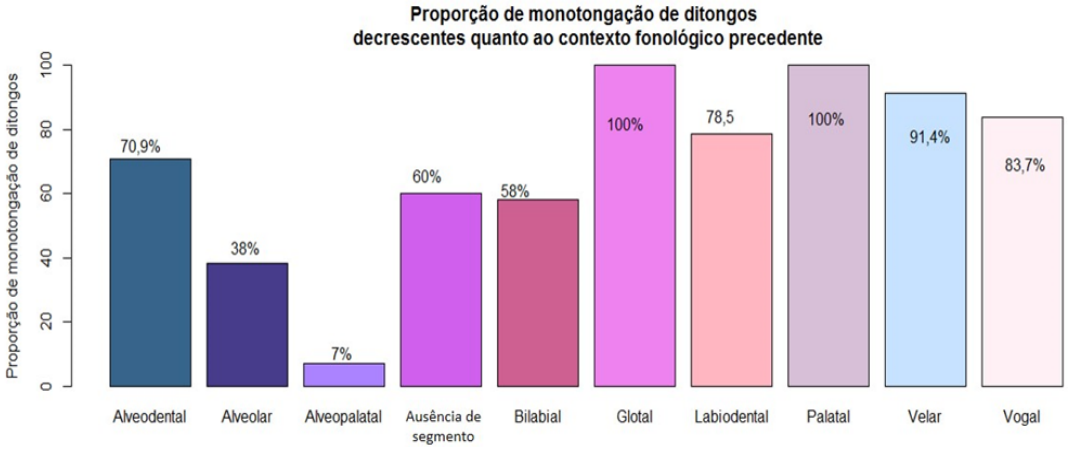


Gráfico 2: Influência do fator cont. fonol. precedente na monotongação de ditongo decrescente

No Gráfico 2, observamos que os ditongos decrescentes quando estão antecedidos de segmentos *alveolar* (38%) e *alveopalatal* (7%) monotongam menos. Ao contrário dos segmentos *palatal* (100%) e *glotal* (100%) que faroreceram a monotongação dos ditongos decrescentes. Nos trabalhos consultados, vimos que os ditongo decrescentes podem ser reduzidos quando a vogal que acompanha a semivogal é a vogal /o/ ou /e/ (RIBEIRO, 1990; CARVALHO, 2007), assim como pelos segmentos alveolar e velar (LOPES, 2002), fato que também foi constatado na presente pesquisa.

Os resultados evidenciaram que, praticamente em todos os contextos seguintes ao ditongo houve o favorecimento da monotogação dos ditongos decrescentes (Gráfico 3), principlmente nos contextos de segmentos *alveolar* (97,7%), *bilabial* (95,3%) e *ausência de segmento* (94%). Portanto, não há influência na redução dos ditongos apenas os seguimentos *vogal* (37%) e *alveodental* (48,5%).

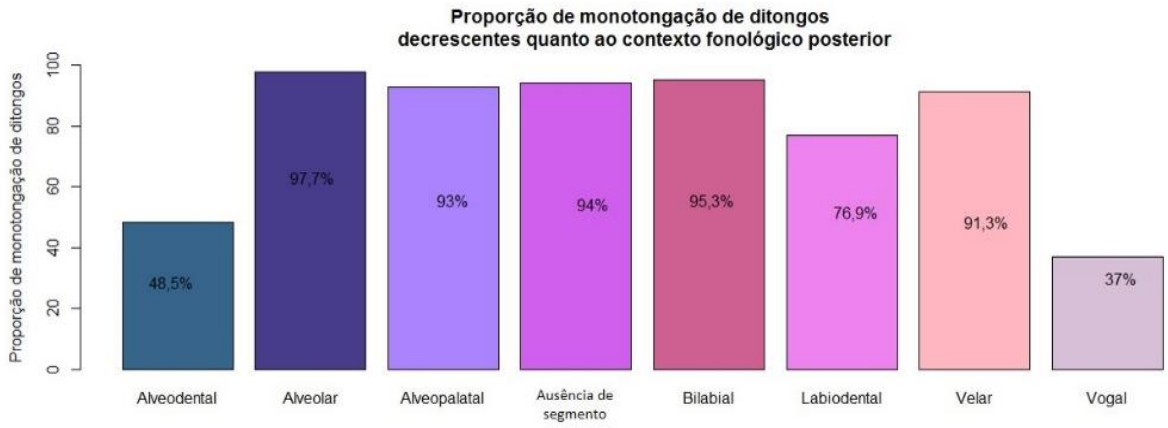


Gráfico 3: Influência do fator cont. fonol. posterior na monotongação de ditongo decrescente

ISBN: 978-85-7822-205-5

Os nossos resultados são semelhantes aos obtidos por Ribeiro (1990) Lopes (2002) Carvalho (2007) Bassi e Mozer (2014) e Freitas (2017), em que os segmentos posteriores alveopalatais, tepe alveolar, velares, bilabiais, labiodentais favoreceram a monotongação dos ditongos decrescentes, ou melhor, o suprimento dos *glides* /w/ e /j/ presentes nos ditongos.

Com base nos estudos desenvolvidos, a nossa hipótese é que quanto menor for a palavra maior é a possibidade de monotongação. Através do Gráfico 4, constatamos que o fator *polissílabo* não favoreceu a monotongação dos ditongos decrescentes /aj/, /ej/ e /ow/, porque apenas 44% dos dados foram monotongados. Em contrapartida, os indíces mais altos de redução estão nos fatores *monossílabo* (96, 3%) e *monossílabo não canônico* (100%), como quando "estou" reduz a "tou" na fala oral.

Percebamos que o alto indíce de monotongação no fator *monossílabo* deve-se somente ao ditongo decrescente /ow/, já que em nossa amostra excluímos os monossílabos de /aj/ e /ej/, como em "vai" e "sei", em que o ditongo não é reduzido. Observemos também que o percentual de monotongação foi categórico nos dados de *monossílabo não canônico*. Salientamos que apenas nosso trabalho controlou essa diferença entre os fatores *monossílabo* e *monossílabo não canônico*.

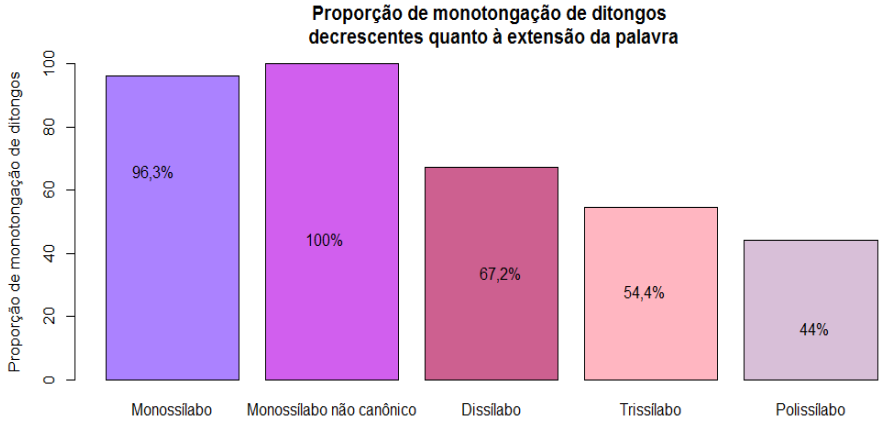


Gráfico 4: Influência do fator extensão da palavra na monotongação de ditongo decrescente

Além disso, o nosso resultado a respeito do fator extensão da palavra coaduna com os resultados obtidos por Freitas (2017) e Araújo et. al. (2019), mostrando que quanto menor o número de sílabas mais chances de ocorrer a monotongação. No estudo de Bassi e Mozer (2014), a maior frequência de monotongação foi nos *dissílabos*, com percentual de 65%. Dessa forma, a nossa hipótese para os ditongos decrescentes foi confirmada, já que os maiores índices de monotongação foram nos contextos dissílabo, monossílabo e monossílabo não canônico.

ISBN: 978-85-7822-205-5

A nossa hipótese para a variável tonicidade era que os ditongos decrescentes se reduziriam mais em contexto *tônico* (fi**cou**) do que em *pretônico* (**dou**rar) e *postônico* (vivên**cia)**, como alcançado por Carvalho (2007). Os nossos resultados evidenciaram que os ditongos decrescentes estão mais propensos à redução quando eles ocupam o contexto *tônico* da palavra, com 70, 2% de reduções, como revelam os dados no Gráfico 5:

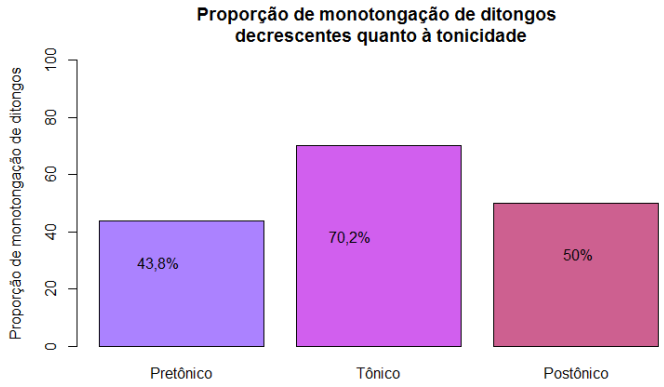


Gráfico 5: Influência do fator tonicidade na monotongação de ditongos decrescentes

Já em contexto *postônico* apenas 50% dos ditongos decrescentes foram reduzidos, vemos que este fator não se mostrou condicionante nem inibidor do processo de apagamento da semivogal dos ditongos. Ao contrário do contexto pretônico que se mostrou desfavorecedor da monotongação, apresentando apenas 43,8% de dados reduzidos. Assim, vemos que a nossa hipótese levantada para os ditongos decrescentes foi confirmada.

Os nossos resultados corroboram com os resultados obtidos por Carvalho (2007); Cristofolini (2011) e Freitas (2017), em que o fator *tônico* foi tido como favorecedor da monotongação, com percentuais acima de 70% de redução em cada um deles. Entretanto, nosso resultado diverge do resultado obtido por Rosa (2017), pois o fator *pretônico* foi mais relevante no estudo dessa autora, com 76% dos dados monotongados.

VARIÁVEIS SOCIAIS

As variáveis sociais controladas foram: sexo, deslocamento e período de curso. Para a variável sexo, tínhamos como hipótese que as mulheres monotongariam menos os ditongos decrescentes do que os homens, como evidencia o estudo de Carvalho (2007). No entanto, os resultados no Gráfico 6, evidenciam-nos que 63,1% das mulheres utilizaram à forma monotongada enquanto, com um percentual um pouco maior, 68,3% dos homens utilizaram à forma reduzida dos ditongos.

ISBN: 978-85-7822-205-5

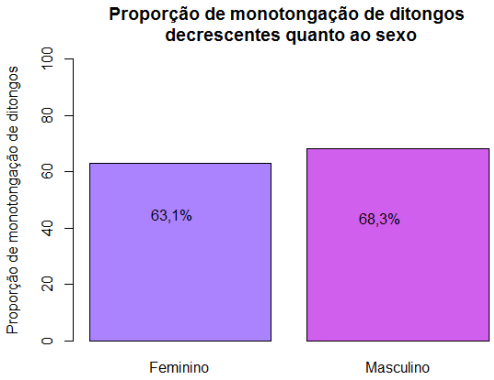


Gráfico 6: Percentual de monotongação de ditongo decrescente segundo o fator sexo

Notemos que a diferença percentual de ambos os sexos não é muito alta, entretanto, ainda sim vemos que os homens monotongaram mais que as mulheres. Mas cabe ressaltar que as mulheres não se mostraram inibidoras do processo de monotongação, apenas demonstraram monotongar menos que os homens. Dessa forma, a nossa hipótese foi refutada já que a diferença percentual de monotongação entre homens e mulheres não foi significativa. Os nossos resultados são divergentes dos obtidos por Carvalho (2007), que constatou que as mulheres monotongaram mais, com 72% de monotongações.

Em relação à variável deslocamento social, tínhamos como hipótese que os estudantes do deslocamento II monotongariam mais os ditongos decrescentes do que os estudantes do deslocamento I e III, por acreditarmos que os estudantes que vão para Itabaiana e voltam para suas cidades acabam construindo/mantendo maior contato com as pessoas que estão ao seu redor, na sua cidade de origem. Diante disso, observemos os resultados no Gráfico 7 a seguir:

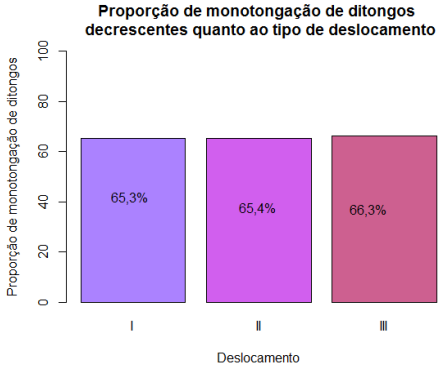


Gráfico 7: Influência do fator deslocamento na monotongação de ditongo decrescente

Os dados relevam-nos que a aplicação da regra de monotongação foi favorecida nos três tipos de deslocamento social controlados, sobretudo, no deslocamento III, com 66, 3% das reduções. O percentual de apagamento dos ditongos decrescentes nos deslocamentos I e II são aproximados, com 65, 3% e 65, 4%, respectivamente. Diante disso, a nossa hipótese foi

ISBN: 978-85-7822-205-5

refutada, visto que nos três tipos de deslocamentes houve predomínio da monotongação e a diferença de redução entre os três contextos são mínimas.

Nossa hipótese para a variável *período de curso* era que os estudantes que estão na fase inicial do curso monotongariam mais os ditongos decrescentes do que aqueles que estão no meio ou no final do curso. Isso porque, ao longo da graduação, o estudante acaba tendo um contato maior com a língua escrita padrão.

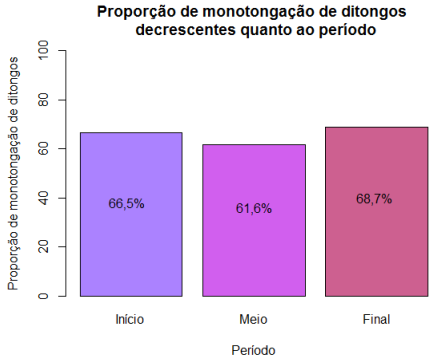


Gráfico 8: Influência do período do curso na monotongação de ditongo decrescente

Assim, através do Gráfico 8, vemos que a monotongação foi aplicada tanto pelos estudantes de início de curso quanto pelos estudantes do meio e final de curso, com percentuais acima de 60% de apagamento da semivogal dos ditongos. Observemos que os ditongos foram mais reduzidos entre os estudantes de final de curso, embora o percentual de monotongação nos três contextos sejam aproximados.

Diante dos resultados, a nossa hipótese não foi confirmada, pois esperávamos que os estudantes do início do curso aplicassem mais a regra de redução nos ditongos decrescentes. Os resultados que alcançamos não são condizentes com os de Lopes (2002), Carvalho (2007), Freitas (2017) e Rosa (2014), uma vez que, nos estudos destas autoras, os indivíduos com menos escolaridade monotongaram mais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em nosso *corpus*, de modo geral, constatamos que, dentre os ditongos decrescentes, o ditongo /ow/ foi o mais reduzido pelos estudantes. Em relação às variáveis linguísticas, observamos que, quando os ditongos decrescentes são seguidos de fatores vogal e alveodental, estes elementos não favorecem a regra de redução da semivogal dos ditongos. Do mesmo modo quando os fatores que precedem os ditongos são alveopalatal e alveolar, pois acabam inibindo o processo de monotongação. Além disso, constatamos que, no que diz respeito a classe de

ISBN: 978-85-7822-205-5

palavra, apenas os fatores interjeição, substantivo e adjetivo inibiram o processo de monotongação dos ditongos, e que quando o ditongo está em contexto tônico, o processo de monotongação é aplicado mais facilmente. No que diz respeito às variáveis sociais, constatamos que elas não exerceram tanta influência, afinal vimos que, em todos os fatores sociais, a aplicação da monotongação foi superior à de não monotongação. Esses resultados evidenciam que o fenômeno da monotongação é recorrente, mesmo em uma amostra com informantes de nível superior, e que é condicionado, principalmente, por fatores linguísticos.

REFERÊNCIAS

AMARAL, M. P. do. Ditongos variáveis no sul do Brasil. **Letras de Hoje**. Porto Alegre, v. 40, n. 3, p. 101-116, set. 2005

ARAÚJO, A. A. de.; PEREIRA, M. L. de S.; CYSNE, M. R. P. A monotongação do ditongo /ej/ no falar popular de fortaleza: um estudo variacionista. In: **Revista de Letras Norteamentos**. Estudos Linguísticos, Sinop, v. 12, n. 29, p. 34-53, jul./dez. 2019.

BASSI, A.; MOZER, J. A. O processo de monotongação atrelado ao fenômeno da palatalização das fricativas alveolares em coda silábica: uma abordagem fonológica e sociogeolinguística. **Work. Pap. Linguist**., 15 (2): 12-37, Florianópolis, ago/dez, 2014.

BORTONI-RICARDO, S. M. **Do campo para a cidade**: estudo sociolinguístico de migração e redes sociais. Trad: Stella Maris Bortoni-Ricardo; Maria do Rosário Rocha Caxangá. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

BORTONI-RICARDO, S. M. **Educação em língua materna**: a sociolinguística na sala de aula. São Paulo: Parábola Editorial, 2004 [Linguagem; 4].

CAMARA JR., J. M. **Estrutura da língua portuguesa**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

CARVALHO, S. C. **Estudo variável do apagamento dos ditongos decrescentes orais em falares do Recife**. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco. CAC. Letras, 2007. 102 f.

COLLISCHONN, G. A sílaba em português. In: BISOL, L. (org**.) Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro**. Porto Alegre: EDIPURCRS, 2014, p. 99-131.

CRISTOFOLINI, C. Estudo da monotongação de [ow] no falar florianopolitano: perspectiva acústica e sociolinguística. Revista da **ABRALIN**, v. 10, n. 1, p. 205-229, jan./jun. 2011.

FREITAS, B. F. C. **Estudo da monotongação dos ditongos orais decrescentes na fala uberabense**. Dissertação (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa) – Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Faculdade de Ciências e Letras (Campus Araraquara), 2017. 76 f.

JESUS, A. A; SANTOS, C.; SANTOS, M. O. O processo de monotongação na fala dos estudantes universitários – UFS/Itabaiana: uma abordagem sociolinguística. In: I Encontro Interdisciplinar de Língua e Literatura – **I ENILL**, 2010. Itabaiana: DLI, 2010. p. 21-21

LABOV, W. **Padrões sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].

LOPES, R. **A realização variável dos ditongos /ow/ e /ej/ no português falado em Altamira/PA**. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade Federal do Pará, Belém. 2002. 97 f.

ISBN: 978-85-7822-205-5

PEREIRA, G. **A monotongação dos ditongos <ej>, <ow> e <aj> no português falado em Tubarão (SC):** estudo de casos. 2004. 134f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Linguagem), UNISUL, Tubarão, SC.

RIBEIRO, D. A. S. B. **O apagamento dos ditongos decrescentes orais no sudoeste do Paraná**. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Paraná, 1990. 125 f.

ROSA, A. W. S. O apagamento do ditongo /ow/ no português brasileiro falado em Ananindeua/PA. **Web-Revista SOCIODIALETO** – NUPESDD/LALIMU, v. 7, nº 20, nov. - fev./2017.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística.** [Trad. Marcos Bagno]. São Paulo: Parábola, 2006.

ISBN: 978-85-7822-205-5

TECNOTRILHOS - JOGO HISTÓRICO DE TABULEIRO E TRILHOS AERODINÂMICOS

Autor: Julia Beatriz Silva Vicente Chaves
Graduanda em História pela Universidade Federal de Sergipe
Bolsista PIBITI/UFS/CINTTEC
juliab.chaves@outlook.com

Orientador: Prof.ª Dra. Janaina Cardoso de Mello (ProfHistória/DHI-UFS)

Introdução

A partir da revolução industrial, as máquinas a vapor ganharam notoriedade no espaço europeu, no entanto, apesar de temporariamente apresentarem destaque no cenário brasileiro, com o tempo, as ferrovias entraram em desuso, resultando no abandono das linhas férreas. De modo similar, a educação, no Brasil, é um fator que, por muitas vezes, é desconsiderada e desprezada, assim, é possível analisar o ensino da História de Sergipe, em foco a dos Bairros de Aracaju e do Patrimônio Cultural da região, como decadente por não existir um método de aprendizagem que gere interesse, logo, coloca-se em risco a existência da cultura e da sabedoria sobre esse espaço.

Nesse contexto, o Jogo de Tabuleiro que será desenvolvido unirá as duas situações, o descaso com a malha ferroviária e com a história sergipana para promover um ensino lúdico e atrativo nas escolas, porém, anteriormente, é necessário apresentar o decorrer desses processos de modo que exista assimilação de como o descaso foi promovido pela sociedade de maneira quase imperceptível, já que, hoje em dia, dificilmente existe uma preocupação demasiada com esses polos em Sergipe e, até mesmo, no Brasil.

Portanto, o proposto nesse trabalho envolve a explicitação da elaboração do projeto TecnoTrilhos, um Jogo de Tabuleiro Histórico, que cerca e produz a necessidade de evidenciar e de expor a História dos Bairros de Aracaju e do Patrimônio Cultural para perpetuar a cultura e a história como meio de referência para jovens e para crianças, produzindo um meio social apto sobre o que precede sua vivência.

ISBN: 978-85-7822-205-5

Da Revolução Industrial à Revolução Rodoviária

A Revolução Industrial foi responsável por modificar todo o cenário conhecido até o século XVIII, a partir disso, criações inovadoras começaram a, de fato, revolucionar a produção, a comunicação e a locomoção. Desse modo, uma das inovações de maior destaque na época, assim como de importância social e econômica, foi a invenção da máquina a vapor, isto é, um aparelho que transformaria a energia térmica em energia mecânica. Logo, com o passar do tempo, diante do aprimoramento das técnicas, as malhas ferroviárias faziam parte do âmbito social para o transporte de mercadorias e de pessoas, com mais facilidade e mais rapidez, consequentemente, é possível afirmar que o surgimento da Máquina a Vapor foi crucial para o conhecimento sobre as Ferrovias.

Durante muito tempo, as ferrovias, em todo o mundo, foram importantes, pois era a forma mais eficaz de transporte, visto que a locomoção poderia ser feita em larga escala e em um tempo reduzido. Por sua vez, no século XIX, o Irineu Evangelista de Sousa (1813-1889), mais conhecido como Barão de Mauá, que era banqueiro e diplomata, mas também um homem que se dedicava ao meio industrial, trouxe ao Brasil as ferrovias, a partir de um investimento particular, em consequência, foi o responsável por construir cerca de 10 mil quilômetros de malha ferroviária no país. Nesse sentido, no mesmo século, a ferrovia sergipana foi projetada, porém concluída apenas no século seguinte pela Ferrovia do Leste Brasileiro de uma Companhia Belga (WYNNE, 1970).

No entanto, a malha ferroviária foi rapidamente desvalorizada devido ao ciclo da borracha e ao incentivo estadunidense para a criação de rodovias, apesar disso, as ferrovias continuaram ativas, apesar de não existir a mesma visibilidade, até recentemente. Nesse sentido, ainda hoje, existem estações e trilhos abandonados pelos bairros de Aracaju, consequentemente, existindo uma decadência, assim como marginalização desses espaços que são carregados de história. De todo o modo, a decadência das ferrovias em Sergipe decorre do desinteresse que envolve o meio de transporte ferroviário, após o ciclo da borracha e a criação das rodovias, o principal meio de transporte de mercadorias concentra-se no uso de caminhões, sendo assim, é notório compreender que a mudança dos artifícios de transporte é, possivelmente, inviável. Contudo, é possível existir uma apropriação desse símbolo extremamente importante para a formação urbana e, até mesmo, cultural sergipana para a melhor compreensão sobre a História de Sergipe, visto que existe uma dificuldade considerável relacionada ao ensino e à

ISBN: 978-85-7822-205-5

compreensão sobre a história do povo sergipano, tal qual à deslegitimação do espaço ferroviário do estado.

O Ensino no Brasil

O processo de ensino no Brasil foi iniciado no período colonial, a partir da chegada dos jesuítas, apesar de não ter uma ampla similaridade para com a base de ensino e de aprendizagem que vigora atualmente, não se pode negar que inicialmente a educação era baseada na conversão de nativos à religião católica, pois assim seriam civilizados. Com o passar do tempo, diante da chegada da Família Real Portuguesa ao Brasil, elevando o território ao título de Reino Unido de Portugal e Algarves, são criadas instituições de ensino superior, ou seja, as universidades, por sua vez, a questão que envolve a educação foi um dos grandes pontos de preocupação do D. Pedro II, enquanto a Educação Básica fica a cargo dos padres.

De todo o modo, o Império Brasileiro começou o processo de marcha pela educação, porém não voltada para a massa populacional (o movimento que propõe o ensino às massas foi a Ditadura Militar, entretanto não correspondeu as supostas expectativas), ou seja, a Educação era extremamente elitista, por exemplo, existia o Instituto das Aulas Régias que eram aulas específicas para Elite da Sociedade, logo, é possível verificar uma similaridade com a Educação Jesuítica, isto é, existia uma necessidade de manter um padrão de pessoas que atendam às necessidades do Imperador, consequentemente, não existia uma preocupação para a formação de cidadãos com pensamento crítico, mas baseada na situação prática de oferta e de demanda.

Com a chegada da República, em 1889, existe um início de formação da educação básica de fato com a utilização do ensino seriado e dos grupos escolares, porém, em fase inicial, não houve demasiada preocupação em expandir o ensino público, na realidade, o interesse estava voltado para espalhar a educação base com o ímpeto de elitização, nesse sentido, havia um grande investimento sobre a educação, porém direcionado à elite social. Em contrapartida, ainda dentro dos primeiros anos da República, houve o surgimento do *Escolanovismo,* um movimento pedagógico que visa combater a pedagogia cientificista, isto é, rompendo com os padrões de ensino técnico, que apresentava um ensino regular e metódico para todas as pessoas, no entanto, não foi um movimento que vigorou por muito tempo

Já no Período da Era Vargas, com a Revolução de 30, ocorreu um processo de modernização capitalista e conservação política da sociedade brasileira. Assim sendo, houve uma presença no Escolanovismo maior nas universidades, além de uma reforma do ensino

ISBN: 978-85-7822-205-5

secundário e superior. Porventura, as modificações ocorreram para universalizar a educação para que os trabalhadores possuíssem o mínimo de conhecimento para serem competentes no meio industrial, ademais, para conformar uma identidade nacional pautada na união e no patriotismo. Nesse contexto, o período varguista procede uma encarnação de uma aplicação do ensino técnico para o proletariado brasileiro, para o trabalho manual em fábricas e em indústrias, mas a elite social perpetua-se em universidades que confirmam seu poderio na sociedade. Logo, não existe, de fato, uma ampliação de direitos voltados as minorias sociais, na realidade, existem uma mudança aparente no cenário, ou seja, o Vargas conduzia uma manipulação do âmbito social para manter o povo ameno sobre o que acontecia sobre o meio.

No Regime Militar, existia um problema crônico, o qual houve uma distribuição de Educação para todos, no entanto, os investimentos daquele momento eram exatamente iguais do período inicial, ou seja, não havia qualidade no ensino naquele momento, gerando falta de escolas e de professores. Por sua vez, coincide com o fator da censura, já que o sujeito não possui possibilidade de divergir com o sistema vigorante no meio. Além disso, foi fato no Brasil até a década de 1990 a obrigatoriedade da educação "moral e cívica" embargado de doutrinação, como pauta de ensino de heróis pátrios, de hino nacional e outros componentes.

Desse modo, é possível compreender Sergipe dentro de todo esse processo de ensino brasileiro, de todo modo, a Educação em Sergipe sobre a própria história é falha, na realidade, quase inexistente. Por sua vez, ao estudar essa temática existe um grande empecilho, promovendo uma sociedade que desconhece suas origens e sua realidade, não sendo difícil encontrar pessoas que não apresentam compreensão sobre a história que cerca os seus bairros e sua cidade. Portanto, o projeto de educação brasileira promove a desventura da classe trabalhadora, pois, apesar do tempo, ainda é uma educação elitista, visada para uma preparação técnica, assim como uma forma de doutrinação cultural, social e política. A partir disso, compreende-se um cenário caótico que reverbera diante das desigualdades sociais inerentes no território brasileiro, o ensino no Brasil sempre foi desvalorizado, logo, é cabível constatar que o ensino brasileiro é falho.

Junção entre o Ensino da História e as Ferrovias

ISBN: 978-85-7822-205-5

Com base no que já foi exposto, é perceptível que vigora, hoje em dia, um cenário de descaso com a malha ferroviária sergipana, assim como uma dificuldade quanto ao ensino da História de Sergipe nas instituições de ensino. Desse modo, a deficiência em relação à aprendizagem dessa área do conhecimento pelo próprio povo sergipano revela uma situação que evidencia uma problemática que expõe ao risco a cultura sergipana. Nesse contexto, torna-se urgente a necessidade de encontrar meios que verifiquem a capacitação do ensino da História de Sergipe.

Assim, ao analisar o âmbito social da atualidade, é perceptível um cenário que compreende a necessidade de uma atratividade, como característica principal e crucial para vigorar na sociedade. Porventura, o Ensino da História de Sergipe poderá ser desenvolvido de forma mais eficaz, isto é, providenciando maior interesse, através da apropriação de movimentos lúdicos. Por sua vez, as Orientações Curriculares para o Ensino Médio promovem essa ideia, tal qual:

> "Os jogos e brincadeiras são elementos muito valiosos no processo de apropriação do conhecimento. Permitem o desenvolvimento de competências no âmbito da comunicação, das relações interpessoais, da liderança e do trabalho em equipe, utilizando a relação entre cooperação e competição em um contexto formativo." (BRASIL, 2006)

Com base nisso, torna-se plausível o desenvolvimento de um jogo que envolva as necessidades e que, consequentemente, atribua os meios que cercam a humanidade hoje em dia. Ou seja, a construção e a aplicação da ideia do *TecnoTrilhos* envolve, basicamente, todos os alicerces que demandam deficiência, mas também que poderá ser produzido através do que o espaço permite. Com isso, o projeto do TecnoTrilhos consiste na criação de um Jogo de Tabuleiro, assim como, nesse processo existirá a união da malha ferroviária de Aracaju, do ensino da História dos Bairros e Patrimônio Cultural de Aracaju e de princípios básicos da robótica.

Em vista disso, a interligação entre esses meios ao gerar o produto, ou seja, o Jogo de Tabuleiro, possivelmente, providenciará e permitirá um ensino extremamente lúdico e divertido, mas também, acima de tudo, informativo. Nesse contexto, será possível atrair a atenção daqueles que jogam sobre o assunto abordado, em consequência, o Jogo possibilitará o aprendizado sobre essa história, permitindo com que a cultura desses bairros permaneça viva.

ISBN: 978-85-7822-205-5

Metodologia

De certo modo, é importante atentar para o processo de desenvolvimento do projeto que envolve etapas de fundamental importância para o transcorrer da criação do Jogo de Tabuleiro. Em vista do que foi evidenciado, urge a necessidade de capacitação tecnológica, pois é de notoriedade que um dos fatores primordiais para a elaboração do projeto envolve a criação de uma malha ferroviária dentro do jogo, consequentemente, existindo a necessidade do uso de técnicas de robótica para o funcionamento correto da locomotiva e dos sensores, pois é imprescindível o estabelecimento correto desse setor para que o ensino da História dos Bairros e do Patrimônio Cultural de Aracaju ocorra com eficácia.

Além disso, é necessário a elaboração do tabuleiro de modo geral, acarretando o design e os trilhos atrelada à processo de pesquisa de dados em arquivos e em hemerotecas, para designação das informações de forma verídica e autêntica. Ademais, seguindo o trâmite processual, será imprescindível a criação, assim como a alimentação do banco de dados com as informações adquiridas e transmitidas para a produção de QR Codes. Dentro desse aspecto, a programação tecnológica será aplicada e interiorizada dentro do Jogo, possibilitando a finalização do processo de desenvolvimento do Jogo de Tabuleiro. Logo após, o Jogo de Tabuleiro estará pronto para a aplicação em escolas, sendo assim, um teste funcional será realizado, para caso exista necessidade de reajustes sobre o esquema de transmissão das informações, de todo o modo, com o sucesso iminente do projeto, existirá a elaboração de relatório de solicitação de patente.

Conclusão

Portanto, é plausível a constatação que a produção do Jogo de Tabuleiro irá promover um ensino qualificado que, por muito tempo, foi desvalorizado no território sergipano. Assim, a criação e o desenvolvimento do Jogo de Tabuleiro, com base em uma realidade que sustenta a necessidade de explicitação compreensível da História dos Bairros e do Patrimônio Cultural de Aracaju, apresentará a exposição dos principais pontos da malha ferroviária da capital do estado de Sergipe, utilizando elementos básicos da robótica, a fim de constituir a locomotiva e os sensores que passarão a efetivar a história a ser ensinada.

Por isso, existirá uma delimitação sobre o ensino e o aprendizado que irá perpassar antecipadamente pelo processo de desenvolvimento por etapas desse projeto, tal qual a criação

ISBN: 978-85-7822-205-5

e o levantamento de dados, assim como, produzir o desenho industrial inovador para o Jogo de Tabuleiro, além dos trilhos e da locomotiva. Por fim, a produção de uma logo que reverbere a identidade visual do jogo, possivelmente, estimulando a sua jogabilidade e a sua capacidade de aprendizagem inerente.

Em síntese, foi possível compreender o processo de desenvoltura tanto ferroviário, quanto educacional em Sergipe, possibilitando o entendimento sobre a falha e a desvalorização atual sobre esses dois aspectos. Desse modo, o projeto tende a expor a necessidade de um ensino cada vez mais eficaz, buscando a modificação simbólica sobre o modelo de aprendizado arcaico que está imposto a sociedade e, consequentemente, aos jovens que estão em formação. Por fim, a ludicidade inerente aos jogos, será capaz de utilizar dos aspectos Escolanovismo que foi desprezado pelas instituições de ensino, porém bastante eficiente.

Referências

WYNNE, José Pires. História de Sergipe (1875-1930). Rio de Janeiro: Pongetti, 1970.

SOUZA, V.A. Ferrovias Brasil com uso de Arduino. Cerne-Tec, 2018.

ALMEIDA, Anne Emilie Souza de. A história da educação em Sergipe: os estudos sobre os grupos escolares. Associação Nacional de História, 2014. Disponível em: http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/37/1407205995_ARQUIVO_artigosobreosgruposescolaresdesergipe.pdf. Acesso em: 17 de set. de 2019.

NAGLE, Jorge. Educação e sociedade na Primeira República. Revista Brasileira de História da Educação, 2001. Disponível em: http://www.portal.fae.ufmg.br/pensareducacao/downloads/resenhas/edusociedade.pdf. Acesso em: 17 de set. de 2019.

CLIOCAST: Breve História da Educação (Parte 01). [Locução de]: Bruno Rosa; Monica Tortorette; Gustavo Nalva. [S.I]: Spotify, 7 de ago. de 2019. *Podcast.* Disponível em: https://open.spotify.com/episode/3HmLeGQig4TimuCSouqRmo. Acesso em: 18 de set. de 2019.

ISBN: 978-85-7822-205-5

ASPECTOS ARGUMENTATIVOS E PERSUASIVOS DEPREENDIDOS DE VÍDEOS DA YOUTUBER JOUT JOUT

Autor (a): Rejane Souza Santos
Graduanda em Letras Universidade Federal de Sergipe
Bolsista Voluntário (PICVOL)
rejsstos@hotmail.ccom

Coautor: Ednalva Bezerra da Silva Teixeira
Graduanda em Letra-Português e Francês
Universidade Federal de Sergipe
Bolsista Voluntário (PICVOL)
ednalvabst@hotmalil.com

Orientador (a): Isabel Cristina Michelan de Azevedo (DLEV/UFS)

Introdução

Ao longo dos séculos, a argumentação vem sendo estudada desde a Antiguidade grega, período em que estava associada a diferentes campos de conhecimento. No final do século XIX, no entanto, a retórica passou por uma inversão de valores, pois os discursos começaram a ficar vazios, sem vínculo verossímil e com apreciação negativa. Dessa forma, a Retórica, passou a ser inerente a todo discurso que "incialmente foi pensada como componente dos sistemas lógico, retórico e dialético, conjunto disciplinar cuja desconstrução foi completada no fim do século XIX" (PLANTIN, 2008, p. 8).

Atualmente, os estudos sobre argumentação passaram a ser realizados em diversos campos, como, por exemplo, no âmbito escolar, informalmente, quando um estudante questiona um professor e tenta persuadi-lo para aumentar sua nota ou quando tem a oportunidade de participar formalmente de um debate acerca de algum problema de interesse coletivo. Assim, notamos que a argumentação está presente em casa, nas relações cotidianas, institucionais, como na política, sempre quando há abertura para dúvidas e conflitos.

Consideramos, então, argumentar um processo discursivo que pode ser representado como uma espécie de "antifonia", isto é, o discurso é construído e pode ser desconstruído por um discurso contrário, mas, esse discurso não se encontra subordinado à noção de verdade proposicional, e sim aos enunciados que são aceitos e que interpelam o auditório, conforme se

ISBN: 978-85-7822-205-5

encontra formulado pela a Nova Retórica. Diante da complexidade desse processo e da abrangência das temáticas que podem ser colocadas em discussão, a argumentação acabou sendo investigada por diversas áreas do conhecimento, como direito, sociologia, filosofia, entre outras, e tem interessado pessoas vinculadas à academia, às empresas, às escolas da educação básica etc.

Neste trabalho, analisaremos, à luz das dimensões da argumentação, conforme Grácio (2013), Azevedo e Santos (2018), dois vídeos do YouTube que são destinados a diversos públicos e que fazem sucesso nos dias atuais (É OBVIO QUE VOCÊ TÁ ANSIOSO, 2017 e EEEEEEEE ERRINHOS, 2018) da Youtuber Jout Jout, para compreender como um recurso de comunicação aberto ao público em geral materializa aspectos da argumentação na vida. Também iremos nos guiar pelas reflexões de Azevedo e Santos (2018) e Plantin (2008) que nos permitem reconhecer algumas características das dimensões interacionais, retóricas e afetivas, presentes na composição de vídeos de youtubers, que se destacam nessa plataforma, além de discutirmos como de fato os vídeos podem persuadir seus seguidores, fazendo-os mudar de ideias, crenças e opiniões a partir das interações em um ambiente digital.

1. Fundamentação teórica

1.1. Interatividade

O espaço virtual nos últimos anos tem demonstrado um aumento crescente de brasileiros adeptos ao mundo interativo das conexões, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), cerca de 64,7% da população estão conectados. Atualmente, tornou-se um dispositivo em constante eclosão, o que tem modificado o cotidiano do corpo social, sua evolução tecnológica tem contribuído para o avanço do indivíduo culturalmente, gerando uma série de transformações que levaram a sociedade à sua configuração atual.

Observando como as mídias contribuem de forma facilitadora para os internautas discutirem diferentes questões, notamos que muitas vezes são usadas para difundir temáticas inovadoras. Levando em conta esses novos caminhos, o ato de registrar imagens e cenas ganham abordagens eloquentes e registram a argumentação persuasiva, evocando o uso de dinâmicas discursivas e dialógicas. Assim, neste trabalho, resolvemos seguir as indicações de Grácio (2013, p. 38, destaques do autor):

> [...] secundarizei a análise dos fenômenos argumentativos enquanto produtos de linguagem analisáveis por si mesmo e coloquei no centro das situações argumentativas a *dinâmica interativa* em que os

ISBN: 978-85-7822-205-5

> argumentos e as argumentações devem não só ser percebidas em tensão com outras argumentações e argumentos como também enquanto moldados pela situação específica em que ocorrem.

Analisar a "dinâmica interativa" da argumentação é importante porque desde a época dos antigos gregos até o século XIX acreditou-se no mundo ocidental que pessoas consideradas com um alto poder aquisitivo poderiam se especializar na retórica, isto é, a arte do bem falar. Apesar de a retórica não ser uma prática limitada aos intelectos habilidosos que declaram dar continuidade à eloquência como ofício, pode ser reconhecida dentro de uma tradição intelectual que ofertou técnicas convencionais estabelecidas, visando à consolidação de práticas de expressividades inferidas no campo comunicativo.

Nos dias atuais, observamos que os clássicos livros sobre retórica têm sido retomados como meios educativos na interdisciplinaridade do ensino-aprendizagem da argumentação, por isso enfatizaremos a necessidade de conhecer bem essas fontes, pois, ao analisá-las, iremos identificar paralelos alinhados à realidade comunicativa, na articulação entre a argumentação e a retórica na contemporaneidade. Dessa forma, permanece relevante a leitura de autores da antiga tradição retórica por permitir compreender melhor que se passa na contemporaneidade.

1.2. Uma abordagem teórica da argumentação

A retórica vem se propagando nos moldes teóricos e práticos há muitos séculos e ainda desperta a atenção das pessoas interessadas em teorias comunicativas. Nos últimos tempos, a palavra retórica vem aparecendo com mais frequência, na medida em que, indivíduos conectados no mundo virtual começam a fazer comparações de discursos, com elementos simbólicos expressivos da participação na vida comum. Segundo Grácio (2013), a questão de fundo é o da decisão teórica implicada na forma de conceber a articulação entre os planos lógicos, argumentativos e retóricos.

Para esse autor, o discurso é sempre dialógico ao passo que está manifestado com grande exatidão nas formas retóricas, apesar de ser considerado como conduta formal, podemos avançar no caminho oposto para apresentar como a veracidade do mundo extrínseco coopera com a significação dos processos comunicativos. De acordo com Azevedo e Santos (2018, p. 66):

ISBN: 978-85-7822-205-5

> [...] uma ação de linguagem que remete a uma oposição discursiva – gerando interdependência entre os sujeitos em função da polarização das posições enunciativas – [...] possibilita uma expressão discursiva que representa um acontecimento particular, marcado historicamente e pelas relações de poder estabelecidas socialmente.

Com base nessa noção de linguagem argumentativa, observamos que os conteúdos e valores argumentativos estão ligados às discordâncias, que são produtivas na retórica do cotidiano. Assim, "acredita-se que a proporção de confronto, de jogo entre discursos e contra discurso, que aponta a simetria intrínseca entre argumentação e estratégia, não obscurece nem dissocia da retórica" (GRÁCIO, 2013, p. 28). Pelo contrário, a argumentação torna-se a disciplina crítica de leitura e interação entre as perspectivas inerentes à discursividade, na qual a divergência permite aos argumentadores tematizar pontos específicos ligados a um assunto em questão, em alinhamento com Grácio (2013, p. 47).

2. Metodologia

A fim de realizar um estudo exploratório que favoreça o aperfeiçoamento entre o pesquisador com o objeto a ser pesquisado, optou-se por realizar uma pesquisa bibliográfica e documental que tem "[...] como objetivo principal o aprimoramento de ideias ou a descoberta de intuições" (GIL, 2002, p. 1). Assim, este estudo busca trazer questões sobre o tema a ser trabalhado, oferecendo às investigadoras os meios para identificar os aspectos que serão executados durante a pesquisa.

A partir dessa concepção, neste trabalho, buscamos observar um objeto de estudo, o canal do YouTube "Jout Jout Prazer", com o objetivo de averiguar como o meio audiovisual é capaz de persuadir seus seguidores fazendo-os mudar de opiniões. Também foram realizados levantamentos bibliográficos que colaboraram com as análises para que pudessem contribuir com a discussão da problemática proposta pelo canal.

Para compreender de maneira eficaz o assunto a ser analisado, esta pesquisa se baseia em uma abordagem qualitativa. "A análise qualitativa depende de muitos fatores, tais como a natureza dos dados coletados, a extensão da amostra, os instrumentos de pesquisa e os pressupostos teóricos que nortearam a investigação" (GIL, 2002, p. 133).

Dessa forma, a partir da pesquisa documental pretende-se compor uma análise dos mais diversos materiais e formatos, e, é por meio dela que poderemos identificar, checar e analisar o material escolhido para pesquisa, visto que

ISBN: 978-85-7822-205-5

> [...] na pesquisa documental, as fontes são muito mais diversificadas e dispersas. Há, de um lado, os documentos "de primeira mão", que não receberam nenhum tratamento analítico. Nesta categoria estão os documentos conservados em arquivos de órgãos públicos e instituições privadas, tais como associações científicas, igrejas, sindicatos, partidos políticos etc. Incluem-se aqui inúmeros outros documentos como cartas pessoais, diários, fotografias, gravações, memorandos, regulamentos, ofícios, boletins etc (GIL, 2002, p. 46).

Como os vídeos coletados são documentos “de primeira mão”, aprofundar as características da pesquisa documental foi essencial para a escolha dos dados, pois por meio dela foi possível checar os recursos oferecidos constituir a análise.

Em relação à seleção dos vídeos, no primeiro momento, partimos dos canais encontrados no YouTube. A coleta dos vídeos foi realizada entre os dias 29 a 31 de agosto de 2019. Em seguida, foi feito a seleção dos vídeos baseados no critério de inclusão e exclusão de temáticas que abordassem aspectos atuais direcionados aos aspectos afetivos. Optamos por este critério, pois permite observar as relações entre os aspectos individuais e retóricos. Após o levantamento e escolha dos vídeos, partimos para a sistematização e categorização, conforme o objetivo da pesquisa em curso, buscando conhecer os aspectos argumentativos e persuasivos envolvidos nos discursos em circulação no ambiente digital.

3. Análises

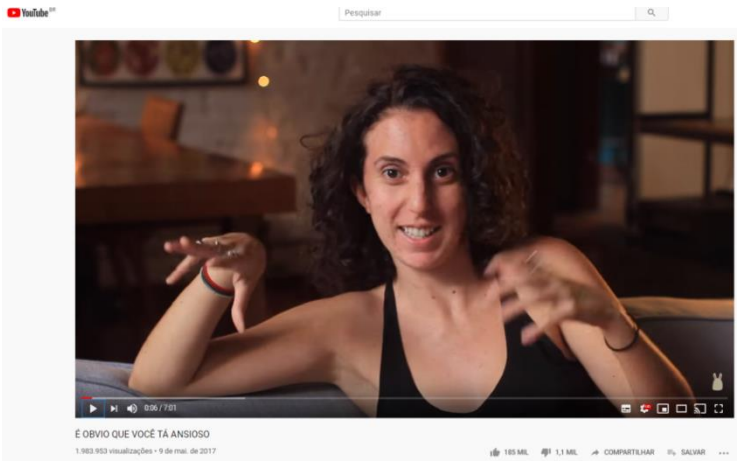
Com base nos aspectos selecionados para esta pesquisa, foi identificada a importância em analisar as transformações sociais que os recursos digitais podem provocar no auditório (público-alvo do canal do YouTube). De modo que serão considerados como suportes que contribuem para as relações sociais no âmbito informativo, educacional e afetivo. Um dos critérios atribuídos para esta análise foi a escolha de um *vlogueiro* que tivesse um número significativo de seguidores e visualizações expressivas. Outro ponto levado em conta foi se as temáticas abordam a diversidade e a inclusão, em função das características próprias do meio digital.

Análise 1: É óbvio que você tá ansioso

ISBN: 978-85-7822-205-5

O YouTube possibilita aos internautas acesso a diversas temáticas por meio de visualizações e compartilhamento de vídeos que favorecem a interação social. O vídeo "É óbvio que você tá ansioso", a ser analisado, foi publicado em 09 de maio de 2017, com duração de 7 minutos e 1 segundo. A partir desse material será possível observar os aspectos argumentativos e persuasivos construídos pela Youtuber "Jout Jout" ao argumentar em torno de conteúdos escolhidos especificamente para um sujeito alvo que se identifica com o canal e a temática.

Figura 1 – Ansiedade em pauta

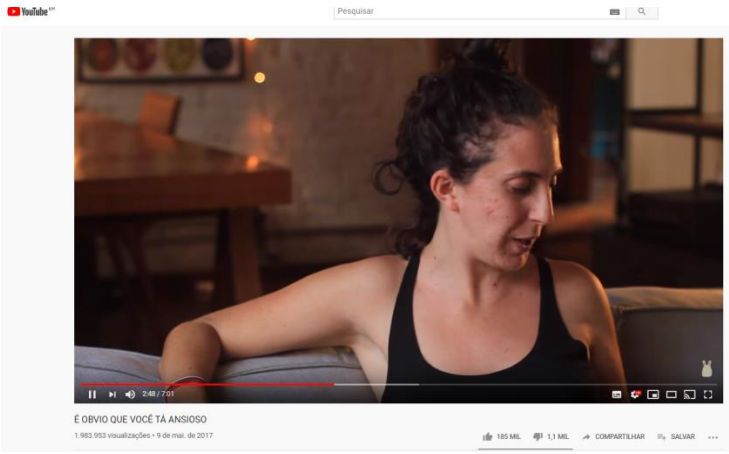


Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=vLI_Dn258ug&t=323s

Na primeira parte do vídeo, a oradora apresenta os argumentos que fundam a estrutura da realidade do ansioso, utilizando ilustrações de atitudes que uma pessoa ansiosa costuma ter diante de mundo cheio de cobranças e comparações. Ela constrói analogias que aproximam seu raciocínio de situações de sua própria realidade, que podem ser identificada pelo auditório. Jout Jout recorta para seu auditório diversas situações ligadas às experiências vividas por ela e por uma boa parte da sociedade, como "ter um namorado", "fazer uma faculdade", "ter emprego", "ganhar bem", "ajudar o próximo" entre outros. Essas informações são passadas verbalmente e de forma gestual e expressiva de maneira a intermediar o assunto em discussão, isto é, a oradora destaca quais serão suas ações no discurso, tentando estabelecer de imediato um contato com o seu auditório empregando a figura de comparação intencionalmente para reforçar seu objetivo. Ela, portanto, direciona o auditório para as informações que importam em seu discurso com intuito de persuadir seus seguidores ao aceitar sua fala.

Figura 2– Realidade em comum

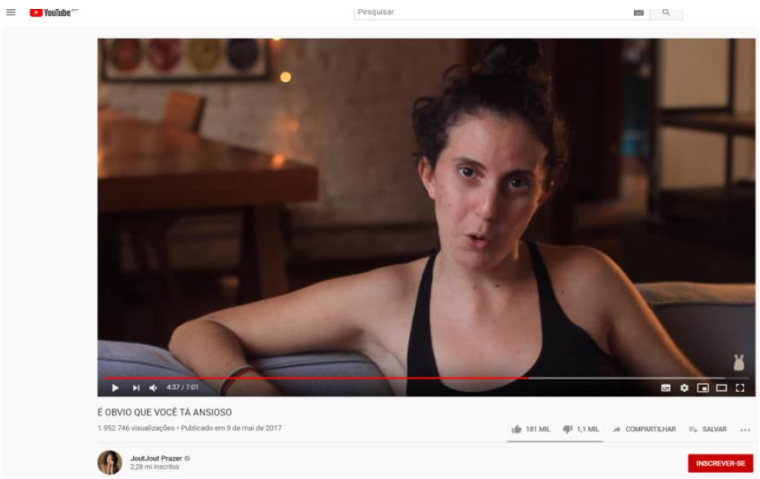
ISBN: 978-85-7822-205-5



Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=vLI_Dn258ug&t=323s

Na segunda parte, a oradora faz referência de um amigo ao indicar um "ser ansioso", como uma forma de ilustração para reforçar sua ideia, dentro da área em que constrói seu discurso, ou seja, em relação às expectativas que nos cercam o tempo todo. A oradora utiliza, nesta parte do vídeo, a seguinte expressão "Se você tá ansioso, trata isso, no nível pesadão...Vamos falar com um psicólogo", este argumento usado por Jout Jout, faz remissão a um discurso científico para compor um argumento de autoridade em favor da tese que ela pretende defender diante de seu auditório, além de apontar o caminho que se deve seguir, caso as "expectativas" não estejam controladas quando não se quer gerar mais ansiedades.

Figura 3 – Padrões



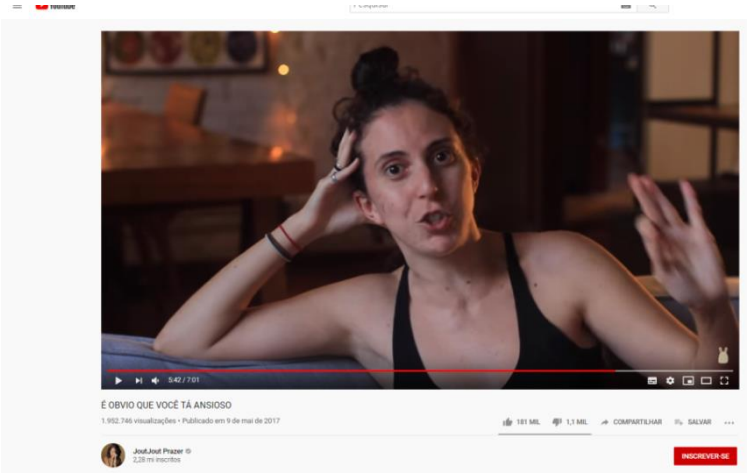
Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=vLI_Dn258ug&t=323s

Na terceira parte do vídeo, a oradora aponta situações em relação à insatisfação dos padrões de beleza "a vida inteira você recebeu estímulos de todo os lugares para você ficar

ISBN: 978-85-7822-205-5

insatisfeita com o seu corpo". A partir desse questionamento, Jout Jout destaca fatos que justificam a não aceitação do corpo, mostrando que isso ocorre de forma intencional, o que leva o auditório a entender as causas para que o padrão do corpo ideal prevaleça: "Olha os clipes da Britney Spears e Jhenifer Lopes, a barriga delas era a que eu queria". Dessa forma, ela determina o efeito e a apreciação dos fatos, referente aos padrões de beleza, ainda existentes na sociedade, tentando relacionar uma situação particular com a persistência de padrões na sociedade.

Figura 4– Expectativas



Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=vLI_Dn258ug&t=323s

Nos minutos finais do vídeo, a oradora propõe aos seus seguidores um argumento pragmático, levando em consideração o que é favorável ou desfavorável em relação à tese proposta por ela. Assim, sugere para o auditório diminuir as expectativas e aceitar que é possível viver melhor, juízo apresentado para que todos possam alcançar seus interlocutores.

Portanto, a partir dessa análise, percebe-se que por meio da socialização é possível persuadir o auditório frente a uma tese apresentada, defendida e discutida durante todo o vídeo.

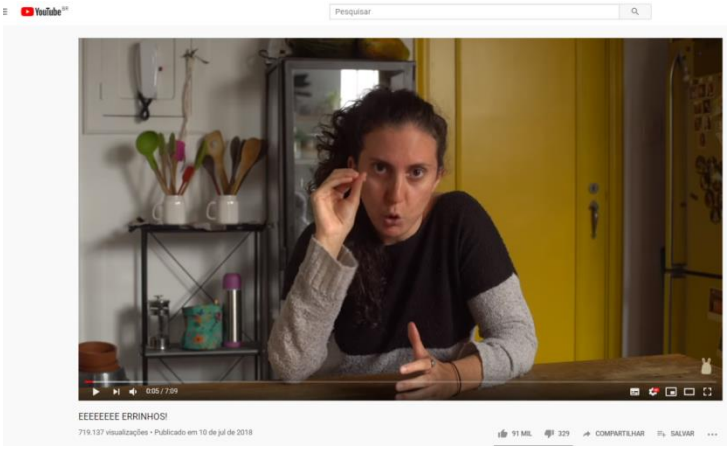
Análise 2: EEEEEEEE ERRINHOS!

A análise do vídeo "EEEEEEEE ERRINHOS!", do canal Jout Jout Prazer, foi publicado em dez de julho de 2018, com duração de 7 minutos e 10 segundo. Por meio dele, pretende-se analisar como a influenciadora utiliza aspectos argumentativos e persuasivos, para produzir um discurso que possa atingir a adesão do auditório, apoiando-se na proximidade e confiança constituída para seu público.

ISBN: 978-85-7822-205-5

A oradora produz argumentos apropriados para influenciar seu auditório com espontaneidade. A busca por expressões adequadas para alcançar seu público tem estilo coloquial, por isso a youtuber intercala as palavras com gestos e repetições, relacionando-as com frases metafóricas. Ao longo do vídeo, Jout Jout demonstra autonomia em relação aos assuntos que envolvem os sentimentos humanos, buscando conectar-se com o auditório e procura se apropriar de temas variados e, com isso, atinge seu objetivo especifico por meio da articulação entre estratégias argumentativas.

Figura 5 – O poder persuasivo

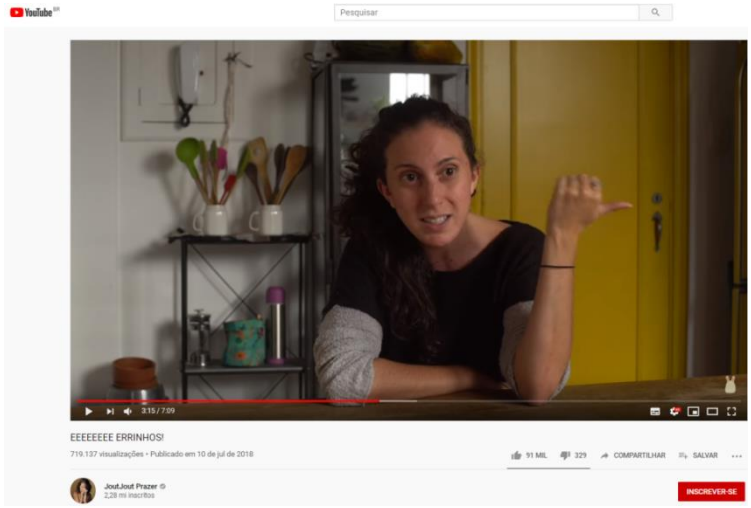


Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=uzObcIfqHqo

Logo na primeira fala: “esse é um vídeo que vai passar por muitas etapas, então se concentra!”, Jout Jout utiliza seu poder de influenciadora para dar ênfase ao discurso proferido, com imagens, gestos, entonação que se associam ao léxico, visando a alcançar o objetivo pretendido com seu discurso e, assim, ser aceita pelo auditório. A youtuber, então, chama a atenção dos seus seguidores que são atraídos por suas temáticas e pelo modo como compõe sua argumentação.

ISBN: 978-85-7822-205-5

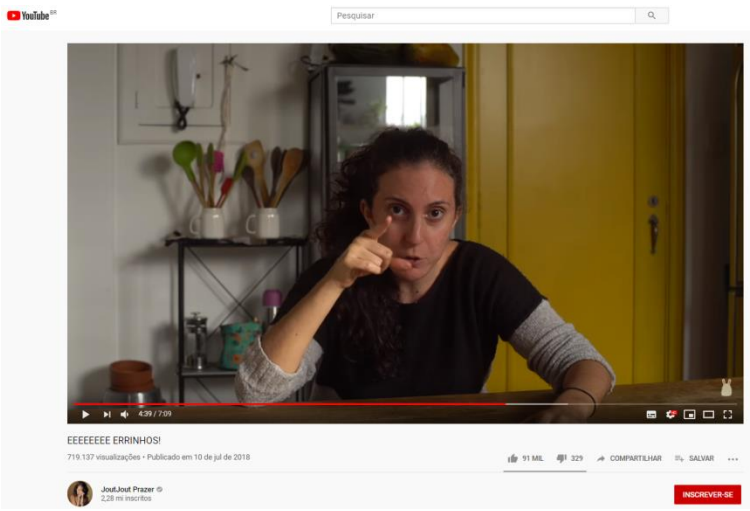
Figura 6 – Seus dilemas como ilustrações



Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=uzObcIfqHqo

Nessa parte do vídeo, a oradora reúne as seguintes expressões: “Nossa relação esquisita com o erro”, “e aí, por causa disso, nós temos Post-it”... “Nós temos a minha carreira no YouTube, que só aconteceu porque tudo deu errado no que eu tinha planejado”. Com isso, a oradora, com intenção de persuadir seu auditório, incorpora em sua fala alguns acontecimentos da vida comum e estabelece relações com uma situação particular vivida por ela em comparação com outra situação particular, com intuito de comover seu auditório, visando a obter sucesso, ou seja, ter a aceitação do público frente a temática proposta por ela. Assim, compreendemos como a argumentação pode fundamentar a estrutura do real.

Figura 7 – Segurança nas atitudes



ISBN: 978-85-7822-205-5

Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=uzObcIfqHqo

Em seguida, a youtuber utiliza a seguinte expressão “O erro pode fechar portas, mas pode também abrir outras, então fique atento para essas novas portas”. Com isso, ela se apropria de um processo argumentativo baseado na verossimilhança dos possíveis acontecimentos, isto é, ao trazer abordagens sobre a importância de traçar planejamentos em relação aos padrões sociais, Jout Jout destaca que há imposições externas, mas também existem metas pessoais que podem ser alcançadas.

Figura 8 - Aceitação

Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=uzObcIfqHqo

Nos minutos finais do vídeo, a youtuber conclui: “a vida é um aprendizado, então aprenda com os erros”. Nessa parte do vídeo, a oradora dá ênfase aos recursos persuasivos voltados à afetividade. Nesse contexto discursivo, ela se adapta a uma abordagem retórica, fundada no raciocínio comparativo, tendo como características marcantes expressões corporais e a escolha do repertório lexical adequado para intensificar sua influência e obter o convencimento no plano discursivo, o que ultrapassa o cenário conceitual da argumentação, pautado pelo raciocínio lógico, visando à ênfase dos mecanismos sociais comuns.

Considerações finais

Ao longo deste estudo, percebemos que, na sociedade contemporânea, o desenvolvimento e as articulações da retórica com a comunicação audiovisual e a crescente adesão aos *influencers* no âmbito digital geram uma série de transformações na comunidade

ISBN: 978-85-7822-205-5

que frequenta os espaços disponíveis na internet, gerando o poder de persuadir as pessoas por meio de publicações organizadas com base em propósitos comunicativos específicos.

Assim, observou-se como a youtuber faz uso da retórica argumentativa, articulando, manipulando o raciocínio e a afetividade com a persuasão, à proporção que conseguiu refinar o olhar para esquematizar as estratégias linguístico-discursivas. Ao analisar as relações de sentido que vão sendo construídas e os possíveis efeitos de aceitação com seus seguidores, pudemos perceber que, por meio de réplicas, a oradora norteia sua percepção.

Portanto, esta pesquisa contribui para o entendimento das estratégias identificadas nas abordagens utilizadas nos discursos argumentativos, oriundos de paradigmas cognitivos, pois o contexto retórico é um contexto de esclarecimento e crítica, e, é necessário encontrar uma razão para justificar a escolha dos termos usado nas linguagens, assinalando a não neutralização da posição do orador, e, por conseguinte, articulação dos argumentos nos meios audiovisuais.

Referências

AZEVEDO, Isabel; SANTOS, Emilly Silva. *Desenvolver a competência argumentativa na escola*: um desafio para o professor de língua portuguesa. ed. Coimbra, 2018. p. 63-80.

GIL, Antonio C. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GOMES, Helton Simoes. *Brasil tem 116 milhões de pessoas conectadas à internet, diz IBGE*. Disponível em:<https://g1.globo.com/economia/tecnologia/noticia/brasil-tem-116-milhoes-de-pessoas-conectadas-a-internet-diz-ibge.ghtml>. Acesso em: 16 set. 2019.

Grácio, Rui Alexandre. *Perspetivismo e argumentação*. São Paulo: abril, 2013.

PLANTIN, Christian. *A argumentação*: História, teorias, perspectivas. Trad. Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola editorial, 2008.

PERELMAN, C.; OLBRECHTS-TYTECA, L. *Tratado da Argumentação*: a Nova retórica. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

ROQUE, Georges. *Prolegômenos à análise da argumentação visual*. Disponível em:< http://periodicos.uesc.br/index.php/eidea/article/view/1327>. Acesso em: 05 set. 2019.

YOUTUBE. É obvio que você tá ansioso. Disponível em:< https://bit.ly/33SMOT7>. Acesso em: 16 set. 2019.

YOUTUBE. EEEEEEEE ERRINHOS! Disponível em:< https://bit.ly/2VZPjjq>. Acesso em: 16 set. 2019.

ISBN: 978-85-7822-205-5

A PESQUISA-AÇÃO COMO MÉTODO DE PESQUISA DA LINGUÍSTICA – O CASO DO ISF-UFS

Autora: Sanmires Santos Souza
Graduando em Letras- Inglês pela Universidade Federal de Sergipe
Bolsista PIAEX (Proex - UFS)
sanmiressouza@gmail.com

Orientadora: Prof. Dr. Elaine Maria Santos (DLES/UFS)

Introdução:

O programa Idiomas sem Fronteiras (IsF) na Universidade Federal de Sergipe tem sido um espaço em que ensino, extensão e pesquisa se encontram. A preocupação com a qualidade e o alcance das aulas é um das diretrizes que permeiam o programa. Desse modo, muito tem se pensado e questionado acerca da formação dos professores-bolsistas que participam do programa, do trabalho teórico que fornece suporte para a ação dos professores-bolsistas, de como o material usado em sala de aula tem sido recebido pelos alunos do programa e como melhorar as práticas pedagógicas para tornar o ensino mais significativo. Nesse contexto, percebeu-se que a teoria da pesquisa-ação é uma das maneiras pela qual se tem observado as questões acima levantadas. Neste trabalho, propomos-nos a verificar o quanto a teoria da pesquisa-ação está presente nas práticas pedagógicas e de pesquisa no Programa, analisando de maneira quantitativa os trabalhos de pesquisa produzidos por aqueles que fazem parte do programa.

O programa Idiomas sem Fronteiras

Em 2012, o Ministério da Educação (MEC), em parceria com a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), através da Portaria Normativa 1.466/2012 MEC/SESu, instituiu o Programa Inglês sem Fronteiras para dar suporte ao Programa Ciência sem Fronteiras (CsF)[45]. Uma vez que os estudantes universitários que

[45] O Programa Ciências sem Fronteiras instituído em 13 de dezembro de 2011 através do Decreto n° 7642 "com o objetivo de propiciar a formação e capacitação de pessoas com elevada qualificação em universidades,

ISBN: 978-85-7822-205-5

participariam do CsF foram selecionados, percebeu-se que a língua poderia ser uma barreira para o desenvolvimento das atividades nas universidades estrangeiras em que a língua nativa era o inglês, assim o Inglês sem Fronteiras surgiu para capacitar linguisticamente os alunos selecionados para o CsF.

Em 2014, o Inglês sem Fronteiras foi ampliado pela portaria n° 973/2012 MEC/SESu, passou a incluir outros idiomas e a chamar-se Idiomas sem Fronteiras (IsF). Consequentemente, os estudantes, desde então, têm a possibilidade de estudar outras línguas estrangeiras, além do inglês.

Em 2016, o programa IsF foi mais uma vez reconfigurado. Com a Portaria Normativa nº30/2016 MEC/SESu o programa ampliou os objetivos para tratar de questões relacionadas com a política linguística do país e a formação inicial dos professores-bolsistas. Dessa forma, pode-se afirmar que o IsF tem a finalidade de

> propiciar a formação inicial e continuada e a capacitação em idiomas de estudantes, professores e corpo técnico-administrativo das Instituições de Educação Superior – IES Públicas e Privadas e da Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica – RFEPCT, de professores de idiomas da rede pública de Educação Básica, bem como a formação e a capacitação de estrangeiros em língua portuguesa, contribuindo para o desenvolvimento de uma política linguística para o país. (Portaria Normativa nº30/2016)

Outra questão que ganhou destaque com a reformulação de 2016 foi o processo de internacionalização das IES, que já tinha sido implementada a com portaria de 2014, uma vez que no Art. 2° - III fica evidente que o IsF visa "contribuir para o processo de internacionalização dos institutos de educação superior e centros de pesquisa" (BRASIL, 2014, s/p). Nesse processo, o IsF cresceu, ampliou, deixou de ser um complemento do CsF e adquiriu independência e objetivos próprios.

Além dos cursos presenciais, os alunos têm acesso a um curso de inglês on-line, o MyEnglishOnline, em que, por intermédio de uma plataforma digital, eles podem desenvolver atividades que compreendem as quatro habilidades linguísticas – Reading, Speaking, Writing and Listening – com atividades pensadas de acordo com nível de cada um. Os alunos também podem fazer o teste de proficiência em Língua Inglesa TOEFL – ITP, cujo resultado pode ser

instituições de educação profissional e tecnológica, e centros de pesquisa estrangeiros de excelência, além de atrair para o Brasil jovens talentos e pesquisadores estrangeiros de elevada qualificação, em áreas de conhecimento definidas como prioritárias" (Brasil, 2011). O programa foi encerrado em 2016.

ISBN: 978-85-7822-205-5

usado para comprovar o conhecimento de inglês para programas de pós-graduação e de mobilidade acadêmica.

Ainda é possível desenvolver ações com os English Teaching Assistants (ETAs), intercambistas dos Estados Unidos que vão para as IES contribuir com as atividades linguísticas. O programa ETAs é resultado de uma parceria entre a programa de intercâmbios norte-americano Fullbright e o MEC.

Na Universidade Federal de Sergipe (UFS), o programa IsF iniciou em 2014. A princípio o IsF – UFS trabalhava apenas com a língua inglesa. Hoje oferece cursos presenciais de Inglês, Espanhol, Francês e Português como Língua Estrangeira (PLE) e já conta com 276 cursos oferecidos[46].

Para escopo deste trabalho, focaremos a nossa atenção no processo de formação inicial dos professores-bolsistas do Isf – UFS do núcleo de Língua Inglesa, que atualmente conta com uma equipe de um coordenador geral, um coordenador pedagógico e seis professores bolsistas.

A pesquisa-ação e a metodologia do IsF - UFS

No núcleo de Inglês do IsF – UFS, a formação inicial dos professores-bolsistas é um dos pilares das atividades desenvolvidas. Isso se dá, principalmente, de duas maneiras, através de estudos teóricos que contribuem para o enriquecimento do conhecimento do professor-bolsista e a tomada de decisões metodológicas, e a partir da preparação e análise das aulas ministradas nos cursos presenciais.

No que se refere à metodologia adotada, a corrente do Pós-Método, defendida por Kumaravadivelu(1994, 2013) é a que se destaca. Segundo essa corrente, não existe metodologia definitiva para o ensino de língua estrangeira, assim:

> Tendo testemunhado como os métodos passam por ciclos intermináveis de vida, morte e renascimento, agora parecemos ter atingido um estado de consciência intensificada - uma consciência de que, enquanto estivermos presos na teia do método, continuaremos a nos enredar numa busca incessante por uma solução indisponível, uma consciência de que tal busca nos leva a reciclar e re-embalar continuamente as mesmas velhas ideias e uma consciência de que nada menos do que quebrar o ciclo pode salvar a situação[47] (KUMARAVADIVELU, 1994, p. 32).

[46] Dados fornecidos pela coordenação do programa IsF – UFS e que engloba cursos oferecidos até agosto de 2019.

[47] *Having witnessed how methods go through endless cycles of life, death, and rebirth, we now seem to have reached a state of heightened awareness - an awareness that as long as we are caught up in web of method, we will continue to get entangled in an unending search for an unavailable solution, an awareness that such a search*

ISBN: 978-85-7822-205-5

No contexto do Pós-Método, o professor é livre para fazer a escolha de qual ou quais métodos e técnicas utilizar em sala de aula. Para isso, ele deve considerar o contexto em que cada aula será ministrada, o perfil dos alunos que compõem a turma e os objetivos que se deseja alcançar em cada aula. O professor, então, precisa conhecer os diferentes métodos e técnicas de ensino para que possa escolher aqueles que melhor se adequam aos mais variados contextos de sala de aula, permitindo que o processo de ensino-aprendizagem se dê atendendo às especificidades de cada grupo, promovendo um ambiente de ensino comunicativo e possibilitando o aprendizado da gramática de forma indutiva (KUMARAVADIVELU, 2003).

A teoria do Pós-Método inclui nas atividades docentes um momento de reflexão sobre a própria prática docente, em que o professor deve ser capaz de teorizar sobre suas práticas e de praticar as suas teorias (KUMARAVADIVELU, 1994). Os professores são convidados a analisar o trabalho que vem desempenhando, verificar aquilo que foi eficiente e o que precisa ser melhorado e reestruturar a sua ação pedagógica para suprir as falhas percebidas.

Nesse sentido, o Pós-Método se alinha com a teoria da pesquisa-ação, que traz uma proposta semelhante no que se refere à auto análise da prática docente, mas ressaltando a proposta da pesquisa.

Entendemos que a "Pesquisa-ação é um termo para um conjunto de abordagens de pesquisa que, ao mesmo tempo investigam sistematicamente uma dada situação social e promovem mudança democrática e participação colaborativa[48]" (BURNS, 2015, p. 187). O objetivo da pesquisa-ação, então, é entender o funcionamento de determinados contextos sociais para que se possa promover mudanças significativas e que venham a contribuir para o aprimoramento desse contexto, uma vez que o agente desse estudo está intrinsecamente relacionado com o contexto alvo.

No ambiente da sala de aula, Menezes (2019) aponta que "A pesquisa-ação em linguística aplicada é feita por um professor pesquisador ou por um pesquisador em colaboração com um ou mais professores, visando compreender e melhorar um ambiente escolar" (MENEZES, 2019, p. 73). A pesquisa-ação pode ser aplicada para tentar solucionar problemas identificados em sala de aula; melhorar a prática docente ou ainda analisar a eficiência de

drives us to continually recycle and repackage the same old ideas and an awareness that nothing short of breaking the cycle can salvage the situation (Texto original. Tradução minha)

[48] AR (Action Research) is the superordinate term for a set of approaches to research which, at the same time, systematically investigate a given social situation and promote democratic change and collaborative participation. (Texto original. Tradução minha.)

ISBN: 978-85-7822-205-5

determinadas abordagens. É realizada através de um processo cíclico de – PLANEJAMENTO – AÇÃO – OBSERVAÇÃO – REFLEXÃO, como descrito na imagem a seguir:

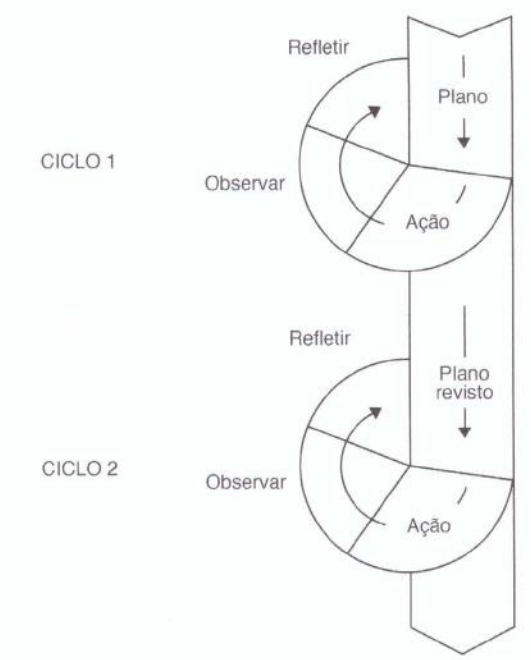


Figura 1: Ciclo da Pesquisa-ação - BURNS, 2010. *IN:* MENEZES, 2019, p. 77

A pesquisa-ação então é um processo contínuo de análise, pesquisa e ação que busca entender e melhorar a sala de aula e que proporciona desenvolvimento para o professor e melhoria das atividades desenvolvidas em sala de aula. Como apontado

> A pesquisa-ação pode ser uma busca que vale à pena para os educadores por várias razões. O principal deles é simplesmente o desejo de saber mais. Afinal, bons professores são eles mesmos alunos e frequentemente buscam maneiras de expandir seus conhecimentos existentes (FERRANCE, 2000, p. 13).[49]

A pesquisa-ação no IsF – UFS

Como uma das diretrizes que guia a ação dos membros do núcleo de Inglês do IsF – UFS é oferecer cursos significativos e que venham a fazer diferença na formação dos alunos, no que se refere à vida acadêmica e a internacionalização, e levando em consideração a base

[49] Action research can be a worthwhile pursuit for educators for a number of reasons. Foremost among these is simply the desire to know more. Good teachers are, after all, themselves students, and often look for ways to expand upon their existing knowledge. (Texto original. Tradução minha.)

ISBN: 978-85-7822-205-5

metodológica adotada, que permite a formação de professores crítico-reflexivos, é de se esperar que técnicas de pesquisa como a da pesquisa-ação estejam presentes no cotidiano dos participantes do programa.

Tentando verificar esta hipótese, voltamos- nos para os trabalhos de pesquisa realizados pela equipe do IsF – , para verificar a quantidade de trabalhos desenvolvidos sobre o prisma da pesquisa-ação.

No primeiro momento desta análise, fizemos o levantamento das produções realizadas pelos membros do núcleo de Inglês do IsF – UFS. Esse levantamento resultou em um número de 41 trabalhos identificados, envolvendo produções de professores-bolsistas e coordenadores do Programa. Entre eles, artigos publicados em livros, revistas ou anais de eventos; projetos de iniciação científica (PIBIC) e apresentações/comunicações em eventos.

A seguir, dispomos o número de trabalhos produzidos ao longo dos anos de existência.

Ano	Número de publicações
2013	1
2014	3
2015	8
2106	6
2017	6
2018	7
2019	10

Tabela 1: Publicações por ano do programa IsF
Fonte: Arquivo do IsF-UFS

Podemos observar que, com exceção de 2015, que registra um maior número de publicações, os trabalhos foram ficando mais numerosos ao longo dos anos.

Na segunda etapa da análise, identificamos os trabalhos, dentre os 41 encontrados previamente, que são produzidos a partir da teoria da pesquisa-ação. Analisamos, então, os títulos dos trabalhos produzidos, buscando encontrar indícios que mostrassem que eles seguiam essa metodologia de pesquisa. Ainda que nenhum trabalho explicitamente trouxesse a palavra "pesquisa-ação" no título, foram filtrados aqueles que abordavam as temáticas presentes em uma análise feita a partir desse método. As seguintes ideias-chaves foram usadas como filtro: análise de aulas – estudo de caso – sala de aula – material didático – exemplo de aula.

A análise resultou em um total de 16 trabalhos de pesquisa em que questões de sala de aula são consideradas e analisadas. Essas pesquisas estão dispostas na lista a seguir:

ISBN: 978-85-7822-205-5

1. GOMES, Rodrigo Belfort. Programa Inglês sem Fronteiras na Ufs: primeiros resultados. In: 16ª Semana de Pesquisa da Universidade Tiradentes, 2014, Aracaju. **Anais da 16ª Semana de Pesquisa da Universidade Tiradentes**, Aracaju, 2014.
2. MANZ JUNIOR, Jacques Rudolf; OLIVEIRA FILHO, Sérgio Murilo Fontes. O ISF e atividades de leitura: trabalhando com projetos. In: **VI Encontro de Pós-Graduação em Letras**, 2015, São Cristóvão. ENPOLE - VI Encontro de Pós-Graduação em Letras, 2015. p. 112-113 (Apresentação de Trabalho/Comunicação).
3. OLIVEIRA FILHO, Sérgio Murilo Fontes; MANZ JUNIOR, Jacques Rudolf. NucLi/UFS: análises e propostas. **VI Encontro de Pós-Graduação em Letras**, 2015, São Cristóvão. ENPOLE - VI Encontro de Pós-Graduação em Letras, 2015. (Apresentação de Trabalho/Comunicação).
4. SANTOS, Elaine Maria; GOMES, Rodrigo Belfort. Trabalhando a identidade nas aulas do Idiomas sem Fronteiras - Inglês. In: XI Congresso Brasileiro de Linguística Aplicada, 2015, Campo Grande. **Anais do XI Congresso Brasileiro de Linguística Aplicada**, 2015. p. 1686-1695.
5. SANTOS, Luana Inês Alves; PAIXÃO, Elisson Rodrigues. A Motivação e o Aprendizado da Língua Inglesa no Contexto do Programa Inglês sem Fronteiras. In: **III Seminário Formação de Professores e Ensino de Língua Inglesa**, 2015, São Cristóvão. Resumos das Comunicações, 2015. p. 43-43.
6. OLIVEIRA, Hellen Luciana; BEZERRA, Flávio Soares. Games and the Affective Factor in the Language Acquisition Process: the ISF UFS Case. **V Jornada Nacional de Professores de Línguas e IV Encontro Internuclis ISF**, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa 2016. (Apresentação de Trabalho/Comunicação).
7. OLIVEIRA FILHO, Sérgio Murilo Fontes de; SANTOS, Luana Inês Alves. O Programa Inglês sem Fronteiras na UFS: Ensino Comunicativo e Letramento Crítico. In: **X Colóquio Internacional 'Educação e Contemporaneidade'**, 2016, São Cristóvão. Anais Online - Eixo 11. Educação, Sociedade e Práticas Educativas, 2016.
8. SANTOS, Luana Inês Alves; OLIVEIRA FILHO, Sérgio Murilo Fontes de. Compreensão e Produção Oral através de TED Talks no Programa Inglês sem Fronteiras UFS: uma Análise do Letramento Crítico na Sala de Aula. In: **X Colóquio Internacional 'Educação e Contemporaneidade'**, 2016, São Cristóvão. Anais Online - Eixo 11. Educação, Sociedade e Práticas Educativas, 2016.

ISBN: 978-85-7822-205-5

9. SANTOS, Luana Inês Alves; OLIVEIRA FILHO, Sérgio Murilo Fontes de. TED Talks and the English Teaching in the Languages without Borders at UFS. 2016. **V Jornada Nacional de Professores de Línguas e IV Encontro Internuclis ISF**, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa (Apresentação de Trabalho/Comunicação).
10. SANTOS, Elaine Maria; GOMES, Rodrigo Belfort. Gamification e o Inglês sem Fronteiras na UFS: preparação de materiais em foco. In **AILA – 18th World Congress of Applied Linguistics**, Rio de Janeiro, 2017. (Apresentação de trabalho)
11. SANTOS, Elaine Maria; GOMES, Rodrigo Belfort. Let the games begin: Gamification in the English Language Classroom. In **EFOPLI**: Espaços para a Formação do Professor de Língua Inglesa, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2017. (Oficina)
12. SANTOS, Iane Silva; OLIVEIRA JÚNIOR, Franklin; OLIVEIRA, Hellen Luciana. Class Preparation as a tool to avoid dropouts: EWB-UFS. In: **I InterNucLi/NE**, Universidade Federal de Pernambuco, 2017 (Apresentação de Trabalho/Seminário).
13. SOUZA, Sanmires Santos. Pesquisa e coleta de dados do Programa Inglês sem Fronteiras da UFS: **O Ensino de inglês no Programa Inglês sem Fronteiras**: análise metodológica. Projeto de Iniciação Científica PIBIX, UFS, 2017.
14. SANTOS, Iane Silva. Inglês Sem Fronteiras na UFS: analisando a motivação e o absenteísmo nos cursos presenciais. In: **IV Seminário de Formação de Professores e Ensino de Língua Inglesa**, 2018, São Cristóvão, SE. Anais eletrônicos [...]. São Cristóvão, SE: LINC/UFS, 2018. p. 356-368.
15. SANTOS, Elaine Maria; GOMES, Rodrigo Belfort. "Best Practices" no Inglês sem Fronteiras UFS: um caso de sucesso. In: **Encontro Regional de NucLi (Nordeste) do Programa Idiomas sem Fronteiras**, 2019. (Conferência).
16. SILVA, Nayara Stefanie Mandarino. Working with videos in the English language class: from the EWB to public schools. **Encontro Paraibano de Professores de Inglês**, 2019 (Oficina).

Podemos perceber como a produção desses trabalhos foi distribuída ao longo dos anos de acordo com a tabela abaixo:

Ano	Número de publicações
2013	0

ISBN: 978-85-7822-205-5

2014	1
2015	4
2106	4
2017	4
2018	1
2019	2

Tabela 2: Publicações do IsF-UFS usando pesquisa-ação por ano.
Fonte: Arquivos do IsF-UFS

Podemos observar que houve um número maior de trabalhos realizados entre os anos de 2015 e 2017, embora a produção usando a teoria da pesquisa-ação esteja presente em todos os anos, exceto em 2013, o que se justifica pelo fato de os cursos presenciais programa IsF só terem sido implementados no ano seguinte.

Tentando ainda traçar o perfil dos pesquisadores que realizaram esses trabalhos, chegamos ao gráfico abaixo:

Gráfico 1: Perfil dos Pesquisadores do Núcleo do Isf-UFS
Fonte: Arquivos do Isf-UFS

Este gráfico nos permite dizer que a preocupação com a análise das aulas e a pesquisa sobre elas não é apenas dos professores-bolsistas que estão diariamente em sala de aula, mas também, dos coordenadores do programa que participam da preparação desses professores e analisam o funcionamento do Programa sob a perspectiva da coordenação, que é responsável pela formação de professores.

Propomo-nos ainda a analisar um último ponto, a temática em foco nos trabalhos desenvolvidos e chegamos ao resultado exposto abaixo:

ISBN: 978-85-7822-205-5

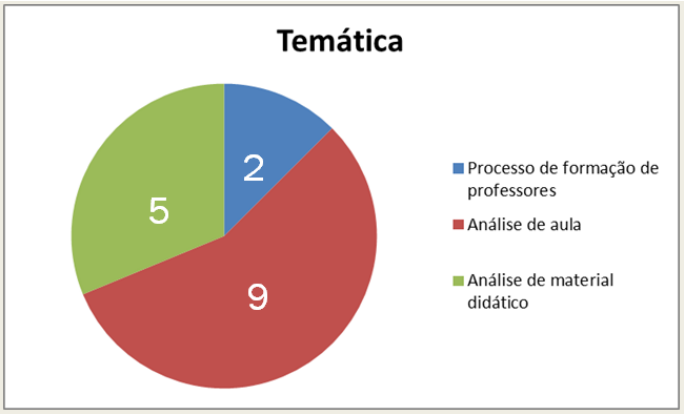


Gráfico 2: Temas abordados pelas pesquisas desenvolvidas pelos membros do do Isf-UFS
Fonte: Arquivos IsF-UFS

Esse segundo gráfico nos mostra que a sala de aula é o foco que mais se destaca nas pesquisas, embora os outros temas contribuam com um número significativo de produções desenvolvidas.

Considerações Finais

A partir na nossa análise pudemos constatar que o método da pesquisa-ação está presente na produção acadêmica realizada pelo núcleo de Inglês do IsF –UFS, uma vez que um número significativo de trabalhos é produzido anualmente de acordo com essa metodologia de pesquisa.

Esse resultado está em consonância com os objetivos do Programa e o modo pelo qual coordenadores e professores desenvolvem seus trabalhos. De acordo com a Portaria Normativa nº 30, de 28 de janeiro de 2016(BRASIL, 2016), o IsF se constitui em um Programa de Formação Docente, dedicado ao ensino de línguas estrangeiras, com foco na vivência acadêmica e na internacionalização. Assim sendo, é esperado que o Programa, que investe na pesquisa científica sobre as ações desenvolvidas, dedique um espaço da sua pesquisa para análise dos processos educacionais e formativos desenvolvidos, de modo que observações, reflexoẽs e ações possam ser colocadas em prática, conforme destacado na Figura 1.

A pesquisa-ação é método muito utilizado porque permite que os agentes envolvidos nas atividades possam desenvolver as próprias análises, o que faz com que ele seja método de estudo/análise que enriquece as práticas pedagógicas dos participantes do programa, compactuando com a abordagem metodológica adotada pelo programa que busca formar professores crítico-reflexivos e conscientes da própria prática pedagógica.

ISBN: 978-85-7822-205-5

Destacamos, também, que essa análise nos permite destacar a importância em se conhecer a produção acadêmica de um programa como o IsF, com o intuito de identificar as maiores preocupações quando a pesquisa-ação é empregada, o que auxilia não somente o referido Programa, como outros de natureza similar.

Podemos dizer que essa preocupação que os envolvidos no programa têm com a qualidade do trabalho oferecido é refletida no número de alunos das UFS que procuram participar das ações desenvolvidas pelo programa, como citado por Souza (2019) em pesquisas anteriores, como afirmado por Souza (2019), em pesquisas anteriores.

Para uma pesquisa futura pretendemos selecionar três dos trabalhos anteriormente citados e desenvolver uma análise de como o método da pesquisa-ação foi realizado e os resultados alcançados em sala de aula.

Referências Bibliográficas

BRASIL. **Decreto N. 7642**, de 13 de dezembro de 2011. Institui o Programa Ciências sem Fronteiras.

_____. **Portaria N. 1466**, de 18 de dezembro de 2012. Institui o Programa Inglês sem Fronteiras.

_____. **Portaria N. 973**, de 14 de novembro de 2014. Institui o Programa Idiomas sem Fronteiras.

_____. **Portaria N. 30,** de 28 de janeiro de 2016. Institui o Programa Idiomas sem Fronteiras.

BURNS, Anne. **Action Research**. *In:* PALTRIDGE, Brian; PHAKITI, Aek. Research methods in applied linguistics: a practical resource. London: Bloomsbury Academic, an imprint of Bloomsbury Publishing Plc, 2015

FERRANCE, Eileen. **Action Research**: LAB Education Alliance: Brown University, 2000

ISBN: 978-85-7822-205-5

KUMARAVADIVELU, B. **The Postmethod Condition**: (E)merging Strategies for Second/Foreign Language Teaching. TESOL Quartely, V.28; N. 1, 1994

_____. **Beyond Methods**: Macrostrategies for Language Teaching. New Haven and London: Yale University Press, 2003

MENEZES, Vera Lucia. **Manual de pesquisa em estudos linguísticos**: Parábola, 2019

SOUZA, Sanmires Santos. O desenvolvimento do Programa Idiomas sem Fronteiras: um estudo sobre o ISF-UFS. In: **Encontro Regional de NucLi (Nordeste) do Programa Idiomas sem Fronteiras**, 2019. (Apresentação de Trabalho/Comunicação).

ISBN: 978-85-7822-205-5

GT 07

O IMPACTO DAS DIFERENTES FORMAS DE ENSINAR NAS ESCOLAS PÚBLICAS DIANTE DO CONTEXTO SOCIAL E SUAS DIVERGÊNCIAS NO SÉCULO XXI.

Autor: Marcos Henrique de Oliveira Santos
Graduando em Letras Espanhol pela Universidade federal de Sergipe.
Rickoliver813@gmail.com.

Orientadora: Profa. Me. Lara Emanuella da Silva Oliveira (DLE/UFS).

Introdução

Em principio, a aprendizagem pode ser definida como uma modificação sistemática do comportamento, por efeito da prática ou experiência. Levando isso em consideração, é inquestionável que o impacto das diferentes formas de ensinar nas escolas públicas tem grande influência em como a evolução educacional será realizada e impactada na vida do aluno. Em contrapartida, a eficiência da aprendizagem está condicionada a existência de problemas, por isso o desempenho, isto é, as mudanças observáveis, ocorridas no comportamento do individuo que possibilita a formação de hipóteses, na qual contribui para o condicionamento. No que se refere à evolução da educação brasileira, pode-se dizer que aconteceu de forma tardia e com poucos pontos idôneo em que alguns governantes se prestaram a trabalhar nisso como, por exemplo, no governo de Fernando Henrique Cardoso.

Quando se trata de divergências na educação, podemos fazer menções à evasão escolar, qualificação dos docentes, estrutura escolar apropriada e adequada para atender as diversas formas de alunos, grade curricular consistente e cabível com o reflexo social da comunidade presente. Esses fatores mencionados são cruciais quando trata de uma evolução educacional e diminuição do analfabetismo, por exemplo, mas a falta de politicas públicas é o maior reflexo para essas dificuldades na elaboração de formas de intervenção com o público. Segundo Mariella Righini, “os professores têm, sem dúvida, uma influencia direta sobre os alunos, a partir de sua personalidade, sua atitude, da relação que mantêm com os alunos: seu modo de

ISBN: 978-85-7822-205-5

interpretar as normas da instituição. Esta ação pode, aliás, exercer-se sem que o professor perceba", fazendo uma analogia com a fala mencionada, não só deve-se levar em consideração o mundo interior da instituição, mas sim o exterior e a bagagem que cada um tem e que de forma direta ou indireta refletirá na forma do alunado e do professor.

O presente artigo tem por objetivo, além de apresentar alguns dos conceitos sobre as dificuldades da educação brasileira no século XXI, delimitar algumas teorias usadas na instrução dos alunados na rede pública.

Reflexos da educação pública

A educação brasileira tem sido alvo de constantes mudanças desde a redemocratização do país. Com isso, mais pessoas tem tido acesso à educação básica e suas progressões, mas nem todos continuam os estudos por consequências do meio externo, segundo o Jornal O Globo, no ano de 2017 mais de um terço (37%) dos jovens de 17 anos matriculados na escola estavam cursando uma série não adequada para a sua idade. Criança quê nasce em famílias menos estruturadas financeiramente e socialmente tendem a ter deficiência cognitiva e física para compreender certos assuntos, no qual notará que existe um vaco ao se deparar com o ambiente escolar, que precisa ser visualizado pelo professor -a fim de elaborar uma abordagem lúdica- para que aquele aluno possa ter um progredimento melhor e possa se equiparar com seus colegas. Mas, infelizmente, isso não ocorre com frequência, pois nas escolas públicas do país, a quantidade em uma sala de aula às vezes passa de 25 alunos para que sejam conduzidas por um único professor, sendo que ele acaba não tendo como analisar de forma sólida cada perfil dos seus alunos e acabar caindo no conceito da magistrocentrismo, tornando os alunos meros passivos do conhecimento e repercussores do que ouviu sem ter autonomia no seu processo de aprendizagem.

No governo de Fernando Henrique Cardoso (1994-2002), foi editado a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), a fim de tornar a educação brasileira mais plural e diversificada dando autonomia ao corpo docente das escolas em trabalharem com foco na pratica social e do trabalho. Só que, isso acabou colocando em prática a teoria do behaviorismo de Skinner, no qual os alunos irão se dotar de uma gama de conteúdos, sem poder questionar o porquê e ao

ISBN: 978-85-7822-205-5

menos por em prática o que foi passado na sala de aula, pois os assuntos não usavam exemplos próximos da vida dos alunos. Logo, notou-se que esse ensino tradicional no qual os professores seguiam um padrão pré-estabelecido, não era eficaz e que os alunos com o tempo esqueciam tudo que foi aprendido, - mas até hoje essa forma de ensino prevalece nas escolas brasileiras-, um exemplo disso é a prova avaliativa os alunos devem fazer em que precisam armazenar o que estar sendo passado em sala de aula para poder pôr em um teste que avaliará seu conhecimento.

As relações sociais numa sociedade de classe são desiguais, uma vez que a sociedade não é homogênea, os interesses dos grupos sociais que a compõe não convergem para o mesmo fim, e devido à estratificação social, são por vezes conflitantes. Isso reflete na vida da população de uma comunidade no qual têm problemas sociais, econômicos e familiares que implica na sua evolução educacional, porque tem que cuidar dos seus parentes enquanto seus pais estão trabalhando, no qual estão expostos ao tráfico de drogas e o alcoolismo, além disso, precisam pegar mais de um ônibus para chegar até a escola sendo nesta também, aonde ele fará as suas refeições; situação diferente de um aluno que vive em uma população de classe média ou alta, no qual a sua única ocupação é estudar em que tudo ao seu redor contribui para que ele se torne um ser aclamado pela sociedade. Segundo José Serra "Num país dividido entre poucos ricos e muitos pobres, a forma de promover justiça social não pode ser apenas o assistencialismo", ou seja, não basta apenas incluir esses alunos na rede de ensino, mas sim elaborar meios para que essa permanência venha ser resultante e consigo diminuir a evasão escolar.

Assim, afirma Hannoun:

> A reflexão e a ação educacionais pressupõem o rela real fundamento de afirmação referente, por um lado do homem como humanidade e como pessoa, e, por outro, ao processo de ensino-aprendizagem. No plano fundamental, o conceito de educação só é aceitável se a humanidade for possível obreira da felicidade e se a imagem do homem por forma-se for moral e socialmente positiva, enfim, se a pessoa humana for perfectível e capaz de liberdade. No plano instrumental, no âmbito escolar, vimos que o processo ensino-aprendizagem pressupõe sua própria eficiência e o valor positivo de suas finalidades, estruturas, conteúdos e métodos (1998, p. 43).

As diferentes formas de ensinar e suas divergências nas escolas públicas

ISBN: 978-85-7822-205-5

Ensinar e aprender hoje em dia requer uma flexibilidade para processos de desenvolvimentos e pesquisas com participações do professor e do aluno de forma ativa na construção do saber, mas nem sempre foi assim como já citado no texto acima.

Existem diversas teorias que contribui para que a aprendizagem seja trabalhada na sala de aula, farei menção de duas delas.

1- Behaviorismo: é uma corrente da psicologia criada por Skinner que define o comportamento humano como resultado "das influencias dos estímulos do meio", sendo assim, o comportamento pode ser moldado de acordo com estímulos e respostas.

Essa teoria da aprendizagem não é totalmente eficaz, pois limita o aluno a simplesmente receber um estimulo e emitir uma resposta, sendo apenas um meio para a difusão do conteúdo. Por exemplo, um aluno que precisa passar na disciplina de matemática, ele terá o estimulo que será os conteúdos para estudar, no qual a resposta deverá ser a aprovação. Essa teoria ela não está interessada como o aluno assimilou o assunto ou se ele tem algum problema cognitivo, a única coisa que a teoria espera é a resposta mediante o estimulo exposto naquele aluno. A educação brasileira sempre usou e ainda usa essa teoria de passar o conteúdo e o aluno ter que tentar aprender para que possa ser avaliado de acordo com o que ele conseguiu aprender ou decorar, não levando em consideração a qualidade nem as dificuldades encontradas por cada aluno para entender por completo tal assunto. Por consequência disso, muitos alunos quando se deparam com o mundo universitário acabam se contrariando e sentindo-se leigos por não terem tido uma educação eficaz que se preocupasse com o aprendizado do aluno e não apenas em passar o conteúdo e o aluno ser passivo disso.

Como coloca Becker (2001, p.18):

> O professor acredita no mito da transferência do conhecimento: o que ele sabe, não importa o nível de abstração ou de formalização, pode ser transferido ou transmitido para o aluno. Tudo que o aluno tem a fazer é submeter-se à fala do professor.

Diante do exposto, nota-se que a aprendizagem envolve o uso e o desenvolvimento de todos os poderes, capacidades, potencialidade do conjunto escolar. A aprendizagem só se faz através

ISBN: 978-85-7822-205-5

de atividade do aprendiz exercendo sua autonomia no seu processo educacional. Portanto, a aprendizagem resulta da busca do restabelecimento de um equilíbrio vital, rompido pela nova situação estimuladora que o alunado quis ultrapassar.

2- Equilíbração majorante: foi criado por Piaget, ele defende que quando estamos em situação de desequilíbrio; para voltar ao estado de equilíbrio temos alguns métodos como, por exemplo, ignorar o conflito e tentar compreendê-lo. Essa teoria se divide em dois: assimilação que é a entrada dos conteúdos, coisas novas, novos estímulos e a acomodação que é o que está aprendendo de novo com aquilo que já tem acomodado e nessa troca de informação cognitiva, haverá um equilíbrio.

Essa teoria ela faz menção com o repertório que o alunado carrega tanto cultural como familiar agregado ao seu ritmo de assimilação, tento assim uma analise mais lúdica dos problemas que poderão estar encadeados no processo de aprendizagem de cada aluno, seja ele por algum problema familiar como uma tentativa de estupro ou violência doméstica ou cultural como, por exemplo, a situação onde o aluno vive. Rutter (1975) apud Dockrell; McShane (2000), coloca que há uma gama de variáveis associadas ao ambiente familiar que contribuem para as dificuldades de aprendizagem. Essa teoria não é totalmente efetiva, pois às vezes é cobrado do discente algo que está fora do seu repertório e seu conhecimento. Essa teoria só se faz factual quando o professor está devidamente qualificado para saber abordar os assuntos novos fazendo ligamento com o que já foi passado ou que estar presente no cotidiano do aluno, dessa forma a evolução educacional seria produtiva e gradativa.

Como coloca Becker (2003, p.23):·.

> "Procurei pensar as condições que julgo necessário para que a vida retorne à escola, para que a escola torne-se um lugar significativo para o aluno. Lembrando sempre que a criança e o adolescente não deixam de fazer coisas por serem difíceis, mas por não terem sentido. E o professor tornar-se-á um bom educador, apreciado pelos alunos, na medida em que deixar de fazer coisas que para ele mesmo não têm sentido".

Segundo Vasconcellos:

> O professor deve se assumir como sujeito de transformação no sentido mais radical (novos sentidos, novas perspectivas e dimensões para a existência nova forma de organizar as relações entre os homens), e se comprometer também com a alteração das condições de seu trabalho, tanto do ponto de vista **objetivo (**salário, carreira,

ISBN: 978-85-7822-205-5

> instalações, equipamentos, número de alunos por sala, etc,), quanto **subjetivo (**proposta de trabalho, projeto educativo, relação pedagógica, compromisso social, vontade política, abertura para a mudança, disposição democrática, etc,) (2003, p.77).

Diante dessa fala, pode-se concluir que o ambiente escolar e as formas como serão ministradas as aulas tem ligação com a formação do professor e as diretrizes da instituição, contribuindo assim para uma educação de qualidade ou apenas uma educação irregular. A relação professor-aluno tem sido uma das preocupações do contexto histórico e escolar, pois não há como acontecer na escola uma educação adequada às necessidades dos alunos sem contar com o comportamento ativo do professor no processo educativo.

Às vezes as aulas são ministradas sem um embasamento sobre os repertórios socioculturais que a localização disponibiliza juntamente com o do docente, fazendo assim com que o os assuntos sejam distantes da realidade e acaba acarretando na compreensão do conteúdo.

Considerações finais

Diante do exposto, é compreensível que a educação brasileira tem tido evoluções, mas que ainda há muito a ser feito e reparado. Desde a sua redemocratização algumas medidas foram citadas para que a educação fosse universal e igualitária para todos, mas vermos que a educação não estar apenas relacionada como o conteúdo é transmitido na sala de aula sem levar em considerações vários fatores que interferem na concepção do conteúdo quando se trata de locais sociais e situações econômicas diferentes.

Virmos que o behaviorismo não é o método mais eficaz para se trabalhar na educação pública brasileira, pois não estar centrada na bagagem cultural que os diferentes tipos de alunos possuem, focando assim apenas na concepção do conteúdo. Em constaste, a teoria da equilíbração majorante, no qual a adaptação e o equilíbrio trabalham juntos para que a aprendizagem não seja inata e nem apuração direta da experiência, contribuiu para que os alunados consigam se adaptar as novas exigências e tenha uma boa amoldagem mantendo o equilíbrio com o meio social e o escolar. Mas é notório que, não basta apenas tornar teorias factuais em escolas públicas sem que haja uma qualificação do corpo de gestão das escolas e

ISBN: 978-85-7822-205-5

consigo uma adaptação para que os alunos sintam-se acolhidos e que consiga construir sua carreira mediante a sua evolução.

Em síntese, há muitos degraus para serem ascendidos em relação à educação brasileira e as suas formas de ensinar nas escolas públicas em que o fator cultural e econômico deve ser levado em considerações, pois são fatores determinantes na construção educativa de cada aluno. No tocante a isso, tem-se um estudo sobre teorias em que a disciplina de Psicologia da Aprendizagem apresenta, mostrando assim a sua qualidade quando trabalhada de forma correta e correlacionada com o perfil da turma e da comunidade presente.

Referências bibliográficas

BECKER, Fernando. **A origem do conhecimento e a aprendizagem escolar.** Porto Alegre: Artmed, 2003.

BECKER, Fernando. **Educação e construção do conhecimento**. Porto Alegre: Artmed, 2001.

DOCKRELL, J; MCSHANE, J. **Compreensão das dificuldades de aprendizagem: um enfoque cognitivo de referência**. In;_____. **Crianças com dificuldade de aprendizagem: uma abordagem cognitiva**. Porto Alegre: Artmed, 2000. Cap. 1, p.11-32.

FERREIRA, Paula. Cerca **de 30% dos jovens de 15 a 17 anos estão atrasados ou fora da escola**. Rio de janeiro: Jornal O Globo, 2019. Disponivel em: https://oglobo.globo.com/sociedade/educacao/cerca-de-30-dos-jovens-de-15-17-anos-estao-atrasados-ou-fora-da-escola-23747771. Acessado em 18 de setembro de 2019.

HANNOUN, Hubert. **Educação: certezas e apostas.** São Paulo: UNESP, 1998.

PIAGET, Jean, (1973b): **Biologia e Conhecimento**. Petrópolis. Editoras Vozes.

SKINNER, B. F. **Sobre o behaviorismo**. 10. Ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

VASCONCELOS, Celso dos Santos. **Para onde vai o professor? Resgate do professor como sujeito de transformação.** 10ª Ed. São Paulo: Libertad, 2003.

ISBN: 978-85-7822-205-5

IDENTIDADE E PERTENCIMENTO NAS FALAS DE ESTUDANTES EGRESSOS DO COLÉGIO DE APLICAÇÃO

Autor: Rafaela Cravo de Melo
Graduanda em História pela Universidade Federal
Bolsista CNPq
rafaelacravomelo@gmail.com

Orientador: Prof. Dr Joaquim Tavares da Conceição
(CODAP/PPGED/PROFHISTÓRIA/UFS)

Introdução

Este artigo apresenta discussões e resultados do desenvolvimento do plano de trabalho intitulado *"Acontecimentos, personagens e lugares do colégio de Aplicação nas falas de estudantes egressos*", que é parte integrante do projeto de pesquisa '*Percepções da realidade'. Memórias de estudantes egressos do Colégio de Aplicação (1960-1995)*. A pesquisa teve como objetivo o desenvolvimento de atividades investigativas para produção, organização e análises preliminares, de um conjunto de relatos orais a respeito do Colégio de Aplicação através da narrativa de estudantes egressos, com o intuito de compor o "banco de histórias" do Centro de Pesquisa, Documentação e Memória do Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Sergipe (CEMDAP).

A utilização do termo "banco de histórias" é empregado no sentido de banco de memórias ou "conjunto de gravações que se orientam segundo relatos de grupos atentos à própria presença em contextos sociais ou institucionais [...] como campanha ou testemunho" (MEIHY e RIBEIRO, 2011). O Cemdap surgiu a partir de atividades desenvolvidas em projetos de pesquisa que tiveram como objetivo a produção de um amplo acervo de documentos produzidos nos anos de existência do Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Sergipe.

Com a finalidade de preservar a memória e a história da instituição, o trabalho busca apresentar os questionamentos e as respostas obtidas através das 27 entrevistas realizadas com os estudantes egressos do Colégio de Aplicação. Permitindo assim - através da abordagem de temáticas relacionadas a forma de ingresso dos estudantes, os aspectos culturais existentes na instituição, o perfil socioeconômico, a relação entre professor e estudante, entre outras

ISBN: 978-85-7822-205-5

temáticas - uma compreensão, ainda que incompleta, dos diversos perfis estudantis que fizeram parte da construção do colégio nas décadas de 1960 a 1980.

Trajetória do Colégio de Aplicação

A origem do Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Sergipe está relacionada com a existência da Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe, fundada no ano de 1950, com o objetivo de formar professores para atuarem no ensino secundário e normal. Em 30 de junho de 1959, por procuração de Dom José Vicente Távora, bispo da Diocese de Aracaju e presidente da Sociedade Sergipana de Cultura – sociedade pertencente à Arquidiocese de Aracaju –, o monsenhor Luciano José Cabral Duarte fundou o Ginásio de Aplicação, com a finalidade de que o estabelecimento servisse como escola-laboratório para práticas didáticas e pedagógicas, especialmente por meio de estágios desenvolvidos pelos graduandos da faculdade (CEMDAP, 1916; NUNES, 2012).

Em 7 de julho de 1959, após o processo de verificação prévia, o Ginásio de Aplicação foi autorizado a funcionar pela Diretoria do Ensino Secundário do Ministério da Educação e Cultura – Inspetoria Seccional de Aracaju. O estabelecimento iniciou suas atividades com 30 alunos matriculados na 1ª série do primeiro ciclo do ensino secundário (curso ginasial), sob a direção da professora Rosália Bispo dos Santos (CEMDAP, 1916; NUNES, 2012). Em 30 de dezembro de 1965, o Ginásio de Aplicação passou a ser denominado de Colégio de Aplicação em decorrência da autorização para oferecer o curso colegial – segundo ciclo do antigo ensino secundário (BRASIL, 1942).

Com a criação da Universidade Federal de Sergipe (UFS), a Faculdade de Filosofia e o Colégio de Aplicação, que dela era parte integrante, foram incorporados à Fundação Universidade Federal de Sergipe (BRASIL, 1967). Inserido na estrutura da Universidade, o Colégio de Aplicação (Codap) passou a ser um órgão suplementar, ligado diretamente à reitoria. Além de permanecer exercendo as funções de ensino e de campo para a execução de estágios curriculares, o colégio também passou a desenvolver atividades de pesquisa e extensão.

Desde a sua fundação em 1959, o Colégio de Aplicação funcionou na cidade de Aracaju, instalado no prédio da Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe, juntamente com cursos superiores oferecidos pela faculdade. No ano de 1981, o colégio passou a funcionar na Cidade Universitária Prof. José Aloísio de Campos, instalado em salas do pavimento superior do prédio denominado de Didática III e, a partir do ano de 1995, foi instalado em prédio originalmente construído para o seu funcionamento.

ISBN: 978-85-7822-205-5

Enquanto pertenceu à Sociedade Sergipana de Cultura e esteve vinculado à Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe, o estabelecimento cobrava mensalidade de seus alunos. De 1960, quando recebeu a primeira turma, até a década de 1970, o ingresso de alunos na série inicial ocorria por meio de sistema seletivo com aplicação de provas de conhecimentos matemáticos e de língua portuguesa.

As mudanças ao longo dos anos da instituição não focaram apenas na nomenclatura, ou em seu espaço ocupado, a forma de ingresso dos estudantes também sofreu alterações. Nos primeiros anos, para ingressar no Ginásio, os alunos tinham que passar por uma prova de seleção. Logo depois de alguns anos, aproximadamente em 1965, o Colégio adotou o sistema de sorteio público de vagas. Todavia, logo após ser instalado no campus universitário, além do sorteio público, existiu também as vagas disponibilizadas para servidores públicos, tanto para a parte administrativa quanto para os filhos dos docentes. Nos anos subsequentes as formas de ingresso acabaram se alterando entre prova de seleção e sorteio público. Por outro lado, desde 2009 a forma oficial de ingressar no Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Sergipe é através de sorteio público disponibilizado para a comunidade interessada.

O Centro de Pesquisa, Documentação e Memória do Colégio de Aplicação (Cemdap)

O Cemdap surgiu a partir de atividades desenvolvidas em projetos de pesquisa que tiveram como objetivo a produção de um acervo de documentos produzidos nos anos de existência do Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Sergipe. Como resultados desses projetos, o Cemdap foi instalado em sala específica do prédio escolar, onde a documentação coletada encontra-se acondicionada em pacotilhas, guardadas em armários, além de contar com uma coleção de objetos da cultura material (CONCEIÇÃO & NOGUEIRA, 2018).

Identificação e construção da amostra de potenciais narradores/colaboradores

Por meio de investigação documental e através de informações anteriormente produzidas pelo projeto *Composição do 'Banco de História' do Colégio de Aplicação. Combater Silêncios e Esquecimentos,* foi possível produzir informações a respeito de possíveis colaboradores/narradores; além de informações para produzir os roteiros básicos para as entrevistas. Desta forma, com o desenvolvimento de pesquisa exploratória foi possível identificar estudantes egressos do Colégio de Aplicação, potenciais entrevistados.

ISBN: 978-85-7822-205-5

Foram produzidas 27 gravações de entrevistas, em formato audiovisual, de estudantes egressos correspondente ao período de 1960 a 1980, resultando em um material valioso para a preservação da memória institucional, a ampliação da documentação do Cemdap e o desenvolvimento de diferentes investigações.

Quadro 1: Informações dos estudantes egressos entrevistados

Nº	Nome	Data / realização da entrevista	Período	Formação superior
1	FRANCISCO IGOR DE OLIVEIRA MANGUEIRA	18.07.2018	1984-1987	Educação Física e Mestrado em Educação
2	PAULO ROBERTO DANTAS BRANDÃO	19.07.2018	1967-1973	Economia e Direito
3	RUBENS RIBEIRO CARDOSO FILHO	31.07.2018	1966-1972	Academia da Força Aérea; Pós-Graduação em Defesa Nacional e Estratégia na Argentina
4	SERGIO DUARTE LEITE	31.07.2018	1966-1971	Engenharia Civil
5	SAULO COELHO NUNES	01.08.2018	1985-1988	Comunicação com habilidade em Jornalismo
6	JOSÉ RICARDO MENEZES OLIVEIRA	08.08.2018	1981-1985	Engenharia de Produção
7	ALEXANDRE BELÉM CARVALHO TELES	09.08.2018	1981-1988	Ciências Contábeis
8	LIJANE DAYSE DE OLIVEIRA SOUZA	09.08.2018	1981-1985	Educação Física
9	CARLA EUGENIA CALDAS BARROS	14.08.2018	1970-1975	Bacharel em Direito
10	OLAVO PINTO LIMA	14.08.2018	1981-1987	Bacharel em Direito
11	MARTHA SUZANA CABRAL NUNES	15.08.2018	1982-1988	Administração e Doutorado em Ciências da Informação
12	ANA MARIA NUMES ESPINHEIRO	22.08.2018	1968-1972	Licenciatura em Língua estrangeiras
13	ROSA MARIA VIANA DE BRAGANÇA GARCEZ	22.08.2018	1966-1972	Odontologia
14	SUZANA DE MENEZES FARO PRUDENTE	22.08.2018	1966-1972	Letras
15	ROSEMARY MESQUITA LUDUVICE	05.09.2018	1982-1987	Direito
16	LÍDIA MARIA LISBOA DE MENEZES	05.09.2018	1962-1968	Medicina
17	JOSÉ ADAILTON BARROSO DA SILVA	06.09.2018	1979-1984	Licenciatura
18	ARNALDO DANTAS BARRETO NETO	12.09.2018	1966-1971	Médico Veterinário
19	MARIA CECÍLIA MENDONÇA DE ARAÚJO ALVES	12.05.2018	1981-1985	Enfermagem

ISBN: 978-85-7822-205-5

20	CÉSAR HENRIQUES MATOS E SILVA	13.09.2018	1978-1984	Arquitetura e Urbanismo
21	JOÃO BOSCO SILVA ROCHA	13.09.2018	1981-1986	Engenharia de Pesca
22	CARLOS WAGNER SANTOS	19.09.2018	1980-1987	Engenheiro de minas
23	ANA VALERIA MENDONÇA	20.09.2018	1981-1987	Pedagogia
24	PATRÍCIA ANDREA CÁRCERES DE SILVA	20.09.2018	1981-1983	Direito
25	PAULO DE SOUZA RABELLO	26.09.2018	1978-1984	Matemática
26	ROSENILZA MELO FREITAS	27.09.2018	1978-1984	Bacharel em Direito
27	GIOVANA MONTEIRO MELO OLIVEIRA	27.09.2018	1981-1984	Enfermagem

Fonte: Quadro elaborado pela autora.

Formas de ingresso e procedência de estudantes egressos

Nos relatos de memória dos estudantes egressos transparece diferentes formas de ingresso aplicadas no Colégio de Aplicação no período de 1960 a 1995, como também é diversificada a procedência escolar anterior dos estudantes. Assim, no material coletado nota-se a existência de um número de estudantes que vieram do Educandário Brasília e do Colégio Salvador na primeira e na segunda geração da instituição, 1960 a 1968. Um relato que chama atenção sobre a forma de ingresso é de MENEZES (2018) que afirma "[...] era quase como se as vagas do Ginásio de Aplicação estivessem todas destinadas a um colégio que existia, que era o Colégio Brasília, então a grande maioria dos alunos que ingressaria no Ginásio de Aplicação seria do Colégio Brasília". Outros relatos dão conta de estudantes procedentes do Colégio Salvador, isso na década de 1960 e no período em que o estabelecimento era uma instituição privada.

Devido as alterações nas formas de ingresso no Colégio de Aplicação é possível perceber que nos anos subsequentes esse padrão de estudantes ingressantes de um mesmo colégio começa a sofrer algumas modificações, existindo assim alunos que vieram de instituições públicas e privadas, da capital e do interior de Sergipe e até mesmo de outros estados.

Os estudantes da primeira geração relatam que a primeira forma de ingresso no Ginásio era através do exame de admissão e que existia uma concorrência muito grande (BRANDÃO, 2018). Nesse exame de admissão os estudantes eram submetidos a uma prova escrita e oral

ISBN: 978-85-7822-205-5

(LEITE, 2018). Na década de 1980 o Colégio de Aplicação era visto como uma escola modelo, então existia uma grande demanda e concorrência para ingressar no colégio (SOUZA, 2018). Assim, uma lembrança marcante na memória de estudantes egressos era a dificuldade e a concorrência dos exames de seleção do estabelecimento: "Era o primeiro vestibular da nossa vida com 10/11 anos, e isso para ingressar em um colégio" (TELES, 2018).

Na terceira geração do Colégio de Aplicação é possível perceber que uma das formas de ingresso que o colégio adotou é o sorteio público de vagas, forma que é adotada atualmente. Esse sistema buscava dar oportunidade para todos que se interessassem em estudar no Colégio de Aplicação.

Por serem adolescentes, alguns estudantes não conseguiam compreender como funcionava a forma de ingresso na instituição, segundo o relato de SILVA[2] (2018)

> Como na época meu pai era professor da universidade eu acho que tinha vaga, não sei muito bem como funcionou/funcionava, eu sei que eu não fiz prova pra entrar né, no Aplicação eu entrei no meio do ano, então eu já entrei com o ano em andamento, eu não entrei em março, no começo do ano com minha turma, então eu entrei no começo do ano sem ter feito prova, eu entrei direto digamos assim né. Meu pai era professor da universidade e eu entrei em agosto, no meio do ano.

Alguns dos estudantes entrevistados demonstraram dificuldade em explicar e/ou recordar o processo de ingresso que se submeteram para estudar no Colégio de Aplicação: "[...] meu pai conseguiu a vaga para mim já que ele era funcionário, eu não lembro se tinha algum critério de ser filho de funcionário [...]" (OLIVEIRA[2], 2018).

Assim, de 1960, quando recebeu a primeira turma, até a década de 1970, o ingresso de alunos na série inicial ocorria por meio de sistema seletivo com aplicação de provas de conhecimento. Na década de 1970, o ingresso passou a ser por meio de sorteio público de vagas. No ano de 1983, o estabelecimento voltou a adotar o teste de seleção classificatório com provas de conhecimento, obedecendo o seguinte: 60% das vagas para filhos de funcionários da UFS, 30% para alunos egressos de escolas públicas e 10% para alunos egressos de escolas particulares.

No final da década de 1980, foi extinto os percentuais de dependentes de funcionários e de escolas públicas ou particulares, permanecendo o teste de seleção classificatório com provas de conhecimento para admissão na antiga 5ª série do 1º grau. Atualmente, o Colégio de Aplicação oferece do 6º ao 9º do Ensino Fundamental e o Ensino Médio e o ingresso ocorre por sorteio público de vagas.

Perfil socioeconômico dos estudantes

ISBN: 978-85-7822-205-5

Outro aspecto que sofreu variações durante o período de investigação (1960-1995) foi o perfil socioeconômico dos estudantes do Colégio. É possível perceber nas memórias de estudantes, nos períodos em que a forma de ingresso era realizada por meio de seleção por exames, a predominância de estudantes oriundos de escolas privadas e de famílias de estratos médios da população, ou até de famílias ricas, como ocorreu na maior parte da década de 1960, quando o colégio pertencia a Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe e cobrava mensalidade.

Nas décadas de 1970 e 1980 já se evidencia nas memórias dos estudantes os relatos que dão conta de uma maior diversidade de grupos sociais. Esse aspecto é recordado como enriquecedor, pois promovia uma maior troca de experiências e vivências.

Espaço físico

Uma das transformações que ocorreram ao longo dos anos do Colégio de Aplicação pode ser observada na mudança do espaço físico ocupado pela instituição. Desde a sua fundação em 1959 o Colégio de Aplicação funcionou na cidade de Aracaju, instalado no prédio da Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe juntamente com cursos superiores oferecidos pela faculdade. No ano de 1981, o colégio passou a funcionar na Cidade Universitária Prof. José Aloísio de Campos, instalado em salas do pavimento superior do prédio denominado de Didática III e, a partir do ano de 1995, foi instalado em prédio originalmente construído para o seu funcionamento (prédio atual).

Enquanto o estabelecimento estava localizado na Rua Campos, em Aracaju, no mesmo prédio era ocupado pela Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe (FCFS) "[...] era um espaço pequeno, com 30 alunos, o ginásio dividia o ambiente com a FAFI, pela manhã e pela noite funcionava a faculdade e a tarde funcionava o Ginásio de Aplicação" (BRANDÃO, 2018).

Quando da mudança das escolas primárias, por ser um espaço diferente do qual já estavam acostumados, alguns estudantes relataram que chegaram a se assustar como o prédio da Faculdade de Filosofia, onde estava instalado o Ginásio de Aplicação: "[...] saí de um prédio muito pequeno para outro que era enorme, era algo assustador, por isso a minha primeira memória é da entrada do IPES e as enormes quantidades de sala (SILVA[1], 2018).

Durante a entrevista o estudante Silva[1] chega a comparar os prédios em que ele estudou, entre eles, o Educandário; o Ginásio localizado na Rua Campos e o prédio da didática III da UFS, segundo SILVA[1]

> A gente tinha espaços como a biblioteca que a gente não tinha no educandário por exemplo; [...] e a coisa mais estranha pra mim naquele momento era uma escola de

ISBN: 978-85-7822-205-5

> portões abertos, uma escola que não tinha muros pra prender, [...] a gente vivia fechado no educandário, cheio de cadeado, cheio de portão, e aqui a gente... desde o IPES a porta é aberta, não existia uma fechadura, não existia um portão, não existia um vigia na porta pra lhe se segurar [...] o prédio universitário já era algo muito mais impactante, me senti quase um universitário.

Pelo fato do Colégio ser em outro município, durante as entrevistas muitos alunos destacaram que começaram a se desenvolver e a conhecer melhor a cidade em que moravam, já que passaram a ir para a escola de ônibus (OLIVEIRA[1], 2018). Além das instalações no pavimento superior da didática III, os estudantes também faziam uso de outros espaços da universidade, como a biblioteca, o restaurante universitário, as quadras e piscinas disponibilizada pelo departamento de Educação Física: "Nós estudávamos a tarde e pela manhã a gente tinha educação física, passávamos por todos os esportes, como vôlei, handebol, natação" (OLIVEIRA[2], 2018).

Apesar de não ter um espaço próprio do colégio, pois até 1995 o Colégio dividia com os cursos de graduação a didática III, existia um "sentimento de posse" entre os estudantes; de achar que a didática era totalmente do Colégio de Aplicação. Desta forma, quando estudantes da graduação "[...] quando ocupavam a didática nós achávamos que eles estavam invadindo o nosso espaço" (ROCHA, 2018).

Relação com os universitários e relação com os professores

O Colégio de Aplicação servia como um laboratório para alguns cursos da universidade, por isso a relação com os estudantes da graduação é bastante enfatizada. A relação de um colégio com uma faculdade/universidade acabava instigando os estudantes a se sentirem "universitários", segundo SILVA[1] (2018)

> No Aplicação a ideia era que você já estava com o pé na universidade porque você já era um pré-universitário, [...] vivíamos toda a efervescência cultural/política da universidade, [...] se lá no IPES eu já estranhava os portões abertos, no campus universitário eu estranhava a liberdade de estar na didática 3 misturado [...] a mudança para o campus universitário possibilitou um ganho acho que assim, pode-se dizer um aprendizado enquanto cultura, enquanto intelectual enquanto espaço de vivência mesmo, de condição de vida acho que isso aqui deu pra gente.

Era um orgulho estudar em uma escola que fazia parte de uma universidade, era um orgulho ter relações com estudantes universitários SILVA[2] (2018). A maioria dos estudantes relatam a convivência com os estudantes universitários que ocorria de forma inevitável e natural devido ao ambiente em que estava localizado o Colégio de Aplicação. O sentimento de

ISBN: 978-85-7822-205-5

pertencimento por estudar em uma instituição "tão diferenciada" é marcante nos relatos dos estudantes.

Sobre a relação com os professores, os estudantes relatam os mais diversos assuntos, enquanto uns destacam os professores mais "carrasco" outros relatam sobre os aprendizados políticos. Grande parte dos entrevistados comentam sobre o professor de matemática, Laranjeiras, como uma pessoa marcante, tanto por ser rígido em sala de aula, como por ser um grande mestre da matemática. "Ele nos chamava de assassinos da matemática aqueles alunos que fazia muita besteira" (TELES, 2018).

Na instituição tinha ensino de desenho geométrico, poucos colégios do período tinham esse tipo de matéria, isso expunha o quanto o ensino no colégio não buscava preparar o estudante apenas para o vestibular e sim ensinar além desse evento. Existia também as aulas de Educação Artística, com a professora Neuma, e por ser uma disciplina diferenciada acabou marcando diversos alunos. Os professores, segundo os relatos de memória dos estudantes, procuravam sempre o ensino "didático e dinâmico nas disciplinas", afim de plantar a semente da criatividade nos estudantes.

Aspectos da cultura escolar

A cultura escolar do Colégio de Aplicação também é marcante nos relatos de memórias dos estudantes. No decorrer da trajetória do colégio, a cultura escolar foi marcada por diversas práticas, como por exemplo: jornadas esportivas e culturais, jogos escolares, atividades cívicas, excursões, passeios, demonstração de experimentos, estágios, encontro de formação de professores, entre outras atividades.

A Jornada Esportiva e Escolar do Colégio de Aplicação (JECCA) também foi um movimento que recebeu destaque entre os relatos dos estudantes. Segundo FREITAS (2018), esse evento foi criando com a fundação do Grêmio Estudantil Gilberto Amado e buscava selecionar os melhores atletas para disputar os Jogos da Primavera do estado. O JECCA é movimento interno do Colégio de Aplicação que envolve as diversas disciplinas do colégio, afim de destacar e incentivar as interações entre as turmas nas mais diversas atividades estudantis.

Considerações Finais

Um dos principais objetivos da pesquisa é preservar a memória institucional, possibilitando que o material coletado sirva como fonte para pesquisas futuras. O intuito é que

ISBN: 978-85-7822-205-5

o trabalho desenvolvido possa estimular e, sobretudo, acrescentar nas pesquisas relacionadas a memória de diversos agentes que contribuíram, não somente para a construção de um colégio, como também para a construção da história da educação sergipana.

Com isso, as análises preliminares realizadas com o material coletado, como demonstrado no decorrer do trabalho, observou os aspectos culturais do colégio a partir da visão do estudante, notando-se assim a grande importância da instituição na vida dos 27 estudantes entrevistados, influenciando não somente na formação profissional, como também nas características, e atitudes, sócias particulares de cada estudante que fizeram parte do desenvolvimento educacional do colégio de Aplicação.

Por fim, com a construção de um "banco de histórias" a pesquisa visa contribuir para a produção de fontes audiovisuais, para a cultura da preservação institucional e para a valorização da memória, afim de reconhecer e/ou aprimorar cada vez mais a importância da cultura identitária para a construção, e o desenvolvimento, de uma instituição educacional.

Fontes e referências

BRASIL. Decreto-Lei nº 4.244, de 9 de abril de 1942. Lei orgânica do ensino secundário, 1942. Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei4244-9-abril-1942-414155-133712-pe.html>. Acesso em: 01 jul. 2018.

BRANDÃO, Paulo Roberto Dantas. "Percepções da realidade". Memórias de estudantes egressos do Colégio de Aplicação (1960-1995). Entrevista concedida ao projeto em 19 de julho de 2018.

CEMDAP. Centro de Memória, Documentação e Pesquisa do Colégio de Aplicação/UFS. **Documentos da fundação do Ginásio de Aplicação** (1959), 2016.

LEITE, Duarte Filho. "Percepções da realidade". Memórias de estudantes egressos do Colégio de Aplicação (1960-1995). Entrevista concedida ao projeto em 31 de julho de 2018.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom e RIBEIRO, Suzana Lopes Salgado. **Guia prático de história oral**: para empresas, universidades, comunidades, famílias. São Paulo: Contexto, 2011.

MENEZES, Lídia Maria Lisboa de. "Percepções da realidade". Memórias de estudantes egressos do Colégio de Aplicação (1960-1995). Entrevista concedida ao projeto em 05 de setembro de 2018.

_____; NOGUEIRA, Maria Magna Menezes Correia Preservação e organização documental: O Centro de Pesquisa Documentação e Memória do Colégio de Aplicação – Cemdap (Dossiê "Os arquivos e a construção do conhecimento histórico"). Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, Aracaju, v. 1, n. 48. p. 63-73, ago. 2018.

ISBN: 978-85-7822-205-5

NUNES, Martha Suzana Cabral. **Colégio de Aplicação da UFS**: Memória de um Ginásio de Ouro. São Cristóvão, SE. Editora UFS, 2012.

OLIVEIRA[1], Giovana Monteiro Melo. "Percepções da realidade". Memórias de estudantes egressos do Colégio de Aplicação (1960-1995). Entrevista concedida ao projeto em 27 de setembro de 2018.

OLIVEIRA[2], José Ricardo Menezes. "Percepções da realidade". Memórias de estudantes egressos do Colégio de Aplicação (1960-1995). Entrevista concedida ao projeto em 08 de agosto de 2018.

ROCHA, João Bosco Silva. "Percepções da realidade". Memórias de estudantes egressos do Colégio de Aplicação (1960-1995). Entrevista concedida ao projeto em 13 de setembro de 2018.

SILVA[1], César Henriques Matos e. "Percepções da realidade". Memórias de estudantes egressos do Colégio de Aplicação (1960-1995). Entrevista concedida ao projeto em 13 de setembro de 2018.

SILVA[2], José Adailton Barroso da. "Percepções da realidade". Memórias de estudantes egressos do Colégio de Aplicação (1960-1995). Entrevista concedida ao projeto em 06 de setembro de 2018.

SOUZA, Lijane Dayse de Oliveira. "Percepções da realidade". Memórias de estudantes egressos do Colégio de Aplicação (1960-1995). Entrevista concedida ao projeto em 09 de agosto de 2018.

TELES, Alexandre Belém Carvalho. "Percepções da realidade". Memórias de estudantes egressos do Colégio de Aplicação (1960-1995). Entrevista concedida ao projeto em 09 de agosto de 2018.

ISBN: 978-85-7822-205-5

FUTEBOL, CLASSE E IDENTIDADE: A FORMAÇÃO DA PRIMEIRA EQUIPE DE FUTEBOL DA ASSOCIAÇÃO DESPORTIVA CONFIANÇA (1949-1951).

Sakay de Brito Santos
Mestrando em História (PROHIS-UFS)
Email: kasaytribo@hotmail.com

Orientador: Profº Drº Petrônio Domingues (PROHIS-UFS)

O ser humano é tipicamente um ser de vida social. Para que possamos compreender os grupos humanos, pequenos ou grandes, como configurações que os seres humanos formam entre si, torna-se mais viável ajustar de maneira mais evidente os conceitos aos dados observáveis do que permitir a habitual polarização entre o indivíduo e a sociedade. É aceitável dizer-se que as estruturas sociais são estruturas formadas por seres humanos e que isso também indica que o estudo das humanidades enquanto acumulação de indivíduos inicialmente isolados não necessariamente representa uma tentativa para conhecer e avaliar a qualidade das sociedades, mas sim para antes determinar as suas estruturas ou as configurações formadas por sujeitos que estão em constante integração e movimento de maneira dinâmica e com as devidas contradições decorrentes do convívio em sociedade.

Os grupamentos humanos produzem a partir de sua composição diversificada vários elementos de caráter coletivo e desenvolvem padrões sociais que refletem a cultura baseada na experiência histórica e na transmissão do conhecimento através das gerações. De acordo com Hall (2006) a formação cultural nacional contribuiu para criar padrões de alfabetização universais, generalizou uma língua como o meio dominante de toda a comunicação em toda a nação, criou uma cultura homogênea e manteve instituições culturais nacionais como, por exemplo, um sistema educacional nacional que torna evidente que as culturas nacionais são compostas não apenas de instituições culturais, mas também de símbolos e representações. Uma cultura nacional é acima de tudo um discurso e um modo de construir sentidos que influencia e organiza tanto as nossas ações quanto a concepção que temos de nós mesmos. As culturas nacionais, ao produzir sentidos sobre a "nação", sentidos com os quais podemos nos identificar, constroem identidades.

ISBN: 978-85-7822-205-5

De acordo com Marx (2002) a centralização e o fortalecimento da figura do Estado como entidade reguladora responsável pelo desenvolvimento de todo o conjunto social pode ser corretamente considerada como o principal fator a desencadear toda uma mudança na configuração da disputa de controle das instituições industriais, financeiras, educativas e religiosas por parte das *elites* de vários países europeus, acompanhado também de outros fenômenos sociais e expressões que designam aspectos específicos, como industrialização, crescimento econômico, alteração demográfica, urbanização e modernização política, que de fato, caracterizam uma transformação de longo prazo da estrutura social total. É possível identificar como sendo um dos principais elementos deste *processo,* conforme Elias (1992), a elaboração e o refinamento das condutas e dos padrões sociais, de como se sucede a divisão do trabalho, pela dimensão e pela estrutura das suas cadeias de relações entre os indivíduos e pelo equilíbrio entre as pressões nomeadamente de caráter social.

O processo de industrialização ocorrido na Inglaterra a partir do séc. XVIII acarretou drásticas mudanças no cotidiano da sociedade que podem ser verificadas com o aumento da urbanização e do contingente demográfico das cidades, o que gerou uma alta regulamentação do tempo exigida pela vida numa comunidade relativamente diferenciada, pois numa comunidade industrial que compreende muitos milhares, ou mesmo milhões de pessoas tornava-se cada vez mais necessário um controle das mais diversas atividades das pessoas, tanto no que se refere ao trabalho como também em suas práticas fora desse ambiente, as atividades de *não-lazer.* O desporto era uma das soluções para este problema.

Segundo Elias (1992) em todas as configurações sociais e nos mais diversos tipos de sociedade ocorreram manifestações de caráter coletivo que não estavam relacionadas com as atividades laborais, cujo propósito consistia aprioristicamente em satisfazer a necessidade de liberar as tensões criadas no ambiente cotidiano a partir atividades que exploravam o esforço físico numa disputa de caráter *mimético*[50]. Vale destacar que o termo *desporto* refere-se a uma atividade de grupo organizada, centrada num confronto entre, pelo menos, duas partes e que exige um certo tipo de esforço físico o que determina que a *desportivização* dos passatempos de lazer aconteceu paralelamente ao processo de industrialização que ocorreu na Inglaterra a partir do final do séc. XVIII e principalmente a partir da segunda metade do séc. XIX.

[50] Conforme ELIAS (1992) são as atividades de tempo livre que possuem caráter de lazer, quer se tome parte nelas como ator ou espectador.

ISBN: 978-85-7822-205-5

Na linha do desenvolvimento do desporto é possível identificar duas das principais razões para justificar e compreender como as atividades de caráter desportivo atingiram um nível considerável de maturidade tanto na sua estrutura e organização, como também na sua propagação como elemento intrínseco do novo estilo de vida urbano-industrial. A formação de clubes, levada a efeito por pessoas das elites interessadas em participar como espectadoras ou executantes numa ou noutra das suas variedades, representou um papel crucial no desenvolvimento do desporto. Na fase anterior ao desporto, divertimentos como a caça e uma diversidade de jogos de bola eram regulamentados de acordo com as tradições locais que variavam com frequência, de uma localidade para outra. Quando se tornou um hábito organizar confrontos de jogos ultrapassando o nível local devido ao deslocamento das equipes de críquete de um local para o outro, tornou-se necessário garantir a uniformidade do jogo. Outro fator importante no desenvolvimento significativo no que se refere à modernização desses jogos aconteceu na segunda metade do séc. XIX com a incorporação das atividades desportivas no programa educacional das escolas públicas britânicas, permitindo não só que tais práticas fossem incorporadas no cotidiano social dos ingleses, mas que também representaria um forte elemento cultural, partilhando do mesmo prestígio e alcance que as técnicas e equipamentos industriais conseguiram mundo afora.

> Do mesmo modo e em grande medida por esta razão, outros tipos de confrontos físicos com as características de desportos foram exportados da Inglaterra e adotados por outros países, entre eles as corridas a cavalo, o tênis, a corrida e outros gêneros de provas atléticas. A transição dos passatempos a desportos, a «desportivização», se é que posso utilizar esta expressão como abreviatura de transformação dos passatempos em desportos, ocorrida na sociedade inglesa, e a exportação de alguns em escala quase global, é outro exemplo de avanço de civilização. (ELIAS, 1992. p. 42-43).

Inicialmente, o tipo aristocrático dos passatempos que dominou a prática do desporto na Inglaterra na primeira metade do século XIX propagou-se para outros países e foi adotado pelas correspondentes *elites* sociais antes de os tipos mais populares, como o futebol, se desenvolverem com tais características. Paralelamente ao crescimento industrial dos demais países, a Inglaterra passou a servir de modelo representativo da modernidade à medida que exportava suas técnicas, seus profissionais e seu maquinário para nações como o Brasil, que iniciaram posteriormente o seu processo industrial.

A análise do desenvolvimento do futebol como uma atividade social integrante de uma configuração mais vasta que é composta pelos membros da sociedade como um todo e que por sua vez caracteriza-se como um fenômeno social por direito próprio, pode oferecer uma excelente contribuição para se compreender em quais termos as interligações de planos e de

ISBN: 978-85-7822-205-5

ações dos sujeitos sociais envolvidos, refletem-se nas relações de identidade, cultura e política. Aliás, não se encontram socialmente separados e desinseridos sem relação com a estrutura mais ampla de interdependências sociais, mas intimamente entrelaçados, muitas vezes de forma complexa, com a estrutura da sociedade em geral e com a maneira como esse tecido é entrelaçado no âmbito da sua estrutura.

O objetivo dessa pesquisa é entender o futebol sergipano como um importante elemento na configuração social e que, portanto, deve ser objeto de uma análise sociológica que possibilite compreender a partir de seu próprio desenvolvimento qual o seu nível de interferência e seu percentual de contribuição na alteração do plano das relações sociais em Sergipe. Examinando a trajetória histórica do processo social do futebol na capital Aracaju no decurso da década de 50 do século passado podemos perceber através do esporte que o seu incipiente curso de urbanização e industrialização pode revelar que fatores como o seu início elitista (quando trazido pelos militares que destacavam na Capital Federal ou nas malas dos jovens de famílias ricas que retornavam de seus estudos em São Paulo e principalmente no Rio de Janeiro), a disposição clubística, a organização político-administrativa que regulava o Campeonato Oficial Amador e o surgimento dos times de fábrica resultaram numa massiva popularização do futebol no seio das camadas populares promovendo um canal de comunicação e o contato direto entre as mais diversas camadas sociais de maneira aberta e direta, além de representar uma importante ferramenta de inserção social e mesmo que ainda para poucos, tornando real uma chance obter melhores oportunidades na vida.

Diferentemente das demais atividades desportivas praticadas de maneira exclusiva nos clubes de elite como as corridas à cavalo ou o remo, o futebol foi favorecido pela simplicidade nas regras e a maneira fácil de se praticar caindo imediatamente no gosto popular como sugere Aquino (2002), já que poderia ser praticado por qualquer um e em qualquer dia do ano nos inúmeros terrenos baldios, arrabaldes, aterros e apicuns que eram tão comuns em todas as regiões da cidade. Esse fator foi determinante para que o futebol se tornasse o signo das diferenças sociais e da luta de classes na configuração do espaço urbano da capital que se encontrava a partir daí, espacialmente demarcada também pelos seus clubes de futebol, que condensavam e recriavam as suas conotações ideológicas ligadas aos bairros e às comunidades ao qual pertenciam. Este fenômeno foi responsável pelo surgimento de dezenas, centenas de times. Havia time dos gráficos, dos farmacêuticos, de veteranos, de jornalistas, de bancários, de comerciantes... times de bairros, de ruas, de regiões. O campo de futebol e a dinâmica do jogo assumiram assim numa menor escala o papel de representar as contradições e as faces que

ISBN: 978-85-7822-205-5

constituíam o cenário social entre aqueles que cultivavam a sua prática aristocrática e os que redimensionavam os seus sentidos a partir da prática cotidiana. De acordo com Silva (2006) jogadores que eram membros de uma elite atenta às últimas novidades europeias passaram a conviver – contra a vontade – com outros jogadores que saíam de cortiços, de quartéis, de casas de secos e molhados ou de fábricas.

Esta pesquisa foi evidenciada a partir de uma rigorosa pesquisa nas fontes disponíveis para se compreender em quais parâmetros se deu o crescimento do fenômeno futebolístico em Sergipe. Diante de uma inexistente documentação oficial em decorrência de um grande incêndio que ocorreu no antigo prédio da FSD na década de 60[51], o caminho foi percorrer toda a produção periódica da época[52], de uma Imprensa que ainda vivia sua transição para uma 'profissionalização' e seguir a perspectiva de Thompsom (1992) de utilizar um método que inegavelmente tem os seus limites, mas que apresenta vantagens muito grandes do ponto de vista da abrangência pois a história oral permite uma escrita mais democrática, ligada à "história vista de baixo". Dá voz aos que, nos documentos tradicionais, não seriam considerados. Foram incontáveis encontros extremamente proveitosos e vários depoimentos de ex-jogadores, ex-dirigentes, árbitros da época e jornalistas que puderam construir e reconstruir o cenário do *esporte-rei*[53] em terras sergipanas além de trazer ao conhecimento público a memória de vários personagens marcantes e determinantes na ascensão da AD Confiança, o grêmio proletário, como representante legítimo da identidade do povo marginalizado e da classe trabalhadora, dando um novo sentido à logica do esporte bretão em nossas canchas.

Resguardadas as devidas ressalvas quanto às suas particularidades e dimensões, é notável constatar que ao se traçar um perfil histórico comparativo entre a trajetória do futebol no eixo Rio-São Paulo e o desenho que se formou na capital sergipana e que era o polo de irradiação de cultura e modernidade para o interior do Estado, podemos observar claramente o alto de grau de semelhança e congruência nos dois processos. Poderia até afirmar que são análogos. Como podemos observar em Caldas (1990), a chegada a partir de 1895 em São Paulo com Charles Miller, em 1904 no Rio com Oscar Cox, o elitismo e a tradição dos grandes clubes, a proletarização do jogador, a imensa aceitação popular, o incontável número de times de bairro, o surgimento da Imprensa especializada, a ligação ubíqua com o comércio, os conflitos entre as camadas sociais e a aliança com a política na construção de uma identidade comum são

[51] 1966.
[52] Correio de Aracaju; Diário de Sergipe; O Nordeste; O Tempo e Sergipe Jornal.
[53] Denominação dada ao futebol devido sua grande popularidade.

ISBN: 978-85-7822-205-5

fatores de interseção que devem ser levados em consideração. Rememorar o desenvolvimento do futebol sergipano é recontar o próprio processo de incorporação desse esporte em nível nacional.

Em 1949 a cidade de Aracaju não possuía grandes dimensões. Seu espaço geográfico expressava um padrão urbano/selvagem onde o crescente processo de urbanização promovido pela PMA[54] ainda indenizava vários proprietários na desapropriação de sítios e terrenos para a abertura e prolongamento de algumas de suas principais artérias, como a rua de Laranjeiras, rua São Cristóvão e av. Rio de janeiro[55]. Sinal de que a expansão da área urbana começara a pôr em contato os diversos aglomerados urbanos que cresciam ano após ano, para além do Quadrado de Pirro. Símbolo de vanguarda urbanística para alguns, tinha na verdade a função de mensurar a desigualdade social sobre o terreno pantanoso e alagadiço da *novel* capital costeira, generosamente banhada pelos rios Sergipe e Tramandaí e pelos inúmeros pequenos braços fluviais que 'retalhavam' toda a cidade. Tais aspectos podem ser mais bem compreendidos a partir de uma análise mais acurada da ocupação demográfica de Aracaju período histórico em questão.

Os serviços públicos essenciais providos pela prefeitura eram extremamente defasados. A parcela geográfica urbanizada correspondia a uma margem de 25% dos limites da cidade de acordo com Machado (1989). Ao norte a partir da antiga praça do Obelisco[56] que era reduto principalmente das camadas médias urbanas, funcionários públicos de baixo escalão, além de pequenos e médios comerciantes; seguindo pela av. Rio Branco, o centro da cidade, situavam-se as Instituições Governamentais, os prédios Públicos, o Colégio Estadual e os tradicionais estabelecimentos particulares de ensino[57], o grande comércio e era composta principalmente de profissionais liberais, proprietários de casas comerciais, cirurgiões-dentistas e médicos de várias especialidades. A zona sul limitada pela Curva do carvão[58] e pelo *Carro Quebrado*[59] era formada essencialmente pela elite política e econômica da capital representada pelos grandes empresários, industriais, personalidades políticas e jurídicas. Em direção ao oeste, o alcance de ruas com calçamento atingia até a rua Simão Dias. A área em volta desse perímetro era ocupada pelos ¾ restantes dos aproximadamente 75.000 habitantes que viviam em Aracaju como

[54] Prefeitura Municipal de Aracaju.
[55] Diário de Sergipe, 27/02/1951.
[56] Atualmente Mercado Antônio Franco. (N. A.).
[57] Colégio Jackson de Figueiredo e Tobias Barreto. (N. A.).
[58] Bairro 13 de Julho, atualmente "Curva do Iate Clube". (N. A.).
[59] Bairro São José. (N. A.).

ISBN: 978-85-7822-205-5

encontramos em Diniz (1963). Grandes bairros como o Monte Castelo[60], Aribé[61], Matadouro[62], Joaquim Távora[63], Industrial e Santo Antônio sofriam diariamente com a ausência de uma rede de esgoto que impedisse os constantes alagamentos que sempre ocorriam em dias de chuva, não existia calçamento nas ruas e por conta disso, era impraticável o acesso de veículos, não permitindo uma coleta de lixo regular; o SLFA[64] não era capaz de garantir o fornecimento de energia tornando frequentes os *blackouts* e as noites de completa escuridão, provocando a queima vários aparelhos domésticos. A rede de abastecimento de água não cobria além do perímetro urbano e os moradores desses bairros dependiam de lavanderias públicas e fontes particulares, com seus donos cobrando caro pelo precioso líquido; o sistema de transporte público não possuía horário certo e consistia em seis linhas de bonde que ligavam o centro a alguns pontos desses bairros mais algumas marinetes da ETU[65] do Sr. José Martins que tentava manter a frota diante de tantos carros que quebravam em virtude da condição das vias; o Gragerú e a Praia Formosa[66] eram vilas de pescadores sem a mínima infraestrutura, pouco habitadas e em processo de loteamento.

A capital vivia basicamente de sua atividade industrial ainda em pequena escala e de seu modesto centro comercial, em virtude de não possuir abertura suficiente na saída do rio Sergipe para comportar a chegada de navios comerciais de maior porte, o que encarecia o preço dos produtos básicos de abastecimento da cidade, tornando muito alto o custo de vida para o aracajuano de baixa renda[67]. Com somente uma pequena parcela da PEA preenchendo o limitado mercado de trabalho, restava à grande população suburbana que não possuía qualificação profissional ou sequer uma formação educacional, viver do subemprego ou de atividades pouco remuneradas.

O esporte como atividade social foi capaz de pôr num mesmo plano os setores mais diversos da sociedade aracajuana. O campo de futebol passou a abrigar a coexistência muitas vezes conflituosa, entre classes tão díspares, expressando através da composição dos clubes e

[60] Bairro Getúlio Vargas e Cirurgia. (N. A.).
[61] Bairro Siqueira Campos. (N. A.).
[62] Bairro Santos Dumont. (N. A.).
[63] Bairro 18 do Forte. (N. A.).
[64] Serviço de Luz e Força de Aracaju. (N. A.).
[65] Empresa de Transporte Urbano.
[66] Bairro 13 de Julho. (N. A.).
[67] Sergipe Jornal, 11/01/1949.

ISBN: 978-85-7822-205-5

da organização do seu Campeonato Oficial a nova configuração social que se formava em torno do *association*[68].

Devido a seu processo de ocupação em andamento havia na cidade, segundo Loureiro (1983), uma imensa quantidade de terrenos e apicuns que eram adaptados para a prática do futebol. Esse fato foi responsável pelo aparecimento de uma grande quantidade de times pelos bairros, dando origem à rivalidade fortalecida entre as comunidades na disputa da Liga Suburbana que era organizada de maneira autônoma pelos representantes das principais equipes em jogos que atraíam o grande público e movimentavam os domingos na periferia. O subúrbio sempre foi celeiro de inúmeros craques e possuía boas equipes, times tradicionais que muitas vezes forneciam bons jogadores para os grandes clubes da cidade.

A Liga Suburbana era formada por clubes como o Aspirante Palestra, Tobias Barreto, Santa Cruz, Ginásio, Aracaju, Corinthians, Onze Perigos, Nordeste, Independente, Madureira, Vitória e Atlético, times que não tinham condições de ingressar ou manter-se na disputa do Campeonato Oficial por conta dos parâmetros estatutários da FSD[69] que dificultavam sobremaneira a possibilidade dessas equipes participarem do seleto grupo.

O Certame agregava times com distintas dimensões e realidades. O Cotinguiba e o Sergipe respectivamente os clubes mais antigos e tradicionais do Estado, ambos do bairro da Fundição[70] e originalmente fundados para a prática do remo, comportavam a elite econômica e política e contavam com um razoável número de associados que frequentavam os jogos e os bailes dançantes conduzidos pelas orquestras do Maestro Pinduca e João Soares. Eram os dois maiores clubes e, portanto tinham um grande poder de influência na FSD. Num segundo nível estavam as equipes que batalhavam para manter seus times e que contavam sempre com uma figura muito comum da época: "o abnegado". Dirigentes e acima de tudo, torcedores, que não mediam esforços para dar a vida pelos seus times. O Vasco EC de Cacetão[71], Pirricha[72] e o Sr. Moura Filho, era composto por jovens de classe média, empregados do comércio e profissionais liberais; o Paulistano FC dos irmãos Raimundo e Deocleciano Ramos, era mantido por pequenos e médios comerciantes que cooperavam para sustentar a ampla sede da rua São Cristóvão e ofereciam emprego para seu plantel; o Olímpico FC possuía um dos elencos mais fortes entre recrutas e oficiais do Exército. Sua sede era no 28º BC e tinha como principal

[68] Denominação Oficial do futebol na Inglaterra. (N. A.).
[69] Federação Sergipana de Desportos. (N. A.).
[70] Região atualmente entre o Centro da cidade e o bairro 13 de Julho. (N. A.).
[71] João Álvares Pereira. (N. A.).
[72] Manoel Felizardo do nascimento. (N. A.).

ISBN: 978-85-7822-205-5

responsável o Cap. Djenal Tavares de Queiroz, personagem de destaque na política e no esporte sergipano; as equipes mais modestas eram o Palestra FC de João Smith, que era bancado por amigos e alguns pequenos comerciantes e o Atlântico FC, formado por jovens garotos de classe média alta, liderados pelo Sr. José Tomaz Gomes. O diferencial da temporada de 1949 estaria por conta da mais nova equipe a se filiar na FSD e registrar o seu time para disputar competições oficiais, a Associação Desportiva Confiança.

A firma Sabino Ribeiro & Cia, a fábrica Confiança contava com 780 operários, era a segunda[73] indústria têxtil de Aracaju e foi fundada em 1907 no apicum situado no extremo norte da cidade, o futuro bairro Industrial. Desde 1936 por iniciativa de Epaminondas Vital e o jovem Joaquim Sabino Ribeiro Chaves sustentava equipes de voleibol, pingue-pongue e basquetebol formadas por operários como parte de um programa de lazer entre os funcionários além de participar de campeonatos nas modalidades.

A ideia de montar uma equipe de futebol surgiu após boas atuações que a AD Confiança desempenhou num torneio entre as fábricas Confiança, Passagem (Neopólis), Santa Cruz (Estância) e Bomfim (Estância) que acontecia anualmente nas comemorações do dia do trabalho no campo Adolfo Rolemberg. A popularidade do futebol e o exemplo do Bangu-RJ motivaram os amigos Djenal e Joaquim Ribeiro a tomar as devidas providências para inscrever a AD Confiança na FSD e para reunir um bom elenco de jogadores que representassem de forma digna o nome da fábrica. Mal imaginavam eles a magnitude e a repercussão que esse gesto representara. Foi escolhido o uniforme com camisa branca de mangas e colarinho azul, short e meião azul e o brasão foi gentilmente desenhado numa mesa do refeitório do quartel pelo atleta propriaense do Olímpico e assessor do Cap. Djenal, João Gomes, fazendo a lápis um círculo com um copo e inserindo (inspirado no Olímpico) as três letras que mudariam os rumos do futebol a partir daquele janeiro de 1949: ADC.

Coube a Djenal recrutar os melhores elementos dos times de bairro da capital e do interior para integrar o verdadeiro selecionado que se formava no bairro Industrial. A oportunidade de emprego na fábrica seria o fator decisivo para atletas de todo o Estado desejarem participarem da equipe que já despontava como a mais nova força do nosso futebol. O comando técnico ficaria por conta do enfermeiro e ex-zagueiro de CSS[74] e Vasco, o laranjeirense Enoque Alves do Nascimento.

[73] A primeira foi a fábrica Sergipe Industrial, de propriedade de Thalez Ferraz. (N. A.).
[74] Clube Sportivo Sergipe.

ISBN: 978-85-7822-205-5

Assim foi formado o primeiro time do Confiança: Pedro Babú [Palestra], Sílvio [Riachuelo], Bidú [Olímpico], Mergulho [Independente], Dão [Riachuelo], Sandoval de Barros [Olímpico], Tião [Riachuelo], João de Belaniza [Ipiranga], Paulo Lumumba [Riachuelo], Jaime de Souza Lima [Vasco] e Pedrinho [Madureira]. A primeira partida oficial disputada foi em 06/03/1949[75] pelo Torneio Adolfo Rolemberg com vitória sobre a equipe do Atlântico pelo placar de 5 x 1. O primeiro gol da história da equipe foi marcado pelo atacante de Maruim, o 'Infernal' João de Belaniza e contou com um público estimado em 2.500 pessoas com renda de Cr$ 3.500,00 no campo suburbano do Tobias Barreto.

Esse era tradicionalmente o primeiro torneio da temporada, sempre disputado no campo homônimo, cuja propriedade era dividida entre CSS e Cotinguiba. As péssimas condições da estrutura e o desabamento de um lado inteiro das arquibancadas fizeram com que a FSD transferisse o torneio[76] Adolfo Rolemberg para o campo suburbano do Tobias Barreto no bairro Monte Castelo que logo recebeu a alcunha de "tenda de circo" por conta do cercamento feito com tecidos da Fábrica Confiança juntamente com o esforço de João Smith e Djenal Tavares. A negativa da federação em bancar a reforma do campo particular e levar o campeonato para um bairro suburbano fez com o presidente João Oliveira Sobrinho pressionado pelos seus dirigentes e associados, não permitisse a participação do Cotinguiba[77] nem no Torneio e nem no Certame, levando consigo o CS Sergipe e o Vasco, que dependia do campo do Adolfo e da quadra do Cotinguiba para treinar suas equipes de basquete e futebol. O sucesso de público e renda da competição a qual o Olímpico foi campeão atraiu posteriormente o CS Sergipe e o Vasco, ficando o clube da Fundição isolado e não competindo nessa temporada. O problema gerado entre os clubes foi preponderante para a construção do Estádio de Aracaju que seria inaugurado em 1950[78].

O grande interesse despertado na população gerou um aumento considerável no destaque dado ao futebol nas páginas dos jornais, praticamente dobrando suas vendagens. Esse fator foi decisivo na fundação da ASCDS[79], lideradas pelos jornalistas José Thomaz Gomes da

[75] Sergipe Jornal, 10/03/1949.
[76] Sergipe Jornal, 20/01/1949.
[77] Diário de Sergipe, 18/07/1949.
[78] 15/01/1950. (N. A.).
[79] Associação Sergipana de Cronistas Desportivos.

ISBN: 978-85-7822-205-5

Silva, José Eugênio e José Martins Penalvo. O *Torneio Initium*[80] fora organizado com toda a renda revertida para a entidade que fortalecia a ligação do futebol com o cotidiano do futebol.

O Certame desse ano foi realizado em sistema de turno e returno com um jogo no campo Tobias Barreto e outro no Adolfo. Sagrou-se campeã a boa equipe do Palestra que viria a vencer também a decisão do Campeonato Absoluto contra o Passagem, sendo que a ADC foi a vencedora do campeonato mas em virtude da Lei do Estágio perdera todos os pontos conquistados. O técnico Enoque preferiu adquirir conjunto a ter que abrir mão de seus melhores jogadores.

Na temporada de 1950 a renda dos jogos do Confiança era em média cinco vezes maior que o valor obtido nos jogos entre as demais equipes. Ser torcedor do Confiança representava ser da classe trabalhadora, da população pobre. Foram contratados novos jogadores e novamente a campanha foi vitoriosa, culminado no vice-campeonato da cidade, vencido pelo Paulistano[81].

O ano de 1951 foi particularmente especial para as camadas marginalizadas e o povo em geral. Com resultados positivos e boas atuações em todas as partidas amistosas disputadas na pré-temporada, a ADC despontava como favorita ao título e as previsões não pareciam estar erradas. O confiança venceu com primazia o Torneio Início em 25/03/1951[82] e partia juntamente com a sua enorme torcida para a conquista do Certame.

Logo no seu primeiro jogo o Confiança arrasou o Atlético EC pelo impressionante placar de 18 x 0[83] e foi vencendo jogo após jogo com uma admirável média de público em seus jogos, arrebanhando torcedores em todos os cantos da cidade e despertando o sentimento comum de que naquele ano um time formado por sapateiros, tecelões, pintores e eletricistas, fosse capaz de desbancar os grandes clubes tradicionais de Aracaju.

Chega a última rodada com o Confiança e Olímpico empatados na ponta da tabela restando apenas o duro confronto com a forte equipe do Vasco e que foi decidido em favor do grêmio proletário com o gol salvador do atacante Dunga aos 29 min. do segundo tempo, fazendo explodir os mais de 4.000 torcedores apaixonados no grito uníssono de campeão que ecoou noite adentro pelas ruas do bairro Industrial[84].

[80] Segundo Silva (2006) o *Torneio Initium* foi criado em 1916 por um grupo de jornalistas que tinha Mário Pollo à frente da organização. O objetivo era fazer uma prévia do que seria o campeonato principal e com renda revertida para o auxílio do patronato de menores.
[81] Jornal O Nordeste, 08/11/1950.
[82] Correio de Aracaju, 27/03/1951.
[83] Diário de Sergipe, 23/04/1951.
[84] Diário de Sergipe, 29/10/1951.

ISBN: 978-85-7822-205-5

Restava agora para coroar a temporada e agraciar a torcida a final do Campeonato Absoluto que seria decidida contra o atual campeão Passagem. Após empate em 2 x 2 na primeira partida no Estádio de Aracaju o time ficou concentrado durante uma semana no Sítio da família Ribeiro Chaves no município de Salgado, treinando fortemente para a partida decisiva.

Numa partida eletrizante que quebrou os recordes de público e renda em todo o campeonato, a ADC carregou em seu escudo toda a força que vinha de seu torcedor que tanto apoiou durante o Certame e venceu de maneira brilhante pelo placar de 7 x 1[85] com quatro gols do atacante Pedrinho. Dizem que a festa durou três dias e que as ruas do bairro Industrial foram tomadas pelo maior baile a céu aberto que Aracaju já vira. Foi do tamanho da sede de vitória de um povo sofrido que a AD Confiança saciou com seu time vencedor.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

CALDAS, W. **O pontapé inicial: memória do futebol brasileiro.** São Paulo: Ibrasa, 1990.

DINIZ, José Alexandre Felizola. **Aracaju: síntese de sua Geografia Urbana**. Dissertação para concurso de professor de Geografia do Colégio Atheneu Sergipense, UFS: 1963.

LOUREIRO, Kátia Afonso S. **A trajetória Urbana de Aracaju:** em tempo de interferir. Aracaju, Instituto de Economia e Pesquisa – INEP, 1983.

ELIAS, Nobert.; DUNNING, Eric. **A busca da excitação no lazer.** Lisboa: Difel, 1992.

_____. **O Processo Civilizador: uma história dos costumes.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990. v. 1.

FILHO, Mario. **O negro no futebol brasileiro**. Rio de Janeiro: Maud, 2010. 5ª ed.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro. 11ª Ed. Rio de janeiro: DP&A, 2006.

MACHADO, Ewerton Vieira. **Aracaju: Paisagens e fetiches**. Abordagens acerca do processo de seu crescimento urbano recente. Dissertação de Mestrado.

UFSC: 1989.

SANTOS, A. R. **Metodologia científica: a construção do conhecimento.** Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

[85] Diário de Sergipe, 04/12/1951.

ISBN: 978-85-7822-205-5

SILVA, Francisco Carlos Teixeira da.; SANTOS, Ricardo Pinto dos. **Memória Social dos Esportes: futebol e política: a construção de uma identidade nacional.** Rio de Janeiro: Mauad Editora, FAPERJ, 2006.

THOMPSON, Paul. **A Voz do Passado: história oral.** Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1992.

- Entrevistas:

ALVES, Américo: depoimento [dez. 2013]: Entrevistador: Sakay de Brito. Aracaju: UFS, 2013.

DIAS, Ariston: depoimento [jan.- abril. 2013]: Entrevistador: Sakay de Brito. Aracaju: UFS, 2013.

SANTOS, João Gomes dos: depoimento [out. 2012 – jan. 2013]: Entrevistador: Sakay de Brito. Aracaju: UFS, 2013.

SANTOS, José Eugênio: depoimento [set. 2012 – dez. 2012]: Entrevistador: Sakay de Brito. Aracaju: UFS, 2013.

SANTOS, Pedro dos: depoimento: [set. 2012 – dez. 2012.]: Entrevistador: Sakay de Brito. Aracaju: UFS, 2013.

SOUZA, Delmar Teles de: depoimento [out. – dez. 2012]: Entrevistador: Sakay de Brito. Aracaju: UFS, 2013.

ISBN: 978-85-7822-205-5

GT 08

ASPECTOS DO COTIDIANO RIBEIRINHO A PARTIR DOS MODOS DE VIDA NO BAIXO SÃO FRANCISCO

Autor: Ana Beatriz Vilar Lessa
Graduanda em Psicologia pela Universidade Federal de Sergipe
Bolsista Pibic (COPES/UFS)
biavlessa@hotmail.com

Orientador: Marcelo de Almeida Ferreri

Apresentação

Esta pesquisa é desdobramento de um estudo anterior, que iniciou a tentativa de abordar tensões produzidas historicamente por transformações socioculturais em diversos povoamentos do território do Baixo São Francisco sergipano, espaços especificamente selecionados em função da análise dos registros documentais de uma perícia socioambiental feita na região. A confecção do laudo pericial veio por demanda judiciária, em razão de um processo movido por ex-moradores contra a Companhia Hidrelétrica do São Francisco, sob a alegação de modificações na região com a instalação da Usina Hidrelétrica As referidas transformações socioculturais que incidem sobre a região sergipana seriam provenientes de amplos processos de desenvolvimento econômico e social que redundam em modificações na vida daquele lugar. A aposta da pesquisa é que a análise dos modos de vida dos povoamentos da região estudada, com base no entendimento da vida cotidiana operado por Michel de Certeau, permite acesso a elementos importantes da vida comum do lugar e seus respectivos conflitos para o conhecimento efetivo da vida no contemporâneo.

Para a elaboração do laudo pericial, foi produzido um extenso acervo documental, desde fundamentações teóricas para inquirir as partes do processo a fotos e diários de campo. Os registros, em seu conjunto, apresentam as idas e vindas de uma região programada para cumprimento da missão desenvolvimentista historicamente incumbida. Impressões de organização, ajuste e preparo no trato das transformações sócio-culturais da região, especialmente das que provêm da intervenção do desenvolvimento regional, emergem como

ISBN: 978-85-7822-205-5

elemento analítico privilegiado para caracterizar a relação entre Estado, corporações e modo de vida local.

O Baixo São Francisco como objeto de pesquisa

O rio São Francisco já foi alvo de várias políticas desenvolvimentistas. Assim, em meados do século passado houve a instalação de complexos hidroelétricos (hoje são quatro) em seu curso e programas de desenvolvimento do poder público – com marcos na criação da Companhia Hidrelétrica do São Franscisco (CHESF) em 1945 e da Companhia de Desenvolvimento do São Francisco (CODEVASF) em 1974. O rio-mar já foi designado rio da unidade nacional, pela diversidade cultural que habita suas proximidades, e rio da integração nacional, pela "incumbência" de desenvolvimento agroeconômico, energético e social a que foi submetido.

Através de dados sociodemográficos, a maior parte produzidos pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o território do Baixo São Francisco apresenta o menor IDH do estado de Sergipe, abriga apenas pequena parte da população, tem Produto Interno Bruto (PIB) bastante pequeno. A região como um todo abriga sete comunidades quilombolas e pelo menos treze assentamentos de reforma agrária, que demandam políticas públicas diferenciadas. O programa governamental chamado Territórios da Cidadania do anterior Ministério do Desenvolvimento Agrário, hoje Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, que tinha como objetivos promover o desenvolvimento econômico e universalizar programas básicos de cidadania por meio de uma estratégia de desenvolvimento territorial sustentável informava investimentos de 98,7 (noventa e oito, vírgula sete) milhões de reais em ações que tratam de apoio à produção agrária, à cidadania e infraestrutura no período de 2009 a 2015 (PORTAL TERRITÓRIOS DA CIDADANIA, 2014).

O Baixo São Francisco recebeu uma atenção especial para pesquisa com uma perícia socioambiental realizada na região. Advinda de uma encomenda do Judiciário, um dos professores integrantes Grupo de Estudo e Pesquisa sobre Exclusão, Cidadania e Direitos Humanos (GEPEC) foi nomeado como perito dos processos 0002809-27.2002.4.05.8500 e 0000420-35.2003.4.05.8500 da Segunda Vara de Justiça Federal de Sergipe. A razão que motivou estes processos judiciários é argumentada pelo fato de que a instalação e o funcionamento da Usina Hidrelétrica de Xingó haveriam produzido bb grandes danos socioambientais na vida dos moradores do povoado Cabeço, no município de Brejo Grande/SE, seja pela inundação completa do povoado, seja pela restrição das condições de pesca na região,

ISBN: 978-85-7822-205-5

em uma lide iniciada em 2002. Para a confecção do laudo pericial demandado, a perícia socioambiental, em parte equipe dessa pesquisa, realizou, dentre outras ações, um estudo que totalizou 45 (quarenta e cinco) viagens a campo, passando por 25 (vinte e cinco) localidades da região, realizadas entre junho de 2012 e dezembro de 2014. Essas visitas tiveram como função a produção de registros que descrevessem o cotidiano da vida local.

A partir dos registros realizados nessas idas a campo e do histórico da região, pode-se constatar novas configurações no universo do trabalho. De acordo com Mendonça Filho e Carvalho (2016), há dois modos diferentes de produção coexistindo e atravessando as relações no Baixo São Francisco desde o século XVII até a atualidade. O primeiro modo é o de subsistência e segundo o verbete 16 ("modos de produção"), de Mendonça Filho e Carvalho (2016), constitui-se produção para uso próprio e dos que estão próximos; já o segundo, é o comercial, que atende aos anseios do mercado. Contudo, tais formas de produção e suas dinâmicas sociais vêm passando por diversas transformações com a intensificação do desenvolvimentismo, em especial com a implantação da Usina Hidrelétrica Xingó. A partir do crescimento do projeto de desenvolvimento nacional nas comunidades que circundam o "Velho Chico", o Baixo São Francisco tem vivido um gradual desarranjo dos modos de subsistência, com uma "perda de *sustentabilidade* por tornar as pessoas dependentes do fluxo (em geral limitado e instável) de dinheiro" (MENDONÇA FILHO & CARVALHO). Assim, assiste-se a uma mudança das sociabilidades dos ribeirinhos em decorrência das modificações nos modos de produção.

Uma das alterações nas formas de trabalho que vem se processando no Baixo São Francisco diz respeito à modernização da produção agrícola. Nesse sentido, Sousa (2011) aponta uma territorialização do capitalismo no meio rural, com o incremento de tecnologias modernas com fins de aumento de produtividade. Para a autora, reside nesse processo uma das contradições do capitalismo, pois este sistema não aceita o "ser camponês" e ao levar a modernização para o campo tenta alçar o campesinato ao *status* de agricultura familiar; todavia, ela aponta que ao adquirir maquinário moderno, o pequeno produtor se endivida e acaba correndo o risco de perder sua terra. Dessa forma, Sousa ressalta que no Baixo São Francisco a modernização da agricultura revela outro lado do desenvolvimentismo na medida em que as famílias camponesas ficam "na luta acirrada pela manutenção da vida" e a miséria é estabelecida, enquanto o capital se beneficia com grandes rendimentos, atendendo ao mercado.

Apesar das alterações acima indicadas, Shimada (2011) ressalta que em Sergipe, a economia açucareira ainda tem grande destaque. Segundo a autora, a cana-de-açúcar está

ISBN: 978-85-7822-205-5

incorporada na ordenação do agronegócio, se adequando às imposições do mercado, com o aumento da produção do açúcar e de álcool etílico para agrocombustível. Uma das consequências da produção e exportação da cana é a uma crescente concentração de terras entre os grandes empresários, além da exploração do trabalhador de corte de cana, submetido a condições precarizadas de trabalho (Shimada, 2011).

O cotidiano certeauniano e as táticas da massa

Michel de Certeau vincula sua caracterização de cotidiano às ideias de "estratégia" e "tática". A primeira Certeau elabora como o "cálculo (ou manipulação) das relações de forças que se torna possível a partir do momento em que um sujeito de querer e poder (uma empresa, um exército, uma cidade, uma instituição científica) pode ser isolado" (LEITE, 2010). Já a segunda se refere à "arte do fraco" e se liga à astúcia, que "opera golpe por golpe". Em vista disso, a teoria de Certeau tem uma particularidade de grande relevância, como nos mostra Leite ao apontar que "a noção de cotidiano como práticas, em Certeau, portanto, permite que se analise formas distintas de apropriação do espaço, a formação de lugares e o rompimento de fronteiras que demarcam socioespacialmente a vida urbana" (LEITE, 2010, p.747).

Todavia, para realizar uma completa análise de conceito pela ótica certeauiana, deve-se vincular o par de conceitos "estratégia" e "tática" ao de "espaço" e "lugar". Leite aponta que no espaço há margem para fissuras e criação de novas práticas, posto que nele não existam posições definidas. Já no lugar, há uma demarcação permanente, "mediante práticas sociais e usos semelhantes" (LEITE, 2010).

Assim, Certeau (1994) avisa que tem como intuito principal trazer à tona as "combinatórias de operações" que constituem (junto a outros fatores) uma "cultura" e descobrir os moldes de conduta pertinentes aos usuários. Para estes últimos, Certeau faz a ressalva de que eles são denominados consumidores; sendo, na verdade, dominados, porém, ainda assim, não podem ser caracterizados como "passivos ou dóceis". Ou seja, para o autor, há um modo de ação, da ordem do "consumo", relativo às "*maneiras de empregar* os produtos impostos por uma ordem dominante", que se põe de maneira "silenciosa e quase invisível" e subverte as leis impostas aos dominados (CERTEAU, 1994, p.39). Este novo tipo de uso é apontado pelo autor como difuso e pouco visível porque diz respeito a uma massa marginal (que, entretanto, não é homogênea), não reconhecida como produtora de cultura, mas que consome e paga.

Para Certeau, as táticas (que se dão a partir de oportunidades emergidas em breves momentos), dispositivos que formam uma "rede de antidisciplina", reapropriam o espaço com

ISBN: 978-85-7822-205-5

as novas maneiras de fazer. A tática, que "só tem por lugar o do outro" (CERTEAU, 1994, p.45), com seu rearranjo oculto no jogo de poder politiza as experiências cotidianas. Com esta noção emergem novos modos de conceber as ações dos ribeirinhos frente às medidas do desenvolvimentismo na região. Tal compreensão ajuda a compor, então, o escopo do que aparece como tensões nos modos de vida local. Assim, não há um tratamento genérico do que é abordado; o olhar se volta para a dinâmica que a análise das táticas proporciona.

Metodologia

O presente estudo teve como importante referencial teórico-metodológico para a seleção e tratamento do material colhido para discussão, a Arqueologia do Saber (2008). A partir da noção de crítica do documento, Foucault (2008) aponta para uma mudança de abordagem por parte da história. O documento passou, assim, a ser entendido como um monumento e a questão norteadora se tornou estabelecer séries. Como consequência, o pesquisador não faz mais distinção entre notáveis e acontecimentos pequenos, "mas sim tipos de acontecimentos de nível inteiramente diferente" (FOUCAULT, 2008, p.8). A concepção de documento monumento serviu de inspiração para o modo de lidar com o material do acervo documental da pesquisa.

Para o desenvolvimento desta pesquisa, houve contato com todos os documentos produzidos pelos pesquisadores do Grupo de Estudo e Pesquisa em Exclusão, Cidadania e Direitos Humanos, envolvidos no acervo encontrado digitalmente nos computadores ou impressos na sala do GEPEC, constando áudios de diálogos com ribeirinhos, fotografias do povoado Cabeço, laudo pericial, autos do processo contra a Companhia Hidrelétrica do São Francisco e 55 diários de campo. Este último tipo de registro, feito após cada viagem pelos alunos que foram a campo, foi amplamente utilizado no presente estudo.

O laudo pericial é composto por 6 partes. As considerações iniciais apresentam o laudo e o intuito primordial da equipe socioambiental, formular parecer acerca dos reflexos da construção da Usina Hidrelétrica no Baixo São Francisco. A metodologia do laudo expõe o delineamento do estudo realizado, de inspiração etnográfica e etnometodológica. O glossário reúne 30 verbetes, que explicam constructos e conceitos utilizados na confecção do laudo. Para as indagações às partes do processo foram feitos os quesitos (respectivamente respondidos pelos peritos), e se utilizou na pesquisa os de número 10, 29, 31, 32 e 35, com maior aproveitamento do 10 (que interpela sobre as mudanças da UHE no sustento familiar, relações socioeconômicas dos ribeirinhos e viabilidade econômica da exploração da terra inundável). Os anexos do laudo agregam fotos, notas do perito, notas da perita, croqui do antigo Cabeço, composição da equipe

ISBN: 978-85-7822-205-5

pericial e índice de Gini (2010)[86] dos municípios do Baixo São Francisco. Por fim, estão as referências bibliográficas, que revelam a base teórico-metodológica do laudo.

Do acervo documental disponível, optou-se por trabalhar com os diários de campo, disponíveis em um só arquivo Portable Document Format (PDF) e organizados com uma estrutura padrão que identificava o dia de ida campo, estagiário e local. Após a leitura de todos os registros, foram selecionados incialmente 4 registros referentes a 3 dias (09/05/2013, 15/05/2013 e 21/05/2013) para a análise a primeira categoria escolhida – "moradias". Em seguida, passaram a ser utilizados para a segunda categoria de discussão – trabalho – 2 registros de 1 ida a campo (17/01/2014).

Discussão

A ótica certeauniana de leitura do cotidiano considera a contraposição estratégia e tática como peças essenciais de toda uma "cultura" em que usuários subvertem determinados moldes no 'espaço' – próprio para a formação de novos procedimentos. Diante da concepção de que "o cotidiano se inventa com mil maneiras de *caça não autorizada*" (CERTEAU, 1994, p.38) foram abordados dois aspectos fundamentais da vida ribeirinha para análise: Moradias e trabalho.

Sobre as habitações e o desenvolvimentismo

Por ser uma importante característica de como as relações se dão e dos impactos no cotidiano tanto coletivo quanto individual, as moradias foram consideradas uma categoria de análise das transformações dos modos de vida no Baixo São Francisco. Isto porque, a partir de certos registros de idas a campo durante a produção do laudo, foi possível observar uma mudança de sociabilidades em detrimento das transformações nos modos de viver com as novas construções habitacionais no povoado Saramém.

Pode-se notar este rearranjo social acompanhado do arquitetônico caracterizando-se brevemente as moradias do povoado Cabeço. Como apontado pelo quesito 10 da parte autora do laudo pericial (MENDONÇA FILHO & CARVALHO), para se construir uma casa na região era necessário apenas obter autorização de um conselho de moradores. Dessa forma, percebe-se que havia maior independência para a construção das moradias que se dispunham, ainda de acordo com o laudo, na rua principal indo do porto à igreja e em ruas transversais que se expandiam até as vias da praia e resto do povoado. O quesito do laudo se refere, ainda, à

[86] Coeficiente que serve para medir o nível de concentração de renda em um grupo – país, unidade federativa ou municípios.

ISBN: 978-85-7822-205-5

mudança de posicionamento das casas, que antes ficavam viradas para o rio e depois passaram a ter suas portas para a rua, apontando as modificações nas maneiras de vivenciar e habitar os entornos do rio. Entre o Cabeço e o Saramém a própria arquitetura das casas mostra o caráter das transformações; antes o morador poderia decidir com maior poderio próprio o modo de construção de sua residência, da quantidade de cômodos ao posicionamento das portas e janelas.

Por conseguinte, Mendonça Filho e Carvalho (2016) apontam para a perda de "da liberdade de construção" que os moradores experienciaram ao se mudarem para o povoado Saramém, visto que as novas casas foram construídas seguindo padrões alheios aos dos moradores no antigo Cabeço. Nesse sentido, o quesito 10 do referido laudo pericial evoca pesquisa de Albuquerque sobre os lotes habitacionais construídos no Povoado Saramém. No primeiro, em 1999, a prefeitura construiu 80 casas, que serviram a desabrigados do Cabeço e moradores da antiga comunidade Porto Saramém; já nesse momento foi possível perceber, de acordo com o estudo, que as residências entregues já compunham um conjunto habitacional, sem mais a estrutura de uma vila de pescadores. Em seguida, por pressão da comunidade, foram entregues mais 16 casas e assim como as primeiras, consideradas pelos próprios moradores como deficientes em infraestrutura. Essas duas primeiras remessas de unidades habitacionais foram informalmente denominadas "Casas do Cabeço" e depois vieram as "Casas de Maria do Carmo", por causa da senadora sergipana. Posteriormente, em 2008, vieram as "Casas da Norcon" para os moradores do povoado Resina e, por fim, as "Casas da Caixa", feitas em 2010 através do programa Minha Casa Minha Vida.

Conforme o laudo pericial, as casas construídas não possuíam infraestrutura básica para abrigar as famílias, além de apresentarem disposições espaciais e arquitetônicas bastante diferentes das moradias encontradas no Cabeço. Consoante a isto, destaca-se passagem das notas do perito em conversa com uma moradora em Mendonça Filho e Carvalho (2016):

> Eu passei um sufoco nessa casa, com 05 crianças pequenas e dois adultos com um quarto só, o banheiro fora da casa, e sem dinheiro para fazer mais nada. Todas as casas eram um modelo só, que casa feia! Ninguém queria vir. Os oitenta reclamaram muito porque lá botava o pé para fora da estava na praia. No Cabeço só era sair de casa e já estava pescando.

Tendo em vista as tensões instauradas com a passagem dos moradores do Cabeço para o Saramém e os impactos das novas casas nos modos de vida, optou-se por analisar aspectos do cotidiano ribeirinho a partir da categoria "moradia" e indicar possíveis interseções com a

ISBN: 978-85-7822-205-5

teoria certeauniana. Por isso, foram separados 4 registros dos diários de campo referentes a 3 dias, que se concatenam ao tema tratado, em especial, registro relativo à desocupação das moradias do "Minha Casa Minha Vida".

A primeira vez que a equipe pericial tomou conhecimento da desocupação em andamento foi dia 09 de maio de 2013, pois chegaram na cidade de Brejo Grande e logo souberam que no dia anterior a polícia do Choque havia estado lá para retirar os moradores de 30 casas. Em ida a campo do dia 15 de maio, as estagiárias descobriram que as casas, construídas com o Minha Casa Minha Vida, estavam prontas há cinco anos e foram ocupadas há cerca de quatro e meio por famílias cadastradas ou não no programa, por causa da morosidade em terminar as moradias e entrega-las.

Finalmente no dia 21 de maio de 2013 as estudantes estiveram presentes durante a desocupação no Saramém, quando apareceu a equipe formada por oficial de justiça, psicóloga, assistentes sociais, auxiliar administrativa da prefeitura, pintor para enumerar as casas, policiais, fotógrafo e um homem para arrombar portas e janelas. Deste episódio, faz-se necessário destacar a construção das "casas de palha" por alguns moradores expulsos pela desapropriação. Concernente a isto, encontra-se no diário de campo (Diário de campo – Povoado Saramém, 21/05/2013):

> Algumas famílias saíram das casas e alugaram outras no mesmo povoado, outras foram para casas de parentes e ainda umas famílias que não tinham para onde ir fizeram casas de palha para se instalarem, essas casas de palha foram construídas na beira do rio e outras quatro famílias construíram as casas no terreno próximo às casas, território da prefeitura.

A partir dos diários de campo foi possível notar como o episódio da desocupação no povoado Saramém afetou a dinâmica local e, assim, podem-se tecer indicativos de relações entre a teoria certeauniana e as moradias no Saramém. Na medida em que as habitações foram projetadas seguindo padrões arquitetônicos de programas institucionais, as formas planejadas de existência para as novas moradias se aproximam da estratégia pensada por Certeau (1994). Há, pois, uma presença mais explícita das forças exercidas por um sujeito de poder, neste caso, o domínio estatal para as construções; bem como a ação do "braço forte" da polícia durante o processo de desocupação. Em contrapartida, veem-se indícios da "arte do fraco" das táticas operadas por uma massa marginal com o movimento dos ribeirinhos que foram expulsos das casas ocupadas e sem perspectiva de outro lugar para morar, aproveitaram o momento e

ISBN: 978-85-7822-205-5

ergueram as "casas de palha" para si. São sinais da rede de antidisciplina, que para Certeau reconstitui o espaço e fomenta uma politização do cotidiano.

Sobre o trabalho e o progresso

A implementação de políticas desenvolvimentistas e de políticas assistencialistas no Baixo São Francisco gerou impactos de ordens tanto econômicas quanto sociais e culturais. À vista disso, tratar dos modos de produção que coexistem na região apresenta-se de vital importância para a discussão das transformações nos modos de vida e tensões percebidas no Povoado Saramém e proximidades. Segundo o verbete 8 ("efeito arrendamento") do laudo (MENDONÇA FILHO & CARVALHO, 2016), com as transformações nos modos de vida e de sustento, houve também o chamado "efeito arrendamento", que se apresenta em um panorama de desarticulação dos tipos tradicionais de existência. Para os autores, há no Baixo São Francisco uma distinção entre a dinâmica anterior, ligada aos ciclos econômicos previamente existentes, como arroz e cana de açúcar e a atual situação que a instalação da Usina Hidrelétrica assinala enquanto marco histórico relevante. Relativa à primeira conjuntura nota-se a formação de exércitos de reservas prontos a serem acionados para o trabalho; já no segundo contexto, existe uma relação de reparação econômica – através dos programas assistencialistas – pelas mudanças advindas com o novo aparato técnico e político de produção de energia. Pode-se verificar nitidamente essa perspectiva de Mendonça Filho e Carvalho (verbete 8, 2016), com a indicação de que:

> Associado à implantação de benefícios, como o Seguro Defeso e o programa Bolsa Família, tal como vem ocorrendo nos últimos vinte anos na região, produz-se para os ribeirinhos do Baixo São Francisco um efeito de "compensação financeira" e não de parcela por participação na produção (pagamento pela força de trabalho) como era o caso dos ciclos precedentes.

Por causa das mudanças percebidas no espaço social do trabalho, este foi selecionado como categoria de análise de variações nas sociabilidades, a fim de operar aproximações entre o cotidiano e aspectos dos modos de produção. Conforme aponta Mendonça Filho e Carvalho (2016) no verbete 22 ("políticas de desenvolvimento econômico"), a lógica da economia moderna preza pelo maior grau de produtividade e investimentos estratégicos a fim de possibilitar aos indivíduos o acúmulo de riquezas. Contudo, apesar do projeto desenvolvimentista para o Baixo São Francisco, os autores apontam que as políticas de progresso para a região insistem em instaurar uma "funcionalidade sistêmica". Ou seja, o

ISBN: 978-85-7822-205-5

fomento (de iniciativa pública ou privada) aos serviços de educação, saúde e segurança pública e demais aspectos das atribuições públicas não têm atendido satisfatoriamente aos modos de vida dos ribeirinhos.

Ainda que Mendonça Filho e Carvalho (2016) assinalem uma ineficiência das ações de desenvolvimento econômico em abranger necessidades básicas dos moradores da região, os ribeirinhos têm por vezes papéis ativos nas práticas de produção capitalista. Isso porque se pode encontrar no universo do trabalho no Baixo São Francisco elementos do cotidiano certeauniano e da contraposição entre estratégias e táticas. Em registros dos diários de campo dos estagiários que foram a campo com a equipe pericial, no dia 17 de janeiro de 2014, aparece um episódio em que esta relação de forças entre uma parte de poder e a um sujeito hipossuficiente. Na visita de duas estagiárias a Bonsucesso, assentamento do Movimento dos Sem Terra no município de Poço Redondo, em determinada conversa com uma moradora, há indicativos da "arte do fraco", a tática que aparece na teoria de Certeau (1994). Para se analisar o relato batizado informalmente "episódio das bombas", foram separados dois registros dos diários de campo e em um deles (Diário de campo – Assentamento Bonsucesso, 17/01/2014) a aluna conta que:

> Existem algumas plantações, dona Zélia planta apenas nas épocas de chuva. Isso porque as plantações são irrigadas e a água vem diretamente do rio São Francisco, a associação compartilha uma bomba pra todos os agricultores, a dona Zélia diz que não usa mais a bomba e prefere esperar a chuva vir pois a conta de energia que eles dividem é cara demais, e alguns pagam muito enquanto outros ficam devendo. Segundo esta é mais prejuízo.

As bombas a que se referiu Dona Zélia foram resultado de anos de políticas de planejamento econômico para as adjacências do rio São Francisco. Segundo Araújo (2005), os governos militares intensificaram o processo de investimento na região ao longo do Velho Chico a partir da ideologia "Brasil Grande", tendo eles criado em 1967 o Grupo Executivo Para a Irrigação e Desenvolvimento. Concomitante ao GEIDA foi formada a Superintendência do Vale do São Francisco, a qual posteriormente deu lugar à Companhia de Desenvolvimento do Vale do São Francisco. Tanto a repartição quanto a empresa citadas implementaram programas de irrigação nas margens do rio, a exemplo do Programa Nacional de Irrigação. Araújo (2005) salienta, ainda, que as ações governamentais na região se articulavam às demandas econômicas do centro-sul, ignorando as relações de produção já existentes no Baixo São Francisco. Constata-se, à vista dessas interferências desenvolvimentistas, que os dispositivos capitalistas não aceitam o modo de ser do camponês e o transfiguram em pequeno produtor (SOUSA, 2011).

ISBN: 978-85-7822-205-5

Além disso, a partir do relato sobre o trabalho de Dona Zélia (que não dispunha de recursos suficientes para usufruir da tecnologia levada pelo Estado) percebe-se a ineficácia dos programas assistencialistas em atender às demandas dos ribeirinhos, que criam *maneiras de fazer* para lidar com as adversidades. Assim, as táticas possibilitam aos moradores do Baixo São Francisco a sobrevivência e continuidade da produção econômica após as transformações que a instauração da UHE na região causou. Através dos artifícios que os ribeirinhos inventam instaura-se não somente um novo modo de funcionamento, como um cenário de resistência às estratégias arbitrárias. Portanto, as táticas dos ribeirinhos possibilitam a manutenção da vida frente às violências acarretadas com políticas desenvolvimentistas que ignoram os cotidianos já compostos antes.

Conclusões

Observadas as tensões nos modos de vida no Baixo São Francisco sergipano, veem-se novas formas de subjetivações às margens do rio, moldadas pelas noções de valor e progresso à medida que as políticas governamentais desconsideram a multiplicidade dos sujeitos antecedentes, em detrimento do desenvolvimento econômico. Analisados os dados selecionados para tratar do cotidiano ribeirinho, percebeu-se que as políticas de desenvolvimento para a região levam a um assujeitamento; processo de universalização e naturalização de determinados padrões existenciais, em que o tipo de "existência social é fixado a partir de critérios estéticos e éticos preestabelecidos" (verbete 5, "assujeitamento", MENDONÇA FILHO & CARVALHO, 2016). Como consequência, os ribeirinhos assumem diferentes papéis sociais daqueles desempenhados anteriormente. Deve-se, ainda, considerar a perda de liberdade por que passaram os moradores do Baixo São Francisco, como apontado pelo verbete 18 ("norma e autonomia") em Mendonça Filho e Carvalho (2016), pois os ribeirinhos tiveram suas capacidades normativas diminuídas, lidando cada vez mais com normas instituídas por agentes externos àquelas comunidades.

Em suma, este estudo possibilitou apurar a compreensão da importância que se tem em renitir diante de políticas que levam a processos heteronômicos. Com o ato de resistir ao progresso e à acumulação capitalística, por meio de táticas, persistem também formas de existência que dizem de vastas construções sócio-históricas.

7. Referências bibliográficas

ISBN: 978-85-7822-205-5

ARAÚJO, Ruy. O Baixo São Francisco: transformações históricas e econômicas. In: SÁ, Fernando & BRASIL, Vanessa (Org). **Rio Sem História? Leituras sobre o Rio São Francisco**. Aracaju: FAPESE, 2005.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: artes do fazer**. Vol1. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

LEITE, Rogério. **A Inversão do Cotidiano: Práticas Sociais e Rupturas na Vida Urbana Contemporânea**. Revista de Ciências Sociais, Rio de Janeiro, v.53, n. 3, p. 737-756, 2010.

MENDONÇA FILHO, Manoel. C. C. & CARVALHO, Clarisse. A. **Laudo de Perícia Socioambiental**. Aracaju: 2ª Vara de Justiça Federal, 2016.

PORTAL DA CIDADANIA. **Territórios da cidadania**. Brasília: Governo Federal, 2010 disponível em: www.mda.gov.br/sitemda/tags/territórios-da-cidadania. Acesso em: 27/07/2014.

SHIMADA, Shiziele O. A relação capital-trabalho no corte da cana e as novas formas de travestimento do trabalho escravo-precarizado. In: CONCEIÇÃO, A. L. (Org). **Trabalho e trabalhadores: as novas configurações espaciais da reestruturação produtiva no espaço rural**. São Cristóvão/SE: Editora UFS,2011.

SOUSA, Raimunda A. D. Trabalho e trabalhadores no campo: desvendando a realidade no Vale do São Francisco. In: CONCEIÇÃO, A. L. (Org). **Trabalho e trabalhadores: as novas configurações espaciais da reestruturação produtiva no espaço rural**. São Cristóvão/SE: Editora UFS, 2011.

ISBN: 978-85-7822-205-5

A FANTASIA NA PRODUÇÃO DO SINTOMA: UMA RESISTÊNCIA DO CONTEÚDO, UM DESAFIO PARA A MEMÓRIA.

Autora: Bárbara Santos Andrade
Graduanda em Psicologia pela Universidade Federal de Sergipe
Bolsista COPES (UFS)
Barbara.psicoufs@gmail.com

Orientador: Prof. Dr. Daniel Menezes Coelho (DPS/UFS)

Introdução

A teoria freudiana definiu conceitos que foram reformulados ao longo do seu desenvolvimento de acordo com os achados. Ocorria então, uma complexificação acerca dos temas devido a incorporação de novos aspectos. Um destes conceitos é o de sintoma, que considera aspectos da sexualidade, do trauma, da angústia, da pulsão de morte e da fantasia (BASAN; COELHO, 2019). Esta última, exerce influência na formação dos sintomas e seu papel fica evidente quando consideramos o processo de rememorações, de modo que problematiza o entendimento acerca da memória e das suas manifestações no psiquismo.

Desde a criação da Psicanálise há, por parte de Freud, uma tentativa de elaborar uma teoria da memória (FERRARINI; MAGALHÃES, 2014). O que mostra que este tema se faz importante na elaboração de sua teoria psicanalítica, bem como no entendimento na formulação da subjetividade humana.

O presente trabalho investiga o papel da fantasia na formação dos sintomas que permite um retorno/distorção de uma lembrança, ao mesmo tempo em que se configura como uma proteção a uma experiência desprazerosa. Tais compreensões conferidas às fantasias contribuem para uma prática clínica que esteja atenta aos aspectos da subjetividade na produção dos seus sintomas, entendendo-os como um trabalho de elaboração psíquica.

Uma teoria da memória para a Psicanálise

ISBN: 978-85-7822-205-5

Em 1896, quando Freud escreve o "Projeto para uma Psicologia Científica", apresenta um modelo para a memória. Na proposta de uma memória neuronal, o austríaco vai propor três sistemas distintos: phi (ϕ), psi (Ψ) e ômega (ω). Os neurônios psi seriam a sede da memória, pois eram os únicos capazes de guardar informações. Isto seria possível porque um traço mnêmico é produzido devido à passagem de uma quantidade de energia que precisava escoar, possibilitando a formação de uma memória. Os traços passariam a ser indicadores dos caminhos para o escoamento da energia e estes caminhos passam a ser repetidos (ANTONELLO; HERZOG, 2012).

Apesar da demarcação biológica deste raciocínio, o que se ressalta é uma trama neuronal que passa a mostrar-se além de um princípio mecânico de funcionamento, evidenciando um caráter não intelectual da memória (FERRARINI; MAGALHÃES, 2014). O que queremos destacar, é que Freud leva em conta, os aspectos de certas quantidades de energia que mais tarde serão pensados a partir de uma lógica de prazer/desprazer que serão de extrema importância para a construção do conceito de repressão no início da teoria psicanalítica.

Na "Carta 52", Freud complexifica ainda mais a dinâmica. Ele apresenta a memória como seletiva e que promove (re) organizações de traços mnêmicos, pensando assim, sobre o que se inscreve neste aparelho. Em suma, o entendimento é de que 1) os neurônios recebem as percepções (sem reter traço mnêmico), 2) os signos de percepção do sistema psi realizam a primeira transcrição, 3) na inconsciência acontece a segunda transcrição e na 4) PCS ocorre a terceira transcrição, agora ligada às representações-palavra. Tal modelo também vai entender a memória como estratificação e transcrição, fazendo-a ser entendida como parte integrante de um modelo topológico oferecendo a possibilidade de acesso a posteriori. Tal raciocínio permite pensar nos traços mnêmicos e mais tarde, no retorno do recalcado, que serão conceitos valiosos para o entendimento das fantasias. Pois, o traço será ativado pela lembrança (ANTONELLO; HERZOG, 2012). Essa complexificação se torna valiosa pelo caráter das transcrições e retranscrições.

O que nos é importante aqui, é a demarcação de que o aparelho psíquico é de memória e de linguagem. Fazendo parte de uma cadeia de representações-palavra, o traço mnêmico pode sofrer retranscrições e ligações (FERRARINI; MAGALHÃES, 2014). Estas últimas, permitem uma articulação entre os traços mnêmicos e o retorno do recalcado, pois tais traços podem advir à consciência sem despertar o desprazer que anteriormente despertaria (ANTONELLO; HERZOG, 2012).

ISBN: 978-85-7822-205-5

A memória aparece como o que é capaz de registro, conservação e transformação. As retranscrições as fazem sofrer alterações, consideração que leva Freud a questionar se o que é recordado pode não coincidir com o que de fato ocorreu. Podendo ser, então, produtos de fantasias.

Um dos caminhos para entender o funcionamento da memória seria trabalhar com os esquecimentos, e assim se constituem como um ponto de interesse para Freud que chega às lembranças encobridoras. Estas não representavam um esquecimento, propriamente dito, mas a omissão de um evento retido. Seu mecanismo permitia que se observasse que esse esquecimento passava por uma resistência, deslocamento e recalque, até que a lembrança fosse substituída por uma fantasia.

Deste modo, a conceituação da memória em Freud evidencia seus aspectos e funcionalidades inconscientes. Na reconstrução da memória, para lidar com a questão do recalque, Freud chega à fantasia, que participa da formação dos sintomas (CHNAIDERMAN, 2003). A fantasia, não estando a parte da produção mnêmica, vai produzir uma repetição de um conteúdo, que pode ser encontrado em sintomas, como se ocorressem de forma inédita (FERRARINI; MAGALHÃES, 2014). Assim, podemos afirmar que o mundo interno não aparece como um reflexo do que é vivido no factual. Assim, de acordo com Ferrarini e Magalhães (p. 114, 2014), "As lembranças evidenciam o aspecto lacunar da memória", não devem ser entendidas como um conteúdo que emerge, mas como (re) construídas.

A fantasia enquanto realidade

A discussão sobre as fantasias esteve presente na obra de Freud desde os seus primeiros escritos e vai se delineando aos poucos. Aparece no "Projeto" de 1895 no caso Emma, embora o termo não apareça na obra.

Emma era uma jovem que se queixava de uma compulsão de não poder estar em uma loja desacompanhada. Recorda 2 lembranças: 1) aos 12 anos havia estado em um estabelecimento em que teria visto dois vendedores rindo, e concluiu que riam da sua roupa. Porém Freud considerava que essa formulação não dava conta de explicar o que estava ocorrendo com a moça e pede que para que fale mais sobre suas lembranças; 2) a segunda lembrança - agora aos 8 anos de idade - se refere a uma lembrança de uma ocasião em que a jovem, numa confeitaria,

ISBN: 978-85-7822-205-5

havia sofrido um abuso sexual por parte do proprietário que lhe agarra pelas genitais enquanto sorria. Segundo Freud, o riso dos vendedores reavivava a lembrança original e despertava a descarga de uma energia sexual que até então estava sem representação, sem ligação. Assim, no caso Emma, o traumático se dá a posteriori e Freud assim demonstra como produto de várias retranscrições.

Observa-se que nessa época, a fantasia já aparece alterando os fatos (ou as memórias) para proteger o psiquismo de lembranças de uma experiência traumática. Segundo Santiago e Da Silva (2017) o mecanismo utilizado por Emma se aproxima do que Freud indicará por fantasias, entendendo-as como estruturas protetoras e de sublimação e embelezamento dos fatos que servem de auto absolvição. Assim, parte de lembranças são substituídas por fantasias, e estas participarão da formação dos sintomas. De forma que era inevitável que Freud se lançasse cada vez mais na investigação das fantasias. Na "Carta 69" (1897) destinada a Fliess, a necessidade de considerar a fantasia se torna evidente ao Freud afirmar que não havia indicação de realidade no ICS.

Em "Lembranças encobridoras" (1899) a noção aparece como atuante na formação de cenas encobridoras. as fantasias mostravam possuir em conteúdo grosseiramente sexual que por conta da supressão, precisou se contentar em transformar-se alusivamente e de forma fantasiosa numa cena infantil, pela inocência que ela poderia oferecer. Com a cena inocente, o caminho para a consciência seria possível e desde que haja um traço mnêmico, os desejos recalcados podem ser então realizados. A fantasia então aparece como algo ficcional e como uma defesa que distorce as lembranças e cenas originas.

A importância desta obra, ao se procurar o caminho que levou Freud à noção de sintoma, reside no fato de que aqui se discute o deslizamento desses desejos para uma cena infantil de modo a transformá-los alusivamente e também gerar lembranças da infância que podem não ter ocorrido na realidade. Coisa que já intrigava Freud quando ele escreve sua carta à Fliess. Se a lembrança encobridora foi entendida como ocultadora de experiências e desejos, logicamente a fantasia teria uma ligação estreita com esses instintos desejantes, e com a definição do que seria lembrado/esquecido.

Nos "Três ensaios sobre a teoria da sexualidade" (1905), Freud afirma que os sintomas eram uma atividade sexual do sujeito, e mais tarde, Freud passa tinha mais fatores para levar em conta na busca de entender a produção de sintoma. Com as considerações sobre realidade e

ISBN: 978-85-7822-205-5

fantasia e busca pelo prazer, alguns fatores passam a ser repensados, como por exemplo: a teoria da libido, as questões da neurose apontadas na carta a Fliess, etc. Deste modo, a fantasia - que trazia esse caráter de busca pelo prazer - mostrou possuir uma relação com a realidade. Uma realidade psíquica.

Assim, a fantasia não poderia ser um fator ignorado na consideração das formações dos sintomas. Quando Freud tentava construir uma visão sobre o desenvolvimento da psicanálise, na última parte do texto "Cinco lições de psicanálise" (1910) podemos ver a presença da discussão acerca das fantasias que passa a considerá-la na formação de patologias, pois a sua contribuição era inegável. O psicanalista afirma neste texto, que as pessoas adoecem quando não encontram satisfação na realidade, de modo que quando ela se tornava insuportável, o indivíduo se retirava para o mundo da fantasia (Freud, 1910, p.210). É quando o indivíduo não acha satisfação das suas necessidades libidinais na realidade, que a fuga se dá pela regressão a fases anteriores da vida sexual em que uma satisfação pode ser encontrada. Deste modo, ficava claro que o sujeito se refugiava na produção dos sintomas para o encontro de uma satisfação substitutiva para o que anteriormente foi negada. O sintoma aparece como a realização substituta de um desejo através da produção de fantasia, enquanto a realidade não pudesse oferecer tal satisfação.

O prazer e a realidade

No texto "Formulações sobre os dois princípios do funcionamento psíquico" (1911) Freud passou a tratar das consequências da substituição do princípio do prazer pelo princípio da realidade. O autor aponta que para entender devemos pensar em como o ser humano se relaciona com a realidade e como ocorre uma significação psicológica do mundo real, bem como a inscrição destas experiências na memória. Sugere uma explicação: os processos anímicos inconscientes que obedecem à tendência principal do princípio do prazer têm seu estado de repouso perturbado, fazendo com o que que é desejado seja inicialmente colocado de modo alucinatório. Quando o desejo não encontra sua meta, a simples ausência de uma satisfação esperada faz com que o sujeito abandone a alucinação e começa a lidar com uma realidade mesmo que ela seja desagradável, e assim se estabelece o princípio da realidade.

ISBN: 978-85-7822-205-5

Porém a substituição de um princípio por outro não se dá de forma simultânea em todos os pontos. Outro complicador é o fato de que os instintos sexuais podem ser detidos em seu desenvolvimento, fazendo com que esses instintos sexuais (inicialmente auto eróticos e que não se depararam com a frustração que levou ao desenvolvimento do princípio da realidade) permaneçam por muito tempo sob o domínio do princípio do prazer. Somado a tais condições, ressalta-se que a fantasia não é submetida a este teste de realidade. Essas condições, segundo Freud, fazem com que exista uma relação estreita entre os instintos sexuais e as fantasias, e mais que isso, explicaria o fato de que a neurose era fornecida por um "atraso em educar o instinto sexual na consideração da realidade, e também pelas condições que tornam possível esse atraso. " (p.85) .

Nos processos psíquicos inconscientes a prova de realidade não conta, já que há uma equiparação entre realidade do pensamento e realidade externa não se distinguem. O que dificulta, por exemplo, distinguir fantasias inconscientes de lembranças tornadas inconscientes, assim como Freud destacava na carta 69 enquanto relatava os motivos de não acreditar mais na sua teoria das neuroses: "Depois, em terceiro lugar, o conhecimento seguro de que não há indicações de realidade no inconsciente, de modo que não se pode distinguir entre a verdade e a ficção que foram catexizadas pelo afeto" (Freud, 1897, p.265). Essa dificuldade de distinguir as realidades ressaltava o papel da fantasia na formação dos sintomas. Dessa forma explica-se porque o caminho seria trabalhar na mesma lógica entre realidade factual e psíquica. Já que o ICS não diferenciava realidade e fantasia, as duas deveriam ser tratadas como 'reais'.

A partir do texto sobre as formulações psíquicas (1911) percebemos que o princípio do prazer e o princípio da realidade regem funcionamentos que orientam o CS e o ICS. Mas cabe ressaltar que o processo de repressão não eliminava o instinto, ele apenas impedia que o seu conteúdo se tornasse consciente. Freud investigaria então, como o conteúdo recalcado irá se comportar.

Do prazer aos sintomas

Em "O inconsciente", publicado em 1915, Freud explica que o funcionamento se dava da seguinte maneira: inicialmente, um ato psíquico pertence a um estado ICS que é separado do CS por uma censura. Para passar para o segundo estado, ele precisaria passar por esse exame de censura. Se rejeitado, ele é reprimido e permanece inconsciente. Se aprovado, ele passa para

ISBN: 978-85-7822-205-5

o sistema PCS. Ele fazer parte deste sistema não chega a determinar se ele será consciente, mas pode, a partir de certas condições, tornar-se consciente sem maior resistência. Assim, o PCS coincide com o CS e partilham das mesmas propriedades, de forma que a barreira da passagem se dá entre o ICS e Pcs-Cs (Freud, 1915, p.82). Esta barreira entendida como a censura que se verifica nas ideias entre ICS e PCS é a repressão.

Qual seria o motivo da repressão? A partir das práticas clínicas, era o impedimento do desenvolvimento de um afeto aflitivo, por estar em desacordo com o sujeito. Mas a hipótese topográfica aponta que o que encontramos no CS pode ser um novo registro de uma ideia que era incômoda, e que podemos encontrar em outro lugar e que, portanto, uma ideia pode existir em dois lugares. Sendo que a não inibida pela censura possa avançar sem perder seu registro, ou seu traço, ou ainda, sua característica rejeitável. Isso, é permitido, a partir das retranscrições.

Há por exemplo, impulsos instintuais que apesar de inconscientes e não poderem se tornar conscientes, possuem alta organização. A exemplo, a grande complexidade na formação dos sintomas que se apresentam como formações substitutivas que conseguem penetrar na CS devido a uma formação de compromisso marcada por uma união a um contra investimento (Freud, 1915, p.95)

É no texto “O sentido dos sintomas” (1917), que se esboça de forma mais ampla a definição do sintoma enquanto uma formação de compromisso de duas forças opostas, o que faz com seja difícil de ser eliminado. Uma dessas partes é uma libido insatisfeita que regressa para uma fase de fixação no desenvolvimento para atingir uma satisfação em uma organização superada ou em um objeto anteriormente abandonado (Freud, 1917b, p.388). Entretanto, estas regressões despertam oposição do eu e instaura-se o conflito. A libido precisou achar um novo caminho e regride para fixações das quais o Eu se protegeu mediante a repressão. Essas fixações que permitem que a libido escape da situação de conflito muitas vezes a fazem recuar para a vida infantil, pois vivências acidentais na infância podem deixar fixações na libido. Podemos observar o papel das fixações que possibilita o retorno dessa energia, de modo que o investimento libidinal nessas vivências fora da realidade externa são intensificadas.

Quando a libido escapa do Eu e dele se subtrai, sai do seu controle de educação. Agora a libido vai se valer de investimentos do sistema ICS e ficam sujeitas aos processos de condensação e deslocamento, daí o caráter dos tais processos na produção das fantasias.

ISBN: 978-85-7822-205-5

Mas essa libido que recebe investimento do ICS precisa considerar o 'contra investimento' que encontra como oposição. É com a conciliação que, segundo Freud, o sintoma surge como um conteúdo desfigurado e que leva em conta esses lados contrários, o que faz com que essa libido tome uma outra expressão que também a leve em conta essa oposição. Daí a dificuldade de combater um sintoma, que quando suprimido sem levar em conta tais aspectos, rapidamente é substituído por outro: "ele é sustentado por ambos os lados" (FREUD, 1917B, p.388). Sobre a ambiguidade do sintoma em ter uma satisfação ao lado de um sofrimento, Freud diz:

> O sintoma repete essa modalidade infantil de satisfação, deformada pela censura decorrente do conflito, em regra transformada numa sensação de sofrimento misturada a elementos extraídos daquilo que ensejou o adoecimento. Há muito de estranho nesse tipo de satisfação que o sintoma propicia. [...] o que outrora trouxe satisfação ao indivíduo, hoje desperta-lhe resistência ou aversão (Freud, 1917b, p.395)

Importante alertar para o fato de que essa energia que regride, retorna posteriormente mas encontra apenas uma satisfação limitada e irreconhecível. Os sintomas não nos lembram o que costumamos a entender por satisfação porque na maioria dos casos eles abandonam o vínculo com a realidade exterior. Isto, segundo Freud, é consequência do seu afastamento do princípio da realidade e um retorno ao princípio do prazer por conta da necessidade de fazer a conciliação. O retorno, também a um autoerotismo e uma desconsideração da realidade exterior é o que estaria por trás, por exemplo, dos sintomas apresentarem modificações corporais (modificações internas) em vez de modificações externas, o corpo passa a ser o campo de manifestação.

Após todas essas considerações sobre essas forças conflituosas e as sustentações das ideias em torno do sintoma (sintomas se valendo da energia libidinal, uma realização de desejo, uma repetição de uma forma infantil de satisfação, uma formação de compromisso e uma ambiguidade) Freud fala na sua conferência de 1917b, algo que lhe foi desconcertante e surpreendente e que o levou à consideração das fantasias: o fato das cenas infantis nem sempre serem verdadeiras. Essas lembranças infantis poderiam ser falsas, verdadeiras ou uma amálgama. Selando então a consideração das fantasias para o entendimento do que seria uma memória psíquica e sintomas.

Considerações Finais

ISBN: 978-85-7822-205-5

Através da análise, foi descoberto que os sintomas são representações de vivências 'reais', mas também podem ter surgidos como produtos de fantasias. O que se tornou ponto de investigação para Freud, pois questões eram levantadas sobre o embaraço que isto trazia para a teoria da Psicanálise e para a teoria da memória.

As fantasias, impregnadas de desejos, afastam os sujeitos de uma realidade desprazerosa e obstruem o caminho de lembranças que poderiam trazer angústia para o sujeito. A produção de fantasias, permite que o sujeito suporte melhor a realidade com a qual está lidando. É com a consideração de Freud acerca da realidade psíquica que há o entendimento de que as produções destas fantasias, se não estiverem dotadas de uma realidade material, são dotadas de realidade psíquica. Devendo considerar que não há diferença então, entre consequências surgidas de uma fantasia ou de uma realidade.

Se as fantasias participam da formação dos sintomas que conciliam tendências opostas, a eliminação dos sintomas não resolve o conflito e não é suficiente para promover uma cura. As fantasias e os sintomas devem ter um lugar central no próprio tratamento, pois são dotadas de uma realidade psíquica e uma saída possível para o que se apresentava desprazeroso para os sujeitos.

Referências Bibliográficas

ANTONELLO, Diego Frichs; HERZOG, Regina. A memória na obra freudiana, para além da representação. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, v. 64, n. 1, p. 111-121, 2012.

BASAN, Bárbara Santos Andrade; COELHO, Daniel Menezes. **O estudo do conceito de sintoma em Freud**: como a psicanálise se destaca de outras práticas. São Cristóvão: UFS, 2019 (Relatório Final de Iniciação Científica).

CHNAIDERMAN, Miriam. Esfarelando tempos não ensimesmados. **Ágora, Rio de Janeiro**, v. 6, n. 2, p. 235-250, 2003.

FERRARINI, Pâmela Pitágoras Freitas Lima; MAGALHÃES, Lívia Diana Rocha. O conceito de memória na obra freudiana: breves explanações. **Estudos Interdisciplinares em Psicologia**, v. 5, n. 1, p. 109-118, 2014.

ISBN: 978-85-7822-205-5

SANTIAGO, Jésus; DA SILVA, Virgínia Carvalho. Do “Embelezamento dos Fatos” à “Cicatriz”. **Psicologia: teoria e pesquisa**, 2017.

FREUD, S. Extratos dos documentos dirigidos à Fliess (1892-1899), vol I. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**: edição standard brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, S. Projeto para uma psicologia científica (1895), vol I. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**: edição standard brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, S. Lembranças encobridoras (1899), vol. III. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**: edição standard brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, S Três Ensaios Sobre a Teoria da Sexualidade (1905), vol. VII. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**: edição standard brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, S. Cinco lições de psicanálise (1910), vol XI. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**: edição standard brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, S. Formulações sobre os dois princípios do funcionamento psíquico. (1911), vol. XII. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**: edição standard brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, S. O inconsciente (1915), vol. XIV. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**: edição standard brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, S. Conferências introdutórias sobre a Psicanálise: Conferência XVII – O sentido dos sintomas (1917), vol. XVI. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**: edição standard brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

ISBN: 978-85-7822-205-5

TENSÕES NOS MODOS DE VIDA DO BAIXO SÃO FRANCISCO E DISPÊNDIO

Autora: Luiza Silva Cabral
Graduanda em Psicologia pela Universidade Federal de Sergipe
luiza.silva.cabral@gmail.com

Orientador: Prof. Dr. Marcelo de Almeida Ferreri (DPS/UFS)

1. Apresentação

Este estudo se apresenta como uma tentativa de abordar tensões produzidas historicamente por transformações socioculturais em diversos povoamentos daquele território, vividas no cotidiano local, a serem tratadas a partir da ideia de gasto improdutivo conforme aquele filósofo francês. A aposta da pesquisa é que tal análise permite acesso a elementos importantes da vida comum do lugar e seus respectivos conflitos para o conhecimento efetivo da vida no contemporâneo. As referidas transformações socioculturais que incidem sobre a região sergipana seriam provenientes de amplos processos de desenvolvimento econômico e social que redundam em modificações na vida daquele lugar. Trata-se de forjar um suporte histórico-antropológico da referida noção da chamada economia geral de Bataille, para tratar do objeto de um estudo em psicologia social, a saber, tensões na vida cotidiana, com vistas a conhecer, com alguma profundidade, o modo de vida na região. Para entender essa propositura, cabem algumas explicações sobre o dispêndio e sobre a vida na região.

1.1. O Baixo São Francisco como objeto de pesquisa

Conhecido como “Rio da Integração Nacional” por atravessar cinco estados e fazer ligação entre as regiões sudeste e nordeste, o Rio São Francisco tem 2.863km de extensão e atravessa os estados de Minas Gerais, Bahia, Pernambuco, Alagoas e Sergipe. O rio, que antes era chamado Opará, cujo significado aproximado seria rio-mar, foi renomeado pelos colonizadores ao ser descoberto por estes em 4 de outubro de 1501, dia de São Francisco, o que justifica a homenagem. A partir disso, o Velho Chico passou a ser cenário de conflitos, estratégias econômicas e de exploração. O uso de suas águas e de suas terras, desde a chegada

ISBN: 978-85-7822-205-5

dos europeus, foi motivado por políticas que nos últimos 50 anos assumem o caráter de desenvolvimentismo.

Até hoje o São Francisco é visto como um bem a se aproveitar com a finalidade de produzir. A situação é facilmente observada ao falar das quatro hidrelétricas hoje instaladas no rio e dos programas de desenvolvimento – com marcos na criação da Companhia Hidrelétrica do São Francisco (CHESF) em 1945 e da Companhia de Desenvolvimento do São Francisco (CODEVASF) em 1974.

Na margem sergipana, o Território Baixo São Francisco abrange uma área de 1.967,10 Km² e é composto por 14 municípios: Muribeca, Amparo de São Francisco, Brejo Grande, Canhoba, Cedro de São João, Ilha das Flores, Japoatã, Malhada dos Bois, Neópolis, Pacatuba, Propriá, Santana do São Francisco, São Francisco e Telha. A população total do território é de 125.193 habitantes, dos quais 52.536 vivem na área rural, o que corresponde a 41,96% do total. Possui 6.900 agricultores familiares, 907 famílias assentadas e 4 comunidades quilombolas. Seu IDH médio é 0,61 na escala de 1. Ainda através de dados sociodemográficos, a maior parte produzidos pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a região apresenta o menor IDH do estado de Sergipe, abriga apenas pequena parte da população, tem Produto Interno Bruto (PIB) bastante pequeno, além do que, devido à proximidade com o rio, essa região foi considerada região para desenvolvimento em meados do século passado.

De acordo com Ruy Araújo (2005), a partir dos anos 40, o Estado brasileiro "definiu o Rio São Francisco como uma região prioritária para o desenvolvimento econômico no Nordeste, transformando-o em uma 'região de planejamento", o que pode ser relacionado com os dados acima e com o aspecto estratégico do São Francisco. Para o autor, o discurso de recuperação e desenvolvimento presentes nessa categoria, camufla as reais intenções de subordinar a região "ao centro dinâmico do capital". Araújo alerta para o fato de essa política se chocar com as "relações sociais de produção, historicamente estabelecidas pela dinamicidade do modo de produção dominante na formação social".

O alerta se mostra apropriado quando dois processos são lançados contra a CHESF, com o argumento de que a instalação e o funcionamento da Usina Hidrelétrica de Xingó haveria produzido grandes danos socioambientais na vida dos moradores do povoado Cabeço, no município de Brejo Grande/SE, seja pela inundação completa do povoado, seja pela restrição

ISBN: 978-85-7822-205-5

das condições de pesca na região, em uma lide iniciada em 2002. Os processos 0002809-27.2002.4.05.8500 e 0000420-35.2003.4.05.8500 da Segunda Vara da Justiça Federal de Sergipe demandavam uma perícia socioambiental, para a qual, um dos professores do Grupo de Estudo e Pesquisa sobre Exclusão, Cidadania e Direitos Humanos foi nomeado.

Para a confecção do laudo pericial demandado, a perícia socioambiental, em parte equipe desta pesquisa, realizou, dentre outras ações, um estudo que totalizou 45 (quarenta e cinco) viagens a campo, passando por 25 (vinte e cinco) localidades da região, realizadas entre junho de 2012 e dezembro de 2014. Essas visitas tiveram como função a produção de registros que descrevessem o cotidiano da vida local. Dessa forma, a perícia tratou da história da região, do Povoado Cabeço, do cotidiano e das cidades e povoados ribeirinhos, também tratou da construção e funcionamento das barragens, das práticas que seguem a lógica da produção e do uso geral do rio. A perícia ainda abordou os problemas socioambientais do Baixo São Francisco, na medida em que respondeu aos quesitos das partes dos processos e dos vários órgãos envolvidos. A inspiração do olhar nesses registros voltados para o cotidiano buscava preparar o terreno para a análise das práticas, crenças e valores que perpassam as relações entre órgãos estatais, empresas e grupos comunitários, possível via para conhecer as tensões vividas na região (MENDONÇA FILHO & ANDRADE, 2016).

Através da perícia, faz-se possível ter acesso ao que é o Baixo São Francisco em suas socializações, seus mais variados modos de existência. Os registros feitos ao longo das viagens transportam o observador para aquele lugar naquele momento, e facilita o questionamento acerca do discurso desenvolvimentista e o seu impacto no cotidiano de quem acaba tendo que viver os frutos dessa política dia a dia. A imposição de um desenvolvimento é boa para a quem? É importante que a situação seja olhada sob uma ótica diferente, que se distancie da produção como única razão e considere as perdas como fins válidos e até desejáveis para uma socialização mais flórea.

1.2. A noção de dispêndio

A noção do dispêndio deriva de uma forma de troca primitiva descrita por Marcel Mauss como sendo a base das relações de sociabilidade das sociedades arcaicas, na medida que estrutura obrigações de dar, receber e retribuir. Suas formas podem ser observadas como dádivas e por meio de destruições espetaculares de riqueza. A dádiva é uma oferta ostensiva de riquezas oferecida a um rival com a finalidade de humilhar, desafiar e de obrigar. A oferta deve

ISBN: 978-85-7822-205-5

ser aceita, e, para que haja volta, deve ser retribuída com mais riquezas ainda mais ostensivas. As destruições de riquezas escrevem uma forma de ostentação de poder, nas quais um chefe de um grupo destrói, queima, mata suas variadas formas de riqueza e de poder, a fim de humilhar o chefe de algum outro grupo que não possa responder a tamanha destruição com a mesma amplitude. A partir disso, Georges Bataille (2013) começa a observar os eventos de relevância econômica que não se baseiam na razão da acumulação, mas na utilidade dada a determinadas ações por determinadas populações.

O dispêndio transita entre o prazer e o horror, está no que é absurdo, chocante e desperta um sentimento de estupefação. Não é um meio para a produção, mas um meio que tem fim em si mesmo. Em A noção de dispêndio (2013), Bataille convida o leitor a repensar algumas manifestações cotidianas por meio do olhar do dispêndio, como a ostentação de joias, que supõem o sacrifício de uma fortuna para que sejam valorizadas, os cultos que contam com o sacrifício de animais, os jogos de competição, que trazem consigo as apostas com enormes quantias de dinheiro, o que motiva os jogadores a participarem ainda mais e apostarem ainda mais, e a arte, que consiste em manifestar em poesias ou músicas alguma dor ou sofrimento, levando à "criação por meio da perda", ou apenas por ser exuberante, ostensiva, uma façanha que se esgota em si mesma, sem uma utilidade eminentemente racional nela. Esses autores mostram que essa lógica, dos excessos pelo dispêndio, pode ser monumentalmente localizada no âmbito das ações do poder.

Para Bataille, aquilo que Mauss apresenta não é anulado pela razão econômica clássica baseada na racionalidade, na produtividade, na acumulação, que orienta a economia moderna. Embora a racionalidade moderna se volte para a expansão da produtividade, da lucratividade, ela comporta aspectos fundamentais de desperdícios, de perdas, de excessos que caracterizam o dispêndio.

2. Objetivos

Esta pesquisa tem como objetivo geral realizar uma análise de tensões do desenvolvimentismo nos modos de vida do baixo são Francisco a partir da noção de dispêndio de Georges Bataille, e como objetivos específicos prosseguir com a caracterização dos modos de vida na região do baixo São Francisco a partir dos registros de campo dos estudos anteriores arquivados, discutir acerca das contribuições da noção de dispêndio no âmbito da análise social

ISBN: 978-85-7822-205-5

e da psicologia social estritamente e, dessa forma, contribuir para o entendimento do cotidiano dos povoamentos do baixo São Francisco.

3. Metodologia

A metodologia utilizada foi a da análise documental inspirada por Foucault, na qual o pesquisador não tem a função de interpretar o documento, mas de trabalhá-lo no seu interior e elaborá-lo, o organizando, recortando, distribuindo, ordenando e repartindo em níveis, estabelecendo séries, distinguindo o que é pertinente do que não é, identificando elementos, definindo unidades, descrevendo relações. De acordo com Foucault, o documento abriga em si um potencial de transformação, e cabe ao historiador a tarefa de reconhecer nele quais elementos presentes devem ser "isolados, agrupados, tornados pertinentes, inter-relacionados, organizados em conjuntos". Dessa forma, o trabalho do, aqui, pesquisador assemelha-se ao trabalho do arqueólogo quando este voltava-se à história para dar sentido "às coisas deixadas pelo passado". O potencial encontrado no documento, para o pesquisador, é o mesmo encontrado nas coisas deixadas pelo passado, para o arqueólogo: potencial para ser transformado em monumento. A partir de sua monumentalização, o documento passa a ser reconhecido como algo grandioso, de grande valor, que celebra e perpetua a memória de um grande acontecimento ou personagem histórico.

O material utilizado faz parte de um acervo com os mais diversos registros feitos desde que se iniciaram as ações referentes à perícia citada anteriormente, em 2011. A partir das atividades específicas, foram confeccionados diários de campo, dos quais 55 destes integram a base de dados disponível on-line (através do recurso Google Docs) e em versão impressa. Os diários foram escritos pela equipe de pesquisa, a partir de cada inserção no campo. Assim, após cada viagem à região de campo, cada pesquisador produziu um texto com as suas impressões sobre o local visitado, sobre as pessoas, diálogos, tudo o que se pôde observar e registrar sobre o modo de vida observado. Há também os registros em áudio, a partir de gravador, e registros fotográficos destas visitas. Além destes, é necessário acrescentar inquéritos policiais, pois a inserção no Baixo São Francisco também foi feita por pesquisa sobre Homicídios por Motivos Fúteis na região, concomitante à perícia.

Os documentos encontram-se armazenados no computador da sala do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Exclusão, Cidadania e Direitos Humanos (GEPEC) da Universidade Federal

ISBN: 978-85-7822-205-5

de Sergipe e estão distribuídos em pastas, dentre as quais 9 estão nomeadas com datas e nomes de cidades nas quais as 945 fotografias armazenadas no formato .JPG e contidas no acervo foram feitas. Dentre todos os arquivos e documentos encontrados no acervo, 12 foram as imagens escolhidas para compor a pesquisa, que seguiram o único critério de serem fotos de placas de obras governamentais. Originalmente as imagens estão nomeadas por IMG_2789.JPG, 047.JPG, IMG_3086.JPG, IMG_3090.JPG, IMG_3094.JPG, IMG_3164.JPG, IMG_3205.JPG, IMG_3240.JPG, IMG_3269.JPG, IMG_3270.JPG, IMG_3284.JPG e P3010292.JPG, e, a fim de facilitar a citação/referência/comunicação, foram renomeadas respectivamente para imagem 1, imagem 2, imagem 3, imagem 4, imagem 5, imagem 6, imagem 7, imagem 8, imagem 9, imagem 10, imagem 11 e imagem 12.

4. Resultados/Discussão

Em sequência do que foi colocado, cabe fazer a elaboração dos documentos e a articulação entre as imagens e a noção de dispêndio trabalhada anteriormente. Seguindo o que Foucault instrui ao tratar da elaboração do documento, a seção dos resultados está organizada em séries, mais especificamente três. Inicialmente foram trabalhadas as imagens das placas, por meio da descrição do conteúdo e das paisagens capturadas nas fotografias. Em seguida, a função utilitária das placas, pautada no que Bataille chama "razão clássica", será apresentada. A última série desta seção traz um possível olhar sobre as placas fundamentado na noção de dispêndio de Georges Bataille.

4.1. Descrição das Fotos

As placas de obras são coloridas em verde, amarelo e branco, e trazem informações sobre a obra sinalizada, como a sua duração, custo, número de beneficiados, programa responsável, município, comunidade, objeto, agentes participantes, empresa contratada, número do contrato e área do projeto na metade de cor verde, enquanto na metade de cor amarela encontra-se o título da obra e a frase "Aqui tem investimento do Governo Federal". Na faixa branca são trazidos os financiadores (bancos estatais, fundo de garantia dos trabalhadores, fundos de investimentos), os ministérios responsáveis, a logomarca do programa e a logomarca da prefeitura municipal. Há ainda a logomarca do governo federal nas placas da imagem 5, imagem 6, imagem 7, imagem 8, imagem 11 e imagem 12.

ISBN: 978-85-7822-205-5

No que diz respeito à paisagem, metade das placas capturadas (imagem 3, imagem 4, imagem 7, imagem 8, imagem 9, imagem 10, imagem 11 e imagem 12) estão na beira da estrada e próximas a vegetação. A placa da imagem 2 traz ao fundo a obra já finalizada e alguns aspectos do cotidiano dos moradores, como roupas no varal. Possivelmente uma área residencial funciona de plano de fundo para a placa da imagem 5, a imagem 6 apresenta uma casa em provável construção em zona rural e a imagem 1 aparenta estar ao fundo de uma escola ou de estabelecimento comercial.

A fim de melhorar a visualização, segue descrição detalhada do conteúdo das placas aqui tratadas:

Imagem 2:

Área amarela: "Minha casa Minha vida".

Área verde: "Objeto: construção de 30 unid. habitacionais", "Valor do investimento: R$ 300.000,00", "Família Beneficiadas: 30 famílias", "Início das Obras: 22/10/2010", "Término da Obra: 21/10/2011".

Área branca: Logomarca do Governo Federal, Logomarca da prefeitura municipal de Cedro de São João, "BICBANCO".

Imagem 7:

Área amarela: "Obra com recursos do programa de subsídio à habitação de interesse social", "Empreendimento: pavimentação em paralelepípedo na rua do campo no povoado boa vista, rua no fundo do fórum e rua olaria da sede do município, estrada do povoado boa vista e estrada do povoado São Thiago, e outras no município de Telha/se".

Área verde: "Valor total da obra: R$ 1.052.896,42 (um milhão, cinquenta e dois mil, oitocentos e noventa e seis reais e quarenta e dois centavos)", "Número de famílias a serem beneficiadas pelo projeto: 3.701 (TRÊS MIL SETECENTOS E UM HABITANTES)", "Início da obra: 13/10/2008", "Término da obra: 30/08/2011", "Empresa contratada: CTS-Construções Transportes e Serviços LTDA", "Contrato de Repasse no 0252217 - 23/2008 - PMT/

ISBN: 978-85-7822-205-5

MINISTÉRIO DAS CIDADES/CAIXA-PRÓ-MUNICÍPIOS PEQUENO PORTE", Logomarca do Governo Federal.

Área branca: "CAIXA", "Secretaria do Tesouro Nacional", "Ministério das Cidades", "Prefeitura Municipal de Telha/SE".

Imagem 11:

Área amarela: "Obras: Residencial Alto Bello", "Obras financiadas com Recurso do FGTS um patrimônio do trabalhador", "Responsável técnico: Engº Jefferson Douglas de Lima CREA 10.898-D/SE", "Aqui tem investimento do Governo Federal".

Área verde: "Local: Rodovia Pedro Xavier de Mello S/N", "Bairro Caraíbas", "Sede do município de porto da Folha/SE", "Nº de famílias beneficiadas: 108 famílias", "Valor do investimento: R$ 7.560.000,00", "Prazo de execução: 22 (vinte e dois) meses", Logomarca do Governo Federal.

Área branca: "FGTS - Fundo de Garantia do Tempo de Serviço", "CAIXA", "Ministério das cidades", "Construtora LEME empreendimentos", "Minha casa Minha vida".

A partir da descrição do documento, aspectos utilitários e dispendiosos das placas descritas serão indicados, trabalhados, elaborados na próxima série.

4.2. Função Utilitária das Placas

Em novembro de 2011, foi divulgado, pela Secretaria de Comunicação Social (SECOM) do Paraná, o Manual de uso da marca do Governo Federal – Obras, cuja finalidade é regulamentar "painéis e outdoors que cumpram a função de identificar ou divulgar obras e projetos de obras de que participe a União". Neste, estão previstos os materiais que devem ser utilizados na confecção das placas de obras, o padrão geral, o cálculo a ser feito a fim de respeitar tal padrão, onde devem estar as logomarcas do Governo Federal, de programas e de órgãos e entidades e as cores que devem ser utilizadas. Apesar de não serem mencionadas no corpo do texto do manual, as informações da obra também são citadas ao regulamentar o padrão

ISBN: 978-85-7822-205-5

e podem ser observadas por meio da ilustração de uma placa de referência, cujas informações trazidas são o valor total da obra, comunidade, município, objeto, agentes participantes, início da obra e término da obra.

Os dois tons de verde e o branco são as cores que marcam o padrão das placas regulamentado pela SECOM em 2011, diferente do padrão observado nas placas fotografadas no Baixo São Francisco ao longo da perícia. Apesar da atualização no padrão de cores e de dimensões apresentada no manual, as informações exibidas permanecem as mesmas, ou seja, as funções da placa não se alteram com as mudanças.

A instrução normativa que norteia o Manual de uso da marca do governo federal - Obras é a nº 02, de 16 de dezembro de 2009, cujo foco é publicidade e propaganda. Nesta, há a conceituação de quatro tipos de publicidade: Publicidade de Utilidade Pública, Publicidade Institucional, Publicidade Mercadológica e Publicidade Legal, dentre as quais a publicidade institucional "que se destina a divulgar atos, ações, programas, obras, serviços, campanhas, metas e resultados dos órgãos e entidades do Poder Executivo Federal" é a que melhor abriga as placas de obras trabalhadas nesta pesquisa. De acordo com a instrução normativa citada, as placas aqui trabalhadas têm "o objetivo de atender ao princípio da publicidade, de valorizar e fortalecer as instituições públicas, de estimular a participação da sociedade no debate, no controle e na formulação de políticas públicas e de promover o Brasil no exterior".

As placas recontam a história do rio visto como região estratégica para o desenvolvimento. As investidas dos colonizadores de ontem, são hoje as investidas do Estado, e são motivo para orgulho deste. Parte-se do pressuposto de que a área que circula o rio deve ser desenvolvida, tanto por sua posição geográfica quando por sua posição econômica, que indicaria, segundo a lógica da produção, um atraso.

Informações contidas nas placas, como a propaganda "Aqui tem investimento do Governo Federal" estão totalmente situadas no discurso desenvolvimentista, no entanto, travestidas de uma forma de cuidado do governo, de promessas de melhoria de vida e de benefícios para os habitantes da região. A placa que mais chama atenção quanto ao discurso de cuidado e melhoria de vida é a presente na imagem 7. Ao anunciar a pavimentação em paralelepípedo de algumas ruas e estradas do município de Telha, duas das informações trazem números escritos e, em seguida, escritos por extenso, sendo elas o valor da obra e a quantidade

ISBN: 978-85-7822-205-5

de famílias a serem beneficiadas. Ao falar do valor da obra, o número escrito por extenso é trazido em letras minúsculas: "Valor total da obra: R$ 1.052.896,42 (um milhão, cinquenta e dois mil, oitocentos e noventa e seis reais e quarenta e dois centavos)". Quando a placa trata das famílias beneficiadas, as palavras entre parênteses se apresentam em letras maiúsculas: "Número de famílias a serem beneficiadas pelo projeto: 3.701 (TRÊS MIL SETECENTOS E UM HABITANTES)". Há, claramente, um destaque gráfico para a quantidade de beneficiados, com a finalidade de convencer os cidadãos de que haverá uma melhoria para muitas famílias naquela área.

Capturada na imagem 11, a placa indicando a construção do "Residencial Alto Bello" também se insere na lógica de desenvolvimento ao estar associada à placa que anuncia a venda das casas construídas com recursos públicos. O discurso de cuidado é completamente interrompido pela placa azul-claro que anuncia a venda de casas dentro do condomínio fechado construído com recursos do FGTS (Fundo de Garantia do Tempo de Serviço), usando as palavras: "COMPRE JÁ O SEU, FALE COM UM DE NOSSOS VENDEDORES". É o que Ruy Araújo (2005) descreve como um desenvolvimento da região inclinado para o mercado, configurando-se como um "processo bastante seletivo e autoritário".

4.3. As Placas e o Dispêndio

Georges Bataille, ao apresentar a noção de dispêndio, permitiu que a discussão acerca do que é útil perdesse o ponto final e ganhasse uma vírgula em seu lugar. Como visto, a razão da produtividade comporta em si desperdícios fundamentais para a sua manutenção que são pouco abordados, ou até propositalmente omitidos. Sob o olhar do que é tradicionalmente considerado útil, as placas assumem oficialmente um papel de publicidade institucional, cuja finalidade é promover o governo para os brasileiros e o Brasil para os estrangeiros, além de símbolos da autoridade desenvolvimentista estatal. Sob a ótica do dispêndio, as placas capturadas durante a perícia no Baixo São Francisco ganham um novo sentido e três aspectos que fogem o princípio de utilidade: a ostentação das obras, a ostentação nas placas e o contraste entre as placas e as paisagens.

Tomando como base a Instrução Normativa supracitada, as placas de obras informam o quanto foi investido e onde com a finalidade de estimular a participação da sociedade no debate e no controle dos gastos, ao mesmo tempo que faz uma propaganda. Apesar do caráter

ISBN: 978-85-7822-205-5

utilitário da propaganda, o caráter do dispêndio se percebe nos montantes gastos, e no poder de gastá-los. A imagem 7 e a imagem 11 sinalizam investimentos milionários, que podem ser vistos como a ostentação das joias, cujo sentido se faz quando o usuário despende de uma grande fortuna para adquirir tal objeto. Seguindo essa lógica, os usuários das joias são os autores das grandes obras, das façanhas, os que despenderam foram os financiadores.

Em A invenção do Cotidiano (1994), Michel De Certeau fala sobre como "a nossa sociedade canceriza a vista, mede toda a realidade por sua capacidade de mostrar ou de se mostrar" e assim a leitura (da imagem ou do texto) caracterizaria o que é o ponto máximo da passividade que caracterizaria o consumidor, dessa forma é concebida a "sociedade do espetáculo". As placas, em contraste com as paisagens rurais, proporcionam esse consumo passivo de forma agressiva. A cancerização da vista é destrutiva e grandiosa, vê-se o desencaixe das placas naquele ambiente em todas as imagens aqui trabalhadas. Essa forma de destruição também possui o caráter de ostentação. Placas grandiosas com cores extravagantes violentam a paisagem, apenas porque têm esse poder, portanto devem exibi-lo.

"Recomenda-se que as placas sejam mantidas em bom estado de conservação, inclusive quanto à integridade do padrão das cores, durante todo o período de execução das obras". Retirada do Manual de Uso da Marca do Governo Federal - Obras, a recomendação sugere bom estado das placas até o fim das obras, no entanto, em momento nenhum diz o que deve ser feito com as placas ao fim da ação sinalizada. O manual abre brecha para o abandono, que se faz conveniente e passa a fazer sentido quando a placa passa a ser observada como a obra em si. A placa da imagem 2 ilustra a situação quando sinaliza a obra do projeto Minha casa Minha vida que, a julgar pelas casas prontas e roupas no varal acidentalmente capturadas pelo fotógrafo, deixou de estar em obra há tempos. Sua permanência indica a celebração de uma obra, não as casas, mas a obra pela obra, pela façanha, uma obra de arte. Em vista disso as placas ficam, beirando a inutilidade, monumentalizadas.

5. Conclusões

A partir do método da análise documental de Foucault, fez-se possível, sim, elaborar os documentos e trabalhá-los em seu interior. A afirmação de que houve uma caracterização dos modos de vida na região do Baixo São Francisco é verdadeira e, além da descrição, também foi abordada a discussão da noção de dispêndio no cotidiano do local. As placas, apesar de não

ISBN: 978-85-7822-205-5

aparecerem como ferramenta ou objeto dinâmico no dia a dia dos moradores da região, faz parte do cotidiano, como visto em De Certeau (1994).

Com tudo o que foi explorado ao longo da pesquisa, fez-se possível concluir que, apesar de não produzirem destaques em números considerados relevantes para o Estado, como IDH e PIB, e, portanto, não se inserirem na lógica que visa a produção, os modos de vida do Baixo São Francisco não podem ser rejeitados ou menos considerados. A noção de dispêndio abre horizontes que possibilitam um outro olhar para as tensões do lugar. Por outro lado, também se faz possível ter uma perspectiva diferente acerca do que é produtivo, inclusive observar o que tem de dispendioso nos movimentos do Estado, que muito prezam pelo desenvolvimentismo e produtivismo.

A partir desse movimento de amplificação de perspectivas sobre um mesmo objeto de observação, uma crítica à contradição presente no discurso de intervenção desenvolvimentista pode começar a tomar forma. Bataille, por meio da noção de dispêndio, abre a discussão para movimentos antes pouco estudados, ou mesmo percebidos.

6. Referências bibliográficas

ARAÚJO, Ruy. **O Baixo São Francisco**: transformações históricas e econômicas. In: SÁ, Fernando & BRASIL, Vanessa (Org). Rio Sem História? Leituras sobre o Rio São Francisco. Aracaju: FAPESE, 2005.

BATAILLE, Georges. **A parte maldita**: precedida de ‘a noção de dispêndio’. 2ªed. rev. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

BRASIL. Secretaria de Comunicação Social. **Instrução Normativa SECOM-PR Nº 2, de 16 de dezembro de 2009**. Disciplina as ações de publicidade dos órgãos e entidades integrantes do Poder Executivo Federal e dá outras providências. Diário Oficial da União, Seção 1, pg. 16 e 17 17 dez. 2009.

ISBN: 978-85-7822-205-5

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: artes do fazer. Vol1. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.